



ANO 2007

VOL. 193

ANAIS
DA
ACADEMIA BRASILEIRA
DE
LETRAS



JANEIRO A JUNHO DE 2007
RIO DE JANEIRO

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

DIRETORIA DE 2007

Presidente: *Marcos Vinícios Vilaça*

Secretário-Geral: *Cícero Sandroni*

Primeira-Secretária: *Ana Maria Machado*

Segundo-Secretário: *José Murilo de Carvalho*

Diretor-Tesoureiro: *Antonio Carlos Secchin*

Diretor das Bibliotecas: *Murilo Melo Filho*

Diretor do Arquivo: *Sergio Paulo Rouanet*

Diretor dos Anais da ABL: *Eduardo Portella*

Diretor da Revista Brasileira: *João de Scantimburgo*

Diretor das Publicações: *Antonio Carlos Secchin*

Produção editorial e Organização dos Anais da ABL: *Monique Cordeiro Figueiredo Mendes*

Sede da ABL: Av. Presidente Wilson, 203 – 4.º andar
Castelo – 20030-021 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (0xx21) 3974-2500 / Fax: (0xx21) 2220-6695
Correio eletrônico: publicacoes@academia.org.br

(Este volume foi editado no 2.º semestre de 2008)

ISBN 1677-7255

A Academia Brasileira de Letras não se responsabiliza pelas
opiniões manifestadas nos trabalhos assinados em suas publicações.

Capa

Victor Burton

Revisão

Igor Fagundes

Editoração eletrônica

Estúdio Castellani

SUMÁRIO

– Sessão do dia 01 de março de 2007	9
<i>Mirante de Afonso Arinos, Filho – Palavras do Acadêmico Lêdo Ivo</i>	18
Antônio José Chediak – <i>In Memoriam (1916-2007) – Palavras do</i> <i>Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara</i>	22
Professor Antônio José Chediak – <i>Palavras do Acadêmico Murilo</i> <i>Melo Filho</i>	25
– Sessão do dia 8 de março de 2007	27
– Sessão do dia 15 de março de 2007	33
A academia e a educação – <i>Palavras do Acadêmico Evanildo Bechara</i>	40
Aula Magna: “África: Entre o Brasil e a China” – <i>Palavras do Acadêmico</i> <i>Murilo Melo Filho</i>	42
– Sessão do dia 22 de março de 2007	44
Dario de Almeida Magalhães – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	53
– Sessão do dia 29 de março de 2007	55
<i>Passaporte para o Futuro – Afonso Arinos de Melo Franco, Um Ensaísta da</i> <i>República</i> , de Berenice Cavalcante – <i>Artigo de Adriano Pilatti</i>	60
<i>Trinta Anos Das Arcadas ao Bacharelismo</i> , de Alberto Venancio Filho – <i>Palavras do Acadêmico José Murilo de Carvalho</i>	63

– Sessão do dia 4 de abril de 2007	65
Os melhores poemas de Alberto da Costa e Silva – <i>Palavras do Acadêmico Domício Proença Filho</i>	70
João Neves da Fontoura – <i>Estudo do Acadêmico Alberto Venancio Filho</i>	72
– Sessão do dia 12 de abril de 2007	75
Parecer do Prêmio de Literatura Infanto-Juvenil 2006 – <i>Apresentação do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	81
– <i>Sessão do dia 19 de abril de 2007</i>	83
Lêdo Ivo e Manuel Bandeira – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	89
A dimensão de um poeta: Transgressão e modernidade – <i>Artigo do Acadêmico Antonio Olinto</i>	92
– Sessão do dia 26 de abril de 2007	95
A decadentização da língua – <i>Artigo do Acadêmico João Ubaldo Ribeiro</i>	101
Medalha João Ribeiro – <i>Proposta do Acadêmico Arnaldo Niskier</i>	104
<i>Riso e Melancolia</i> , de Sergio Paulo Rouanet – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	106
– Sessão do dia 3 de maio de 2007	109
Academia Brasileira de Letras imortaliza Manuel Bandeira – <i>Artigo do Sr. Reinaldo Paes Barreto</i>	114
Humberto de Campos – <i>Estudo do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	116
– Sessão do dia 10 de maio de 2007	123
Cátedra Machado de Assis – ABL/Universidade de Oxford – <i>Relatório apresentado pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho</i>	130
Dez anos sem Callado – <i>Artigo do Acadêmico Carlos Heitor Cony</i>	134
Evocação de Evaristo da Veiga – <i>Estudo do Acadêmico Lêdo Ivo</i>	136
– Sessão do dia 17 de maio de 2007	141
Magaldi, crítico e aliado do teatro – <i>Artigo de Beth Néspoli e Mariangela Alves de Lima</i>	149

– Sessão do dia 24 de maio de 2007	152
Proposta de Medalha João Ribeiro – <i>Apresentação do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	157
– Sessão do dia 31 de maio de 2007	158
Exposição “Palavras Sem Fronteiras” – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	167
– Sessão do dia 6 de junho de 2007	170
Evocação de José Lins do Rego – <i>Estudo apresentado pelo Acadêmico Lêdo Ivo</i>	174
– Sessão do dia 14 de junho de 2007	178
Nehemias Gueiros – <i>Palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho</i>	183
Agradecimentos – <i>Palavras do Desembargador Frederico Gueiros</i>	193
Dom Pedro II – <i>Palavras do Acadêmico Helio Jaguaribe</i>	195
<i>O Tempo Além do Tempo</i> , de Ivan Junqueira – <i>Palavras do Acadêmico Lêdo Ivo</i>	198
– Sessão do dia 21 de junho de 2007	203
Carlos Drummond de Andrade – <i>Palavras do Acadêmico Antonio Carlos Secchin</i>	213
Criação do Prêmio Luiz Viana Filho – <i>Palavras do Acadêmico Ivo Pitanguy</i>	216
<i>Pedro II</i> , de José Murilo de Carvalho – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	218
Machado de Assis – <i>Estudo do Acadêmico Arnaldo Niskier</i>	223
– Sessão do dia 28 de junho de 2007	225
BOLETINS DE INFORMAÇÃO	233

SESSÃO DO DIA 01 DE MARÇO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho; Segundo Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor da Biblioteca; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais* da Academia Brasileira de Letras; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça iniciou a sessão com votos de boas-vindas a todos os Acadêmicos e uma saudação especial ao Acadêmico Carlos Heitor Cony. Na seqüência, registrou que o Acadêmico Cícero Sandroni se submetera a pequena cirurgia e já se encontrava plenamente restabelecido. Informou que o Acadêmico Padre Fernando Bastos de Ávila, vítima de uma queda, recupera-se bem. Submeteu à discussão do plenário as Atas dos dias 14 e 19 de dezembro de 2006, aprovadas por unanimidade. Solicitou uma salva de palmas para os acadêmicos aniversariantes do mês de fevereiro: Lêdo Ivo, dia 18; Sergio Paulo Rouanet, dia 23; Cícero Sandroni e Evanildo Bechara, dia 26. Lembrou que a abertura do Ano Cultural Acadêmico será realizada na terça-feira, dia 6, com conferência da Acadêmica Né-

lida Piñon sobre Machado de Assis, no âmbito do I.º Ciclo de Conferências, coordenado pelo Acadêmico Tarcísio Padilha. Com referência ao Relatório da Fundação Getúlio Vargas sobre a situação administrativa da Academia, tem considerações sobre aspectos da administração da Casa e as decorrentes repercussões econômicas, financeiras, sociais e trabalhistas. Destacou a necessidade urgente de ajuste e aprimoramento de desempenhos. Destacou a contratação, por um ano, de um técnico altamente capacitado e com experiência em gestão de entidades culturais no Brasil e no exterior para avaliação e propostas de otimização. Assinalou os resultados já decorrentes de sua ação, ao longo de dois meses: dez projetos feitos pela Lei Rouanet, entre eles o destinado à recuperação do *Petit Trianon*, nos padrões do IPHAN; convênio com a PUC, centrado em mecanismos de preservação dos acervos digitais. Informou que a Academia será pioneira no Brasil na distribuição de 27 mil livros para quatro mil bibliotecas do País, destacando-se a participação e colaboração da Dra. Célia Portella, Diretora Executiva da Fundação Biblioteca Nacional. Destacou que foram encontradas e estão sendo distribuídas aos acadêmicos cinquenta e oito medalhas comemorativas do cinqüentenário da Academia, há sessenta e cinco anos esquecidas na Casa. Resaltou a importância das necessidades empresariais da Academia. Salientou que a Diretoria, no cumprimento de suas atribuições, já conseguiu aportar, nos últimos dois meses, extra-orçamentário da ordem de dois milhões de reais para aplicação em obras urgentes e no desenvolvimento de projetos. Comunicou que será iniciada a reforma do Teatro R. Magalhães Jr., na dependência apenas da aprovação do Projeto na Prefeitura e no IPHAN, com o patrocínio da Petrobras, num montante de um milhão e setecentos mil reais. Informou que já está funcionando os arquivos deslizantes do Centro de Memória, que aumentam em cinquenta por cento a capacidade de armazenamento de dados e que foi levada a termo a mudança do piso do *hall* de entrada do Centro Cultural do Brasil, obra que se estenderá ao primeiro andar. Registrou testemunho do Reitor da Universidade de Salamanca sobre os dois *sites* no Brasil recomendados como fonte de consulta para professores e alunos daquela Universidade: o da Biblioteca Nacional e o da Academia

Brasileira de Letras. Assinalou que a Biblioteca Rodolfo Garcia recebia cerca de trezentas consultas, via Internet; após a abertura de janela no Portal da ABL em julho, as consultas aumentaram para mil e quatrocentas. Informou que os funcionários do Portal desenvolvem, presentemente, a nova página de abertura, com um *site* exclusivo dedicado aos 110 anos e ao Centenário de Machado de Assis, a ser implantado em 2008, juntamente com a reestruturação dos *sites* de Euclides da Cunha e Machado de Assis. Anunciou que a Academia recebeu comunicação de que o Acadêmico Domício Proença Filho intrega o júri do Prêmio Camões 2007, na companhia de Francisco Noa, de Moçambique; João Melo, de Angola; Fernando Martins, de Portugal; Maria de Fátima Marinho, de Portugal e Letícia Malard, também do Brasil; dos representantes da Fundação Biblioteca Nacional, o Prof. Muniz Sodré, a Dra. Célia Portella, o Prof. Elmer Barbosa e de representante do Instituto Camões ainda não notificado à Academia. Deu ciência de que o Centro Acadêmico da Faculdade de Direito de São Paulo irá inaugurar uma placa com a indicação dos alunos da Faculdade que se tornaram acadêmicos e ressaltou que o Acadêmico Celso Lafer está responsável pela precisão histórica das informações. Registrou que o Acadêmico José Sarney apresentou Projeto de Lei, cuja cópia já foi distribuída aos acadêmicos, isentando a Academia, o Instituto Histórico e ABI de tributos federais. Ressaltou que não há nenhuma responsabilidade dos acadêmicos nos problemas de ordem administrativa detectados. A propósito, sugeriu que o plenário pense em mudar o Regimento para mais agilização da administração da Casa. Lembrou, entre os aspectos a serem reexaminados, a limitação de instituições no âmbito das aplicações financeiras; o recesso de dezembro a março; o reduzido tempo do mandato. Solicitou a reflexão dos acadêmicos sobre o assunto, excluída qualquer hipótese de prorrogação ou reeleição do atual Presidente em função de eventual mudança regimental. Lembrou a incumbência de a Academia reunir-se para discutir sobre o temário da reunião conjunta entre a Academia das Ciências de Lisboa e a ABL. Solicitou que se pensasse na comemoração do centenário de nascimento de Miguel Torga.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho louvou o trabalho profícuo que vem sendo feito pelo Presidente e, com relação à referência ao levantamento feito ao Patrimônio, lembrou que a placa ofertada em 1943 pelo Presidente da Bolívia à Casa em homenagem a Euclides da Cunha, encontra-se desaparecida.
- O Presidente comunicou que fora feita outra placa para, pelo menos, salvar a memória, com os mesmos dizeres da que desapareceu. Comunicou que acabara de receber da área financeira da Academia informação de que o Bradesco já efetuara o depósito da primeira parcela do patrocínio assumido.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho requisitou um voto de pesar pelo falecimento do Embaixador Roberto Assunção, homem de cultura, que trabalhou muito pela cultura brasileira no exterior e amigo de muitos acadêmicos. Falou sobre sua carreira iniciada, por concurso, no Instituto Nacional do Cinema Educativo, quando trabalhou com Roquette Pinto, que foi seu mestre. Discorreu sobre sua carreira diplomática, e no Itamaraty dirigiu o serviço de publicações da Casa, sendo o responsável por um grande trabalho de levantamento para a publicação das obras de Rio Branco, em dez volumes e que reuniu num volume os discursos do Barão do Rio Branco, para o qual fez um excelente prefácio. Discorreu sobre a Conferência Interamericana dirigida pelo embaixador no Hotel Quitandinha, em 1947, e que, como redator-chefe daquele seminário, escolhera para colaboradores três futuros acadêmicos, Marques Rebelo, Francisco de Assis Barbosa e Álvaro Lins. Removido para a França, desenvolveu um trabalho cultural de alto nível, colaborando com os bolsistas brasileiros na França. Realizou publicações em edição de luxo do livro de Murilo Mendes *A Janela e o Caos*, com uma excelente apresentação. Entre os seus trabalhos mais importantes, considera a restauração, na Sorbonne, da Cátedra do Leitor Brasileiro, que teve como primeiro ocupante Celso Cunha. Transferido para Viena, continuou seu trabalho cultural. Pesquisando nos arquivos e museus, encontrou vários retratos da família imperial que reproduziu num volume por ele escrito e prefaciado por Rodrigo Mello Franco de Andrade da *Família Imperial do Brasil*. O trabalho que mais lhe deu satisfação foi promover a tradução de *Rondônia* para o

alemão. Tem depoimentos de que este exemplar, que chegou às mãos de Roquette Pinto poucos meses antes de sua morte, foi o que lhe causou maior alegria e satisfação. Do círculo de suas relações, ressaltou dois Acadêmicos: Roquette Pinto, que era seu mestre, e Afonso Arinos de Melo Franco, com quem trabalhou como professor assistente de História no Instituto Rio Branco, e como chefe de gabinete no Ministério das Relações Exteriores e como representante do Brasil na Política de Desarmamento. Finalizando, disse que Roberto Assunção é daquelas pessoas que sabem muito, mas escrevem pouco.

- O Acadêmico Lêdo Ivo falou sobre o livro *Mirante*, do Acadêmico Afonso Arinos de Melo Franco. Uma obra literária legítima, nestes tempos em que a literatura fundada no privilégio e na exigência da arte sofre a concorrência das formas de expressão e comunicação geradas pela cultura da massa e por uma indústria que fomenta a proliferação cogumélica de uma a-literatura atrelada à ilusória auto-ajuda e aos horrores de uma ficção neogótica pródiga na produção de bruxas, fantasmas e vampiros. Por determinação do Presidente, o texto será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Afonso Arinos de Melo Franco associou-se ao que foi dito pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre o Embaixador Roberto Assunção, velho amigo e colega, dedicado e fiel colaborador de Afonso Arinos de Melo Franco durante toda a sua passagem pelo Ministério das Relações Exteriores. Agradeceu ao Acadêmico Lêdo Ivo a gentileza e a generosidade de suas palavras sobre seu livro *Mirante*. Finalizando, ofereceu à biblioteca Lúcio de Mendonça o “arquivinho”, do Acadêmico Otto Lara Resende e discorreu sobre sua amizade forte e antiga com ele.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu ao Acadêmico Afonso Arinos de Melo Franco o presente e o enriquecimento que proporcionou à Casa, com a entrega do “arquivinho” do Acadêmico Otto Lara Resende.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara falou sobre Antônio José Chediack, falecido no dia 12 de fevereiro deste ano. Lembrou que Chedi-

ack se iniciou no magistério em seu recanto natal, mas os dotes de inteligência e seu apego aos estudos logo aflorados abriram-lhe portas em colégios de outras cidades vizinhas, até que veio a fixar-se definitivamente no então Distrito Federal. Formado na leitura de bons autores clássicos, antigos e modernos, e forrageado na doutrina dos melhores mestres do vernáculo e da filologia, não lhe foi difícil o acesso ao magistério oficial, numa quadra em que os salários de professor lhe permitiam o bastante para formar uma seleta biblioteca, e as férias regulares lhe ensejavam o tempo para estudo e aperfeiçoamento. Herdeiro da paixão de seus professores do seminário de Campanha pelo tesouro vernacular que encerravam os escritos de Carlos de Laet, logo se debruçou na leitura do denodado monarquista e católico. Dessa paixão saíram-lhe dois trabalhos de real valor: *Mobilidade do Léxico de Carlos de Laet* (1941) e *Carlos de Laet, o Polemista* (2 tomos, 1942 e 1943). Por determinação do Presidente, o texto será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho, secundando as palavras do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, discorreu sobre a vida e a obra do Professor Antônio José Chediak. Acrescentou que, nesta hora em que a Academia tanto se empenha na defesa da Língua Portuguesa, a morte do Professor Chediak representa uma perda muito grande. Por determinação do Presidente, o texto será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier solidarizou-se com as palavras que foram ditas pelos Acadêmicos Evanildo Cavalcante Bechara e Murilo Melo Filho sobre Antonio José Chediak e acrescentou que foi testemunha do quanto esta Casa recebeu desta figura extraordinária, competente e amiga, que devemos admirar e aplaudir em todos os momentos e abrigá-lo na memória da Casa de Machado de Assis.
- O Acadêmico Moacyr Scliar comunicou que, à luz das comemorações do centenário da morte de Machado de Assis, o Grupo Zaffari, do Rio Grande do Sul, vai editar o *Dicionário de Machado de Assis*. No ano passado, o mesmo Grupo lançou o *Dicionário de Guimarães Rosa*.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida assinalou que esta primeira sessão tem a densidade da memorabilia e agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho o que acabara de dizer sobre Roberto Assunção. Comunicou que a Universidade Candido Mendes está se organizando para prestar-lhe uma homenagem. Discorreu sobre o que será esta homenagem. Associou-se a seguir às manifestações sobre Antonio José Chediak, o homem da educação que, na Academia de Comércio do Rio de Janeiro, trabalhou como poucos para o desenvolvimento do estudo comercial do Brasil. Acrescentou ainda o propósito do livro do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco que não se trata de uma “memória”, há algo de muito instigante em termos de reforma de gêneros. Destacou a capacidade que o autor tem, dentro do livro, de fazer, pela primeira vez, a crítica, do grande diálogo Carlos Lacerda e Afonso Arinos. Considera a obra absolutamente inédita não só pela inovação do informe, mas pela capacidade que tem o escritor de criar uma noção própria, oferecendo-nos uma tomada de posição que se apossa dessa quarta dimensão da análise e da perspectiva. Discorreu ainda sobre duas grandes perdas da latinidade: Jean-Pierre Vernant e Jean Duvignaud.
- O Acadêmico Antonio Olinto lembrou o centenário de Raimundo Magalhães Jr., um dos grandes trabalhadores da ABL. O homem que ressuscitou um quarto da obra de Machado de Assis perdida em jornais e revistas e publicou *Machado de Assis, Desconhecido*. Propôs ao plenário que a obra machadiana de Raimundo Magalhães Jr. fosse reeditada.
- O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos disse que recebeu uma incumbência de fazer um filme para colher as opiniões, as observações e tudo que for importante em relação ao tema da Língua Portuguesa falada no Brasil. Seria uma conversa no âmbito da Academia. Em cada entrevista será observado o cotidiano da Casa, o que acontece, como funciona e como as atividades são procuradas pelo público de fora. O projeto foi elaborado pelos Acadêmicos Domício Proença Filho e Evanildo Cavalcante Bechara.

- O Acadêmico Domício Proença Filho ressaltou que o personagem do filme é a Língua Portuguesa. Informou que, em termos da produção do filme, participa como consultor de conteúdo e está certo de que o Acadêmico Nelson Pereira dos Santos vai consagrar o projeto que está sendo desenvolvido por uma produtora de São Paulo. A idéia é situar a Academia como uma espécie de templo da língua portuguesa. A proposta é que os acadêmicos se manifestem, espontaneamente, em função da sua representatividade como falantes da língua portuguesa e de determinadas variantes, para que se estabeleça ao final um diálogo que vai percorrer o subtexto do filme. A partir de perguntas-guia, que não aparecerão no filme, cada acadêmico indicado pela produtora falará de sua vivência, de sua experiência e de seu pensar sobre a Língua Portuguesa, dando uma idéia das variantes regionais e dos dialetos que fazem a fala de cada um. O filme objetiva ser o retrato da Academia no seu culto à Língua Portuguesa. A escolha dos entrevistados se prende à sua peculiaridade, o ideal seria registrar os depoimentos dos quarenta acadêmicos, o que se torna impossível do ponto de vista da produção e da proposta preconizada.
- A matéria foi objeto de debates do qual participaram os Acadêmicos Arnaldo Niskier, Eduardo Portella e Carlos Nejar.
- O Acadêmico Carlos Nejar associou-se às palavras aqui proferidas pelos acadêmicos que o antecederam sobre o mestre Antonio José Chediak, detendo-se no que disse o Acadêmico Candido Mendes de Almeida sobre a palavra pontífice. Lembrou que a origem da mesma é romana, *Pontifex*, que significa “o homem que constrói pontes”. Na verdade, o filólogo é o homem que constrói as palavras e Chediak legou a todos não apenas os seus trabalhos, mas a amizade que conheceu fraternalmente, a sua humanidade e ainda um livro sobre os escravos de Castro Alves. A seguir, lembrou ao Acadêmico Moacyr Scliar e a toda Casa a importância do projeto de Luís Coronel, o *Dicionário de Machado de Assis* – apoiado pelo Grupo Zaffari, que é uma potência no Rio Grande do Sul –, sobretudo se houver uma participação desta Casa. Acredita que esse projeto não pode ficar isolado, deve haver uma participação porque cada um dos Acadêmicos é uma sombra viva de Machado.

- O Presidente afirmou ter deixado para o encerramento da sessão uma palavra muito pessoal. Um testemunho de agradecimento, por se encontrar na Cadeira presidencial de Machado de Assis por deliberação dos Senhores Acadêmicos e acrescenta à honra uma grande felicidade. Discorreu sobre as dificuldades de presidir os acadêmicos. Apesar da grande experiência que acumulou ao longo da vida presidindo o TCU, e o Conselho do Patrimônio Histórico, nada lhe deu tanta alegria e tanta honra como estar neste lugar. Acrescentou que, ao sair da Presidência da ABL, estará muito contente e com uma dívida imensurável a partir dos pós-Josué Montello, devendo a Arnaldo Niskier, a Nélide Piñon, a Tarcísio Padilha, a Alberto da Costa e Silva, a Ivan Junqueira e a Carlos Nejar pelo curto período que ocupou a presidência, porque mantiveram a Academia, cuidando do seu desenvolvimento, conduzindo-a com exemplar probidade. Considera um título de honra o que encontrou de dedicação, de probidade, do esforço, do desinteresse pessoal desses homens. Declarou estar se ocupando apenas dos vivos e dessa mulher extraordinária que é Nélide Piñon e é muito grato pelo exemplo que lhe deixaram e encerrou a sessão.

MIRANTE DE AFONSO ARINOS, FILHO

*Palavras do Acadêmico Lêdo Ivo**

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos,

Durante as férias acadêmicas, um dos nossos mais eminentes e queridos companheiros publicou um livro que, a meus olhos, é o acontecimento literário mais importante de 2006.

É uma obra literária legítima, nestes tempos em que a literatura fundada no privilégio e na exigência da arte sofre a concorrência das formas de expressão e comunicação geradas pela cultura de massas e por uma indústria que fomenta a proliferação cogumélica de uma literatura atrelada à ilusória auto-ajuda e aos horrores de uma ficção neogótica pródiga na produção de bruxas, fantasmas e vampiros.

O livro a que aludo é *Mirante*, do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, com dois f e dois l – ou Afonso Arinos, com apenas um f, e uma vírgula entre o nome e o sobrenome, filho, como se assina nessa nova obra.

Mirante é um posto de observação, vigilância e contemplação. E é também aquele que mira. No livro de Afonso Arinos, filho confluem ambas as acepções,

* Proferidas na sessão do dia 1.º de março de 2007.

assegurando a sua alta virtude literária e artística, nutrida por um olhar contínuo e atento das coisas e dos seres e por uma reflexão pertinaz sobre os acontecimentos nele narrados, e as idéias e valores do nosso tempo.

Vazado em forma de um diário iniciado em 1998 e concluído em 2005, é, na realidade, um livro de memórias. Filho de um dos maiores memorialistas de nossa literatura e de nossa língua, o autor se insere na linhagem literária de seu pai. Aliás, foi na condição de memorialista, começada com o livro *Primo Canto*, que ele transpôs as portas desta Academia – estas portas ora de bronze e granito, ora de açúcar e manteiga derretida.

Mirante é um verdadeiro palimpsesto. Nele Afonso Arinos filho conta a sua história pessoal e familiar, o convívio com os amigos, a sua brilhante trajetória diplomática desde o ingresso no Itamaraty até o fulgor de suas embaixadas em La Paz, no Vaticano e na Haia.

No início de sua carreira, quando era cônsul de terceira classe, foi oficial de gabinete de dois presidentes, Café Filho e Carlos Luz, nos dias turbulentos em que o golpismo escancarado pretendia impedir a posse do presidente eleito Juscelino Kubitschek. Com a fuga do presidente Carlos Luz no lendário Tamandaré, para evitar os tanques acionados em defesa da Democracia, o jovem cônsul conheceu sua primeira vicissitude política. Voltou para o Itamaraty e pediu um posto no Exterior. Como punição, e bastante severa, foi intimado pelos seus superiores hierárquicos a escolher entre Paris e Roma. No primeiro momento, escolheu Paris. Mas a voz genética falou mais alto e mais forte, não fosse ele filho do grande escritor que, alguns decênios após, publicaria *O Amor a Roma*. E escolheu a capital italiana.

Mirante é, assim, a história de um diplomata brasileiro – um dos maiores e mais competentes de sua geração – num longo percurso em que o selo político e familiar de que era portador pesou fundamentalmente em seu trajeto, inclusive porque, em mais de uma vez, ele se afastou da diplomacia para participar da nossa vida política, como deputado federal e constituinte estadual, assumindo posições nítidas e corajosas, revestidas de uma apaixonada preocupação social.

Em outros sítios e oportunidades, os dons de reflexão e observação de Afonso Arinos, filho, mais se estendem e dilatam. Durante o percurso diplomático, foi, por várias vezes, um comentarista da política externa e, dada a sua condição funcional, abroquelou-se em pseudônimos nas colaborações jornalísticas.

Neste *Mirante*, as idéias e reflexões incidem sobre um campo de observação que abarca quase toda a redondez do planeta e as encíclicas papais, desde as sucessivas crises bolivianas, a guerra que, no Iraque, está destruindo toda uma civilização. Mas esse olhar de *Mirante*, que sabe ver os conjuntos e amplitudes, também sabe ver o mínimo e o escondido, a minúcia surpreendente. Assim, numa pomposa solenidade no Vaticano, Afonso Arinos, filho, viu o Papa João XXIII calçado em mocassins velhos e deformados que nenhum de nós ousaria usar nas sessões ordinárias desta Casa, mesmo porque os senhores Acadêmicos fazem questão de ser brilhantes desde os pés.

Nestas memórias, o eu – esse eu tão caluniado pelos escritores sem subjetividade e sem personalidade – desempenha com esmero o seu papel não só de mirador e observador, mas o de narrador de uma experiência inconfundível. Em muitas páginas, lateja o seu amor pela bela Bia. Uma entrançada, emaranhada e folhuda árvore genealógica estende os seus galhos e ramos por todo o livro; e o filho de Anah e Affonso fala dos Melo Franco, dos Alvim, dos Chagas, dos Miguel Pereira, dos Moscoso, dos Chermont e de outros sobrenomes retumbantes. Uma pungente nota de dor, perda e provação ressoa nas comovidas páginas familiares, nas quais se destacam a presença maior de seu pai e ainda uma procissão de amigos e companheiros de literatura, boêmia e diplomacia e de altas personalidades que atravessaram o seu caminho. Quem conviveu com Carlos Lacerda se rende à evidência de que o autor de *Mirante* traçou um retrato irretocável do ora amigo afetuoso e ora inimigo impiedoso e vociferante de Afonso Arinos pai.

Vaticanólogo emérito e até teólogo *en herbe*, ele nos expõe, em largos capítulos, a sua vivência de embaixador do Brasil no Vaticano e, embora católico de quatro costados, não hesita em traçar, de altos dignitários da Igreja, maliciosos perfis comprobatórios de que as vestes cardinalícias nem sempre têm o poder de

esconder a vaidade e as ambições dos homens. Crepitam em *Mirante* centelhas de montaigneanas e chateaubrianescas. Ignoro se Afonso Arinos, filho, é como foi seu pai, leitor e releitor compulsivo e obsessivo do *Essais* e do *mémoires d'outre tombe*, ou se trata de mais uma transmissão genética.

Mirante revela um segredo guardado há meio século: num dos períodos mais aflitivos de sua vida pessoal e profissional, nosso saudoso João Cabral de Melo Neto é levado pela mão fraterna de Afonso Arinos, filho, a um encontro surpreendente com seu algoz Carlos Lacerda. Tem cabida sublinhar que, nesse encontro com o arquiinimigo, João Cabral não revelou nem aos seus biógrafos nem aos seus raros amigos íntimos, senhor Presidente, senhores Acadêmicos:

“Mais e muito mais haveria eu de dizer a respeito desse livro tão de minha admiração. Encerro este registro aludindo ao seu estilo: um estilo musculoso, sem enxúndias, mas também sem magrezas de *top-models* ou palidez de vampiros anêmicos; a prosa de um prosador de raça, viva e matizada, sanguínea e enérgica”.

Terminada a leitura de *Mirante* — que, a pedido do autor, ora encaminho à guarda zelosa desta Academia, coloquei-o, em minha biblioteca, ao lado de *A Alma do Tempo*, de Afonso Arinos de Melo Franco. Embora os autores sejam pai e filho, *A Alma do Tempo* e *Mirante* são livros irmãos.

ANTÔNIO JOSÉ CHEDIK
– *IN MEMORIAM* (1916-2007)

*Palavras do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara**

Nos primeiros dias de fevereiro, a Academia Brasileira de Letras ficou desfalcada de um operoso colaborador, o Professor Antônio José Chediak, falecido aos 12 de fevereiro último, após longo e penoso período de doença. Chediak era mineiro de Três Corações do Rio Verde, onde nascera aos 9 de março de 1916. Cedo se iniciou no magistério em seu recanto natal, mas os dotes de inteligência e seu apego aos estudos logo afluídos abriram-lhe portas em colégios de outras cidades vizinhas até que veio a fixar-se definitivamente no então Distrito Federal. Formado na leitura de bons autores clássicos, antigos e modernos, e forrageado na doutrina dos melhores mestres do vernáculo e da filologia, não lhe foi difícil o acesso ao magistério oficial, numa quadra em que os salários de professor lhe permitiam o bastante para formar uma seleta biblioteca, e as férias regulares lhe ensejavam o tempo para estudo e aperfeiçoamento. Herdeiro da paixão de seus professores do seminário de Campanha pelo tesouro vernacular que encerravam os escritos de Carlos de Laet, logo se debruçou na leitura do denodado monarquista e católico. Dessa paixão saíram-lhe

* Palavras proferidas na sessão do dia 1.º de março de 2007.

dois trabalhos de real valor: *Mobilidade do Léxico de Carlos de Laet* (1941) e *Carlos de Laet, o Polemista* (2 tomos, 1942 e 1943). Estava lançada a plataforma do jovem professor como filólogo de escol. Estes trabalhos de maior fôlego patentearam-lhe o gosto e a competência para as importantes questões da microfilologia; daí não ser de admirar de o vermos convocado para integrar, em 1958, a Comissão criada pelo Ministério da Educação e Cultura, que funcionou junto a esta Academia, para estabelecimento de texto das obras de Machado de Assis, nitidamente inspirada pelo movimento de Crítica Textual defendido por Celso Cunha e Antônio Houaiss. Essa Comissão, que logo se identificou como o mais ambicioso projeto ecdótico da literatura brasileira, impõe-se que seja prosseguida, para completar a tarefa que a inspirou. Para a Comissão Chediak preparou a modelar edição de *Quincas Borba*.

A disciplina e organização científica que norteavam seus trabalhos guindaram-no a comissão assessora integrada por Serafim da Silva Neto e Silvio Edmundo Elia junto aos catedráticos de Português do Colégio Pedro II que, por ato do Ministro da Educação e Cultura, em 1957, elaboraram o Projeto de Nomenclatura Gramatical Brasileira, com vista a disciplinar o emaranhado terminológico que campeava nos livros e nas aulas de Língua Portuguesa, com grave prejuízo para o ensino do idioma nacional.

Como resultado desta participação do amigo que hoje aqui pranteamos saiu pela Diretoria do Ensino Secundário do MEC, em 1960, um exaustivo documentário intitulado “Nomenclatura Gramatical Brasileira e sua Elaboração”, em que são consignados todos os passos da Comissão e são transcritos os relatórios e sugestões que a ela foram encaminhados por órgãos oficiais consultados e pelas instituições e professores, que se manifestaram sobre o projeto ministerial.

Esta Academia lhe deve, por convite do então presidente Arnaldo Niskier, a supervisão da equipe que preparou a 3.^a edição do *Vocabulário Ortográfico* (1999), bem como do grupo de especialistas que, durante dois anos, trabalhou na atualização do *Dicionário da Língua Portuguesa* elaborado por Antenor Nascentes em 1943, na presidência de Afrânio Peixoto, e publicado por esta Casa, em 4 volumes, entre 1961 e 1967, na presidência de Austregésilo de Athayde.

Seu último trabalho, agasalhado pela nossa Academia, que lhe outorgou o prêmio Francisco Alves, foi a primorosa edição do poema de Castro Alves “Tragédia do Mar” (“O Navio Negreiro”), em 2000, na qual, com paciência beneditina, procura dotar o texto da lição mais próxima da última vontade autoral.

Se no campo dos estudos lingüístico nos deixou Chediak um exemplo de investigador competente, não foi menos rica a herança de honradez nos altos cargos que ocupou na administração pública, e de lealdade aos amigos, como o foi com o presidente Juscelino Kubitschek, nas horas de esplendor e de amargura. Com o seu desaparecimento, a Língua Portuguesa perdeu um denodado cultor e a Casa de Machado de Assis um colaborador incansável das suas mais lídimas tradições.

PROFESSOR ANTÔNIO JOSÉ CHEDIAK

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente. Senhora Acadêmica. Senhores Acadêmicos.

Nesta hora em que a nossa Academia tanto se empenha na defesa da Língua Portuguesa, a morte do Professor Antônio José Chediak representa uma perda muito grande.

Porque ele foi, ao longo de muitos anos do seu professorado, um tenaz defensor do nosso vernáculo. Já em 1944, com outros autores, ele escrevia o livro *Em Defesa do Idioma*.

Tenho a honra de ter sido um dos seus milhares de alunos, hoje muito grato às suas aulas de educador ilustre, que esbanjava, como um príndigo, o seu rico arsenal de cultura e de sabedoria, de mestre, filólogo e gramático.

Foi um fiel e leal amigo do Presidente Juscelino Kubitschek, como um dos seus principais assessores na revisão de textos e discursos.

Na produção da 3.^a edição do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, editado por esta Casa em 1999 e designado pelo então Presidente, Arnaldo Niskier,

* Palavras proferidas na sessão do dia 1.º de março de 2007.

o professor Chediak exerceu a Coordenação Geral da Comissão de Lexicografia, ao lado de Evanildo Bechara (aqui presente), Diógenes Campos e Sílvio Elia, além de seis verbetistas pesquisadoras: Cilene Pereira, Lilian de Oliveira, Maria Cristina da Fonseca, Maria Emília Barcelos, Marlit Silva Bechara e Vilma Fernandes.

Esse *Vocabulário*, com cerca de 350 mil verbetes, pode ser usado hoje por 220 milhões de pessoas em todo o mundo e já está na sua 4.^a edição, lançada em 2003, na presidência do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, pela Comissão de Lexografia, integrada pelos Acadêmicos Eduardo Portella, Evanildo Bechara e Sérgio Corrêa da Costa.

Essa Comissão de Lexografia teve o falecido Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa substituído pelo Acadêmico Alfredo Bosi e o Acadêmico Evanildo Bechara, eleito Secretário-Geral desta ABL, sucedido pelo Acadêmico Arnaldo Niskier.

Esse *Vocabulário* já está sendo atualizado para a sua 5.^a edição.

Senhora e senhores Acadêmicos.

O professor Chediak escreveu vários livros, entre os quais: *Carlos de Laet, o Polemista*; edições críticas sobre *Memorial de Ayres*, *Papéis Avulsos* e *Quincas Borba*, de Machado de Assis; e sobre *O Ermitão de Muquém*, de Bernardo Guimarães, além do livro sobre Castro Alves, *Traquédia no Mar*, *O Navio Negroiro*.

Ele era um modesto mineiro, nascido na Cidade de Três Corações do Rio Verde, que morreu aos 90 anos de idade, já alquebrado por várias doenças que muito o enfraqueceram.

Mas deixou atrás de si uma legenda de inestimáveis serviços prestados ao magistério brasileiro e ao idioma português.

SESSÃO DO DIA 8 DE MARÇO DE 2007

- Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho; Segundo Secretário; Evânildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao abrir a sessão, homenageou as Acadêmicas Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon, Ana Maria Machado e Zélia Gattai Amado pelo transcurso do Dia Internacional da Mulher. Submeteu à aprovação do plenário a Ata do dia 1.º de março que, depois de feitas as retificações solicitadas pelos Acadêmicos Alberto Venancio Filho, Arnaldo Niskier e Antonio Olinto, foi aprovada. Comunicou que o Governador Sergio Cabral homenageará a Academia com um jantar, no Palácio das Laranjeiras, no dia 19 de julho, véspera da comemoração dos 110 anos da Casa. Deu notícias de que a obra do auditório deverá ficar pronta em quatro meses, e de que, dentro de mais quinze dias, o setor de

filmagem deverá ficar pronto, com duas ilhas de edição modernas e equipamentos de qualidade. Com referência à solenidade de homenagem ao arquiteto Oscar Niemeyer, informou que o governador do Distrito Federal, Dr. Roberto Arruda e o Prefeito de Ouro Preto, Dr. Ângelo Oswaldo estarão presentes. Comunicou que, na última sexta-feira, desenvolveu gestões junto ao BNDES, ao Grupo Klabin e ao Banco Rio Bravo em busca de patrocínio para algumas obras e atividades da Casa. Acredita que terá bom resultado, em relação à Caixa Econômica Federal, no apoio cultural aos programas de concertos e edições. Solicitou ao Acadêmico Cícero Sandroni que discorresse sobre o assunto, o que foi feito. Comunicou que recebeu do Acadêmico Paulo Coelho mensagem eletrônica em que ele diz que, procurado por certos jornalistas, soubera que circula na Academia versão de que não poderia vir ao Brasil por inadimplência relacionada com a Receita Federal. Enviou duas certidões negativas que desfazem o equívoco. Deu ciência de que a Academia se dirigiu ao Itamaraty e à Universidade de Cambridge para manifestar seu estranhamento diante da decisão daquela Universidade de cancelar as atividades do departamento de português. Convidou os Acadêmicos para reunião, dia 9 de março, sexta-feira, com o Embaixador Lauro Moreira junto a CPLP e o Embaixador Luiz Henrique da Fonseca para tratar do Acordo Ortográfico e da questão da cátedra de Cambridge. Congratulou-se com os Acadêmicos Nelson Pereira dos Santos e José Mindlin, ganhadores que são de duas categorias do Prêmio *Faz a Diferença*, outorgado pelo Sistema Globo de Televisão. Comunicou que a Academia está concluindo o trabalho de restauração do filme *O Rio de Machado de Assis*. Uma contribuição para a Comissão que cuida do Centenário de Machado de Assis, no próximo ano. Deu notícia de que, no dia 29 de março, a Academia homenageará o Acadêmico Barbosa Lima Sobrinho com a aposição de seu retrato numa das galerias da Casa. O orador será o Acadêmico Cícero Sandroni. Solicitou aos acadêmicos que, apenas para controle financeiro da ABL em relação aos carros, deverão a partir desse momento, assinar recibo indicando o período em que o veículo foi utilizado. Finalizando, registrou que a Academia está prestando solidariedade e acompanhamento à

Senhora Marly de Oliveira, viúva do Acadêmico João Cabral de Melo Neto, que se encontra em difícil situação de saúde.

- O Acadêmico Cícero Sandroni informou que o Presidente Marcos Vinícios Vilaça tem insistido junto à Caixa Econômica Federal no sentido de dar apoio aos projetos culturais da Academia. Inicialmente, o plano proposto era de que a Caixa Econômica financiasse o *Dicionário da Academia*; como o montante era grande e o trabalho se prolongaria durante muitos anos, retomou as negociações apresentando um projeto para a *Revista Brasileira*, que acaba de ser aprovado em tiragem aumentada de mil para três mil exemplares. Adiantou que a Caixa Econômica Federal também se comprometeu a financiar o Tomo III dos *Discursos Acadêmicos*, que deve sair este ano, com edição de dois mil exemplares, o que aliviará o orçamento do Setor de Publicações.
- O plenário saudou com uma salva de palmas o Acadêmico Carlos Heitor Cony, cujo aniversário, no dia 14 de março, foi lembrado pelo Presidente.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida pediu dois votos de pesar. O primeiro pelo falecimento de Dom Ivo Lorscheider, ocorrido no dia 5 de fevereiro. Ressaltou que o Papa Bento XVI vai encontrar, no Brasil, uma Igreja mobilizada, de profunda credibilidade, a partir da luta de Dom Ivo Lorscheider contra o governo militar e a defesa dos Direitos Humanos, Bispo de Santa Maria, Arcebispo gaúcho que comandou a CNBB no grande e difícil diálogo entre a Igreja e o governo militar. Dom Ivo não chegou ao cardinalato, por seu compromisso com a teologia da libertação, pelo desassombro com que enfrentou o Governo Médici e com o empenho na denúncia das torturas. Lembrou que Dom Ivo conseguiu evitar a expulsão de todos os padres estrangeiros no momento do ápice do Governo Médici, o que teria comprometido todo o trabalho da Igreja na Amazônia. A ele se deve a denúncia contra o esquadrão da morte, a liberação de Dom Adriano Hipólito e tantas outras ações afirmativas que tiveram nesse gaúcho, capaz de viver somente com o seu semblante, o ocaso por ter sido um dos grandes defensores daquele momento épico em que a Igreja chegou ao povo e à consciência

dos Direitos Humanos. O segundo voto de pesar foi para Jean Baudrillard. Filósofo e sociólogo que discutiu, na sua antevisão, o que seria o mundo hegemônico e a sociedade de consumo, com seu admirável livro *O Sistema dos Objetos*. No seu último trabalho, enfatizou a completa escamoteação do real pela sua tradição na re-conformação de uma verdadeira cibernética do imaginário. Finalizando, entregou à Biblioteca Rodolfo Garcia um exemplar do penúltimo grande discurso de Jean Baudrillard: *Lês exiles du dialogue*. Afirmou que Jean Baudrillard jamais experimentou o terror, o medo ou a piedade da morte, ainda que imobilizado por um câncer, não dava a menor demonstração de estar diminuído ou alterado. Isso dá o sentido do homem que perdemos e, na sua dignidade, fez a diferença, na subversão pela liberdade no mundo da hegemonia.

- O Presidente disse que a mesa se junta ao que foi dito com tanta qualidade e beleza, de forma tão elevada e legítima por Candido Mendes de Almeida.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier ao ensejo das comemorações que são feitas no mundo todo no Dia Internacional da Mulher. Como a mulher se faz presente na Academia desde Dinah Silveira de Queiroz, passando pela inesquecível Rachel de Queiroz e agora com as Acadêmicas Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon, Ana Maria Machado e Zélia Gattai Amado, disse acreditar que seria pelo menos um gesto carinhoso dizer, em nome da Casa, que se solidariza com todas as homenagens que estão sendo prestadas à mulher no mundo todo e particularmente nesta Casa que tem um carinho especial pelas Acadêmicas já mencionadas, e que tão bem representam a força cultural, a presença permanente, a força maior da mulher brasileira.
- O Acadêmico Carlos Nejar acompanhou, como poeta e acadêmico, o Acadêmico Arnaldo Niskier nesta homenagem às mulheres, porque a elas todos devem todas as coisas. Prestou também sua homenagem a Dom Ivo Lorscheider. Era um grande homem na sua existência, na sua coragem humana e na sua autoridade diante do poder, disse. Solidarizou-se também com as palavras do Acadêmico Candido Mendes de Almeida a respeito de Jean Baudrillard.

- O Acadêmico Antonio Olinto lembrou que, na lista das comemorações deste ano, faltou o centenário do nascimento de R. Magalhães Jr.
- O Presidente afirmou que o assunto será devidamente tratado pela Secretaria. Passou a palavra ao Acadêmico Marco Maciel.
- O Acadêmico Marco Maciel declarou acreditar que, até o fim desse semestre, estará aprovado na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei que considera 2008 o Ano de Machado de Assis, que já foi aprovado no Senado. Na Câmara está tramitando na Comissão de Cultura, que dará parecer terminativo. Espera que o Presidente da República possa sancioná-lo muito brevemente. Uma vez aprovada essa lei, dará respaldo para uma série de celebrações que poderão ser desenvolvidas a partir da mesma.
- O Presidente pediu ao Acadêmico Marco Maciel que seguisse acompanhando a tramitação.
- O Acadêmico Lêdo Ivo indagou ao Presidente se a Academia vai celebrar o centenário de R. Magalhães Jr. e de que maneira esta comemoração será feita. Lembrou que R. Magalhães Jr. foi um grande acadêmico, com mais de cinquenta anos no exercício do jornalismo e afirmou que foi o maior jornalista que conheceu. Chamou a atenção para R. Magalhães Jr. não apenas como jornalista, mas também como pesquisador literário. O seu livro sobre Machado de Assis é a maior e melhor biografia de Machado, afirmou. Por todos estes motivos, espera que a Academia dê a R. Magalhães Jr. a homenagem merecida, assim como deu o seu nome ao teatro da Casa, reconhecendo o seu grande papel na vida teatral do Brasil.
- O Presidente comunicou ao plenário que está prevista uma sessão solene em honra de R. Magalhães Jr. Ainda não foi fixada a data porque a Diretoria espera coincidir com o teatro refeito e renovado.
- O Acadêmico Carlos Nejar sugeriu, para falar sobre R. Magalhães Jr., os Acadêmicos Antonio Olinto e Lêdo Ivo que, a seu ver, seriam os mais indicados.

- O Presidente agradeceu a sugestão e ressaltou o seu regozijo diante do que os Acadêmicos Arnaldo Niskier e Carlos Nejar disseram a respeito das honras devidas e os saudares efusivos que fizeram às mulheres nas pessoas das nossas colegas acadêmicas. Lembrou que abriu a sessão de hoje, saudando-as, como exemplares mulheres brasileiras. Convidou os acadêmicos para a sessão em homenagem a Oscar Niemeyer, às 17h 30min, no Salão Nobre do *Petit Trianon* e encerrou a sessão.

SESSÃO DO DIA 15 DE MARÇO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho; Segundo Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Mindlin, José Murilo de Carvalho, José Sarney, Lêdo Ivo, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao abrir a sessão, submeteu à aprovação do plenário a Ata do dia 8 de março, que foi aprovada. Recordou o Acadêmico Josué Montello, no primeiro aniversário de seu desaparecimento. Lembrou, também que, no dia de hoje, se comemoram os vinte anos de instalação da Fundação Gilberto Freyre, que coincide com sua data natalícia. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila, que aniversaria no dia 17. Convidou todos os acadêmicos para a aposição do retrato do Acadêmico Barbosa Lima Sobrinho, dia 29, às 15 horas e, para a inauguração da estátua de Manuel Bandeira, dia 19 de abril, às 17 horas, na praça em frente ao Palácio Austregésilo de Athayde, numa iniciativa da Prefeitura do Rio de Janeiro. Lembrou a reabertura, este ano, com o

apoio cultural da Petrobras e projeto arquitetônico da arquiteta Janete Costa, do Teatro R. Magalhães Jr., devidamente equipado. Em relação ao apoio cultural do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social, declarou ter o Presidente Demian Fiocca lhe assegurado os recursos necessários para a realização das obras do *Petit Trianon*. Ressaltou que, por se tratar de imóvel tombado pelo Patrimônio Histórico, a obra se prolongará por algum tempo. Disse que o BNDES também patrocinará exposições itinerantes dos 110 anos da Casa, que estavam previstas para Brasília e Rio de Janeiro, mas, pelo Regimento do Banco e os compromissos com a Lei Rouanet, o projeto terá que ser ampliado para outras cidades. Festejou a Acadêmica Ana Maria Machado que, além dos prêmios nacionais que já recebe, acrescentou mais um internacional. Celebrou o ingresso da escritora Barbara Freitag no Pen Club do Brasil. Disse que, em conversa com o Ministro da Ciência e Tecnologia, Dr. Sergio Machado Rezende, ficou acertado que o Ministério irá participar, com apoio técnico, do projeto ABL/PUC, visando a definir meios de preservação dos arquivos digitais. Deu ciência de que o Setor de Informática trouxe à Diretoria o projeto de se fazer, na Academia, um analisador morfológico do português do Brasil. Existe apenas um em português de Portugal, que não reconhece as palavras com a grafia usada no Brasil. A Academia poderá transpor o VOLP para o Portal da ABL, fazendo com que outros portais tenham facilidade de agregar-se ao nosso, viabilizando-o assim para o mundo da Internet. Ressaltou que o Acadêmico Evanildo Bechara coordenará o projeto e já está pensando em trabalhar, junto com o Dr. Raphael Pinheiro, num analisador sintático. Ainda no plano da informática, deu notícias de que, dentro em breve, o portal da ABL será acessível aos cegos. Com as conquistas que a área da informática proporciona à Academia Brasileira de Letras, fica muito entusiasmado. Finalizando, entregou aos acadêmicos a programação anual do Seminário *Brasil, brasis*, que terá como primeiro conferencista o Acadêmico Helio Jaguaribe, falando sobre “A Favelização. Fenômeno das grandes cidades”. Deu conhecimento aos acadêmicos do desejo do Acadêmico João Ubaldo Ribeiro de iniciar um projeto na Academia, para conversar com o público e responder a perguntas livres. Será um diálogo com o leitor

em campo aberto. Reafirmou o convite do Governador Sergio Cabral, para um jantar em honra da Academia pelos festejos dos 110 anos. A esse propósito pediu aos Membros das Comissões que diligenciem os nomes dos ganhadores dos prêmios da ABL, entregues no dia 20 de julho.

- O Acadêmico Cícero Sandroni lembrou aos acadêmicos que o número 50 da *Revista Brasileira* será lançado no dia 22. Disse que a Caixa Econômica Federal irá financiar a impressão e o pagamento dos direitos autorais dos artigos publicados.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe disse que o Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila se recupera bem e dentro de algum tempo voltará a freqüentar a Casa.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet agradeceu a referência à escritora Bárbara Freitag Rouanet pela sua posse no Pen Club. Lembrou que o lançamento do livro *Teorias da Cidade*, de Barbara Freitag Rouanet será no dia 22 de março, às 19h 30min, na Livraria da Travessa, no Shopping da Gávea.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse ter recebido a visita do Secretário Geral da CPLP, Embaixador Luiz Fonseca, e do Embaixador Lauro Moreira. Pediu ao Acadêmico Evanildo Bechara que desse breve resumo dessa reunião.
- O Acadêmico Evanildo Bechara disse que o motivo principal da presença do Embaixador Lauro Moreira foi solicitar à Academia o seu aval para que o projeto de 1990 do Acordo Ortográfico, que prevê a uniformização do sistema ortográfico para todo domínio da Língua Portuguesa, pudesse ser implementado. Ressaltou que, junto com o Acadêmico Domício Proença, fizeram algumas ponderações, acerca da responsabilidade da Academia. Primeiro, porque o projeto do Acordo Ortográfico recebeu críticas contundentes dos dois lados do Atlântico. Por outro lado, desde 1911 as normas ortográficas se têm pautado por um documento técnico. Disse que uma reforma ortográfica atende ao público em geral, que não está acostumado com os problemas técnicos que a transliteração de uma língua falada na escrita

pode apresentar. Acha que o grande erro dos acordos ortográficos têm sido apresentar regras para atender à pronúncia. A ortografia é apenas a tentativa de representar na escrita a palavra; trata-se de representação física, e não fonológica. Finalizando, disse que ficou acertado, em princípio, que a Academia daria o aval para a idéia da unificação ortográfica, no sentido de ratificar essa idéia e solicitar um prazo de seis meses, para que as equipes, portuguesa e brasileira, apresentem proposta de texto mais palatável ao público em geral, e que não marcasse a distância entre a pronúncia portuguesa e a pronúncia brasileira. Acha que o Embaixador ficou satisfeito com a idéia e as providências ficarão a cargo da Presidência.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu a exposição do Acadêmico Evanildo Bechara e passou a palavra ao decano da Casa, Acadêmico José Sarney.
- O Acadêmico José Sarney lembrou, como todos ali sabiam, a ligação estreita que tinha com Josué Montello. O Padre Antônio Vieira, num dos seus sermões, disse que o dia em que os santos morrem não deve jamais ser lembrado com tristeza, porque é data de glória, pois justamente nesse dia foram para o Céu. No caso do Acadêmico Josué Montello, já se começa a comemorar a data da sua morte, como a que ele se consolida definitivamente na história da literatura brasileira. Recordou que o Acadêmico Josué Montello representou o fim de uma grande geração de ficcionistas. Segundo Oswald de Andrade, foram os búfalos do Nordeste que entraram na Semana de Arte Moderna e a invadiram com aqueles romances da denúncia social e representaram um tempo dos mais fecundos da literatura e da ficção brasileira, como os de Jorge Amado, de Rachel de Queiroz, de Franklin Távora, de José Lins do Rego e de José Américo de Almeida. Assinalou que o Acadêmico Josué Montello era de uma outra linha: da tradição machadiana, do romance citadino, no qual ele se inseria ao lado de Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antonio de Almeida, Lima Barreto e outros. Falou das duas paixões do Acadêmico Josué Montello: Machado de Assis e a Academia Brasileira de Letras. Discorreu sobre a temática de Josué Montello, que era a da

reconstrução do tempo: a sua obra é importante por isso mesmo, porque ela é um testemunho do cotidiano. Citou *Os Tambores de São Luís*, que marca sua permanente presença na vida brasileira, e que é o grande romance da escravidão no Brasil. Acha que ele até diminuiu o romance, quando deu esse título. A edição francesa saiu com o título *Les tambours noirs*. Trata-se de um livro extraordinário. Discorreu sobre a vasta obra do Acadêmico Josué Montello, que publicou muitos romances, foi memorialista, contista, conferencista, historiador, ensaísta e também polemista. Lembrou ainda o homem de ação, o criador do Conselho Federal de Cultura, Diretor da Biblioteca Nacional, Presidente da Academia Brasileira de Letras, sua presença no Museu da República e também como Reitor da Universidade do Maranhão. Foi educador, professor a vida inteira, dedicado às causas da Educação. Considera-se muito feliz por estar aqui lembrando a sua partida para entrar definitivamente na história da literatura brasileira. Aproveitou o ensejo para entregar à Biblioteca Lúcio de Mendonça tudo que procurou nesses anos escrever. São sessenta e sete títulos, com uma encadernação especial e uma biobibliografia de todos os livros e o último que ainda não teve tempo de mandar encadernar, pois saiu há umas duas semanas pela Editora Siciliano: *Semana Sim, Outra Também — Crônica do Brasil contemporâneo*.

- O Presidente disse ao Acadêmico José Sarney que é palavra dele ter a sua vida duas vertentes: a da vocação e a do destino, a literatura e a política. Afirmou que, ao mesmo tempo, seus confrades têm orgulho da sua vida política, mas sentem ciúme do seu tempo dedicado à política e à geografia do Planalto Central. A Casa o tem na palavra escrita, mas quer sempre ter essa fluidez da sua palavra oral, dessa fluência, dessa fartura de idéias e dessa competência, dessa sua segurança de conceituar. Tem certeza que fala por todos. A Academia gostaria de ter mais a presença do Acadêmico José Sarney para dividir com todos a sua alegria, a sua sabedoria, o seu conhecimento e vivência.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva registrou o falecimento do poeta Gerardo Mello Mourão. Uma das grandes vozes de nossa poesia, com uma inclinação épica que tantas vezes nos falta. Autor dos livros *No País dos Mourões*

e *A Invenção do Mar*. Não foi apenas poeta, foi também um grande prosador, cujo romance *Valete de Espadas* teve audiência internacional. Deixou também, entre sua numerosa obra, o livro de contos dos melhores da literatura *As Vizinhas Chilenas*. Uma grande personalidade, uma das conversas mais fascinantes, mais ricas e mais envolventes com que já privou. Há anos que estava em silêncio, mas, apesar disso, ainda era capaz de grande bate-papo, ainda era capaz de revelar com sua memória prodigiosa algumas das histórias conhecidas e secretas da segunda metade do século XX. Finalizando, pediu a Academia que prestasse uma homenagem a essa testemunha da história que acaba de desaparecer.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça associou-se ao que foi dito pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva sobre o escritor Gerardo Mello Mourão.
- O Acadêmico Evanildo Bechara discorreu sobre a preocupação da Academia Brasileira de Letras pelo estado calamitoso em que se encontra a educação das crianças e dos jovens desta nação. A inoperância das ações que sustenta a retórica dos discursos vazios, das autoridades ditas competentes, constitui preocupação permanente daqueles que, nas suas áreas, trabalham na esperança de construção de uma pátria que ofereça às gerações oportunidade de um futuro melhor para todos. Por determinação do Senhor Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho deu ciência aos seus confrades de como transcorreu a Aula Magna sobre o tema “África: entre o Brasil e a China”, proferida pelo Dr. Carlos Lopes, subsecretário geral da O.N.U. e diretor executivo do Instituto das Nações Unidas, no Teatro João Theotônio, da Universidade Candido Mendes. Por determinação do Presidente, o texto será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida congratulou-se com o porte e a repercussão que está tendo o programa “Brasil, brasis”. Registrou a afluência crescente de universitários vindos à Academia, diante da relevância das conferências que vão ficar marcadas neste mandato. Associou-se a tudo que

foi dito sobre o poeta Gerardo Mello Mourão, autor do livro *Valete de Espadas*. Morre como um poeta inacabado, mas teve a grandeza e a voz de um épico brasileiro.

- O Acadêmico Antonio Olinto discorreu sobre Gerardo Mello Mourão. Foi seu amigo durante muito tempo e acompanhou a sua poesia, uma das melhores dos últimos anos. Deu seu testemunho do que disse o escritor Robert Graves quando lhe falou que, entre todos os poetas do mundo, o que mais lhe impressionou foi Gerardo Mello Mourão.
- O Acadêmico Carlos Nejar declarou ser hoje um dia especial para esta Casa, iniciando com a presença do Acadêmico José Sarney, que consegue ser o político e o escritor. Associou-se, a seguir, às palavras aqui proferidas sobre Gerardo Mello Mourão, que escreveu *A Invenção do Mar*, embora considere o seu grande livro *Peripécia de Gerardo*, que é das melhores obras em língua portuguesa. Lembrou a grande figura humana de Gerardo Mello Mourão. Falou do grande poeta e um dos maiores conversadores que já conheceu. Seu grande plano era escrever sobre o nome de Deus e ele agora está descobrindo a grande realidade do universo, a ciência maior, que é a de Deus.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça lembrou que, no início da sessão, fez referência aos prêmios recebidos pela Acadêmica Ana Maria Machado, mas se esqueceu de falar no *Life Achievement Award*, para conjunto de obra, que lhe foi conferido e será entregue na Flórida, em abril próximo. Assinalou que é um acontecimento cultural muito importante e encerrou a sessão.

A ACADEMIA E A EDUCAÇÃO

*Palavras do Acadêmico Evanildo Bechara**

Na correta preocupação de ocupar um espaço privilegiado entre as instituições deste país envolvidas com a reflexão crítica sobre os desafios da contemporaneidade da sociedade brasileira, manifesta, mais uma vez, a Academia Brasileira de Letras sua preocupação pelo estado calamitoso em que se encontra a educação das crianças e dos jovens desta nação. A inoperância das ações que sustentam a retórica dos discursos vazios das autoridades ditas competentes constitui preocupação permanente daqueles que, nas suas áreas, trabalham na esperança de construção de uma pátria que ofereça às gerações oportunidade de um futuro melhor para todos. De sua parte, a Casa de Machado de Assis já sugeriu às autoridades uma série de medidas que, acredita, se tomadas a sério e com vontade política, irão contribuir para mudar o presente panorama da educação nacional, em que se encontram escolas sucateadas, desmotivados e desassistidos os professores, e jovens desesperançados do porvir sonhado.

Diante do pouco rendimento e da crescente evasão escolar que patenteiam todas as pesquisas empreendidas por órgãos técnicos oficiais e particulares, rei-

* Proferida na sessão do dia 15 de março de 2007

tera a ABL a necessidade urgente da implantação, entre outras, das sugestões por ela encaminhadas ao Ministério da Educação, em mais de uma oportunidade.

A experiência de sempre, ratificada nos tempos modernos, nos tem mostrado que só pelo maciço e contínuo investimento em educação se conseguirá adiante construir uma sociedade justa e igualitária. A persistir o péssimo vício de resolver os problemas educacionais mediante diretrizes e legislações que morrem no papel, continuará o país a colher os maus frutos de uma sociedade que se mostra de mal a pior, aprisionada pela ignorância, pelo desassossego e pela violência. E o antigo prognóstico de um país do futuro se revelará apenas num amontoado de gente entregue à própria sorte.

AULA MAGNA:
“ÁFRICA: ENTRE O BRASIL E A CHINA”

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente.

Senhora e senhores Acadêmicos.

Na segunda-feira desta semana, tive a honra de representar V. Ex.^a e a nossa Academia, durante a Aula Magna, sobre o tema “África: entre o Brasil e a China”, proferida pelo Dr. Carlos Lopes, no Teatro João Theotônio, da Universidade Candido Mendes.

Para que fique devidamente registrado em nossos *Anais*, devo acrescentar que o Dr. Carlos Lopes é o atual subsecretário geral da O.N.U. e Diretor Executivo do Instituto das Nações Unidas, que, naquela bonita solenidade, e com a presença de todo o corpo docente, foi saudado pelo nosso Acadêmico e Reitor Candido Mendes, recebendo na ocasião o título de Doutor *Honoris Causa* em Ciências Sociais e Humanas da UCAM.

Além de amigo de V. Ex.^a, dos Acadêmicos Candido Mendes e Alberto da Costa e Silva, o Dr. Carlos Lopes, senhora e senhores Acadêmicos, é um portu-

* Proferidas na sessão do dia 15 de março de 2007.

guês nascido em Guiné-Bissau, diplomado pelas Universidades de Genebra e da Sorbonne, conferencista de instituições acadêmicas em Lisboa, Coimbra, Zurich, Uppsala e México, além de consultor da UNESCO, da Comissão Econômica das Nações Unidas para a África, assessor direto do ex-secretário Kofi Anan, e que, justamente há dois meses, foi confirmado no cargo de subsecretário geral da O.N.U.

Como um especialista em desenvolvimento e planejamento estratégico, ele falou durante 60 minutos, foi aplaudido por uma platéia de 800 estudantes e professores, e terminou anunciando vários projetos em estudo, para serem executados, numa estreita cooperação entre as Nações Unidas e o Brasil.

SESSÃO DO DIA 22 DE MARÇO DE 2007

- Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; João de Scantimburgo, Diretor da *Revista Brasileira*, Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Celso Lafer, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Mindlin, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar e Tarcísio Padilha.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao abrir a sessão, submeteu à aprovação do plenário a Ata do dia 15 de março, que foi aprovada. Festejou os ganhadores do Prêmio “Faz a Diferença”, do sistema Globo de Televisão: os Acadêmicos Nelson Pereira dos Santos e José Mindlin. Anunciou que o Acadêmico Helio Jaguaribe irá se ausentar do país entre os dias 5 de abril e 1.º de maio, cumprindo um programa acadêmico relevante de conferências em Amman e Jerusalém. Parabenizou a Acadêmica Ana Maria Machado pelo lançamento do seu livro *Balaio*, no dia 21 de março. Disse que futuramente distribuirá folheto da responsabilidade da Eletrobrás chamado “Projeto literatura e teatro educação”, dirigido a estudantes que, no teatro, festejam a manifestação cultural brasileira. É um programa que já vem desde

2005, ao tempo da presidência do Acadêmico Ivan Junqueira, e a atual Diretoria resolveu manter. Comunicou que a Academia vai assinar um convênio padrão com o Departamento de Ensino e Pesquisa do Exército para permuta de publicações e facilitação de conhecimentos das ações do plano cultural que fazem a ABL e o Exército. Proximamente será comunicada a data da assinatura do convênio. Disse que a Companhia Vale do Rio Doce já disponibilizou a importância de quinhentos e sessenta mil reais para apoiar a distribuição dos prêmios da Academia. A este propósito, a Diretoria pediu a todos os membros das comissões que mantenham absoluta reserva sobre os nomes dos ganhadores. Explicou que a Diretoria determinou a aquisição de uma TV de LCD de 42” para viabilizar o acolhimento ao público que comparece aos atos da Casa. Ressaltou que, no estrito cumprimento dos seus poderes estatutários, a Academia deliberou o seguinte: em relação a passagens de acadêmicos são mantidas duas passagens por mês aos que se deslocam para as sessões; a hospedagem será de duas diárias e duas refeições, sem bebidas alcoólicas por dia, exclusivamente, e os carros só poderão ser utilizados, se a solicitação vier da secretaria. As passagens ao exterior, a partir de hoje, só serão concedidas a acadêmicos que compareçam a eventos por iniciativa da Academia. Propôs que a área de imprensa da Academia tivesse a designação de Barbosa Lima Sobrinho, e Roquette Pinto a área que é dedicada a cinema, rádio e outros meios de comunicação. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Moacyr Scliar, que aniversaria dia 23. Finalizando, manifestou ao Acadêmico João de Scantimburgo todo o carinho e reconhecimento da Academia pela exemplar dedicação à *Revista Brasileira*.

- O Acadêmico Cícero Sandroni destacou a excelência do trabalho do Acadêmico João de Scantimburgo na direção da *Revista Brasileira*, durante doze anos e meio – e espera que continue como sempre –, quando lançou sem atraso de um dia cinquenta edições de grande nível intelectual. Lembrou que nas reuniões realizadas na sede da *Revista Brasileira*, então dirigida por José Veríssimo, escritores da época, entre os quais se destacavam Lúcio de Mendonça, Machado de Assis e Medeiros e Albuquerque, pensaram na fundação da Academia Brasileira de Letras. Hoje a *Revista Brasileira* consti-

tui um segmento fundamental da história da literatura brasileira e sob a direção do Acadêmico João de Scantimburgo manteve o alto nível alcançado durante sua trajetória, encontrando-se na sua Sétima Fase, inaugurada na presidência do Acadêmico Josué Montello. Acompanha a presente edição um índice acumulado de todos os números então editados sob a coordenação do Acadêmico João de Scantimburgo onde se encontra a história da cultura brasileira dos últimos anos. Seus artigos, ensaios, poemas, trechos de romances, contos, memória literária, sua historiografia, suas referências biográficas e análises da produção intelectual do nosso tempo constituem hoje referência indispensável para o estudioso dos problemas culturais. Registrou que, a partir desse número, a Caixa Econômica Federal estará apoiando a *Revista Brasileira* cuja edição passará de mil para três mil exemplares, o que permitirá triplicar o seu público leitor. Ao finalizar agradeceu a presença das Senhoras Maria José Campello Rodrigues Pereira, Ana Maria Araújo Costa de Carvalho e Maria Vitória Sampaio, funcionárias da Direção da Caixa Econômica Federal.

- O Acadêmico João de Scantimburgo agradeceu a todos os acadêmicos e lembrou a época que o saudoso Acadêmico Josué Montello o nomeou para ser diretor da *Revista Brasileira*. Disse que assumiria uma tarefa pesadíssima, pois a revista tinha o peso da tradição do nascimento da Academia Brasileira de Letras, em 1897. Discorreu sobre o que precisou desempenhar, com sua orientação de jornalista, para manter a *Revista Brasileira* ininterrupta durante todos esses anos. Agradeceu à Diretoria e a todos os acadêmicos pela autoridade que lhe foi conferida para fazer a *Revista Brasileira*. Ressaltou que sempre teve sorte na direção da *Revista Brasileira*, pois não lhe faltaram colaborações dos grandes escritores do Brasil. Finalizando, disse que tem cumprido o seu dever de manter a periodicidade rigorosa e a qualidade incomparável da colaboração dos que freqüentam as páginas da *Revista*.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida comunicou que o Colégio de France assinou convênio com a Academia da Latimidade para a publicação de um conjunto de textos preparados pelos acadêmicos, no momento da se-

mana França-Brasil. Serão publicados os textos dos Acadêmicos Ivan Junqueira, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Eduardo Portella, Sergio Paulo Rouanet e da Acadêmica Ana Maria Machado, que darão a visão atual da vida do espírito brasileiro nas diversas dimensões. Acredita que este trabalho dá conta do que foi, na administração do Acadêmico Ivan Junqueira, o grande recado sobre a presença internacional da ABL. Distribuiu aos acadêmicos o livro *Le défi de la différence – Entretiens sur la latinité*, dirigida por François L'Yvonnnet. Acredita que a Editora Via Latina e a Academia da Latinitude terão condições de levar os companheiros a uma publicação efetiva e constante.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça salientou que a Academia está muito atenta a essa contribuição da expressão internacional que o Acadêmico Candido Mendes tem dado a Academia.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara encaminhou à Biblioteca Rodolfo Garcia o número 31, referente ao primeiro semestre de 2006, da *Revista Confluência*, editada pelo Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu Literário Português. Acentuou que um dos artigos, assinado por um lingüista americano radicado no Brasil há mais de 40 anos, fala sobre o gerundismo, ressaltando que esse emprego tem sido atribuído erradamente a uma influência do inglês.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho lembrou Dario de Almeida Magalhães, que faleceu recentemente. Discorreu sobre a sua vida profissional de jornalista, representante de Minas no Conselho da OAB, Ministro do Tribunal Superior Eleitoral, como representante dos juristas, indicado unanimemente pelo Supremo Tribunal, no qual exerceu, desde 1944, intensa atividade como advogado em pleitos judiciais de grande repercussão e importância. Foi Presidente do Banco do Estado da Guanabara, no Governo de Carlos Lacerda. Assinalou que acompanhou de perto toda sua luta, a cujos princípios se manteve sempre fiel ao longo dos seus 90 anos de vida e que, na empobrecida paisagem brasileira dos dias atuais, o Dr. Dario deixou bem mar-

cados o seu exemplo e a sua lição de excelente advogado, de honrado jornalista e correto cidadão, com uma extensa e valiosa folha de serviço à atual geração de brasileiros, que hoje têm todos os motivos para lamentar a sua falta e a sua morte. O Presidente determinou que o texto lido seja incluído nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho subscreveu todas as palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho, com a circunstância de que conviveu durante muitos anos com Dario de Almeida Magalhães, homem de grande finura e cultura. Seus arrazoados poderiam ser incluídos numa antologia jurídica ou literária. Deu um depoimento sobre um caso especial que acompanhou de perto. Afirmou que o Dr. Dario, além da atividade política e jornalística, era um grande advogado.
- O Acadêmico Ivan Junqueira fez o elogio do trabalho realizado pelo Acadêmico João de Scantimburgo. Afirmou ter tido o privilégio de trabalhar durante algum tempo muito perto dele, durante a presidência do Acadêmico Tarcísio Padilha, ocasião em que foi feita a reforma gráfico-visual das publicações da Casa. Naquela ocasião, pôde ver a dedicação e o tirocínio editorial de João de Scantimburgo. Acredita ser ele o único editor de revista cultural desse país que nunca permitiu um arranhão na periodicidade dessa publicação importantíssima para muitos leitores que lhe escrevem até hoje. A seguir, pediu um esclarecimento a respeito do que foi dito pelo Presidente, no início da sessão, a propósito do anúncio conjunto dos vencedores dos Prêmios da ABL. Gostaria de saber se os pareceres dos prêmios podem ser aprovados individualmente.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco associou-se ao que foi dito pelos Acadêmicos Murilo Melo Filho e Alberto Venancio Filho na lembrança saudosa de Dario de Almeida Magalhães. Assinalou que foi muito próximo dele, da família, inclusive com alguns laços de parentesco; acompanhou a sua luta pela redemocratização do Brasil e se lembra dele preso, no Quartel da Rua Frei Caneca, com Adauto Cardoso, Virgílio de Melo Franco e Austregésilo de Athayde. Foi um homem que lutou durante toda a vida

pela integridade, democrática e pela vida institucional e jurídica do Brasil, tanto na sua atividade de advogado quanto na de homem público, que chegou a exercer algumas vezes. Prosseguindo, ofereceu ao Centro de Memória da ABL um cartão de visitas, que lhe deu uma idéia e que transmitirá à Diretoria. No cartão oferecido ao Centro de Memória está gravado o nome do proprietário, Raimundo Corrêa, Juiz da Segunda Pretoria, datado de 9 de setembro de 1904, dirigido ao primeiro Afonso Arinos e diz o seguinte: “Tinha-se combinado, na última sessão da Academia, que a leitura do *Contratador de Diamantes*, se faria hoje (sexta-feira) às 4 horas da tarde. Entretanto vejo nos jornais de hoje que o seu belo drama foi lido ontem, sinal de que a combinação feita havia sido alterada e, como não me preveniram disso, não pude assistir à leitura. A culpa não é minha, portanto, e, como quem mais perdeu com a falta fui eu mesmo, devo ser desculpado. Do seu confrade, colega e amigo Raimundo – Niterói, Rua Visconde do Rio Branco, 151.” Sugeriu que os poetas, ficcionistas, ensaístas e historiadores da Casa, quando tivessem vontade, lessem parte do seu trabalho que considerassem do interesse do plenário. Acredita que isso enriqueceria não só a Ordem do Dia como a atividade cultural da Casa, de um modo geral.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Affonso Arinos a doação para o Centro de Memória e a sua sugestão que é uma valiosa sugestão. Acrescentou que, a partir dessa iniciativa que vai começar com João Ubaldo Ribeiro, que virá à Academia no segundo semestre, para um diálogo com o seu público; os acadêmicos que tenham esse desejo anunciem para que se faça o mesmo.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco concordou com a observação do Presidente, e disse que a sua idéia tinha outro alcance, e exemplificou. Se um dos poetas da Casa fez um belo poema e comunica que gostaria de lê-lo no plenário, ou um historiador gostaria de trazer ao conhecimento dos seus confrades um texto interessante, fa-lo-ia na Academia.
- O Presidente ponderou que se trata de outra face de uma mesma proposta. Passou a palavra ao Acadêmico Lêdo Ivo.

- O Acadêmico Lêdo Ivo manifestou a sua alegria na homenagem que está sendo prestada ao Acadêmico João de Scantimburgo. Considera a comemoração do exemplar n.º 50 da *Revista Brasileira* um grande acontecimento, porque revigora o propósito seminal da Academia que é a defesa da língua e a difusão da cultura brasileira. Grande jornalista, João de Scantimburgo aplicou o melhor de sua competência e de sua dedicação e vigilância a tornar a *Revista Brasileira*, talvez ou decerto, a revista cultural mais importante do Brasil. Revista que acolhe, ao mesmo tempo, os jovens escritores e abriu recentemente uma nova linha, que é a publicação de poetas significativos do mundo inteiro em traduções brasileiras. Trata-se de uma revista em que não se encontra nenhum artigo que seja inútil ou demasiado. O critério adotado pelo Acadêmico João de Scantimburgo é, ao mesmo tempo, o mais rigoroso e o mais aberto. Considera que a atuação de João de Scantimburgo à frente da *Revista Brasileira* tem algo de exemplar e que o torna um dos nossos mais queridos e também um dos mais laboriosos companheiros. Lembrou, a seguir, que, no dia 4 de maio, o Real Gabinete Português de Leitura vai comemorar 170 anos de existência. É uma das maiores Instituições culturais brasileiras, fundada logo após a independência pelos imigrantes portugueses e que ao longo de sua trajetória só se tem enriquecido. No centro da cidade ergue-se o palácio manuelino que é o Real Gabinete Português de Leitura que, além de ser uma jóia arquitetônica, abriga uma das maiores bibliotecas do continente, com uma Camoniana inexcelsável, todos os clássicos portugueses e uma riqueza em pinturas e esculturas. Por tudo isso, há uma razão para que a Academia Brasileira de Letras se associe, com a sua presença e a sua atuação, aos 170 do Real Gabinete Português de Leitura. O jovem Machado de Assis foi um assíduo freqüentador do Real Gabinete Português de Leitura. Lá ele conheceu os clássicos e é de certo modo uma criação do espírito aberto daquela instituição. Sem o Real Gabinete Português de Leitura não teria havido Machado de Assis e sem ele não teria havido a Academia Brasileira de Letras. Sabe que é atribuição do Presidente designar o acadêmico para falar numa sessão comemorativa dos 170 anos daquela Instituição a ser realizada na ABL em maio. Acrescentou que ficaria muito desapontado

se o Presidente não designasse Evanildo Cavalcante Bechara para ser o intérprete dos sentimentos da Academia.

- O Presidente tem certeza de que o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara não recusará este convite. Comunicou também que a Academia já se dirigiu ao Real Gabinete Português de Leitura manifestando, antecipadamente, a sua alegria pelo transcurso dessa data tão expressiva, ademais de já ter designado um confrade para representar a Casa. Acredita ainda no comparecimento de todos os acadêmicos.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho afirmou que, se tivesse de felicitar a sua brilhante atuação, teria que falar em todas as sessões, mas entre os aspectos da sua atividade aponta a obtenção dos recursos externos. Sugeriu ao Presidente que mandasse fazer um levantamento, para ter melhor conhecimento da sua atuação brilhante. Levantou um assunto que está ainda pendente, mas, pelo que descobriu, vem mesmo desde 1922. Na conferência de terça-feira, tentará provar o grande acadêmico e presidente que foi Afrânio Peixoto. Em 1922, relator do Regimento Interno, o Acadêmico Afrânio Peixoto apresentou a seguinte emenda: “Quanto às eleições, seria melhor só votassem os acadêmicos presentes, como se faz na Academia Francesa, modificando o processo.” O Regimento Interno anterior falava que só os acadêmicos ausentes poderiam votar por carta. Por emenda, muito generosa, do Acadêmico Afonso Arinos, caiu esse trecho. Considera deprimente vir à Academia no dia da eleição em que estão presentes vinte e dois ou vinte e três acadêmicos e votam só seis. O processo é demorado; após a última eleição, surgiram várias sugestões, mas nada disso resolve. Considera a votação um ato simbólico, é a afirmação da vontade e só devem votar por carta os acadêmicos ausentes. Sabe que o Regimento será modificado e, mais uma vez, é a sugestão que faz, com certa insistência, porque o Art. 17 incomodou a todos os presidentes que o antecederam.
- O Presidente afirmou que a observação do Acadêmico Alberto Venancio Filho será devidamente considerada. Já na próxima sessão a Diretoria anunciará algo sobre a Reforma do Regimento.

- O Acadêmico Cícero Sandroni, a propósito do livro *Le défi de la différence*, acentuou que todos conhecem a atuação do Acadêmico Candido Mendes de Almeida na sua luta pela latinidade, pela integração de forças vivas contra uma hegemonia que se apresenta hoje no mundo. Afirmou estar certo que deve constar nos *Anais da Academia* a definição de Alain Touraine sobre o Acadêmico Candido Mendes de Almeida contida na primeira página da apresentação desse livro. São apenas dezoito linhas das quais leu parte delas. Acredita que neste parágrafo está simbolizada e significada toda a ação de Candido Mendes de Almeida nos seus périplos mundiais. Pediu licença para ler a primeira página do prefácio de Alain Touraine. “Quantas vozes são tão fortes quanto a que de Cândido Mendes ouvimos? Quando se responde que não há nenhuma outra ou quando se cita um ou dois nomes, estamos todos de acordo: sua voz é única; não apenas devido ao seu tom e à natureza de suas convicções, mas porque Cândido Mendes é o único a falar ao mesmo tempo em termos fortemente nacionais, em nome da latinidade e em escala mundial. Brasileiro, plenamente brasileiro, ele também “inventou” uma latinidade que ultrapassa ou mesmo contradiz as convicções tradicionais dessa palavra. Cidadão de mundo, há muito engajado em alto nível nas ações da UNESCO, ele se pergunta sobre a maneira de limitar ou de combater a hegemonia americana que leva ao risco de destruição absoluta todas as culturas que não aceitam serem absorvidas pelos países-metrópoles”.
- O Presidente lembrou aos acadêmicos que, na próxima quinta-feira, dia 29, às 15 horas, a Academia procederá a aposição do retrato do Acadêmico Barbosa Lima Sobrinho em uma das Galerias da Casa. Após a sessão ordinária, ocorrerá a abertura do Seminário *Brasil, brasis*, edição de 2007, com o tema a “Favelização – Fenômeno das Grandes Cidades”. A mesa será coordenada pelo Acadêmico Helio Jaguaribe. Festejando o fato de que toda a Casa teve a felicidade de estar vivendo neste ano de 2007 o lançamento do n.º 50 da *Revista Brasileira* na ocasião em que se comemoram os seus 110 anos de fundação, encerrou a sessão.

DARIO DE ALMEIDA MAGALHÃES

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente.

Senhora e senhores Acadêmicos.

Para que fique devidamente inscrito em nossos *Anais*, cumpro o dever de registrar o falecimento, na semana passada, de Dario de Almeida Magalhães, um grande advogado brasileiro e também um corajoso democrata, signatário e um dos Autores do Manifesto dos Mineiros, que tanto contribuiu para a derrubada do Estado Novo, no dia 29 de outubro de 1945.

Ao lado de Milton Campos, Afonso Arinos e Virgílio de Melo Franco, Pedro Aleixo, Magalhães Pinto, Odilon Braga, Gabriel Passos, Luís Camilo de Oliveira Neto, Oscar Dias Corrêa, Franzen de Lima, Leopoldo Bessone, José Monteiro de Castro, Carlos Lacerda, Adauto Lúcio Cardoso, Prado Kelly, Hamilton Nogueira, Mário Martins, Euclides de Figueiredo, Aliomar Baleeiro, Júlio de Mesquita, Armando de Salles Oliveira, José Américo, Otávio Mangabeira e Juracy Magalhães, ele, o Dr. Dario, foi um dos grandes líderes da campanha que empolgou os brasileiros contra a ditadura de então.

* Proferidas na sessão do dia 22 de março de 2007.

Foi o fundador e diretor dos jornais *Estado de Minas* e *Diário da Tarde* de Belo Horizonte, além de Diretor dos *Diários Associados*; deputado mineiro à Constituinte Federal de 1933, até 1937; e representante de Minas no Conselho Federal da OAB, durante 10 anos, de 1944 a 1954, quando foi, em 1949, o orador oficial, por ela designado, para falar na sessão solene do Supremo Tribunal, em homenagem ao Centenário do Nascimento de Rui Barbosa.

Foi também Ministro do Tribunal Superior Eleitoral, como representante dos juristas, indicado unanimemente pelo Supremo Tribunal, no qual exerceu, desde 1944, uma intensa atividade como advogado em pleitos judiciais de grande importância e repercussão.

Foi também Presidente do BEG no governo de Carlos Lacerda.

Senhor Presidente.

Senhora e senhores Acadêmicos.

Acompanhei de perto toda esta sua luta, a cujos princípios se manteve sempre fiel, ao longo dos seus 99 anos de vida.

Na empobrecida paisagem brasileira dos dias atuais, com tantos escândalos, subornos, propinas, corrupção, CPIs, mensalões, calças cheias de reais e cuecas recheadas de dólares, o Dr. Dario deixou bem marcado o seu exemplo e a sua lição de admirável advogado, de honrado jornalista e de correto cidadão, continuados pelo seu filho Raphael, com uma extensa e valiosa folha de serviços prestados a toda esta nossa atual geração de brasileiros, que hoje tem todos os motivos para muito lamentar a sua falta e a sua morte.

SESSÃO DO DIA 29 DE MARÇO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Ivo Pitanguy, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao abrir a sessão, submeteu à aprovação do plenário a Ata do dia 22 de março, que foi aprovada. Submeteu também à aprovação a decisão de dar o nome de Barbosa Lima Sobrinho à Sala de Imprensa e Divulgação via Internet; e o nome de Roquette Pinto à Sala de Edição por Rádio e Televisão, propostas que foram aprovadas. Solicitou manifestação do plenário a respeito da aposição dos retratos dos Acadêmicos Francisco de Assis Barbosa e Carlos Chagas Filho nas galerias da Casa. Deu ciência de que a Academia iniciará, com supervisão do Acadêmico Evanildo Bechara, uma janela no *site* da ABL sob o título “A Academia responde”. Serão dadas respostas às perguntas envolvendo questões da Língua Portuguesa. O Acadêmico Evanildo Bechara fará um texto explicativo in-

formando o tipo de resposta que Academia dará às questões que forem apresentadas. Registrou que a Diretoria criou a Comissão Revisora do Regimento com os Acadêmicos Alberto Venancio Filho, Celso Lafer e Tarcísio Padilha. Ficou estabelecida a data de 31 de maio para o anteprojeto ser distribuído aos acadêmicos para discussão, e a deliberação será tomada a 2 de agosto. Lembrou que a indicação do nome para o Prêmio Bunge se encerra no dia 19 de abril.

- O Acadêmico Lêdo Ivo comunicou que o “Suplemento Prosa e Verso” do Jornal *O Globo* publicou domingo último uma resenha sobre o livro *Passaporte para o Futuro – Afonso Arinos de Melo Franco Ensaísta da República*, de autoria de Benrice Cavalcante, que mereceu o prêmio Afonso Arinos, instituído pela Academia, quando da comemoração do centenário do querido, saudoso e grandioso confrade. Encaminhou esse texto à Diretoria a fim de que seja acolhido nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*. Assinalou tratar-se de um pequeno estudo sobre a grandeza e o espírito humanista de Afonso Arinos de Melo Franco, o prosador, o memorialista, viajante na linha de Oliveira Lima, Érico Veríssimo, Ribeiro Couto, e tantos escritores dotados daquilo que Joaquim Nabuco chamou de espírito transoceânico.
- O Acadêmico Afonso Arinos de Mello Franco agradeceu a generosidade do Acadêmico Lêdo Ivo que demonstrou, mais uma vez, a velha amizade que o uniu a Afonso Arinos. Lembrou que a generosidade do Acadêmico Lêdo Ivo é igual à modéstia, quando se esqueceu de dizer que esse livro é uma decorrência do prêmio criado, por proposta dele, para celebrar o centenário de Afonso Arinos. Acentuou que foi ele o responsável por esse livro e pelo artigo. Agradeceu, também, a todos os companheiros desta Casa, que aprovaram por unanimidade a criação desse prêmio.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho deu notícias da cerimônia realizada no Real Gabinete Português de Leitura, em homenagem ao Prof. Marcelo Caetano e na qual representou, por designação do Presidente, a Academia Brasileira de Letras. Discorreu sobre a beleza da cerimônia onde falaram o Dr. Antonio Gomes da Costa, Presidente do Real Gabinete Português de

Leitura, o Prof.º Arno Wehling e o Prof. José Adelino Maltez que fez um painel mais completo da vida de Marcelo Caetano. Finalmente, Rui Patrício, que foi Ministro das Relações Exteriores de Marcelo Caetano, deu um comovido e emocionante depoimento sobre a vida do notável homem público português. Disse do seu constrangimento ao encontrar naquela cerimônia o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara que, a seu ver, deveria ter representado a Academia. Lembrou, ainda, que Marcelo Caetano foi Sócio Correspondente da Academia, ocupava a Cadeira n.º I, precedido pelo Pe. Serafim Leite, o grande historiador da Companhia de Jesus e, atualmente, ocupada pelo grande amigo Antonio Alçada Batista. Lembrou que em agosto se celebra o centenário de Marcelo Caetano, portanto acredita que a Academia, abstraído o aspecto político, deva homenagear o historiador e professor de Direito e que participou de sessões desta Casa.

- O Presidente, em nome da Academia, agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho o desempenho, mais uma vez ilustre, que deu a uma representação da Casa. A propósito, evocou que o ano do centenário de Marcelo Caetano é também o ano do 80.º aniversário de Alçada Batista.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho comunicou que, ao retornar de Oxford, recebeu um pequeno recorte no qual informava que a Universidade de Cambridge havia cancelado o ensino de Português e, também, uma manifestação do Presidente da Academia a propósito deste evento. Esclareceu que a Universidade de Cambridge propõe não acabar totalmente com o ensino de Português, mas o reduzir drasticamente, uma vez que o ensino de nossa língua, tanto lá como em Oxford, é diversificado em língua, lingüística e literatura. O que Cambridge propôs foi eliminar a lingüística e reunir o ensino da língua e da literatura numa disciplina única. Considerou pertinente a manifestação do Presidente, à medida que isso significa uma redução da importância da Língua Portuguesa, que se agrava mais com a possibilidade de que a Universidade de Oxford extinga o Centro de Estudos Brasileiros, que está em discussão e que vai afetar naturalmente o convênio da Academia com aquela Universidade. Prosseguindo, deu ênfase ao registrar e celebrar

os trinta anos de publicação de um livro importante para a historiografia brasileira e, sobretudo, relevante para seu próprio trabalho intelectual. Referiu-se ao livro *Das Arcadas ao Bacharelismo*, do Acadêmico Alberto Venancio Filho, que a Editora Perspectiva publicou em 1977. Por determinação do Presidente, o texto do pronunciamento será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.

- O Presidente disse que a Diretoria se junta prazerosamente ao testemunho de apreço ao Acadêmico Alberto Venancio Filho e ao seu livro de trinta anos, que parece de cem pelo que ensina, e de cinco de tão presente que é.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho agradeceu as palavras do Acadêmico José Murilo de Carvalho e acrescentou nunca ter atentado para que o livro já tivesse trinta anos. Afirmou que lhe agrada muito saber que esse livro tenha influenciado uma personalidade tão importante como o Acadêmico José Murilo de Carvalho, e isso é o melhor elogio que um autor poderia ter.
- O Acadêmico Antonio Olinto ofereceu à Biblioteca Lúcio de Mendonça a nova edição de *Snakes' Nest*, tradução em língua inglesa do romance *Ninho de Cobras*, do Acadêmico Lêdo Ivo. Declarou sentir-se intimamente ligado a esse livro, porque, na época que dirigia o Prêmio Nacional Walmap, a comissão julgadora decidiu dar esse prêmio ao livro do Acadêmico Lêdo Ivo. Quando estava em Londres, leu no *Times* um artigo muito elogioso à tradução desse romance para o inglês. O romance que entrega hoje para a Biblioteca da Casa, *Snakes' Nest*, que saiu por *New Directions*, uma das editoras de vanguarda nos Estados Unidos. Portanto, Lêdo Ivo é o grande poeta e o grande romancista no estrangeiro.
- Na Ordem do Dia, o Presidente passou a palavra ao Acadêmico Cícero Sandroni, que fez a nomeação das Comissões dos Prêmios da ABL, em 2007.
- O Acadêmico Cícero Sandroni declarou que, dando cumprimento ao artigo 58 do Regimento Interno da ABL, informou que as comissões julgadoras dos prêmios da Academia serão designadas pelo Secretário-Geral da Aca-

mia, na última sessão ordinária do mês de março. Na última sessão ordinária do ano passado foi feita informalmente a indicação dos nomes que agora serão designados oficialmente. As comissões estão assim compostas: Prêmio Machado de Assis – para conjunto de obras: Eduardo Portella, Alberto da Costa e Silva, Evanildo Cavalcante Bechara, Marco Maciel e Domício Proença Filho; Prêmio ABL de Poesia: Lêdo Ivo, Ivan Junqueira e Antonio Carlos Secchin; Prêmio ABL de Ficção, Romance, Teatro e Conto: Nélide Piñon, Ana Maria Machado e Moacyr Scliar; Prêmio ABL de Ensaio, Crítica e História Literária: Evaristo de Moraes Filho, Candido Mendes de Almeida e Sergio Paulo Rouanet; Prêmio ABL de Literatura Infanto-Juvenil: Arnaldo Niskier, Murilo Melo Filho e Zélia Gattai Amado; Prêmio ABL de Tradução: João Ubaldo Ribeiro, Sábado Magaldi e Antonio Olinto; Prêmio ABL de História e Ciências Sociais: Alberto Venancio Filho, José Murilo de Carvalho e Helio Jaguaribe; Prêmio ABL de Cinema: Nelson Pereira dos Santos, Lygia Fagundes Telles e Carlos Heitor Cony; e o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes: João de Scantimburgo, Carlos Nejar, Affonso Arinos de Mello Franco, José Mindlin e Celso Lafer.

- O Presidente solicitou, mais uma vez, aos presidentes e relatores das comissões que, à medida que tenham os pareceres elaborados e assinados, os apresentem para serem submetidos à aprovação do plenário. Já se encontra inscrito para a Ordem do Dias da próxima sessão o parecer da Comissão do Prêmio de Literatura Infanto-Juvenil. Observou que, na terça-feira, dia 3 de abril, se realiza, na Sala dos Fundadores, o lançamento do livro *Mirante*, mais uma obra do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, na qual trata, com beleza, graça e fartura de informações, de momentos importantes da vida dele e do Brasil. Lembrou, ainda, que a sessão da próxima semana será na quarta-feira, dia 4 de abril, no horário de sempre, em virtude dos feriados religiosos da Semana Santa. Convidou os acadêmicos a participarem da abertura do “Seminário Brasil, brasis”. Trata-se da retomada de um trabalho que a Casa realizou o ano passado e que deu à ABL uma resposta além das mais favoráveis expectativas. E encerrou a sessão.

*PASSAPORTE PARA O FUTURO –
AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO,
UM ENSAÍSTA DA REPÚBLICA, DE BERENICE
CAVALCANTE*

*Artigo de Adriano Pilatti**

Poucos personagens da cena brasileira do século XX tiveram uma trajetória tão rica como a de Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990.) Político, jurista, literato e professor; tribuno, ensaísta, biógrafo e redator de manifestos; homem do seu tempo imbuído de “amor pelo passado e sentimento de futuro”.

Protagonista de alguns dos momentos mais importantes de nossa história recente e consagrado expoente do constitucionalismo liberal brasileiro, Afonso Arinos coroou sua vida pública como presidente da Comissão de Sistematização da Assembléia Constituinte de 1987-88. Oitavo político do seu “sangue” a integrar o legislativo nacional, ex-chanceler e acadêmico, o mais idoso dos constituintes foi eleito senador do Rio em 1986, após ter sido deputado por Minas Gerais e senador pela Guanabara nas décadas de 1940-60.

* Mestre em Direito Constitucional (PUC-Rio), Doutor em Ciência Política (IUPERJ) e professor de Direito da PUC-Rio. Artigo publicado no Suplemento “Prosa e Verso” de *O Globo*.

Um homem público com poder de autocracia

Além de sua experiência como homem público, algumas características de sua formação e de sua auto-imagem são necessárias para compreender por que o aristocrático e infatigável conspirador do período 1943-1964 pôde, ao tomar posse num dos cargos mais importantes de Constituinte, pronunciar este impressionante misto de testemunho, autocrítica e advertência: “Não tenho condições de servir mais do que aquilo que posso com a minha idade, a minha experiência, o ceticismo próprio daquilo que vivi dos dramas a que assisti dos tremores que absorvi, das tragédias com que convivi nesses tantos anos de ditadura, de esmagamento, de repulsa ao que há de mais justo. [...] Somos responsáveis pelo que acontecer com o Brasil se os sentimentos populares, a participação popular e o direito das grandes massas brasileiras não forem ouvidos nesse recinto”.

O inventário das referências e dos valores que inspiraram a composição das “personas” intelectual e política de Afonso Arinos foi realizado com brilho pela historiadora Berenice Cavalcante. O reconhecimento do seu valor não poderia ter sido mais eloqüente. *Passaporte para o Futuro* conquistou o Prêmio Afonso Arinos de Melo Franco, conferido pela Academia Brasileira de Letras para comemorar o centenário de nascimento do homenageado, ocorrido em 2005.

Com notável rigor acadêmico, pertinente erudição e uma escrita cativante, Bernice Cavalcante percorre e mapeia as trilhas através das quais o “viajante vocacional” Afonso Arinos compôs sua auto-imagem ao longo de sua vida. Através da análise dos ensaios, das conferências, dos perfis biográficos e de outros escritos de Arinos, a autora enfatiza a importância das viagens, da cultura clássica e das raízes mineiras para a formação da identidade intelectual e política do personagem. Entre a Cadeia Velha de Vila Rica e o Capitólio de Roma, entre referências renascentistas e mineiridades familiares, entre evocações dos inconfidentes das Gerais e dos *founding fathers* da Filadélfia, Berenice identifica os elementos amalgamados no perfil do inesquecível aristocrata liberal-humanista.

Para tanto, a professora emérita da PUC-Rio utiliza um cabedal teórico que vai de Petrarca a Chateaubriand, de Walter Benjamin a Robert Darnton, de Alceu Amoroso Lima a Gerd Borheim. O resultado é uma interpretação de refinada acuidade, que nos permite conhecer e entender as influências que estariam na base das inquietações políticas, intelectuais e existenciais de Arinos.

Nos três capítulos do sólido estudo no qual Berenice sintetizou os resultados de sua pesquisa, podemos distinguir melhor as referências desse sofisticado ensaísta que, no recesso de suas reflexões, evocava com igual intimidade as lições de Montaigne e Rousseau. Alcançamos assim as mais profundas pulsações desse fino espírito, para quem a “navegação de cabotagem à beira das estantes” do casarão da Rua Dona Mariana tinha a mesma importância que os passeios a pé, com a amada esposa Annah, pela Roma querida.

Amor pelos clássicos e orgulhosa mineiridade

Como Berenice Cavalcante demonstra a potente mistura de uma reivindicada vocação humanista, de um tranqüilo amor pelos clássicos e de uma orgulhosa mineiridade fizeram de Arinos uma figura singular na galeria da elite dirigente nacional. Tais aspectos permitem alcançar a grandeza do papel que exerceu nos seus últimos anos de vida.

Ao aliar coragem, prudência e moderação, “amor pelo passado e sentimento de futuro”, o presidente da Comissão dos Estudos Constitucionais criada por Tancredo Neves, o cuidadoso interlocutor da Constituinte com as Forças Armadas, o apóstolo da reconstitucionalização democrática permaneceu fiel a um ideário humanista de que sempre se considerou herdeiro. Com tal ideário e a partir dele, pôde reencontrar-se com o próprio passado e delinear, com esmero e sabedoria, o perfil definitivo de sua passagem pela política brasileira. Este é um dos muitos enigmas que o admirável livro de Berenice Cavalcante ajuda a desvendar.

TRINTA ANOS *DAS ARCADAS AO BACHARELISMO*,
DE ALBERTO VENANCIO FILHO

*Palavras do Acadêmico José Murilo de Carvalho**

Senhor presidente,

Peço a palavra para registrar e celebrar os trinta anos de publicação de um livro importante para a historiografia brasileira e, sobretudo, relevante para meu próprio trabalho intelectual. Refiro-me a *Das Arcadas ao Bacharelismo*, de Alberto Venancio Filho. A Editora Perspectiva que o publicou não colocou a data, mas ela pode ser inferida da introdução do autor que registra janeiro de 1977.

Das Arcadas ao Bacharelismo foi um livro inovador. Antes de escrevê-lo, a preocupação do autor centrava-se nos problemas da educação e do direito, particularmente, da reforma do ensino jurídico. Seus estudos e contatos intelectuais convenceram-no de que o Direito e seu ensino não constituíam um campo autônomo, mas se relacionavam estreitamente com o contexto em que se verificavam. Imbuído dessa convicção, ampliou seu escopo da análise, saiu do campo estritamente jurídico e enveredou pela história e pela sociologia. O produto dessa nova orientação e do esforço de pesquisa que dela decorreu foi *Das Arcadas ao Bacharelis-*

* Proferidas na sessão do dia 29 de março de 2007

mo, a primeira sociologia histórica do ensino jurídico e do papel dos bacharéis na sociedade brasileira. O livro foi um grande passo à frente de obras anteriores, como as de Almeida Nogueira e Spencer Vampré e até mesmo da obra refinada de Clóvis Beviláqua, que se limitou ao estudo da Faculdade de Direito do Recife. A contribuição sociológica concentra-se, sobretudo, no capítulo intitulado “A presença do bacharel na vida brasileira”, inovador e rico de sugestões sobre a importância e o sentido do bacharelismo na cultura política nacional.

Graças à nova abordagem, possível pela abertura de espírito e criatividade do autor, um esforço que começara com a preocupação da reforma do ensino jurídico, terminou por produzir uma análise nova e inspiradora da gênese e do sentido do bacharelismo, com suas virtudes e seus vícios. Para mim, particularmente, o livro foi muito importante. Na insegurança própria de um novato, ele serviu para reforçar e ampliar o estudo que fazia da elite política imperial. Hoje, os estudos da sociologia do direito e da profissão de jurista e advogado ampliaram-se muito. Mas *Das Arcadas ao Bacharelismo* já tem garantida sua condição de marco fundador e de fonte inspiradora. Que se reconheça o fato e se honre o mérito.

SESSÃO DO DIA 4 DE ABRIL DE 2007

- Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, Secretário-Geral, estiveram presentes os Acadêmicos; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo e Tarcísio Padilha.
- O Acadêmico Cícero Sandroni, Presidente em exercício, declarou aberta a sessão. Colocou em discussão a Ata do dia 29 de março, que foi aprovada. Discorreu sobre o trabalho e o esforço que vem realizando o Presidente Marcos Vinícios Vilaça em obter recursos para os programas da Academia. Disse de sua admiração à dedicação sempre em prol da Academia Brasileira de Letras.
- O Acadêmico Domício Proença Filho registrou o lançamento auspicioso e literariamente relevante do livro *Melhores Poemas Alberto da Costa e Silva*. Os melhores poemas de um dos maiores poetas entre os que fazem a literatura brasileira contemporânea. O mais categorizado especialista em estudos sobre a África no Brasil. Um livro de bela capa e cuidada edição, que integra a cole-

ção dirigida pelo dinamismo de Edla van Steen para a Editora Global. Por determinação do Senhor Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Domício Proença Filho a excelente crítica que fez do livro *Melhores Poemas Alberto da Costa e Silva*, cuja leitura já iniciou.
- O Acadêmico Carlos Nejar disse alegrar-se ao ouvir a análise do Acadêmico Domício Proença Filho sobre a poesia do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, filho do grande poeta Da Costa e Silva. Acrescentou que neste livro não está apenas a relação de filho com o pai, mas também a sua independência, ao criar na sua poesia o seu pai.
- O Acadêmico Lêdo Ivo entregou ao Centro de Memória seis artigos manuscritos originais de José Lins do Rego, entre eles *Moby Dick*, de Herman Melville e outro sobre Joaquim Nabuco. Entregou também noticiário do falecimento de José Lins do Rego, na *Tribuna da Imprensa* e valiosas fotografias de Manuel Bandeira com Alceu Amoroso Lima, Agripino Grieco, Guimarães Rosa, Marques Rebello, Thiago de Mello, Paulo Mendes Campos, Roberto Marinho, Odilon Ribeiro Coutinho, Josué Montello e com ele próprio.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin manifestou total satisfação com a doação feita e desejou que o Acadêmico Lêdo Ivo abra outros baús seus com a mesma generosidade.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Lêdo Ivo e sugeriu que o Acadêmico Murilo Melo Filho incluísse essas fotografias na exposição do dia 19 de abril, dia da inauguração do busto de Manuel Bandeira, na praça em frente ao Palácio Austregésilo de Athayde. Cumprimentou o Acadêmico Lêdo Ivo pelo gesto de preservar a memória de Manuel Bandeira, um dos maiores poetas brasileiros.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe congratulou-se com as observações feitas pelo Acadêmico Cícero Sandroni a respeito do Presidente Marcos Vinícios Vilaça. Disse entender que a função de Presidente da Academia Brasileira de

Letras é, possivelmente, uma das mais honrosas da República, extremamente árdua e permanente, uma função graciosa onde o esforço contínuo do Presidente não apenas está voltado para as demandas da Academia, mas para a exaustiva função de representar a ABL perante todos os fóruns relevantes do país e do exterior. Finalizando, disse que compete a todos prestigiar o acadêmico que esteja no exercício da presidência.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida manifestou-se sobre a recente eleição de figuras brasileiras para o Pantheon, fazendo uma comparação crítica entre os resultados da primeira eleição na qual, entre as personalidades da cultura brasileira, figuravam Rui Barbosa e Santos Dumont. Referiu-se à atual seleção, a partir de pesquisa levada a termo pelo jornal *Folha de São Paulo*.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho comentou a seleção do Pantheon e ressaltou a figura do Acadêmico Rui Barbosa, lembrando o artigo de Santiago Dantas intitulado “Rui – a renovação da sociedade”.
- O Acadêmico Ivan Junqueira submeteu ao plenário o Parecer da Comissão do Prêmio ABL de Poesia.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho pediu a palavra para ler o Parecer do Prêmio ABL de Literatura Infanto-Juvenil na próxima semana, dia 12 de abril, por não estar assinado, ainda, pela Acadêmica Zélia Gattai Amado.
- O Presidente solicitou aos acadêmicos reserva sobre o nome dos premiados, uma vez que a intenção da Academia é anunciar os prêmios no mês de julho, em seu conjunto. Deu ciência ao plenário do valor dos prêmios: o Prêmio Machado de Assis passou de R\$ 75.000,00 para R\$ 100.000,00; os prêmios referentes às diversas categorias passaram de R\$ 35.000,00 para R\$ 50.000,00, aumento que foi possível graças ao trabalho do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, junto a Companhia Vale do Rio Doce, que, num ofício, manifestou a satisfação em patrocinar esses prêmios.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco solicitou à Diretoria que submetesse ao plenário o parecer do Prêmio ABL de Poesia.

- O Presidente colocou em discussão o Parecer referente ao citado Prêmio, que foi aprovado.
- O Acadêmico Carlos Nejar congratulou-se com a escolha dos nomes dos premiados para o Prêmio que acabara de ser aprovado.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho lembrou a tradição de assinalar as Efemérides e, a propósito, discorreu sobre João Neves da Fontoura. Parlamentar, jurista, diplomata, ministro de Estado e grande orador. Citou os vários aspectos a ele relativos salientados pelo Acadêmico Tarcísio Padilha no seu discurso de posse. Lembrou o Acadêmico Afonso Arinos de Melo Franco ao dizer que o papel de João Neves da Fontoura como orador foi fundamental para a vitória da Aliança Liberal e citou um trecho das suas memórias: “O orador foi um dos maiores, senão o maior de seu tempo. Curioso, mas prudente, dicção clara, voz velada, mas forte, presença impressionante, usa com presteza os recursos da cultura mais agradável e profunda. Quantas vezes o ouvi, e quantas vezes o admirei...”. Como Embaixador do Brasil em Portugal, de 1940 a 1943, quando teve como auxiliar o Acadêmico Ribeiro Couto, fez da oratória o instrumento de sua ação diplomática. Os discursos reunidos no volume *Palavra aos Portugueses* representa o seu esforço em estreitar as relações entre Brasil e Portugal. Por determinação do Presidente o texto completo será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Carlos Nejar associou-se às palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre João Neves da Fontoura, grande político e orador do Rio Grande do Sul, que marcou a história gaúcha junto com duas grandes figuras que são Flores da Cunha e Assis Brasil.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe assinalou o fato de que a tributação de um prêmio literário é um escândalo. Entende que é preciso que uma instituição como a Academia Brasileira de Letras, que representa as Letras e a Cultura, se dirija expressamente à autoridade competente mostrando que, quando o Estado nada faz pela Cultura, pelo menos não puna aqueles que estão sendo premiados pelas Academias e que estão dando valor à Cultura.

- Sobre a tributação dos prêmios literários pronunciaram-se ainda os Acadêmicos Cícero Sandroni, Ivan Junqueira, Alberto Venancio Filho e Antonio Olinto.
- O Presidente agradeceu as palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre João Neves da Fontoura. Lembrou o importante papel do parlamentar na Revolução de 1932, como o orador das forças constitucionistas da época. Nada mais havendo a tratar, deu por encerrada a sessão.

OS MELHORES POEMAS DE ALBERTO DA COSTA E SILVA

*Palavras do Acadêmico Domício Proença Filho**

Para registrar, senhor Presidente, senhores Acadêmicos, prezados confrades, um lançamento auspicioso e literariamente relevante: os melhores poemas de um dos melhores poetas entre os que fazem a literatura brasileira contemporânea, sobre ser o mais categorizado especialista em estudos sobre a África no Brasil: Alberto da Costa e Silva.

O livro, de bela capa e cuidada edição, integra feliz coleção dirigida pelo dinamismo de Edla Van Steen para a Editora Global.

Os textos, selecionados pela sensibilidade crítica de André Seffrin, que também prefacia a obra, sintetizam as marcas dominantes na poesia do autor de *Ao Lado de Vera*.

São poemas extraídos de dez livros publicados. Na maioria na discrição de edições de 500 exemplares, destinados aos amigos. O que torna ainda mais significativa a presente edição.

* Proferidas na sessão do dia 4 de abril de 2007.

Trata-se de poesia em que se associam, harmonicamente, traços de linhas de força evidenciadas na literatura brasileira em processo, sem filiações explícitas ou assunção de programas. De um lado, a tradição da tradição, presentificada no culto do soneto, no verso medido de preocupação existencial, na linhagem dos poetas reflexivos; de outro — sempre presente a reflexão — a tradição modernista, revelada no domínio seguro e cuidado do verso livre da imagística: a linguagem rigorosamente trabalhada por um poeta-artesão que, com plena consciência de seu mister “carde, fia, dobra e tece” poemas curtos, poemas longos. Para além, um que outro exercício lúdico, e, mais acentuada, a presença de poemas em prosa, como, para citar um exemplo, “Hoje: gaiola sem paisagem”. Arte: “o mar do instante”, a matéria sem submissão ao trivial. Elaborada por quem conhece o mistério dos silêncios, a sutileza do território em que transita. Poesia de alta linhagem. Reconhecida pela melhor crítica literária, como testemunha, entre muitos, o juízo de José Guilherme Merquior:

“Alberto pertence à raça dos contemplativos ardentes, que extraem seiva lírica da matéria mais humilde, do gestor mais banal, do momento mais precário (...) O verso sincopado é o seu respiro, cheio de ênfases lacônicas — pausas — ditadas por um sentimento do mundo como que destiliado”.

JOÃO NEVES DA FONTOURA

*Estudo do Acadêmico Alberto Venancio Filho**

O dia 31 de março assinala a data do falecimento de João Neves da Fontoura, ocupante da cadeira número 2. Há dias falando sobre Afrânio Peixoto, encerrei minha palestra com a transcrição da oração, que, então Presidente da Casa, pronunciou por ocasião desse funeral. É um belo modelo de oratória que está desaparecendo entre nós.

A oportunidade me levou a reler vários de seus livros, dedicados a esta forma literária. E o encantamento foi grande, não apenas pela forma mas também pelo conteúdo.

A figura de João Neves pode ser apreciada por vários prismas: o político, o parlamentar, o embaixador, o ministro de estado, mas, nessa breve, alocução tratarei apenas do orador. Num primoroso (e primoroso é pleonasma) discurso com que tomou posse nesta Casa, o acadêmico Tarcísio Padilha, atual ocupante da cadeira número 2, salientou este aspecto:

“João Neves foi antes de tudo um tribuno. E um tribuno político, parlamentar. A retórica havia de modelar-lhe a alma e marcar sua passagem pela vida pública e pelas letras”.

* Apresentado no capítulo das Efemérides na sessão do dia 4 de abril de 2007.

De fato, foi pela oratória que João Neves se projetou no cenário nacional. Tendo no Rio Grande do Sul exercido as funções de deputado estadual e prefeito da cidade natal, participou da famosa turma de 1907, constituída, entre outros, de Getúlio Vargas, Oswaldo Aranha, Maurício Cardoso, os “jovens turcos” e Borges de Medeiros. Eleito deputado federal em 1926, fez da oratória o combate ao regime da República Velha, que constituiu um dos fatores da vitória da Aliança Liberal em 1930.

Afonso Arinos o conheceu nessa época e assim o descreveu:

“Orador, foi dos maiores, senão o maior de seu tempo. Corajoso mas prudente, agressivo mas cortês, dicção clara, voz velada mas forte, presença impressionante apesar da exígua estatura, manejando com faiscante presteza os recursos de uma cultura mais agradável que profunda, memória pronta, atenção constante, senso agudo de oportunidades, era João Neves na tribuna o ágil duelista invulnerável no seu estreito território. Quantas o vi e ouvi, quantas vezes o admirei”.

Acrescentou Afonso Arinos:

“Sua eloquência preparou a Revolução Nacional em 1930 e sustentou a Revolução Paulista de 1932”.

Depois, voltou como deputado federal e líder membro da oposição em 1934, e os discursos reunidos em “A voz das oposições brasileiras” são de alta qualidade.

Acho importante destacar que, quando Embaixador do Brasil em Portugal de 1940 a 1943, tendo como auxiliar o nosso confrade Ribeiro Couto, fez da oratória instrumento da ação diplomática. Os discursos reunidos no volume “Palavras aos Portugueses”, no esforço de estreitar as relações entre Brasil e Portugal, foram numerosas suas falas, entre outras, na Ordem dos Advogados, na Academia de Ciências de Lisboa e vários outros pronunciamentos políticos.

Na Academia, foi um orador pouco assíduo, mas recebeu Aníbal Freire e Álvaro Lins, e, nesta última saudação, definiu o que considerava oratória:

“Os que anunciaram a morte da eloquência, anunciaram a morte da retórica, que é a caricatura da eloquência. O que morreu foi a fraseologia sem idéias, foi a forma sem fundo, foi o contingente das palavras sem a alma imortal dos pensamentos”.

O ponto alto da oratória do acadêmico João Neves da Fontoura foi o discurso de recepção nesta Casa sucedendo a Coelho Neto. O discurso ocupa quase sessenta páginas, e demonstra que, além de grande orador, tinha boas letras e conhecia a fundo a obra de Coelho Neto. Do discurso vou transcrever o início e o final:

“No relógio da minha vida muitas horas tenho ansiosamente esperado que soem. Todos nós temos as nossas horas esperadas e, aguardando-as, contamos febrilmente os minutos que quase sempre são duros anos decepcionados – ou porque a hora nunca chega a soar, ou se soa, nunca traz a apetecida alegria, se é que as longas e dolorosas vigílias não esbatem na tristezas da demora, as luzes que, de longe, logo pareciam solares”.

E no término, falando do fundador da cadeira Álvares de Azevedo, e do primeiro ocupante Coelho Neto: “Fico sendo aqui, por uma confirmação do destino, uma sombra entre dois clarões”.

Ao recebê-lo nesta Casa, outro grande orador Fernando Magalhães contesta que ele fosse uma sombra, mas um clarão como os outros dois.

Verifiquei, ao examinar os *Anais* da Casa, que, em 1959, a Academia realizou um curso de Oratória quando falaram Aníbal Freire, Afonso Arinos, Levi Carneiro e vários outros. O tema ficou esquecido e creio que a Academia deveria ressuscitar a Oratória. Pense no próximo ano algo sobre a Oratória no Brasil, tão mal apreciada e esquecida.

SESSÃO DO DIA 12 DE ABRIL DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Carlos Heitor Cony, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Moacyr Scliar, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, declarou aberta a sessão. Colocou em discussão a Ata do dia 4 de abril que, após reparos feitos pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, foi aprovada. Esclareceu ao Plenário que a ausência do Acadêmico Cícero Sandroni se deve ao fato de estar representando a Academia nos atos relativos à posse do escritor Ignácio Loyola Brandão na Academia Paulista de Letras. Solicitou uma salva de palmas em homenagem ao Acadêmico Tarcísio Padilha que aniversaria dia 17 de abril próximo. Festejou a posse do Acadêmico Marco Maciel no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, saudado pelo escritor Vamireh Chacon. Congratulou-se com a Acadêmica Ana Maria Machado, que foi distinguida, no capítulo Letras, pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil. Deu ciência ao Plenário que a Galeria Manuel Bandeira está com a metade da programa-

ção das exposições cumprida para o ano de 2007. Observou que a Academia, este ano, conta com cinco milhões, quatrocentos e quarenta mil reais em patrocínios, podendo assim, cumprir a programação da Casa. Deu notícias de que a expectativa do Site *ABL Responde* foi ultrapassada. Em três dias foram mais de setecentas questões levantadas pelo público, supervisionadas pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara e com a participação do Setor de Informática da Casa, a cargo do Dr. Raphael Pinheiro. Comunicou que vai representar a Academia na Semana de Cultura Brasileira, em Londres, antecipando as comemorações do centenário de morte de Machado de Assis; ainda em Londres, acontecerá o Ciclo de Cinema onde a Academia estará presente representada pelo Acadêmico Nelson Pereira dos Santos. Lembrou aos Acadêmicos o jantar que será oferecido pela Senhora Lily de Carvalho Marinho, no dia 21, em comemoração aos 110 anos da Academia Brasileira de Letras, e, no dia 19, o jantar oferecido pelo Governador Sérgio Cabral, no Palácio das Laranjeiras. Falou sobre o projeto Cenas Clássicas, que teve o apoio do Acadêmico Eduardo Portella e da Acadêmica Ana Maria Machado na concepção, no ideário, na contextualização e justificativa, cujo objetivo central é o de contribuir para a disseminação da prática da leitura em escala nacional, com o intuito de fornecer oportunidade ímpar de inclusão social de milhares de brasileiros, através das portas que o mundo da leitura de obras literárias abre para o cidadão não leitor ou leitor inexperiente. O projeto foi aprovado pela Lei Rouanet, com o patrocínio do Banco Saffra.

- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara teceu algumas ponderações sobre o serviço *ABL Responde*. Propôs que as perguntas relativas à ortografia, acentuação gráfica e emprego do hífen, que estão oficialmente registradas no Formulário Ortográfico de 1943, com as reformas de 1971, podem ser consultadas no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Para as perguntas relativas à sintaxe, concordância, regência e, principalmente, colocação de pronomes, os consulentes devem enviar o texto indicando a sua dúvida. No tocante ao significado das palavras, que só tem realidade dentro de um con-

texto, é preciso que o consulente envie o texto para que a ABL lhe possa dar a resposta que deseja.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça solicitou que os Acadêmicos acompanhassem, na palavra do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, a importância que a Academia concedeu à implantação e organização do seu serviço de informática: o novo portal da ABL e as formas de comunicações como as sessões on-line. Informou que o Portal da UOL, que tem 100 mil acessos/hora, colocou na sua página de abertura a informação sobre o serviço *ABL Responde*.
- O Acadêmico Moacyr Scliar congratulou-se com a Academia pela iniciativa do serviço *ABL Responde*, que pode representar um diagnóstico das dúvidas mais freqüentes. Sugeriu que a Academia transformasse em um banco de dados as dúvidas mais freqüentes para ser distribuído à rede escolar, como forma de instrumentalizar os professores.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara disse julgar a idéia do Acadêmico Moacyr Scliar oportuna e informou que a Academia já está organizando um banco de dados com as dúvidas mais freqüentes. Dando cumprimento ao pedido da Presidência para que os Acadêmicos sugerissem temas a serem considerados para a reunião conjunta das Academias Brasileira de Letras e das Ciências de Lisboa, deu ciência ao Plenário dos temas sugeridos: “Brasil e Portugal: intercâmbios literários”; “Um império nos trópicos: a vinda da Família Real”; “Papel de Dom João VI na união com Portugal e Brasil”; “Preservação do destino nacional nas condições do século XXI”; “Democracia de massas e boa governança”; “O Humanismo nas sociedades tecnológicas de massas”; “Intercâmbio *on-line* entre as duas Academias”; “Efemérides conjuntas comemorativas de datas redondas com 6 livros em co-edição”; “A Língua Portuguesa: unidade e diversidade”; “Acordo de unificação ortográfica da Língua Portuguesa e Políticas de apoio ao intercâmbio de livros em língua portuguesa editados nos países lusófonos”.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça esclareceu que a votação da escolha dos temas para a Reunião Conjunta entre as Academias Brasileira de Letras e Ciências de Lisboa será no dia 26 de abril do corrente ano.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco indagou à Diretoria se os Acadêmicos poderiam, desde já, entregar ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara a indicação dos temas escolhidos para a reunião conjunta entre as Academias.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara leu o Parecer do Prêmio Machado de Assis.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho ponderou que o Artigo 59 do Regimento Interno da Academia estabelece que a Comissão do Prêmio Machado de Assis deve propor à Diretoria três nomes para escolha em votação secreta.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, a propósito, indagou ao Plenário se concordava com a ponderação do Acadêmico Alberto Venancio Filho ou se votava o parecer apresentado pela Comissão.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco sugeriu acrescentar ao texto do Parecer mais dois nomes a fim de que se cumprisse o Regimento da Academia.
- O Acadêmico Lêdo Ivo disse que cabe à Comissão propor à Diretoria três nomes de candidatos que serão submetidos à decisão do plenário, para escolha em votação secreta.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho leu o Parecer da Comissão do Prêmio ABL de literatura Infante-Juvenil. Por determinação do Senhor Presidente o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça colocou em votação o Parecer do Prêmio ABL de Literatura Infante-Juvenil, que foi aprovado.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva e o Secretário das Culturas da Cidade do Rio de Janeiro, Dr. Ricardo Macieira, especialmente convidado, fize-

ram a apresentação do programa, executado em conjunto pela Academia Brasileira de Letras e a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, para as comemorações dos 200 anos da chegada da Família Real ao Rio de Janeiro. O Programa se estenderá de julho de 2006 até dezembro de 2008, com a maior parte de suas atividades no ano de 2008. Fez a seguir uma súmula do que será realizado: o lançamento do Concurso de Redação e Desenho para alunos da Rede Municipal de Ensino e divulgação do Prêmio D. João VI; lançamento da tradução do diário de viagem de Thomas O’Neil, editado pela primeira vez no Brasil, com apresentação da Prof.^a Lília Schwarcz; lançamento do estudo inédito de Kenneth Light sobre os diários de bordo das embarcações que acompanharam D. João e a Família Real ao Brasil; lançamento do estudo inédito do Embaixador Vasco Mariz sobre a Música na Corte de D. João; lançamento da tradução do livro de Jeanne Marie Leprince de Beaumont, “*Thesouro de Meninas, ou Diálogos entre uma Sábia Aia, e Suas Discípulas de Primeira Distinção...*”, reeditado com apresentação de Ana Maria Machado; reedição do trabalho modelar do engenheiro e arquiteto Adolfo Morales de los Rios Filho “Grandjean de Montigny e a evolução da arte brasileira”. A obra foi impressa pela primeira vez em 1941; lançamento do livro de Domingos Rodrigues *Arte de Cozinha*, reeditado com apresentação da historiadora Paula Pinto e Silva. A edição acompanhará um livreto contendo uma seleção de receitas da obra de Domingos Rodrigues, testadas e aprovadas por um renomado *chef* carioca; a partir deste mês, na Praça XV de Novembro, a Banda do Corpo de Fuzileiros Navais realizará periodicamente apresentações para o grande público; lançamento de livro contendo dois folhetos oitocentistas sobre a situação sanitária da cidade do Rio de Janeiro no período joanino. Estes folhetos foram impressos originalmente na Imprensa Régia e, nesta reedição, serão acompanhados de um texto de apresentação de Moacyr Scliar, além de estudo original de Alberto da Costa e Silva sobre o papel da Imprensa Régia criada por iniciativa de D. João; apresentação à cidade da Restauração do Monumento Comemorativo de 100 anos da Abertura dos Portos; inauguração de exposição de livros e manuscritos raros dos tempos de D. João e lançamento do respectivo catálogo. Lança-

mento da reedição da obra clássica de Voltaire, *La Henriade*, acompanhada de apresentação de Sergio Paulo Rouanet. A edição original foi publicada pela Impressão Régia em 1812. Finalizando, entregou na mão do Presidente o catálogo com a programação das comemorações do Bicentenário da Chegada de D. João ao Rio de Janeiro.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva o seu empenho neste programa para registrar adequadamente a chegada da Família Real ao Brasil, e determinou que a Secretaria encaminhasse o citado Catálogo ao Arquivo da ABL.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho disse tratar-se de programação extraordinária, muito bem apoiada historicamente, republicando documentos preciosos e apresentado novos documentos. Congratulou-se com o Prefeito César Maia, o Acadêmico Alberto da Costa e Silva e o Secretário das Culturas Ricardo Macieira.
- O Presidente agradeceu à Comissão e encareceu ao Secretário das Culturas, Dr. Ricardo Macieira, que transmita as saudações desta Casa ao Prefeito César Maia. Agradeceu também a presença dos distintos visitantes e convidou, desde logo, todos os Acadêmicos para que, na quinta-feira, dia 19, às 17 horas, participem do ato de inauguração da Estátua de Manuel Bandeira e, em seguida, da exposição sobre Manuel Bandeira que acontecerá na Galeria Manuel Bandeira e na Biblioteca Rodolfo Garcia. Lembrou que, a seguir, haverá a mesa-redonda do centenário do nascimento de Marques Rebelo e, logo depois, o lançamento do livro *Riso e Melancolia*, do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet. E encerrou a sessão.

PARECER DO PRÊMIO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL 2006

*Apresentação do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Sempre é uma dificuldade julgar os trabalhos de literatura infantil. Não tanto pelo seu número, mas pela sensibilidade dos seus autores.

Em 2006, aderindo pela primeira vez ao livro infantil, a escritora e poeta Adélia Prado merece a indicação que ora fazemos. A obra *Quando eu Era Pequena*, descoberta entre os seus textos, conduz o leitor a uma doce viagem pelas recordações da infância. As ilustrações de Elizabeth Teixeira se harmonizam à perfeição com os cheiros, sabores, tristeza e alegrias da autora, na apresentação de um mundo maravilhoso de descobertas. Adélia é bem incisiva quando explica:

“Não há mistério, tampouco premeditação. É uma narração sobre as lembranças de Carmela. Mas concordo que toda ficção é um artifício para falar de nós mesmos.”

Quando eu Era Pequena, por sua intensa criatividade, merece que se atribua o prêmio à escritora Adélia Prado, que nasceu em Divinópolis, Minas Gerais,

* Na sessão do dia 12 de abril de 2007.

onde mora até hoje. Sua formação é em magistério e filosofia. Em 1976, publicou o seu primeiro livro, *Bagagem*, que reúne poesias.

O ano de 1978 marcou o lançamento de *O Coração Disparado*, que foi agraciado com o prêmio Jabuti. Estreou em prosa no ano seguinte, com *Solte os Cachorros*. Em 1994, rompeu o silêncio poético com o livro *O Homem da Mão Seca*. Em agosto de 2000, o CD “O tom de Adélia Prado”, no qual lê poemas do livro *Oráculos de Maio*. Há muitas outras obras dessa escritora consagrada, que agora temos a honra de homenagear.

Este é o nosso Parecer.

Rio de Janeiro, 10 de Março de 2007.

Assinados:

Murilo Mello Filho

Arnaldo Niskier

Zélia Gattai Amado

SESSÃO DO DIA 19 DE ABRIL DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos; Cícero Sandroni: Secretário-Geral; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Ivan Junqueira, José Mindlin, Lêdo Ivo, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça declarou aberta a sessão. Colocou em discussão a Ata do dia 12 de abril 2007, que foi aprovada. Pediu uma salva de palmas para a Senhora Maria Carmen de Oliveira, Secretária Executiva, que completa, no dia de hoje, 41 anos de serviços à Academia Brasileira de Letras. Festejou a Acadêmica Lygia Fagundes Telles, que aniversaria hoje, o Acadêmico Helio Jaguaribe, dia 23, e José Sarney, dia 24. Congratulou-se com os Acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco, Candido Mendes de Almeida e Paulo Coelho que foram distinguidos pelo Governo de Minas Gerais com a Ordem do Mérito Tiradentes. Deu ciência à Casa de que o Acadêmico Antonio Olinto receberá o título de Membro da Academia Fortalezense de Letras e será homenageado na cidade de Sobral, no Ceará. Informou que a Academia vai celebrar um ajuste com o

Governo do Distrito Federal, dentro das festas de aniversário de Brasília, distribuindo livros da Academia às bibliotecas do Distrito Federal. Os livros serão disponibilizados pela Academia e transportados para a Capital por conta do Governo do Distrito Federal. Registrou que o Acadêmico Alberto Venancio Filho ofereceu à Biblioteca Rodolfo Garcia um conjunto de 30 livros, integrantes da Biblioteca da Pléyade. Deu ciência aos Acadêmicos da transição, em Brasília, de um Projeto de Lei do Senador Marcelo Crivella, para incluir nos benefícios da Lei Rouanet os credos religiosos. Considera um novo assalto à Lei Rouanet e acha que a Academia não deve silenciar. Indagou do Plenário sugestões do que a Academia deve fazer para manifestar a sua inconformidade.

- O Acadêmico Lêdo Ivo, sobre o assunto, acha que a Presidência da Academia deve se manifestar mostrando o disparate dessa dispersão indevida dos recursos da Lei Rouanet para credos religiosos e invocar a autoridade da Academia, não apenas como Instituição Cultural como pelo fato do autor da Lei ser um Acadêmico.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet disse não ser a primeira vez que se tenta desvirtuar os objetivos da Lei de Incentivo à Cultura. Recentemente conversou com o Presidente Marcos Vinícios Vilaça a propósito da tentativa do *lobby* do esporte tentar canalizar, para as atividades esportivas, parte dos recursos reservados à Lei de Incentivo à Cultura. Na ocasião, entrevistaram vários representantes importantes da classe cultural e o Presidente se prontificou a tomar as iniciativas que coubessem, junto às duas Casas do Congresso, tentando bloquear qualquer solução que viesse a dispersar os recursos que são destinados à cultura. Lembrou ao Acadêmico Sergio Paulo Rouanet que ficou acertado na época, em vez de o dinheiro ser desviado dos recursos reservados para a Lei Rouanet, abrir-se-ia uma nova fonte de recursos, não havendo nenhuma diminuição dos destinados à cultura. Acha que alguma coisa nesse gênero poderia ser feita e salientou a importância da intervenção do Presidente para dar uma solução conciliatória ao problema.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier, sobre o problema, acrescentou que a imprensa tem-se manifestado contra o projeto do Senador Marcelo Crivella. Propôs que a correspondência feita, em nome da Academia, seja enviada também, oficialmente, ao Senador Marcelo Crivella para que ele conheça o pensamento da Casa e talvez retire o projeto.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha, na seqüência, disse que a Lei Rouanet tem objetivos bem precisos no plano da cultura, não podendo apresentar-se aos olhos do país com uma coloração religiosa, marcadamente ideológica. Deve ficar dentro do espírito com que foi concebida. Entende que a fala do presidente é a fala da Casa, da cultura, não há de permitir, no âmbito da influência que puder exercer, não há de faltar o sentido de elevação dos pronunciamentos da ABL sempre que estiver em jogo o valor da cultura como a grande prioridade que marca o sentido da Academia Brasileira de Letras.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, em referência ao Projeto do Senador Marcelo Crivella, sugeriu que a manifestação da Presidência refletisse expressamente a aprovação unânime da Academia Brasileira de Letras.
- O Acadêmico Lêdo Ivo sugeriu que a posição da Academia Brasileira de Letras se tornasse pública, através dos meios de comunicação para que o público tome conhecimento de que a Academia participa do problema.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça acrescentou que irá buscar cooperação dos congressistas Acadêmicos: José Sarney e Marco Maciel.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho acrescentou informações sobre a programação em que se comemoram os 121 anos do nascimento do Acadêmico Manuel Bandeira. A programação incluída nas comemorações dos 110 anos da Academia constará da inauguração de uma escultura do poeta, produzida pelo escultor Otto Dumovitch e da exposição: “Manuel Bandeira o Tempo Inteiro”, organizada pela Biblioteca Rodolfo Garcia. Por determinação do Senhor Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*. Pediu a inclusão nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*, do texto “A dimensão de um poeta: transgressão e modernidade”, escrito pelo

Acadêmico Antonio Olinto e publicado no Jornal *Tribuna da Imprensa*, onde cita Baudelaire, segundo o qual, para adivinhar a alma de um poeta, devemos procurar em sua obra a palavra ou quais as palavras que nela figuram com mais freqüência: noite, dia, tempo, eternidade, pássaro, estrela, sol, constelação e sonho.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier entregou à Biblioteca Rodolfo Garcia o livro *Mulheres de Água*, do escritor Gabriel Chalita. Ao comentar a obra, ressaltou que fala de mulheres tímidas ou lascivas, enjeitadas ou assediadas, fiéis ou volúveis, perdulárias, prudentes, perversas, esquisitas e amorosas. Uma sucessão de contos muito bem escritos, que mereceu do Presidente Marcos Vinícios Vilaça o seguinte comentário: “...Gabriel Chalita teve a felicidade de intitular este *Mulheres de Água*, cujos pequenos contos e sintéticas narrações, cobrem um vasto espectro da alma feminina...”.
- O Acadêmico Cícero Sandroni comunicou que representou a Academia na posse do escritor Ignácio Loyola Brandão na Academia Paulista de Letras, recebido pelo escritor Fábio Lucas.
- O Acadêmico Domício Proença Filho, por solicitação do Presidente, informou ter consultado vários acadêmicos sobre a indicação para o Prêmio Bunge, atual versão do Prêmio Moinho Santista. Declarou ter recebido a informação de que a tradição é acompanhar os votos da SBPC e a sugestão do Acadêmico José Murilo de Carvalho de consultar a Academia Brasileira de Ciências.
- O Acadêmico Ivan Junqueira comunicou que, nos anos em que era Presidente, a tradição da Fundação Bunge era atribuir um prêmio a um talento jovem. Indagou se permanecia tal orientação.
- O Acadêmico Domício Proença Filho leu, a título de esclarecimento, ofício dirigido à Academia em que declara que os prêmios serão conferidos, em 2007, a duas áreas de conhecimento – em Ciências Agrárias, à Agroenergia e, em Ciências Humanas e Sociais, à Antropologia/Arqueologia, e será tam-

bém concedido o Prêmio Fundação Bunge Juventude a jovens com até 35 anos de idade, autores de dissertação de Mestrado ou tese de Doutorado, ou que tenham se sobressaído nas especialidades mencionadas.

- O Acadêmico Ivan Junqueira acrescentou que, depois da leitura do Ofício da Fundação Bunge, ficou claro que o prêmio destinado aos talentos jovens pertence a uma área que foge completamente à judicção.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier lembrou que, em algumas oportunidades, foi designado pelo Presidente Austregésilo de Athayde para representá-lo neste prêmio, na época, Moinho Santista. O plenário da Academia nunca teve nenhuma dificuldade de indicar nomes em qualquer área do conhecimento científico, tecnológico e cultural de um modo geral. Ponderou que a Academia deva exercer o direito de fazer a indicação e nunca secundar a indicação de uma instituição.
- O Acadêmico Domício Proença Filho comunicou que foi oferecida ao plenário a dupla possibilidade para a decisão. Solicitou ao Presidente, na condição de delegado *ad hoc* para tratar do assunto, que a matéria fosse submetida à discussão e votação. São duas possibilidades, acrescentou: ou seguir a tradição que lhe foi informada ou assumir indicação. Mas a indicação tem que emergir do plenário. Como não recebeu dos acadêmicos qualquer indicação, trouxe a questão para ser discutida.
- O Acadêmico Cícero Sandroni comunicou que esse ofício foi enviado a todos os Acadêmicos. Solicitou que o plenário se manifestasse informando quais seriam os candidatos nessas áreas.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier indicou em Arqueologia o nome de uma especialista.
- O Presidente submeteu à votação as duas propostas: indicação dos Acadêmicos ou acompanhamento da SBPC. Feita a votação, o plenário decidiu pela indicação dos nomes pelos acadêmicos.

- O Acadêmico Domício Proença Filho sugeriu que sejam dados mais oito dias para a apresentação das indicações.
- O Presidente esclareceu que, quando este documento foi distribuído aos Senhores Acadêmicos, foi dito pelo despacho da presidência que até o dia 19 de abril deviam ser feitas as escolhas. O coordenador do assunto, designado pela presidência, foi o Acadêmico Domício Proença Filho, que está sugerindo um prazo maior para a escolha. Não é fora de propósito e a presidência concede. Na próxima sessão deverão ser trazidos os nomes que serão apresentados ao plenário.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier acrescentou outro nome para a área de Agroenergia .
- O Presidente considerou a indicação do Acadêmico Arnaldo Niskier.
- O Acadêmico Domício Proença Filho disse que gostaria de receber, como coordenador, os currículos fundamentados dos indicados, a fim de ser atendido requisito estabelecido pela Fundação. Reiterou que a Academia poderá indicar dois nomes.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara encaminhou à Biblioteca o livro *Educação, Estágio & Trabalho*, de autoria Acadêmico Arnaldo Niskier e de Paulo Nathanael, apresentado hoje numa série de palestras sobre a educação. A seguir, comunicou que, por um equívoco seu, ficaram faltando, na lista do temário para a Reunião Conjunta das duas Academias, a contribuição de dois acadêmicos. Pediu à Secretaria que fizesse a relação agora completa dos temas. Solicitou aos colegas que na própria folha indicassem os temas.
- O Presidente festejou o retorno do Acadêmico Sábado Magaldi, ausente por muito tempo das sessões da ABL.
- O Presidente convidou os presentes para a inauguração da estátua de Manuel Bandeira na praça fronteira ao Palácio Austregésilo de Athayde e a inauguração da exposição “Bandeira o tempo inteiro” e encerrou a sessão.

LÊDO IVO E MANUEL BANDEIRA

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Dois assuntos rapidinhos:

O primeiro é para requerer a V. Ex.^a inserção nos *Anais da Academia* do texto escrito pelo nosso Acadêmico Antônio Olinto e publicado anteontem no jornal *Tribuna da Imprensa* sobre a trajetória poética de Lêdo Ivo, sob o título “A dimensão de um poeta: transgressão e modernidade”, onde cita Baudelaire, segundo o qual, “para adivinhar” a alma de um poeta, devemos procurar em sua obra a palavra ou quais as palavras que nela figuram com mais freqüência: noite, dia, tempo, eternidade, pássaro, estrela, sol, constelação, sonho”.

Senhor presidente. Senhores acadêmicos.

No segundo assunto, devo pedir-lhes permissão para acrescentar umas poucas informações ao comunicado feito por V. Ex.^a na nossa reunião da última quinta-feira, sobre a programação que vamos cumprir hoje, nesta tarde-noite, e justamente no dia em que se comemoram os 121 anos do nascimento, lá no Recife, do Acadêmico Manuel Bandeira.

* Proferidas na sessão do dia 19 de abril de 2007.

Essa programação, já incluída nas comemorações dos 110 anos da nossa Academia, começará logo mais, às 17h 30, com a inauguração de uma escultura do nosso poeta, produzida pelo escultor Otto Dumovitch, encomendada pela Prefeitura do Rio de Janeiro, e que está sendo oferecida e doada a esta Casa.

Essa escultura em bronze está fixada num pedestal de três degraus, na Praça Manuel Bandeira, que se forma na confluência da Rua Santa Luzia com a Avenida Presidente Wilson, fronteira à nossa Galeria que tem o seu mesmo nome.

Nela, o grande poeta pernambucano está de corpo inteiro, sentado na sua escrivaninha aberta, tendo à mão uma caneta e olhando à direita, com expressão forte.

Atendendo a uma solicitação do Prefeito Cesar Maia, V. Ex.^a, para ilustrar o monumento de Bandeira, que ficará aqui ao lado, bem próximo da residência onde ele viveu vários anos, V. Ex.^a. escolheu os seguintes versos de “Evocação do Recife”:

“A vida não me chegava pelos jornais, nem pelos livros. Vinha da boca do povo, na língua errada do povo. Língua certa do povo. Porque ele é quem fala gostoso o português do Brasil”.

Em seguida, por uma escada própria e independente, em caracol, os convidados terão acesso à Exposição, sob o título de: “Manuel Bandeira o tempo inteiro”, organizada pela nossa Biblioteca Rodolfo Garcia. Para essa Exposição, estamos trabalhando intensamente nestes últimos três meses – apoiados na nossa Comissão Consultiva, constituída pelos Acadêmicos Eduardo Portella, Tarcísio Padilha, Alberto da Costa e Silva e Evanildo Bechara – e na qual contamos também com a importante ajuda da curadoria de Alexei Bueno, além da montagem e concepção espacial de Graça Coutinho.

Na linha da Exposição, encontra-se o Capibaribe, o rio da infância recifense e da própria vida de Bandeira.

Centenas de fotos levarão os visitantes a um passeio pela vida do poeta, desde imagens da sua meninice e adolescência até a sua maturidade e sua morte.

Em vitrines e ao longo desse percurso, os visitantes encontrarão um valioso conjunto documental de Bandeira, com primeiras edições, manuscritos de cartas, desenhos, objetos, pinturas, partituras musicais e um sem-número de relíquias inéditas.

Simultaneamente, várias vitrines e televisores estarão montados numa integração das Bibliotecas Rodolfo Garcia e Lúcio de Mendonça, exibindo livros da Coleção de Bandeira, doados a esta Casa, com dedicatórias de importantes Escritores e Acadêmicos.

Concluo, Senhor Presidente e Senhores Acadêmicos, dizendo que as comemorações dos 110 anos de fundação da ABL estarão prosseguindo dignamente com estas homenagens a um Acadêmico que tanto honrou o seu Estado de Pernambuco, e que tanto engrandeceu o Brasil e a nossa Academia.

A esta escultura e a esta Exposição, sejam todos muito bem-vindos.

A DIMENSÃO DE UM POETA: TRANSGRESSÃO E MODERNIDADE

*Artigo do Acadêmico Antonio Olinto**

Poucos escritores podem representar hoje o que foi e o que é a literatura brasileira dos últimos 60 anos como esse ínclito dominador da palavra chamado Lêdo Ivo. Dono de uma poesia dele, só dele, com versos de ásperas e desprotegidas verdades sobre cada um de nós e uma prosa aliciante e límpida tanto em narrativas como em crônicas, vem Lêdo Ivo, desde o começo dos anos 40 do século passado, erguendo uma obra que o coloca no plano central das Letras do País.

Lembro-me de 1945, ano em que o autor destas linhas e um grupo de oito poetas jovens lançamos o Grupo Malraux e montamos uma exposição, que chamamos de “a primeira do mundo” – de poemas escritos em letras grandes sobre telas, como se quadros fossem, emoldurados e pendurados na sala de exposições da Escola Nacional de Artes, então parte do Museu Nacional. Jorge de Lima e Carlos Drummond de Andrade foram ver a exposição, o que muito nos alegrou e honrou. No dia da inauguração, alguém apareceu com um suplemento literário que apresentava um poema – “Adriana” – de um poeta desconhecido chamado Lêdo Ivo.

* Artigo publicado na *Tribuna da Imprensa* do dia 17 de abril de 2007.

Foi um impacto. E um espanto. Ali estavam os versos de um autor, ainda próximo da meninice, que nos vinha dizer o que era a nova poesia. Desde então, não mais deixaria ele a posição de vanguarda em nossa literatura, com livros sobre livros, conduzindo a poesia brasileira ao nível de excelência em que a temos hoje.

Sessenta e dois anos depois dessa estréia, surge um livro que mostra o poeta Lêdo Ivo na sua dimensão verdadeira de intérprete de um tempo e de um povo. Seu autor, Assis Brasil, além de romancista de vanguarda (conquistou dois prêmios Walmap), é responsável por uma vasta bibliografia em que analisa nossas peculiaridades regionais no fazer poesia tanto quanto na avaliação do verso brasileiro como linguagem normal do homem diante do que vê e do que pensa.

Quanto ao livro *A Noite Misteriosa*, um dos mais reveladores do universo poético de Lêdo, diz Assis Brasil: “Saliente-se que o poeta não celebra apenas a noite planetária ou a noite dos poetas metafísicos, que interrogam o absoluto. A sua noite misteriosa é também a noite do inconsciente, do espaço escuro onde se elaboram os poemas e as experiências acumuladas se convertem em linguagem. E ainda a noite escura dos poetas místicos”.

Cite-se Baudelaire: “Para adivinhar a alma de um poeta, procuremos em sua obra qual a palavra ou quais as palavras que nela figuram com maior frequência”. Eis o levantamento feito por Assis Brasil nos poemas de Lêdo: farol, navio, vento, caramujo, água, mar, chuva, trapiche, alfândega, morcego, tanajura, que integram a evocação de seu lugar de nascimento. Outras palavras frequentes na sua obra em geral: noite, dia, fogueira, tempo, eternidade, pássaro, estrela, Sol, relâmpago, constelação, sonho, morte.

Mas Lêdo Ivo quis ir além da palavra. De que maneira? Vindo aquém. O aquém na palavra é a sílaba, o som puro e único. E Assis Brasil comenta a declaração de Lêdo Ivo de que “poesia se faz com sílabas – com as sílabas encantatórias que formam a palavra e, por extensão, a linguagem”.

Completando esta análise de mestre feita por Assis Brasil, chamo a atenção para o livro *Plenilúnio* em que a poesia de Lêdo Ivo representa integralmente essa

ligação visceral do poeta com a vida, raríssima em qualquer poesia. Mostra aí Lêdo a feroz originalidade que marca sua obra.

A Trajetória Poética de Lêdo Ivo: Transgressão e Modernidade, de Assis Brasil, é livro de leitura obrigatória. Lançamento da Educam. Coordenação editorial de Hamilton Guimarães Neto. Capa de Paulo Verardo sobre projeto de Sérgio Guerini e foto de Gonçalo Ivo: Lêdo Ivo no jardim da casa-museu de Mallarmé, em Valvins, Vuleines-sur-Seine, 2005.

SESSÃO DO DIA 26 DE ABRIL DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos; Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Celso Lafer, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira, José Mindlin, José Murilo de Carvalho, Nélida Piñon, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao abrir a sessão, submeteu à aprovação do Plenário a Ata do dia 19 de abril, que foi aprovada. Festejou o aniversário, dia 30 de abril, do Acadêmico Arnaldo Niskier. Congratulou-se com o retorno do Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila, já recuperado. Registrou a satisfação de ter participado, em Ouro Preto, no dia 21 de abril, do dia de Tiradentes. Distinguiu a maneira como, em discurso, o Prefeito de Ouro Preto e o Governador Aécio Neves referiram-se à Casa de Machado de Assis. Festejou o êxito da Acadêmica Ana Maria Machado nos Estados Unidos. Deu ciência da obtenção do patrocínio das indústrias Klabin para edição de livros: da Coleção Afrânio Peixoto, o volume 76, *As Amargas Não*; o volume 77 *Casimiro de Abreu – Correspondência*; o volume 78 *Pouso Alto – Correspondência de Manuel Bandei-*

ra e Ribeiro Couto, e co-edições de *Dom Casmurro* com a Universidade autônoma do México e *Manuel Bandeira e Vicente Huidobro*, tradução feita pelo Acadêmico Carlos Nejar. Registrou a importância do apoio do Grupo Klabin pela expressão financeira e por ser a primeira vez que o grupo patrocina a Casa. Comunicou que, dentro de sessenta dias, o setor financeiro terá um novo sistema de informatização para controle financeiro e administrativo da Casa. Informou que, com o êxito do Site *ABL Responde*, onde exige um processo de resposta rápida, foi aumentado o link dedicado à Internet, que é atualmente de dois megabites, para seis megabites. Esse processo vai desafogar o acesso ao sistema de informação. Finalizando, disse que ficará ausente do país, representando o Brasil numa reunião internacional em Lisboa e na Itália, num encontro italo-brasileiro ligado a questões de administração pública. Ressaltou que não são atividades predominantemente acadêmicas, mas está se articulando com a Academia das Ciências de Lisboa para encontro de trabalho.

- O Acadêmico Cícero Sandroni lembrou que, no dia 25 de abril, data nacional da Itália, esteve no Consulado da Itália junto com os Acadêmicos Arnaldo Niskier, Evanildo Bechara, Alberto da Costa e Silva, Domício Proença Filho e Murilo Melo Filho para prestigiar a entrega da comenda de “*Grande Ufficiale dell’Ordine della Stella della Solidarietà Italiana*” ao Presidente Marcos Vinícios Vilaça. Destacou a importância da cerimônia no sentido de marcar um maior intercâmbio entre o Instituto Italiano de Cultura e a Academia Brasileira de Letras.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho propôs a inscrição nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* do artigo “A decadentização da língua”, do Acadêmico João Ubaldo Ribeiro, publicado do Jornal *O Globo*, do dia 20 do corrente.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier apresentou indicação para a concessão da Medalha João Ribeiro (o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).
- O Presidente comunicou que a proposta será encaminhada à Diretoria e trazida para votação do plenário dentro do prazo regimental.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho registrou o lançamento do livro *Riso e Melancolia*, do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet. Discorreu sobre a importância desta obra. Por determinação do Presidente o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet registrou a gratidão pelas palavras pronunciadas pelo Acadêmico Murilo Melo Filho. Esclareceu que o livro não tem pretensão à originalidade no que se refere ao rastreamento de influências de Stern, Xavier de Maistre e Almeida Garrett sobre Machado de Assis.
- Na Ordem do Dia, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça passou a palavra ao Acadêmico Domício Proença Filho para falar sobre a escolha das candidaturas ao Prêmio Bunge.
- O Acadêmico Domício Proença Filho informou, em cumprimento à solicitação relativa às indicações da Academia para o Prêmio Bunge, que foram encaminhadas apenas duas sugestões assinadas pelo Acadêmico Arnaldo Niskier: para o prêmio de Agroenergia e para o prêmio de Arqueologia. Reiterou que a Fundação Bunge solicita, expressamente, que a manifestação da ABL se revista de caráter confidencial.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho absteve-se de votar na indicação para o Prêmio Bunge referente a Agroenergia, porque considera que não está dentro dos objetivos da ABL.
- O Acadêmico Celso Lafer assinalou que o Regulamento do Prêmio Bunge prevê que as indicações sejam sigilosas e apreciadas por um Grande Júri, porque, não sendo um prêmio para o qual as pessoas se candidatam, fica sempre o constrangimento de a pessoa tomar conhecimento de que foi indicada e não ser consagrada. Daí a preocupação com a confidencialidade.
- O Presidente indagou se ainda havia alguém que quisesse se manifestar sobre o assunto. Não havendo, pôs a matéria em votação. Observada a ressalva do Acadêmico Alberto Venancio Filho, foram aprovadas as propostas.

- A seguir, o Presidente passou a tratar dos temas cuja relação fora distribuída aos acadêmicos relativas à reunião conjunta das Academias Brasileira de Letras e das Ciências de Lisboa. Comunicou ter remetido aos acadêmicos cópia da correspondência que lhe foi enviada, pelo Presidente da Academia das Ciências de Lisboa. Passou a palavra ao coordenador da seleção, indicado pela Diretoria, Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara lembrou aos confrades ter sido distribuída na sessão passada uma última lista, com os temas para a citada reunião conjunta das duas Academias, acrescida das contribuições de dois confrades. Solicitou aos Acadêmicos que configurassem a escolha dos temas na própria listagem que receberam e a devolvessem com a brevidade possível para que possa apontar os indicados pela maioria do plenário.
- O Presidente leu a lista com os temas apresentados para a indicação dos acadêmicos.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier discorreu sobre o Projeto de Educação para o Futuro, que acaba de ser lançado pelo Presidente da República. Salientou que, acompanhado desse ato, foi divulgado um estudo do INEP, que demonstra a precariedade da educação brasileira nos últimos tempos. Teceu algumas comparações com os países desenvolvidos. Acrescentou que cerca de quarenta e dois problemas estarão sendo discutidos pela sociedade brasileira e a Língua Portuguesa é um deles. Nesse caso, acredita que a Academia Brasileira de Letras não poderá deixar de participar da discussão. Sugeriu que a Academia se fizesse presente em relação a esses estudos, vitais para o futuro do país.
- O Acadêmico Carlos Nejar acompanhou o pensamento do Acadêmico Arnaldo Niskier e propôs o convite ao Ministro da Educação para vir à Academia falar sobre o projeto, que se relaciona com o futuro da educação brasileira e ao próprio ensino da língua.
- O Presidente afirmou ter razão o Acadêmico Arnaldo Niskier quando considera que a Academia tem que se fazer presente à discussão da matéria. Pe-

diu aos acadêmicos e, em especial, ao proponente, que apresentassem dentro de quinze dias formas objetivas de como a Academia poderá se inserir neste assunto. Acrescentou que acolhe, desde logo, a idéia de convidar o Ministro da Educação para vir à ABL.

- O Acadêmico Tarcísio Padilha, com respeito à proposta, já acolhida pelo Presidente, de comparecimento do Senhor Ministro da Educação à Casa, ponderou que se definissem efetivamente os limites dessa participação. Argumentou que a Academia já viveu algumas experiências em que prevaleceu o uso tribúncio para a apresentação, não muito consistente, de plataformas político-eleitorais. O atual Ministro é um educador, mas a função dele é política. Acredita ter esta Casa funções bem definidas nos seus Estatutos e que isso fosse objeto de uma citação bem clara para que o Senhor Ministro se ativesse aos objetivos da Academia na participação de um debate, dessa relevância, num momento extremamente difícil que atravessa a Educação no país.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara lembrou ao plenário que a Academia já recebeu a visita de dois Ministros, a cujas mãos foram entregues dois documentos, em que elencava dez ou doze providências, que considerava fundamentais para os primeiros passos em prol do progresso da educação nacional. A Casa não teve de nenhum dos Ministros qualquer resposta. Associou-se à proposta do Acadêmico Tarcísio Padilha no sentido de enviar ao Ministro da Educação um convite para que a Academia mostre sua apreensão diante do estado do ensino em todo o país, onde apenas dez municípios se apresentam com uma educação de resultados razoáveis. Ressaltou que, na ocasião da visita do Ministro da Educação, pela terceira vez, será possível apresentar propostas concretas, com medidas possíveis, sem nenhum colorido político, de melhoria da educação nacional.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva sugeriu que, se houver esta visita do Ministro da Educação, não lhe seja prestada homenagem nem entregue nenhuma medalha, como nas ocasiões anteriores.

- O Presidente disse ter tomado boa nota das sábias sugestões que acabara de ouvir do Acadêmico Tarcísio Padilha, Evanildo Cavalcante Bechara e Alberto da Costa e Silva e assegurou que a Casa agirá respeitando essas observações, todas procedentes.
- O Acadêmico Domício Proença Filho lembrou que a seleção dos temas para a reunião conjunta das Academias em Lisboa encontrava-se em pauta.
- O Presidente sugeriu que fossem recolhidas as sugestões dos acadêmicos presentes sobre os temas a serem tratados na reunião conjunta das Academias Brasileira de Letras e das Ciências de Lisboa, porque têm que ser enviados imediatamente. Foram recolhidas as sugestões dos temas e encaminhados ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara que fará a apuração dos temas mais apreciados e os encaminhará ao Secretário-Geral para que se faça essa comunicação à Academia das Ciências de Lisboa e aos Senhores Acadêmicos. A seguir, convidou os presentes para a sessão do “Seminário Brasil, brasis”, que tem como tema “Literatura e televisão do folhetim à novela”. Deu ciências ao plenário de como foi extremamente gratificante ter recebido, ontem, os estudantes que estão participando do Programa “Soletando” da Rede Globo de Televisão. Informou que sábado, no jornal da tarde e no Programa do Luciano Huck, sairão matérias sobre essa visita à Academia, e encerrou a sessão.

A DECADENTIZAÇÃO DA LÍNGUA

*Artigo do Acadêmico João Ubaldo Ribeiro**

Claro, todo o mundo já ouviu falar que as línguas são como seres vivos, que mudam com o tempo e até morrem. É verdade e, se não fosse assim, ainda estaríamos falando latim. Nada, portanto, contra as mudanças na língua, contanto que sejam ditadas por uma razão mais ou menos respeitável, até mesmo pela famosa lei do menor esforço, quando não redunde em empobrecimento da capacidade de expressão. Mas acho que está havendo um certo exagero e, daqui a pouco, estaremos falando um dialeto primitivo, de umas 300 palavras para as pessoas cultas e umas 25 para a maioria.

Começa-se, é claro, com as “palavras-ônibus”. Servem para tudo e, em português brasileiro, as mais comuns atualmente são “maravilha” e seus derivados, “super”, “parada” e “valeu”, que, com alguns acréscimos, podem constituir toda uma conversação.

– Eu super me dei bem naquela parada – diz o primeiro.

– Ah! Aquilo sempre foi uma maravilha – responde o segundo.

– Ah! Supervaleu – despede-se o primeiro.

* Artigo publicado no Jornal *O Globo* do dia 20 de abril de 2007.

O “cujo, coitado, restinho do genitivo que ainda sobrava por aqui, passou da categoria de pedante, entrou para a de pernóstico e, em breve, será arcaísmo. Ninguém mais diz “cujo”, só diz “que”. “A moça que eu vi o pai ontem” é o certo hoje em dia e quem disser “a moça cujo pai eu vi” corre o risco de não ser entendido. Sei que vai haver entre vocês quem não acredite e eu até compreendo, embora esteja contando a verdade. Outro dia eu disse um “cujo” numa entrevista e a entrevistadora me deu a impressão de que só entendeu depois de pensar alguns laboriosos segundos.

Há também um movimento, que cada vez aumenta mais, para abolir a preposição “a” no uso corrente. Ou seja, prestando atenção, você vai ouvir na televisão alguém dizendo “daqui dois dias” ou, bem pior, “igual eu”. Em compensação “neste ano”, “nesta semana”, por exemplo, que nunca foram correntes para dizer “este ano” ou “esta semana”, agora são a única maneira certa de falar. “Neste ano tu vai fazer igual eu, procurar uma parada diferente no carnaval, não é?”

Os verbos vêm sofrendo bastante também. Por exemplo, poucos entre nós têm visto alguma coisa recentemente. A maior parte de nós hoje visualiza, principalmente quando enxerga. Ver a gente volta e meia ainda vê, mas ninguém enxerga mais, só visualiza. Até a sinal a gente não presta mais atenção, a gente nota a sinalização. Ninguém chama a atenção para nada, sinaliza, e nós vemos a sinalização, não o sinal. O verbo “pegar”, não sei bem por quê (tem acento aí nesse quê, garantindo a vocês – de vez em quando me comem um circunflexo), virou abundante e o certo, que era errado, é cada vez mais “pego” e outro dia um motorista de táxi se embasbacou por que eu sou da Academia e disse “pegado” a ele. E novamente, garantindo que não estou mentindo: já ouvi “eu tinha falo”, em vez de “falado”, o que talvez não cole, porque fica chato, tanto para homem como para mulher dizer isso, considerando que “falo” é substantivo e tem muito pouco a ver com a fala.

Os timbres também são amalucados. A droga “ecstasy” é para ser pronunciada com um “e” aberto, pelo menos enquanto não for naturalizada, mas aqui virou uma maneira exótica de pronunciar “êxtase”. Isso, aliás, é comum, na incorporação de palavras da nossa língua mãe, ou seja, o inglês. Quando o “volley” (“voli”, às vezes quase “váhli”) se naturalizou, virou “vôlei”. Até aí tudo bem,

naturalização é naturalização, mas por que “doping”, além de receber frequentemente dois pp, é “dopingue”? (Aliás, isso me traz a cabeça algo que tem a ver com o que escrevo agora: por que a gente se irrita tanto quando inglês ou americano escreve Brasil com z? Em inglês, é com z, assim como América aqui é com acento, França é com cedilha e “a” no fim e Alemanha é bastante diferente de Deutschland. Deve ser o nosso combativo nacionalismo de araque. Outra mudança de timbre que me chateia é a de “obsoleto”.

Não é conhecimento “secreto” que o correto – e não é preciso ser discreto quanto a isso – é “obsoleto”, mas escuto gritos de “olha aí o baiano” sempre que pronuncio certo. Tenho vontade de acertar um “dirêto” no cara.

“Loira”, que era variante, agora está ficando padrão. Ninguém que eu tenha escutado, diz que um sujeito é “loiro” e eu acho que até pega mal em certas mesas de boteco, mas só se escreve “loira” agora. Outras palavras não estão tendo formas destronadas, estão sendo expulsas da língua, como os bons e velhos verbos “pôr” e “botar”. Acho que até em Itaparica galinha já está colocando ovo, em vez de botar. Colocando, imagino eu, é mais elegante. Da mesma forma, “penalizar”, um verbo antes tão expressivo, botou para fora “punir” (não sem uma certa relação com o que acontece na sociedade) e “prejudicar”. Ninguém prejudica mais, só penaliza, que tem a vantagem adicional de terminar em “-izar”.

A linguagem informática também traz suas pesadas contribuições. Por que diabo “salvar”, que não quer dizer nem “guardar” nem “gravar”, nem nenhum sinônimo destes, é usado, quando temos palavras perfeitamente adequadas? Por que “malévolo”, “mal-intencionado” ou “maldoso” é “malicioso”? Por que “corporate”, até fora da linguagem informática, é “corporativo”? Por que um determinado sistema não “suporta” outro, como se se detestassem?

Finalmente, adeus para “existir” e “haver”. Agora só se diz “você tem”. “Você tem uma área chamada Amazônia. Muito bem, que é que você tem lá? Você tem uma floresta que precisa de ser preservada. E aí você tem que caminhos?” Eu não sei, só sei que nós tínhamos uma língua própria antigamente.

MEDALHA JOÃO RIBEIRO

*Proposta do Acadêmico Arnaldo Niskier**

Sr. Presidente:

Submeto a V. EX.^a, de acordo com o Regimento Interno (Art. 65), o nome do Dr. Antônio Oliveira Santos, para receber a Medalha João Ribeiro. Trata-se do Presidente da Confederação Nacional do Comércio, que realiza notável empenho em favor da Educação e da Cultura do nosso país.

ANTONIO OLIVEIRA SANTOS – Natural de Vitória, Espírito Santo, formou-se em Engenheiro Civil e Engenheiro Eletricista, em 1948, pela Escola Nacional de Engenharia. Iniciou sua vida profissional como engenheiro da Cia. Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda. Posteriormente, ocupou cargos de engenheiro e diretor da Cia. Ferro e Aço de Vitória, e Superintendente da Estrada de Ferro Vitória / Minas da Cia. Vale do Rio Doce. Em 1956, iniciou atividades no ramo do comércio atacadista e varejista de materiais de construção. No ano de 1968, assumiu a presidência da Federação do Comér-

* Apresentada na sessão do dia 26 de abril de 2007.

cio do Estado do Espírito Santo. Em 1971, assumiu a Vice-Presidência da Confederação Nacional do Comércio (CNC). Desde 1974, acumula atividades comerciais nos setores avícola e agrícola com as atividades sindicais, exercendo, desde 1980, a Presidência da Confederação Nacional do Comércio e dos Conselhos Nacionais do Serviço Social do Comércio (Sesc) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac). Foi Professor Titular de Física da Universidade Federal do Espírito Santo e Membro do Conselho Monetário Nacional. É membro do Conselho Empresarial Brasil-Estados Unidos; atuou também, como membro do Conselho de Administração da Aracruz Celulose S. A. e do Grupo OLSA, dentre outras atividades. Participou de Missões ao Exterior, integrando comitivas chefiadas pelos Presidentes da República, à França, Japão, China, Alemanha, Portugal etc. Representou a CNC em comitivas chefiadas por Ministros de Estado, ao Oriente Médio, China, Argélia etc. Como convidado especial, integrou a Delegação Brasileira a diversas reuniões do Fundo Monetário Internacional.

RISO E MELANCOLIA,
DE SERGIO PAULO ROUANET

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente. Senhora e senhores acadêmicos.

Para que fique devidamente registrado nos *Anais* desta Casa, devo dizer que, pela primeira vez em nossa literatura, um autor da categoria e do porte de Sérgio Paulo Rouanet estabelece, com este seu livro *Riso e Melancolia*, aqui lançado há poucos dias, uma estreita relação entre:

“*A Vida e as Opiniões de Tristram Shandy, Cavalheiro*, de Sterne, um pastor anglicano; com *Jacques, o Fatalista*, de Diderot, um filósofo ameaçado de prisão; com *Viagem em Torno do Meu Quarto*, de Xavier de Maitre, um militar espiritualista; com *Viagens na Minha Terra*, de Almeida Garrett, um ministro de Negócios Exteriores; e com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, um funcionário público brasileiro.”

* Proferidas na sessão do dia 26 de abril de 2007.

Em princípio, não existe a menor semelhança entre o empirismo lockiano e o conformismo de Sterne; a militância subversiva e o materialismo de Diderot; a espiritualidade e o legitimismo de Xavier de Maitre; a religiosidade e o patriotismo de Garrett; a incredulidade e o agnosticismo de Machado.

Mas a verdade é que, lendo os seus livros, e de acordo com Rouanet, o leitor descobrirá uma influência em cascata entre esses Autores, cada um devendo alguma coisa ao outro e vice-versa. Descobrirá também uma afinidade entre os cinco, apesar dos 120 anos transcorridos entre o primeiro deles, Laurence Sterne, um humilde protestante de Yorkshire, um condado inglês, em 1761, e o último deles, José Maria Machado de Assis, um modesto barnabé do Ministério da Viação, no Rio de Janeiro, em 1881.

O primeiro Presidente desta Academia, que até então se caracterizava pelo romantismo de sua poesia; pelas suas crônicas suaves e pelos seus quatro romances, revolucionou, segundo Rouanet, o mundo literário brasileiro com o seu *Memórias Póstumas*, que começa a narração na primeira pessoa (“Eu, Brás Cubas”) e prossegue na sua narrativa, com Virgília e Dona Plácida, descrevendo o Brasil provinciano do Segundo Reinado, “com suas ambições sempre frustradas e seus amores, sempre desiludidos”, numa típica representação do autoritarismo shandiano.

A primeira característica da obra de Shandy, relatada por Rouanet, e que tem o barroco como elo, é a hipertrofia da subjetividade.

A segunda é a fragmentação e a diversidade.

A terceira característica é o tratamento dado ao tempo e ao espaço.

A quarta e última é a mistura de *Riso e Melancolia*, que dá nome ao livro.

Faço este registro – Senhor Presidente, Senhora e Senhores Acadêmicos – porque considero que esta é uma obra realmente importante, que vem acrescentar-se à rica bibliografia deste nosso admirável escritor, filósofo, ensaísta, diplomata e autor, entre outros, dos livros: *Arqueologia de Michel Foucault*; de Habermas;

de *Édipo e o Anjo*; *Itinerários Freudianos de Walter Benjamin*, de *Teoria Crítica e Psicanálise*, e de *As razões do Iluminismo*, mas também o criador de uma Lei de Incentivo à Cultura Brasileira, que tem o seu nome, e, sobretudo, o correto, o erudito, o afável, o fraternal, o cortês, o culto e o carinhoso companheiro nosso, chamado simplesmente, Sergio Paulo Rouanet.

SESSÃO DO DIA 3 DE MAIO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, Secretário-Geral, estiveram presentes os Acadêmicos; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira, Ivo Pitanguy, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Moacyr Seliar, Nélide Piñon, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- O Presidente em exercício, Acadêmico Cícero Sandroni, declarou aberta a sessão. Colocou em discussão a Ata do dia 26 de abril que, após reparos feitos pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, foi aprovada. Pediu uma salva de palmas para a Acadêmica Nélide Piñon, que aniversaria hoje, dia 3 e para o Acadêmico Sábado Magaldi, que aniversaria dia 9. Informou que o Presidente Marcos Vinícios Vilaça se encontra em Lisboa. Por telefone, comunicou a intenção do Dr. Eduardo Romano de Arantes e Oliveira, Presidente da Academia das Ciências de Lisboa, de participar das comemorações do II 10.º aniversário da ABL. O Dr. Antônio Braz Teixeira, Secretário-Geral da Academia das Ciências de Lisboa e Presidente da Classe de Letras estará presente ao Colóquio Luso-brasileiro que se realizará em setembro. Comunicou que o Presi-

dente Marcos Vinícios Vilaça participará do lançamento do livro *Portugal – Identidade e Diferença*, do pensador português Guilherme d’Oliveira Martins, onde será homenageado junto com o escritor Eduardo Lourenço. Informou que o grupo Klabin dobrará a sua participação nas atividades acadêmicas, podendo assim a Academia contemplar outros projetos que já foram aprovados e ainda não havia recursos para a sua realização. Deu ciência ao Acadêmico Alberto Venancio Filho de que a Diretoria já providenciou, em atendimento à sua solicitação, a relação dos projetos da Academia que estão em andamento.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho pediu a inserção nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* do texto publicado no *Jornal do Brasil* pelo jornalista Reinaldo Paes Barreto sobre a exposição de Manuel Bandeira, organizada e promovida pela Biblioteca Rodolfo Garcia. Entregou, para o encaminhamento ao Centro de Memória da Academia, os originais manuscritos de cinco poemas do Acadêmico Rodrigo Otávio, Primeiro-Secretário da Casa, na Diretoria de Machado de Assis. Esses versos, com a letra de Rodrigo Otávio, são dedicados à sua musa Conceição e estão datados de abril, maio, junho e outubro de 1887, dez anos antes da fundação da ABL. Foram adquiridos num Sebo pelo Desembargador Fernando Whitaker, que, por seu intermédio, os oferece à memória da Casa. Registrou o falecimento do jornalista Octavio Frias de Oliveira, Presidente da *Folha de São Paulo*. Acentuou a importância do jornal que, modernizado por ele, é hoje um dos maiores do País, e que conta com a importante colaboração de vários Acadêmicos, entre eles: Arnaldo Niskier e Carlos Heitor Cony. O grupo abrange ainda o jornal *Agora*, o Instituto Datafolha, a Editora Publifolha, o Portal UOL e o *Diário Econômico Valor*. Acentuou que, com a morte de Octavio Frias de Oliveira, desaparece um dos últimos grandes empresários da imprensa brasileira.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho a doação dos manuscritos do Acadêmico Rodrigo Otávio encaminhados ao Centro de Memória da Casa. Associou-se às palavras sobre o Dr. Octavio Frias de Oliveira e ressaltou a importância da carreira do jornalista na construção do jornal *Folha de São Paulo*. Disse admirar Dr. Otávio Frias por ter sido ele um cons-

trutor de empresas jornalísticas, embora não fosse administrador de formação acadêmica. Lembrou que Dr. Octavio Frias de Oliveira começou a sua carreira administrando uma empresa que representava o jornal *Tribuna da Imprensa*, dirigida, na época, por Carlos Lacerda.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier ressaltou a atuação de Octavio Frias de Oliveira, grande responsável pelo êxito do processo de redemocratização do País, importante homem de empresa e capitão de indústria. Lembrou que um dos últimos atos públicos a que compareceu foi ao lançamento do seu livro *A Trajetória de Otávio Frias de Oliveira*, na Academia Brasileira de Letras.
- O Presidente agradeceu as palavras do Acadêmico Arnaldo Niskier e acrescentou que o Dr. Octavio Frias de Oliveira não gostava de ser considerado jornalista, era um construtor de empresa jornalística que permitia que os jornalistas exercessem a sua profissão com liberdade.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony lembrou que, nos últimos quinze anos de sua vida, teve um convívio estreito, profissional e pessoal com o jornalista Octavio Frias de Oliveira. Ele o levou para escrever a *Coluna do Rio de Janeiro*, em substituição a Otto Lara Resende e, durante quinze anos, se reuniam no Conselho Editorial a fim de discutir, não só a situação nacional, como a do jornalismo em geral. Destacou o homem que colocava a ética acima de todas as coisas.
- O Acadêmico Antonio Olinto fez um relato de sua estada no Ceará, o mais literário de todos os estados que já conheceu, onde se fala literatura e se estuda literatura. Na cidade de Sobral, visitou a Universidade e encontrou dezenas de escolas montadas para preparar alunos ao ingresso no curso superior. Visitou uma grande e moderna biblioteca municipal. Finalizando, comunicou que mandou celebrar missa de um ano de morte da escritora Zora Seljan, na Capela do Colégio da Imaculada Conceição, onde estudou a Acadêmica Rachel de Queiroz.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho, a propósito da questão do envolvimento da Academia na luta pela educação nacional, assinalou que está de

acordo com a posição assumida por alguns Acadêmicos. Lembrou que o primeiro grande livro crítico sobre educação nacional foi escrito por um dos fundadores da Academia: José Veríssimo. Louvou a iniciativa do convênio entre a Prefeitura de Nova Iguaçu e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde alunos de baixa renda são preparados para ingressar na Universidade, as expensas da Prefeitura, com aulas dadas por alunos de graduação da UFRJ, orientados por professores. Convidado para fazer uma palestra, destacou o entusiasmo dos alunos e assinalou a importância do projeto que possibilitou o ingresso, no ano passado, de setenta e cinco alunos na Universidade e informou que, para este ano, estima-se o ingresso de 150 alunos.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico José Murilo de Carvalho pelo relato dessa experiência, tão animadora no campo da educação.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho entregou à Biblioteca Lucio de Mendonça, em nome da Senhora Yvonne Montello, o exemplar do livro *Machado de Assis – Funcionário Público*, de R. Magalhães Júnior. Destacou a singularidade do livro quando Magalhães Júnior, na dedicatória, comenta que o livro está cheio de erros, mas que estão corrigidos no exemplar oferecido ao Acadêmico Josué Montello. Chamou a atenção para o trecho do livro em que R. Magalhães Junior transcreve a carta de Francisco Glicério, que foi Ministro da Agricultura, com um depoimento interessante sobre Machado de Assis e a sua ação como funcionário.
- O Presidente agradeceu o belo exemplar entregue pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho.
- O Acadêmico Antonio Olinto leu o Parecer da Comissão do Prêmio ABL de Tradução, que foi aprovado.
- A Acadêmica Ana Maria Machado leu o Parecer da Comissão do Prêmio ABL de Ficção – Romance, Conto, Crônica e Teatro. Deu ciência ao Plenário de que a Comissão decidiu propor, este ano, que o gênero agraciado seja o do Conto.

- O Presidente submeteu ao Plenário o Parecer da Comissão do Prêmio de Ficção – Romance, Conto, Crônica e Teatro, que foi aprovado.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho, no capítulo das Efemérides, discorreu sobre o Acadêmico Humberto de Campos. Assinalou que seus versos têm musicalidade perfeita, com a ciência do ritmo, clara métrica e impecáveis rimas. Destacou suas qualidades de autodidata e grande leitor, dotado de talento fértil que acumulou vasta erudição. Foi prosador, contista, memorialista, poeta, crítico, biógrafo e jornalista. Em *O Imparcial*, ao lado dos Confrades Coelho Neto e Osório Duque-Estrada, adotou o pseudônimo de “Conselheiro XX”, um cronista licencioso, fescenino, lascivo, “rabelaisiano”, quase obsceno, com livros de grande êxito, bem ao gosto do público de então, que se esgotavam em tiragens surpreendentes e incomuns para a época. Por determinação do Senhor Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho a lembrança da figura importante para a literatura brasileira que foi o Acadêmico Humberto de Campos e encerrou a sessão.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
IMORTALIZA MANUEL BANDEIRA

*Artigo do Sr. Reinaldo Paes Barreto**

A Academia Brasileira de Letras e a prefeitura do Rio prestaram, na última quinta, uma homenagem significativa ao poeta Manuel Bandeira, por ocasião do 121.º aniversário de seu nascimento. Inauguraram, na praça formada pela barri­ga da Rua Santa Luzia com Avenida Presidente Wilson, uma belíssima estátua do poeta, de autoria de Otto Dumovich, e um mezanino assinado por Graça Coutinho, que convidava o espectador a navegar pelo universo do escritor.

Bandeira estará ali sentado, em bronze e para sempre, em sua mesa de trabalho, cópia fidedigna de sua escrivania original. E não deixa de ser um paradoxo vê-lo, fisicamente eternizado, logo ele, o mais morredouro dos mortais (“Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos. A vida inteira que podia ter sido e não foi. Tosse, tosse, tosse.”), um homem que viveu à espera da “indesejada” e acabou vivendo 82 anos, durante os quais foi um trabalhador inesgotável.

Poeta, professor, tradutor, cronista, autor de antologias e traduções, acadêmico e bom anfitrião – recebia a quem batesse a sua porta, na Avenida Beira-Mar, e se alongava em um papo em que ele falava e ouvia com igual interes-

* Artigo publicado no *Jornal do Brasil* do dia 21 de abril de 2007.

se. Fazia café ele mesmo. E sorria dentuço: “Engoli um piano, o teclado ficou de fora”.

Mas não é essa a única contradição de Bandeira. Em seu poema mais conhecido, “Vou-me embora pra Pasárgada”, diz-se “amigo do Rei” e “aqui eu não sou feliz”. Ora, ele nunca foi amigo de reis — era sim, e muito, amigo dos simples, de “Irene preta, Irene boa, Irene sempre de bom humor. Imagino Irene entrando no céu: licença, meu branco. E São Pedro bonachão: entra Irene, você não precisa pedir licença”.

E tampouco foi infeliz. Foi sim, um homem visitado pela melancolia, proveniente muito mais da dor de viver causada por uma ruptura específica. Porque vencida a fase aguda da tuberculose, que o levou a passar um ano e três meses na Suíça, Bandeira voltou ao Brasil para iniciar uma intensa vida literária. Vivia normalmente fumando e bebendo vinho (“Que é o meu fraco, evoé Baco!”).

Como intelectual, foi modernista sem aderir inteiramente à semana de Arte Moderna, pois sua poesia já tratava do cotidiano — no que este tem de universal — antes da ruptura de 22. Até porque suas origens estão na métrica parnasiana e nas formas colhidas nas tradições clássicas e medieval, como o rondó e as trovas.

De resto, quis fugir da vida, mas a vida voltava a cada verso — “Não tive um filho de meu. Um filho!... Não foi de jeito... Mas trago dentro do peito meu filho que não nasceu”. Ou quando se mudou da Lapa: “Mas meu quarto vai ficar com seus quadros, com seus livros — parado: suspenso no ar!”.

Enfim, foi-se embora numa tarde de primavera (13/10/1968) no Hospital Samaritano. Deixou o exemplo: pode-se pintar um sol a partir de uma mancha amarela.

HUMBERTO DE CAMPOS

*Estudo do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente Cícero Sandroni.
Senhora e Senhores Acadêmicos.

“Não cheguei muito alto, nem muito perto, porque vim de muito baixo e de muito longe”.

Assim se definia o terceiro ocupante da minha Cadeira n.º 20, nesta Academia Brasileira de Letras; um maranhense, conterrâneo, entre outros, de Gonçalves Dias, Aluísio e Artur Azevedo, Coelho Neto, Graça Aranha, Viriato Corrêa, Josué Montello e José Sarney, chamado Humberto de Campos Veras.

Ele nasceu em 25 de outubro de 1886, há 121 anos, portanto, na Cidade de Miritiba, que hoje tem o seu nome, e que era uma doce vila, edificada sobre um pequeno rio, não longe do oceano e distante apenas algumas horas de São Luís.

Humberto viveu um pouco sob a obsessão de sua cidadezinha natal. E evocou-a em versos:

* Apresentado no capítulo das Efemérides na sessão do dia 3 de maio de 2007.

*É o que me lembra: uma soturna vila,
Olhando um rio sem vapor e sem ponte;
Na água salobra, a canoada em fila
Grandes rêdes ao sol, mangais defronte.*

*De um lado e de outro, fecha-se o horizonte,
Das ruas somente a água tranqüila,
Botos na pré-amar: a Igreja, a fonte,
E as grandes dunas, onde o sol cintila.*

Desde o berço, Humberto fica órfão de pai. A pobreza ronda o lar, onde uma humilde mulher luta heroicamente para dar de comer aos filhos.

Praticante de alfaiate, caixeiro de loja, lavador de pratos, balconista de mercearia, aprendiz de tipógrafo, Humberto de Campos foi também um poeta parnasiano, da escola de Bilac, de Raimundo Correia e Alberto de Oliveira, que reagiu contra o lirismo romântico e que passou a cultivar uma poesia impessoal e erudita, com grande apuro da forma; autor de sonetos maravilhosos, mas nostálgicos, pessimistas e melancólicos, foi saudado efusivamente por Carlos de Laet e Medeiros e Albuquerque, no Brasil, além de Guerra Junqueiro e Fialho de Almeida, em Portugal.

Fez longas excursões pelo Baixo Amazonas, entrando em contato direto com a vida de homens infelizes, os seringueiros explorados, humilhados e trucidados. Revoltou-se contra aquele mundo de Dostoiévski e versejou:

*E eu, sem rei; eu, sem Deus; eu, sem dama.
Nestas cruzadas, qual o cavaleiro
Que não crê, que não serve, que não ama?
Ninguém que, em febre, nesta doida lida,*

*De alma queimada, numa ignota chama.
Sou um miserável, o único na vida,
Que não crê, que não serve e que não ama.*

Seus versos têm uma musicalidade perfeita, com a ciência do ritmo, clara métrica e impecáveis rimas.

Autodidata e grande leitor, dotado de talento fértil, acumulou vasta erudição.

Foi depois prosador, contista, memorialista, poeta, crítico, biógrafo e jornalista, em *O Imparcial*, ao lado dos Confrades Coelho Neto e Osório Duque-Estrada, adotando o pseudônimo de “Conselheiro XX”, um cronista licencioso, fescenino, lascivo, “rabelaisiano”, quase obsceno, com livros de grande êxito, bem ao gosto do público de então, que se esgotavam em tiragens surpreendentes e incomuns para a época, como os seguintes:

Grãos de Mostarda, Seara de Booz e Mealheiro de Agripa, com 10 mil exemplares, cada; *Um Sonho de Pobre*, 14 mil; *A Bacia de Pilatos*, 15 mil exemplares; *Gansos do Capitólio*, 16 mil; passando por *A Serpente de Bronze*, 18 mil; *Carvalhos e Roseiras e Tonel de Diógenes*, 20 mil exemplares, cada; *À Sombra das Tamareiras*, 21 mil; *Os Párias e Destinos que Sofrem*, 28 mil, cada; até *Memórias Inacabadas*, 30 mil; e o I.º Volume de suas *Memórias*, com 51 mil exemplares vendidos.

Todos esses livros – Senhora e Senhores Acadêmicos – foram lançados por José Olympio, seu único Editor, que foi uma testemunha dos anos de glória do seu editado, mas que conheceu também os seus tempos de penumbra e de esquecimento.

Essas *Memórias* de Humberto foram escritas já num tempo de muito sofrimento físico, com pinceladas de tristeza e a saga de um homem atingido pela desgraça, após alcançar a glória por esforço próprio e honesto, numa verdadeira lição de vida, que o público compreendeu e apoiou.

Seu impressionismo era opiniático, fazendo uma crítica literária com afirmações pessoais. Acompanhava a leitura dos livros com observações, digressões e meditações, além de comentários sobre o tema e os personagens.

Suas crônicas, de tanto êxito, estão repletas de paisagem, de doçura e de cômico, deixando que, em seus textos, vazasse um pouco de suas lágrimas.

Seu estilo é um dos mais corretos da nossa literatura, com o sabor delicioso dos autores clássicos, na escola de Manuel Bernardes, Dom Francisco Manuel de Melo e Frei Luís de Souza.

Segundo Graça Aranha, Humberto era o mais aristocrático dos escritores brasileiros.

Contador de histórias bem humoradas e inventor de anedotas galantes, conhecia bem o seu ofício de escritor, enquadrando-se na observação de Montaigne, segundo o qual cada um deve escrever apenas sobre o que sabe.

O Diário Secreto, publicado depois de sua morte, teve enorme repercussão, por causa da irreverência e malícia em relação aos seus contemporâneos.

Estávamos em 1919, quando Humberto, no auge do prestígio intelectual, se elege para esta nossa comum Cadeira n.º 20, tendo Joaquim Manoel de Macedo como Patrono e Salvador de Mendonça como Fundador. Tinha apenas 33 anos de idade e foi um dos nossos mais jovens Acadêmicos.

Carlos de Laet, que dez anos antes já previra a sua entrada na ABL, foi, por uma feliz coincidência, o presidente da sessão de sua posse, dia 8 de maio de 1920. Numa efeméride de 87 anos, que se completam exatamente na próxima semana.

Saudado por Luiz Murat, Humberto fez o elogio do seu antecessor direto, Emílio de Menezes, a quem chamou de “um terrível poeta, um homicida da palavra, simultaneamente, um leão e um cordeiro. Feria ou elogiava. Alternava a brutidão e a meiguice. Sua espada era de aço ou uma pluma. Sua estátua, se algum dia viesse a ter, deveria, como a de Harmódio em Atenas, trazer um punhal e um ramalhete”.

Os críticos de Emílio diziam que ele era mais um caricaturista implacável do que um humorista talentoso, sem a graça de um Miguel de Cervantes, de um Jonathan Swift, de um William Tackeray, de um Thomas Carlyle, de um Décimo Juvenal ou de um Homero.

Segundo Humberto de Campos, a verdade é que Emílio de Menezes era um curitibano excêntrico, no ser e no trajar, com roupas e sapatos de cores berrantes, gravata borboleta, bigode abundante e louro, rosto redondo e vermelho, gordo, barrigudo e flácido, mordaz, malicioso e satírico.

Mas era, ao mesmo tempo, modesto, terno, magnânimo e compadecido.

Não via defeitos nos amigos, mas também não vislumbrava virtudes nos inimigos.

Senhores Acadêmicos.

É extenso e variado o repertório de Humberto de Campos, com epigramas, sátiras e ironias de Emílio de Menezes.

Certa vez, apontando para um desafeto, famoso por que não pagava suas contas, Emílio comentou: “Ele até parece um botão. Não paga nem a casa em que mora”.

Noutra ocasião, segundo narra Humberto de Campos numa de suas crônicas, um conterrâneo do Paraná convidou Emílio: “Vamos tomar um aperitivo. Quero dar-te a honra da minha companhia”. E Emílio, impiedoso:

– Mas logo honra? Queres dar-me justamente uma coisa da qual tanto precisas?

Ao ouvir certo crítico dizer que ele era um ladrão da honra alheia, Emílio não se conteve:

– Em matéria de honra, você pode despreocupar-se, porque não tem para ser roubado.

Noutra tarde, segundo Humberto relatou, Emílio estava novamente num bonde da Light, viajando para o Méier, quando entraram duas senhoras suficientemente gordas para fazerem o banco dianteiro desabar com tanto peso. E Emílio, inclemente:

– É a primeira vez na minha vida, que vejo um banco quebrar por excesso de fundos.

Senhora e Senhores Acadêmicos.

Concluindo, devo dizer ainda que Humberto de Campos foi também, no Brasil, um pioneiro na luta pela reforma agrária, contra os latifúndios, a favor da distribuição de terras, de mais escolas e hospitais; da participação nos lucros e da distribuição de rendas.

Dizia: “A Justiça traz na mão uma espada, quando deveria trazer um coração. Não nasci para ser amigo dos opressores, e, sim, para ser companheiro dos desgraçados”.

Aos 40 anos, em 1926, Humberto viu-se eleito deputado federal pelo Maranhão, mas a Revolução de 30 o cassou, juntamente com Coelho Neto, seu grande ídolo.

Para compensá-lo, o governo o nomeou fiscal de ensino e o primeiro diretor da Casa de Rui Barbosa, antecessor nesse cargo dos nossos Confrades Américo Jacobina Lacombe e Lêdo Ivo.

E ele agradeceu ao Presidente Getúlio Vargas, enviando-lhe um exemplar de suas “Memórias”, com uma dedicatória e os versos de Luiz de Gôngora:

*Por tu espada e tu trato
Me has cautivado dos veces.*

De novo no ostracismo e já pobre, sobrevieram-lhe um tumor no cérebro, que lhe atrofiou a hipófise e uma acromegalia: gigantismo de crescimento nos ossos da face e nas extremidades dos dedos, devido à excessiva secreção dos hormônios, a chamada moléstia de Marie.

Ficou cego de um olho, à semelhança de Milton, Castilho e Camões.

Escreveu, então:

“Manhãs neurastênicas. Noites sofridas. Síncopes dos nervos, do cérebro e da vontade. Ânias de choro. Desejos de sono”.

E adaptou para si os versos do poeta Scarron:

*O homem cansado da lida
Não inveje deste a sorte.
Ele conheceu a morte,
Mil vezes dentro da vida.*

*Quem por aí se afoite
Não faça barulho enorme.
Pois esta é a primeira noite,
Que Humberto de Campos dorme.*

Essa fase da vida foi-lhe simplesmente tenebrosa, como um gênio sofredor e iluminado. O destino lançava contra ele as suas onças e lobas, mais ferozes do que aquelas de Dante Alighieri, do nosso Acadêmico Oscar Correia.

E Humberto percorria os ciclos do seu Inferno.

Mas – Senhor Presidente – para aliviar as dores e padecimentos de doenças cruéis e incuráveis, imperava nele o espírito do nordestino forte, que deixou uma imorredoura mensagem de simpatia, de amor à vida e de otimismo, até mesmo diante do impossível.

Devo dizer-lhes ainda que Humberto de Campos Veras morreu muito jovem, no dia 5 de dezembro de 1934, com apenas 48 anos de idade. Morreu após ter escrito 52 livros, todos de enorme êxito. E morreu também uma semana depois do conterrâneo Coelho Neto.

No seu enterro, um leitor reproduziu em discurso a frase que Máximo Gorki escreveu na sepultura de Leon Tólstoi:

– Vejam que homem maravilhoso existiu sobre a face da Terra!

No molde das purezas e requintes lusitanos de Castilho, Humberto de Campos foi um arquétipo perfeito do intelectual, que falou de perto às mentes e aos corações dos brasileiros, e que deixou uma obra literária ainda hoje moderna, atraente, presente e eterna.

SESSÃO DO DIA 10 DE MAIO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, Secretário-Geral, estiveram presentes os Acadêmicos: Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Cândido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar e Tarcísio Padilha.

- O Presidente em exercício, Acadêmico Cícero Sandroni, ao abrir a sessão, submeteu ao Plenário a Ata do dia 3 de maio, que foi aprovada. Comunicou que na próxima sessão o Presidente Marcos Vinícios Vilaça já estará presente para dirigir os trabalhos da Casa. Informou que esteve em contato constante com o Presidente durante a sua ausência, e este o manteve informado de suas atividades na Europa. Registrou que o Presidente Marcos Vilaça participou de um congresso de Tribunais de Contas de Países Lusófonos. Esteve com a Ministra da Cultura de Portugal, Senhora Isabel Pires de Lima, conversou sobre relações culturais entre o Brasil e Portugal e informou que notou, da parte da Senhora Ministra, um certo desinteresse pelo Acordo Ortográfico. Lembrou aos Acadêmicos a pré-estréia do filme

“O Quinze”, de Jurandir de Oliveira, baseado na obra da Acadêmica Rachel de Queiroz, dia 17, às 21h, no cinema Odeon. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Antonio Olinto que aniversaria hoje e para o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, que aniversaria dia 12.

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho leu o relatório das atividades na Cátedra Machado de Assis como Professor Visitante em Literatura Brasileira da Universidade de Oxford. Por determinação do Senhor Presidente o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico José Murilo de Carvalho as informações que deu sobre a situação do convênio com Oxford e sugeriu que se forme uma comissão integrada pelos Acadêmicos Sergio Paulo Rouanet, José Murilo de Carvalho e a Acadêmica Ana Maria Machado para estudar o assunto. Congratulou-se com todos os títulos conferidos merecidamente a ele, que se tem dedicado ao estudo da História do Brasil.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet propôs a inclusão do nome do Acadêmico Alberto da Costa e Silva na Comissão para estudar a situação do Convênio com a Cátedra Machado de Assis.
- O Acadêmico Moacyr Scliar ressaltou a importância do relatório do Acadêmico José Murilo de Carvalho sobre a Cátedra Machado de Assis e salientou a tônica na questão do custo-benefício. Sugeriu manter-se a atividade fazendo com que ela seja menos demorada. Na sua opinião, acha que não há necessidade de permanência de três meses para fazer oito palestras. Deve-se aumentar a superfície de contato com o público britânico através da mídia e avaliar melhor quais são as repercussões dessa ação cultural.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe observou que a exportação da cultura é denominação de uma importação da mesma e, na sua opinião, cultura não se exporta, e sim se importa. Quando não há demanda de importação, a exportação resulta fútil. Acha que se deve fazer produção de eventos culturais no próprio sítio, a partir do qual, havendo sucesso, surge eventualmente uma importação dessa cultura.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva entregou à Biblioteca Lúcio de Mendonça a edição em russo de *Contos – de Machado de Assis*. São doze contos organizados por Adelto Gonçalves e Vadim Kopyl.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho pediu a transcrição nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* do artigo “Dez anos sem Callado”, do Acadêmico Carlos Heitor Cony, publicado hoje, no Jornal *Folha de São Paulo*.
- O presidente agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho pela sugestão de inclusão nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* da bela recordação do Acadêmico Antonio Callado. Ressaltou o fato de o Acadêmico Carlos Heitor Cony ter sido companheiro de redação, o que fez com que conhecesse o caráter e o brilho do Acadêmico Antonio Callado.
- O Acadêmico Antonio Olinto registrou que compareceu à reunião, promovida pela Academia Brasileira da Cachaça, no Porto do Rio de Janeiro, para a apresentação das melhores cachaças do Brasil. Fez conferência sobre a importância da cana de açúcar no mundo.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Antonio Olinto e lembrou a peça do Acadêmico Antonio Callado *A Revolta da Cachaça*.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida distribuiu o livro correspondente à décima quinta reunião da Academia da Latinidade *The Universal in Human Rights: A Precondition for a Dialogue of Cultures*, que foi realizada em Amã, de 14 a 17 de abril. Foram representantes brasileiros o Acadêmico Helio Jaguaribe, o Ministro Cristóvam Buarque e o Professor Paulo Hilu Pinto, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Discorreu sobre essa importante conferência. Naquela oportunidade, verificaram que a própria idéia dos Direitos Humanos foi vista por muitos, do mundo islâmico, como uma ideologia do Ocidente, como uma maneira de fraudar as verdadeiras questões, a partir de uma reivindicação que é dos ricos, e o importante era saber se nos países pobres a palavra não seria libertação. A idéia de discutir Direitos Humanos se transforma, ainda, numa eterna conversa do mundo inteiro. Acen-

tuou terem verificado a noção dos direitos humanos no mundo islâmico, que não assinou a Declaração das Nações Unidas e, segundo intervenção do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, não assinou a declaração contra a escravidão. Salientou alguns casos para mostrar como o ocidente está longe da crença que passa pelos Direitos Humanos. Acredita que o texto dessa conferência, publicado no livro que acabou de distribuir para alguns acadêmicos, mostra que, possivelmente, há um equívoco ideológico e há um reconhecimento da sincronia dessa dimensão, do ponto de vista internacional. Ressaltou a importância dessa XV Conferência da Academia da Latinidade em Amã para um estabelecimento nos contatos subseqüentes desse mundo islâmico com o Ocidente. Fez referência ao mundo sírio-libanês, que considera o mais arredio à definição da sua identidade no Brasil. Disse que, na Universidade de Damasco, onde fez conferências, encontrou apoio entusiasta à idéia de que se faça um Instituto de Estudos Latino Americanos, com a presença da Academia Brasileira de Letras. Caso essa idéia se concretize dará disso conhecimento à Academia.

- O Presidente agradeceu a comunicação do Acadêmico Candido Mendes de Almeida ao relatar à Casa como transcorreu essa conferência. Está certo de que se trata de um assunto para ser discutido em conferências e seminários. Lembrou que o único país que não assinou a Declaração dos Direitos Humanos foi a Arábia Saudita. A propósito da referência do Acadêmico Candido Mendes de Almeida sobre a colônia sírio-libanesa no Brasil, afirmou que a mesma está muito bem representada, não só nas ciências, como na medicina, no teatro, na literatura e na sociedade.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida concordou com o que foi dito pelo Presidente com relação à presença, em vários campos do conhecimento, de membros da colônia sírio-libanesa no Brasil, mas a discussão desse assunto, em Damasco, estava voltada para a inexistência de Institutos Universitários de Cultura Sírio-Libanesa no Brasil.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, com relação aos Direitos Humanos, recordou que o representante do Brasil foi Austregésilo de

Athayde, portanto o Presidente deve conhecer melhor do que ele esse assunto. Lembrou que a representante dos Estados Unidos, Eleonora Roosevelt disse expressamente que aquilo era uma meta, um objetivo, um ideal a alcançar, mas que os Estados Unidos não incorporavam aquela declaração à sua legislação e não o fizeram até hoje.

- O Presidente declarou que a Sra. Roosevelt estava apressada para que aquela Declaração fosse assinada com a finalidade de levá-la para os Estados Unidos, onde a situação dos Direitos Civis era de *apartheid* e ela precisava daquele documento para avançar no seu trabalho.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe, a propósito das palavras do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, relatou muito brevemente o fato de ter participado dessa excelente reunião da Academia da Latinidade, em Amã, por iniciativa da incansável energia do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, que transcorreu num nível extremamente elevado e competente. Comunicou, a seguir, que teve a oportunidade de passar alguns dias em Jerusalém, onde, por interferência do Acadêmico Celso Lafer, foi recebido pela Universidade Hebraica de Jerusalém, para uma mesa-redonda, e teve a oportunidade de constatar o altíssimo nível de cultura que existe naquela Universidade. Considera um dos grandes centros de cultura do mundo e saiu de lá encantado pelo intercâmbio de idéias que teve a oportunidade de trocar com aquelas pessoas. Na oportunidade, pediu aos confrades que corrigissem, no livro distribuído pelo Acadêmico Candido Mendes de Almeida, o erro do encarregado da revisão gráfica na sua fala que confundiu valores exponenciais por valores lineares, na página 179.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Helio Jaguaribe pela sua corrigenda e sua excelente informação sobre a Universidade Hebraica de Jerusalém.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier afirmou que, na Universidade de Jerusalém, como existe na Universidade de Tel Avive, há o Centro de Estudos Brasileiros. A propósito da colocação do Presidente sobre a comunidade Sírio-Libanesa no Brasil, afirmou que o Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, é

um dos três de referência da América Latina, portanto já existe no Brasil essa integração entre todos os povos. Lembrou o acordo da Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa, que parecia resolvido em 1990, pelo Acadêmico Antonio Houaiss. Passados 17 anos, verifica-se que pouco andou, ao contrário, regrediu, pois Portugal, que apoiava esse acordo, retirou a sua assinatura, negando o apoio indispensável. Ao louvar o esforço do Acadêmico Candido Mendes de Almeida à frente da Academia da Latinidade pediu que ele pensasse um pouco nas necessidades prementes do Brasil e da ABL, em termos de latinidade. Tem verificado que o peso da atuação da Academia da Latinidade está pendendo mais para o mundo islâmico. Assinalou que esses encontros são realizados em países árabes, com publicações de grande custo e acredita que a Academia da Latinidade deveria se voltar um pouco para as necessidades candentes da cultura brasileira. Acrescentou que fica até um pouco preocupado com o envolvimento da ABL nos problemas do mundo islâmico, que são característicos daquela cultura, enquanto os problemas que precisam de encontros e de publicações ficam relegados. Disse que respeita, até porque acredita fazer parte da Academia da Latinidade.

- O Presidente ressaltou que a pauta da sessão tem assuntos da ABL que merecem a atenção dos acadêmicos e sugeriu que o plenário não é o lugar adequado para se discutir o que a Academia da Latinidade deve ou não deve fazer. Deu a palavra ao Acadêmico Candido Mendes para responder, pedindo que essa discussão fosse aí encerrada, embora as informações sobre as atividades da Academia da Latinidade, trazidas pelo Acadêmico Candido Mendes de Almeida, são sempre muito bem recebidas por esta Casa.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida, respondendo ao Acadêmico Arnaldo Niskier, disse que não há uma dominância islâmica nos temas, porque a Academia da Latinidade fez conferências em Teerã, em Alexandria, em Ancara, em Baku e agora em Amã, mas fez também no Haiti, em Quito, no México, no Rio de Janeiro, em Lisboa, em Paris e em Barcelona. Acrescentou ainda que não cabe à Academia da Latinidade a discussão da língua e que, num acordo feito com as Nações Unidas, os problemas da língua são

da União Latina. Portanto, a Academia da Latinidade não pode entrar nessa seara, cabe-lhe o problema do universo das culturas e do seu entendimento. Portanto, a dominância não é islâmica e a figura está definida dentro dos estatutos da Academia da Latinidade.

- O Presidente agradeceu as explicações do Acadêmico Candido Mendes de Almeida e deu ciência ao plenário que acaba de receber o livro *Dez Anos de LDB*, do Acadêmico Arnaldo Niskier.
- No capítulo das efemérides, o Acadêmico Lêdo Ivo, ao evocar Evaristo da Veiga, lembrou o discurso do primeiro Secretário-Geral, durante a inauguração da ABL, quando justificou a presença dos patronos nas Cadeiras desta Casa. Discorreu a seguir sobre o Patrono da sua Cadeira, falecido há 170 anos, enfatizando as afinidades que encontrou entre Rui Barbosa, primeiro ocupante da Cadeira 10 e Evaristo da Veiga, patrono por ele escolhido. Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Lêdo Ivo por esse retrato sem retoques que fez de Evaristo da Veiga, este jornalista diretor do Jornal *Aurora Fluminense*, que teve um papel fundamental na abdicação de Pedro I. Quanto à referência ao esquecimento de Felix Pacheco, disse que espera lembrá-lo como Diretor do *Jornal do Commercio* no próximo livro que estará publicando ainda este ano. Acrescentou, ainda, que Evaristo da Veiga começou a escrever antes do *Aurora Fluminense* no *Jornal do Commercio*. Convidou a todos para a mesa-redonda que se realiza às 17h 30min, no Salão Nobre da Academia, comemorativa dos 90 anos do Acadêmico Antonio Callado e da qual participarão o Acadêmico Antonio Olinto, as Sras. Vera Lucia Follain de Figueiredo e Ana Arruda Callado, e encerrou a sessão.

CÁTEDRA MACHADO DE ASSIS – ABL/UNIVERSIDADE DE OXFORD

*Relatório apresentado pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho**

Por indicação da ABL e convite do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Oxford, ocupei a cátedra Machado de Assis durante o Hilary Term (janeiro-março) de 2007. Minha obrigação era dar 8 aulas sobre temas de cultura brasileira na Faculdade de Línguas Medievais e Modernas e fazer uma conferência no Centro de Estudos Brasileiros. Para efeito de inserção na Universidade, fui eleito *Senior Associate Member* do Saint Antony's College. A título honorífico, foi-me concedido o título de Professor Visitante de História do Brasil pela congregação da Faculdade de Línguas Medievais e Modernas.

Logística

A passagem foi paga pela ABL no Rio de Janeiro e reembolsada pela Universidade. Tive que cuidar pessoalmente da acomodação, que é uma das maiores dores de cabeça de quem pretende morar em Oxford. Aluguei um apartamento

* Na sessão do dia 10 de maio de 2007.

modesto de quarto e sala, no subsolo de um prédio pertencente ao College. Dois meses de ocupação custaram cerca de 3 mil libras, ou 6 mil dólares, ou 12 mil reais, quantia equivalente a 40% do salário recebido.

O Centro de Estudos Brasileiros, dirigido pelo professor Leslie Bethell, ofereceu, no entanto, excelentes condições de trabalho, escritório individual com computador e serviço de secretaria, e um estimulante ambiente de debate possibilitado por suas conferências semanais.

As aulas

O contato na Faculdade de Letras foi com o professor Tom Earle, responsável pelo setor de português. O professor é inglês e competente especialista em Camões. Em acordo com ele, defini os temas das aulas. Ofereci ministrá-las em português ou inglês. Sua escolha foi pelo português, sob a argumentação de que os alunos precisavam ouvir a pronúncia brasileira culta. Garanti-lhe apenas uma pronúncia mineira meio acariocada.

A opção pelo português, fui informado depois, acarretou a redução do número de alunos ingleses em sala de aula. De um total de cerca de 30 alunos no programa, apenas três ou quatro freqüentaram as aulas. O resto do público, cerca de cinco pessoas, era formado por estudantes brasileiros, contando-se ainda o professor Tom Earle, que teve a gentileza de comparecer a todas as aulas. A aula final, dada em inglês, teve a presença de uns 15 alunos e três professores.

Não sendo a literatura meu campo de especialização, propus ao professor Tom Earle oferecer oito aulas sobre temas do pensamento brasileiro que tivessem relação direta com obras de literatura, sobretudo com as dos autores com que mais trabalho: Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Os temas foram: representações da nação, o motivo edênico no imaginário brasileiro, visões sobre escravidão e raça, a tradição retórica lusobrasileira, a mobilidade social no Rio de Janeiro Imperial, o Rio de Janeiro republicano, e representações do sertão.

Outras atividades

Além das aulas na Faculdade de Letras, fiz uma palestra em inglês no Centro de Estudos Brasileiros sobre D. Pedro II, para um público de cerca de 30 pessoas. A mesma palestra foi repetida na Universidade de Cambridge, onde fui, a convite de Maria Lúcia Pallares-Burke, para um público de tamanho semelhante.

Avaliação

De positivo, houve a excelente acolhida no Centro de Estudos Brasileiros e a gentileza do professor Tom Earle e de outros professores do programa.

De negativo, a dificuldade de encontrar residência e o excessivo peso do aluguel no orçamento.

O problema mais sério, no entanto, de que está plenamente consciente o professor Tom Earle, foi o do pequeno número de alunos ingleses nas aulas. Mesmo se levando em conta o fato de que Oxford é uma universidade muito seletiva, a situação não é satisfatória e isso mesmo foi dito ao professor Tom Earle. Disse-lhe que o dinheiro da ABL e o esforço dos acadêmicos me pareciam um tanto desproporcionais para o atendimento de um número tão reduzido de alunos ingleses. Uma avaliação de custo-benefício do convênio entre a ABL e a Universidade me parecia assim desfavorável à primeira.

Conclusão

A situação do ensino da língua portuguesa e da cultura brasileira em Oxford só não é pior do que em Cambridge, onde o tripé língua-linguística-literatura foi reduzido a um unipé, que junta língua e literatura em uma disciplina. Apenas uma professora oferece literatura brasileira. O pouco que existe tende a se concentrar na literatura portuguesa, o que é compreensível, tendo em vista que Portugal pertence à Comunidade Européia. Nessas circunstâncias, e diante da omissão do governo brasileiro, justificou-se o esforço da ABL em assinar o convênio

com a Universidade, embora não fosse sua a tarefa de difundir no exterior a língua e a cultura nacionais.

No entanto, diante dos problemas apontados, antes de renovar o convênio, aconselharia, em primeiro lugar, aguardar a decisão da Universidade sobre o futuro do Centro de Estudos Brasileiros. Esse futuro não está garantido. Depois de funcionar por 10 anos, sob a direção do professor Leslie Bethell, e de constituir o principal difusor da cultura brasileira na Inglaterra, promovendo conferências semanais e seminários, o Centro está sob ameaça de fechamento. Mais precisamente, ele será fechado no dia 15 de junho próximo, caso a Universidade não consiga levantar três milhões de dólares para sua manutenção.

Na hipótese, já agora improvável, de sobrevivência do Centro, poderia ser o caso de renovar o convênio, mas o pensando em novo formato. Uma possível alternativa seria proferir todas as palestras em inglês no próprio Centro, atingindo, assim, um público mais amplo.

Na hipótese provável de extinção do Centro, as condições de manutenção do convênio pioram significativamente. A renovação teria que ser negociada diretamente com a Faculdade de Letras. Só a aconselharia se essa Faculdade pudesse garantir boas condições de trabalho, incluindo auxílio na busca de residência e um escritório com computador, além de maior frequência de alunos ingleses.

DEZ ANOS SEM CALLADO

*Artigo do Acadêmico Carlos Heitor Cony**

Quando voltou de Londres, onde trabalhou na BBC durante quase toda a 2.^a Guerra Mundial, Antonio Callado estava faminto de Brasil. Viu os bombardeios da cidade, o desmoronar de um mundo velho e achava que o pós-Guerra seria a oportunidade histórica para o Brasil deslanchar em termos de desenvolvimento social e material.

Pesquisou nossos índios, trazendo-os para sua literatura. Durante o regime militar, foi preso diversas vezes e proibido de escrever em jornais. Mas não perdeu a sua fé no Brasil. Sendo o único inglês da vida real, na definição de Nelson Rodrigues, ele confiava que um dia as coisas melhorariam, os homens melhorariam.

Cinquenta anos depois, em 1997, três dias antes de sua morte, aos 80 anos, ele deu uma longa entrevista à *Folha*, confessando o desmoronar de suas esperanças. Não chegou a viver a era Lula – seria uma decepção a mais. Foi um dos desabafos mais cruéis do nosso tempo, sobretudo por vir de um homem culto, sem ambições pessoais, autor de *Quarup*, um dos romances mais importantes de nossa literatura.

* Artigo publicado na *Folha de São Paulo* do dia 10 de maio de 2007.

Guardo de sua entrevista uma frase que volta e meia gosto de citar: “A humanidade perdeu a sua âncora moral”. Callado estava longe de ser um moralista. Como Montaigne, Pascal e Santo Agostinho, dava ao homem a possibilidade de transcender seus objetivos materiais e elevar-se a um estágio superior à condição humana.

Trabalhei muitos anos a seu lado. Quando pedi demissão do jornal do qual ele era o diretor de redação, Callado se demitiu comigo. Na prisão em que estivemos juntos, ele passava o tempo lendo Proust. Se o Brasil tivesse uns cem Callados, certamente seria um país bem melhor, digno da esperança que ele cultivou durante toda a sua vida, até as vésperas de sua morte.

EVOCAÇÃO DE EVARISTO DA VEIGA

*Estudo do Acadêmico Lêdo Ivo**

No admirável discurso que pronunciou no dia 20 de julho de 1897, durante a inauguração da Academia Brasileira de Letras, do qual foi o primeiro secretário-geral, Joaquim Nabuco assim justificou a presença dos patronos em nossas cadeiras:

“As Academias, como tantas outras, precisam de antiguidade. Uma Academia nova é como uma religião sem mistérios: falta-lhes solenidade. A nossa principal função não poderá ser preenchida senão muito tempo depois de nós, na terceira ou quarta dinastia de nossos sucessores. Não tendo a antiguidade, tivemos que imitá-la, e escolhemos os nossos antepassados. Escolhemo-los por motivo, cada um de nós pessoal, sem querermos, eu acredito significar que o patrono de sua cadeira fosse o maior vulto de nossas letras. Foi assim que, pelo menos, eu escolhi Maciel Pinheiro. Nesse misto de médico poeta, de orador diplomata, de *dandy* que vem a morrer de amor, elegi o pernambucano.”

Estas palavras magistrais de Nabuco esclarecem a existência de nossos patronos, em sua maior parte alvejados pelo tempo que é sinônimo de pó e esquecimento, e raros tendo transposto a fronteira da posterioridade.

* Apresentado no capítulo das Efemérides na sessão do dia 10 de maio de 2007.

O meu antepassado é Evaristo da Veiga, falecido há precisamente 170 anos. Muitas vezes me pergunto por que Rui Barbosa, o fundador da Cadeira n.º 10, não imitou o exemplo de Nabuco e escolheu o baiano Castro Alves para ser o seu patrono. O cantor de “O navio negreiro” fora seu amigo e companheiro de colégio, e uma de suas admirações fervorosas. Todavia, em vez de eleger o poeta fulgurante, Ruy preferiu um fluminense, o gordo Evaristo da Veiga. E, diante de minha pergunta, eu mesmo me respondo. Há entre Ruy e Evaristo um ar da família, uma afinidade ao mesmo tempo secreta e ostensiva. Ambos foram homens marcados pela paixão política. Ambos respiraram o ar convulso das nossas grandes transições institucionais, Evaristo como uma das figuras consulares da Regência, Ruy como um dos arquitetos da construção da República. Ambos eram livrescos: Ruy com a sua portentosa biblioteca de Babel, na qual podemos encontrar desde economistas ingleses e os moralistas franceses a um volume raro de Rimbaud; e Evaristo da Veiga, filho de um mestre-escola e livreiro português, tornou-se ele mesmo um livreiro e leitor compulsivo de tudo o que vinha da França, desde a teoria constitucional de Benjamin Constant às reflexões históricas e políticas de Montesquieu e aos versos de Victor Hugo. Ambos foram parlamentares: Ruy senador pela sua amada e fiel Bahia, e Evaristo três vezes eleito por Minas Gerais, e antes de ter pisado o solo montanhês. E, nesse acúmulo de similitudes, ambos foram grandes e vibrantes jornalistas, atentos ao dia que passa, transitando entre choques, interesses, sonhos e astúcias dos homens e verberando os trajetos sinuosos dos partidos políticos.

Em resumo: Ruy e Evaristo viveram o momento férvilhante e incomparável do nascimento de uma Nação. Evaristo respirou a transição em que o Brasil, com sua Independência, se converte em uma Monarquia constitucional. Como um dos fundadores, em 1828, do jornal *Aurora Fluminense* — naquele tempo em que os jornais, muitos deles sem sequer uma redação, e centrados numa tipografia, eram mais boletins doutrinários e políticos a serviço de partidos e seitas filosóficas, e não órgãos de informação — Evaristo participou intensamente de todo o processo de fundação do Brasil independente. Poeta tonitruante, imitou a lira clangorosa de Victor Hugo, ce-

lebrando o grito do Ipiranga e a pessoa do príncipe D. Pedro. Dele é o hino da independência, que chegou a ser atribuído, pelos puxa-sacos imperiais, a D. Pedro I:

“Já podeis da Pátria filhos,
Ver contente a mãe gentil:
Já raiou a Liberdade
No horizonte do Brasil”.

“Brava gente brasileira
Longe vá temor servil:
Ou ficar a Pátria livre,
Ou morrer pelo Brasil”.

O pensamento político de Evaristo da Veiga, que enfrentou o drama pessoal de, filho de português, ter que afirmar a sua condição de brasileiro – naquele tempo em que os portugueses e brasileiros se digladiavam ferozmente – entranhou-se na inflexível determinação e convicção de que o Brasil deveria ser uma Monarquia constitucional. Embora os Estados Unidos da América ostentassem, então, o seu jovem poder e energia de nação republicana democrática, como um exemplo a ser copiado, Evaristo temia que a implantação de uma República fizesse o Brasil resvalar para a situação quase anárquica das repúblicas ou republiquetas latino-americanas que, desmembradas da Coroa Espanhola, se fragmentavam e se esvaíam em guerras e guerrilhas, e em dilaceramentos políticos intestinos.

Em *O Publicista da Regência*, o nosso esquecido confrade Félix Pacheco o estampilha de “democrata, monarquista, conservador, liberal e anticlerical”. Cabe acrescentar que ele foi também antiescravagista.

Ao contrário de muitos de seus companheiros de geração, como os Andradas, os Silvas Lisboa, os Vilelas Barbosas e os Carneiros de Campos, viera de baixo, sem o prestígio do sobrenome fulgente e sem fortuna, basta dizer que, mesmo como deputado, continuava livreiro, e atendendo a clientes em seu balcão. Autodidata, buscou e formou a sua doutrinação política nos livros franceses trazidos pelos navios, desde que, com a abertura dos portos em 1808, o Brasil recebia o contágio das idéias revolucionárias ou reformistas da Europa – do Ilumi-

nismo prolongado e do Romantismo literário e político que correspondia a uma nova visão de mundo.

O plebeu Evaristo da Veiga não estudou em Coimbra como o seu rival José Bonifácio nem teve a formação seminarística do padre Diogo Antonio Feijó. Aliás, como pé-rapado, nutria certo desprezo pelos nascidos em berço de ouro ou de jacarandá. E estes, encarnando a nova aristocracia citadina e rural, e os interesses mercantis de uma jovem nação atrelada ao domínio econômico da Inglaterra, emergiam como os novos donos do poder, porta-vozes e representantes de uma burguesia assentada na posse da terra, nos engenhos de cana-de-açúcar e no comércio florescente.

Acentua o historiador Octavio Tarquínio de Souza, em sua biografia de Evaristo da Veiga, que ninguém mais do que ele concorreu para criar o ambiente liberal que caracterizaria os primeiros anos do período da Regência:

“mas seria negar o que havia nele de mais irredutível – o seu temperamento, o seu feitio psicológico, a sua formação moral – acreditar que o tenha dominado o entusiasmo revolucionário, que a solução extrema o empolgasse, colocando-o na ala dos mais exaltados”.

Contrário ao espírito absolutista e de poder pessoal de D. Pedro I, Evaristo da Veiga teve um papel decisivo na Revolução de 7 de abril de 1834, nascida de um descontentamento geral – “O Brasil estava descontente de tudo, do Imperador e dos seus ministros, da guerra do Sul, do erário vazio, do espírito de indisciplina que grassava em todo país” – assim Oliveira Lima explica, em *O Império Brasileiro*, a revolução que levou D. Pedro I à abdicação e prolongou a Monarquia na pessoa de um rei-menino. E completa: “A glória de Evaristo da Veiga foi ter salvado o princípio monárquico”; e o mesmo historiador responsabiliza Ruy Barbosa por ter contribuído, mais do que ninguém, com sua impiedosa campanha no *Diário de Notícias*, para “derrubar o trono que Evaristo da Veiga salvara em 1831”. E acrescenta: “Os extremos tocaram-se e no círculo desenhado pela monarquia na evolução política do Brasil, Ruy voltou à fase destruidora do primeiro reinado”.

Cuido que quem melhor retratou Evaristo foi Antonio Candido na *Formação da Literatura Brasileira*. Chama-lhe “herói das virtudes medianas” e sublinha a sua moderação. Sustenta que ele teve “a rara capacidade de conciliar o equilíbrio com energia, a prudência com o desassombro”. “Destaca o seu apego à Constituição, o reconhecimento da necessidade de um ‘pacto social’ para que o Brasil se desenvolvesse, a conciliação entre a ordem e a liberdade”.

Vivendo num tempo de sulfurosos destemperos gráficos e verbais e de panfletários irrespeitosos (um deles o chamou de “porco imundo”), Evaristo pregava uma liberdade moderada. Mas embora tivesse sido uma fábrica de vitupérios, um rio enlameado e transbordante de insultos e calúnias, o jornalismo exerceu um papel seminal no período da proclamação da Independência e da Regência, procurando discutir os problemas nacionais e orientar o que naquele tempo era a opinião pública. E cabe ao *Aurora Fluminense* o lugar mais decoroso nesse processo.

Quer como doutrinador político e parlamentar atuante, quer como jornalista reflexivo, às vezes cauto e às vezes aguerrido, quer como poeta sofrível, mas inflamado, o gordo Evaristo da Veiga se engasta plenamente no cenário do nosso Romantismo, como um dos pregoeiros do nascente nacionalismo político e literário. Nascido em 1799 e falecido em 1837, aos 37 anos de idade, ele pertence à primeira geração romântica, ao lado de José de Alencar, que foi seu companheiro de Câmara, de Gonçalves Dias, Odorico Mendes, Gonçalves de Magalhães e Porto-Alegre. E é nesta condição memorável que ora o evocamos, no transcurso dos 170 anos de sua morte. Ele é um dos nossos antepassados e ilumina, com o seu nome e exemplo, a Cadeira 10 desta corporação, que é a minha cadeira.

SESSÃO DO DIA 17 DE MAIO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Celso Lafer, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Mindlin, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao abrir a sessão, submeteu à aprovação do Plenário a Ata do dia 10 de maio, que foi aprovada. Deu ciência à Casa de que, em sua viagem a Portugal, tratou de temas ligados à Academia Brasileira de Letras. Discorreu sobre o novo livro de Guilherme de Oliveira Martins, Presidente do Centro de Cultura de Portugal, acentuando as qualidades desse livro, prefaciado por Eduardo Lourenço, com um capítulo inteiro dedicado a temas brasileiros. Teve a satisfação de verificar as homenagens que o autor presta, por abonações e referências que buscou, aos Acadêmicos Alberto da Costa e Silva, Josué Montello, Miguel Reale, Celso Lafer, Pedro Calmon, Ribeiro Couto, José Sarney e Guimarães Rosa. Trata-se de um li-

vro com acento na cultura brasileira, onde relata as viagens e contatos que teve com pessoas e instituições brasileiras. Registrou o grande prestígio e a figura exponencial que se tornou, na Espanha, a Acadêmica Nélide Piñon, homenageada pela Casa das Américas, em Madri. Ainda no capítulo das homenagens, falou sobre o “Prêmio União Latina de Literatura Românica”, outorgado ao Sócio Correspondente da ABL, Mia Couto e o “XII Prêmio de Ficção Estrangeira”, entregue, pela National Portrait Gallery de Londres, ao escritor José Eduardo Agualusa, pela obra *O Vendedor de Passados*. Saudou o Acadêmico Antonio Carlos Secchin pelo êxito de sua presença na Universidade de Nápoles e na Universidade Sorbonne Nouvelle. Em relação ao Acordo Ortográfico, informou que conversou com a Ministra da Cultura de Portugal, Senhora Isabel Pires de Lima e o Encarregado de Negócios do Brasil, Ministro José Carlos Leitão. Depois de ter tido um preâmbulo da situação do Acordo Ortográfico com Luis Fonseca, Secretário-Geral da CPLP, e com Lauro Moreira, embaixador do Brasil junto à CPLP, chegou à conclusão de que, em Portugal, não há nenhum interesse nesse acordo. Acredita que Portugal está entrando num novo tipo de isolacionismo; havia-se isolado politicamente com Salazar e agora se isola na questão lingüística. Informou que a indústria editorial portuguesa se manifestou publicamente contra o Acordo Ortográfico. Registrou que o escritor José Eduardo Agualusa não vai mais aceitar que seus livros sejam editados na ortografia de Portugal, porque não pretende trocar 190 milhões de potenciais leitores brasileiros, por pouco mais de dez milhões em Portugal. Na sua opinião, acha que o Governo Brasileiro deve tomar uma posição mais objetiva em relação ao tema do Acordo Ortográfico. Informou que o Professor António Brás Teixeira, Presidente da Câmara de Letras, chefeará a delegação de Portugal para a reunião anual das Academias. Sobre as questões internas da ABL, declarou que a Diretoria está aguardando manifestação do Itamaraty a respeito do passaporte diplomático.

- O Acadêmico Domício Proença Filho informou que, em contato informal com o Embaixador Jerônimo Moscardo, durante a Conferência do Acadêmico Ariano Suassuna, manifestou junto a ele o estranhamento da

Casa diante do problema. Foi informado que estava rigorosamente aprovado e a solicitação contida no ofício da ABL era medida meramente burocrática. Ficou de tomar as providências necessárias para uma pronta agilização e uma resposta que fosse um reparo pelo atraso.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça comunicou que mandou fazer uma estimativa dos custos, com o Setor de Imprensa, e verificou que, se a Academia tivesse pago à TV Globo pelo que ela divulgou, em cadeia nacional, e publicou em seus jornais sobre a Academia Brasileira de Letras, teria gasto oito milhões, setecentos e trinta e quatro mil, quinhentos e oitenta e um reais e oitenta e três centavos. Deu ciência ao Plenário de que esteve, junto com o Acadêmico Cícero Sandroni, cuidando da renovação do apoio cultural da Petrobras à Biblioteca Rodolfo Garcia. Informou ao Plenário que recebeu manifestação da direção da Rede Globo de Televisão exaltando o Portal da Academia. Louvou o empenho do Acadêmico Evanildo Bechara por estar, ele próprio, promovendo as respostas às perguntas feitas pelos internautas.
- O Acadêmico Domício Proença Filho sugeriu que se procurasse patrocínio para o Site ABL Responde, a fim de que se pudesse contratar especialistas capazes de suprir a demanda, sobretudo porque o acesso ao Site tem sido muito numeroso. Não acha justo que a sobrecarga recaia sobre o Acadêmico Evanildo Bechara.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça disse que, em conversa com Acadêmicos da Academia das Ciências de Lisboa, verificou o quanto vem sendo consultado o Portal da Academia, elogiado pela sua dinâmica e pela natureza com que dá notícias suficientes das ações da Academia Brasileira de Letras. Atendendo indicação do Acadêmico Alberto Venancio Filho, disse que a Academia vai registrar o centenário de Nehemias Gueiros, grande jurista e Shakespeariano como poucos.
- O Acadêmico Cícero Sandroni registrou que recebeu o Grande-Colar do Mérito do Tribunal do Contas da União, em Brasília, representando a Academia Brasileira de Letras. Ressaltou o prestígio e a admiração que o Presidente

Marcos Vinícios Vilaça, Decano do Tribunal de Contas da União, desfruta junto aos seus pares. Receberam o Grande Colar o arquiteto Oscar Niemeyer, Ministro Djaci Alves Falcão, Ministro Homero Santos, Miguel Srougi, Octávio Frias de Oliveira (*in Memoriam*), Oscar Niemeyer e Wadjô da Costa Gomide (*in Memoriam*). Ressaltou em seu discurso que o criador do Tribunal de Contas da União foi o Acadêmico Rui Barbosa, o mesmo que, sete anos mais tarde, participou da fundação da Casa de Machado de Assis.

- O Acadêmico Marco Maciel congratulou-se com o Acadêmico Cícero Sandroni pelo excelente discurso feito por ocasião da entrega do Grande-Colar do Mérito do Tribunal de Contas da União à Academia.
- O Presidente enfatizou a oportunidade da fala do Acadêmico Marco Maciel ao ressaltar o pronunciamento do Acadêmico Cícero Sandroni que o deixou e ao Acadêmico Marco Maciel muito honrado pela representação que fez da Casa. Deu conhecimento aos Acadêmicos das obras do Teatro R. Magalhães Júnior, que estão sendo executadas com a supervisão do Secretário-Geral.
- O Acadêmico Evanildo Bechara discorreu sobre o Acordo Ortográfico. Disse causar-lhe estranheza a posição de Portugal, tendo em vista que a essência do Acordo, que mereceu tanto trabalho do Acadêmico Antônio Houaiss, é relegado pelo país irmão, quando setenta por cento do Acordo repete o Acordo de 1945, que é o Acordo vigente em Portugal. Não aceitando abraçar o Acordo, está rejeitando o próprio modo de escrever. O Acordo manda que o Brasil deixe de acentuar as palavras *assembléia*, *idéia*, *herói*, exatamente porque em Portugal existem as pronúncias com essas vogais tônicas fechadas. Acredita que, a persistir a relutância dos portugueses, o melhor a ser feito, em homenagem ao Acadêmico Antônio Houaiss, seria ficar o Brasil com o Acordo de 1943, e as nações africanas, que assim o desejassem, passariam a usar nos seus livros a ortografia brasileira de 1943. O Brasil teria assim a oportunidade de, melhorando-a, na medida do possível, de alguns preceitos ortográficos que ainda sobrecarregam a pessoa que quer escrever as palavras do português.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva, com relação a pontos abordados no início do pronunciamento do Presidente, recordou dois fatos curiosos: o primeiro, que os escritores portugueses, quando editados no Brasil, estão agora a exigir a ortografia portuguesa nos seus livros. Isso sucedeu com as edições de José Saramago, que impôs à Companhia das Letras, como condição para editar livros no Brasil, que se mantivesse a ortografia portuguesa, e com Miguel Souza Tavares, na Editora Nova Fronteira. Tornou-se uma praxe dos escritores portugueses essa exigência para que seus livros sejam publicados no Brasil, em ortografia portuguesa, ao passo que os autores brasileiros que fizerem esta exigência em Portugal não serão satisfeitos, porque a lei portuguesa exige esta aplicação. Há uma diferença de tratamento legal nos dois casos. Disse que se preocupa com a questão de Angola, porque tem boas ligações com historiadores angolanos e verifica que, cada vez mais, nos trabalhos que manda para Angola, eles tem a tendência de quimbundizar as palavras. São problemas que vão se opondo à unidade da Língua Portuguesa e à unidade da concepção de como escrevemos em português.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco lembrou que o Acordo, ao ser ratificado por três países, se tornaria num instrumento internacional vigente, implicando uma negociação internacional, uma vez que deixa de ser um assunto interno de cada país.
- O Acadêmico Domício Proença Filho acredita que o mais prudente seria uma tomada de posição da Academia Brasileira de Letras como instituição. Não acredita que o referendo de três países resolva o problema de um Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Acha que, se a Academia assumir simplesmente a proposta de continuar fiel ao Acordo de 1943, a situação continuará sem ser resolvida. Propôs que uma comissão da Casa se reúna para fixar uma tomada de posição que seria discutida e aprovada em Plenário, dada a sua importância.
- O Acadêmico Carlos Nejar lembrou que, em entrevista, o escritor José Saramago mencionou que os portugueses não são os donos da Língua Portuguesa. Sugeriu que o Brasil crie uma lei, assim como existe em Portugal, que im-

peça que um escritor brasileiro publique em língua diferente do português de Portugal. Acha que o Brasil não é subsidiário de Portugal, e não tem que se sujeitar às suas vontades.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Melo Franco reforçou a sua opinião de que a Academia deve apresentar as suas opiniões, os seus subsídios, as suas posições, mas o assunto entra claramente no campo do Direito Internacional. Sugeriu ao Senador Marco Maciel que expusesse a posição da Academia Brasileira de Letras no Legislativo.
- O Acadêmico Marco Maciel disse que, retornando a Brasília, irá examinar a questão para trazer uma posição em relação ao assunto, sobretudo em seu aspecto interno.
- O Acadêmico Lêdo Ivo propôs que seja incorporado nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* a reportagem “Magaldi, crítico e aliado do teatro”, publicada no *Estado de São Paulo* do dia 9 de maio, assinado pela Senhora Mariângela Alves de Lima, em homenagem aos oitenta anos do Acadêmico. Por determinação do Senhor Presidente, o texto dessa entrevista será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*. Encaminhou à Biblioteca da Academia o livro *Matheos de Lima – o Esteta da Palavra*, organizado pelo escritor Francisco Valois e prefaciado pelo professor Ib Gatto Falcão, presidente da Academia Alagoana de Letras, instituição que o editou. Em sua apresentação, o Acadêmico Lêdo Ivo louvou o trabalho competente e devotado realizado por Francisco Valois, que também pertence à Academia Alagoana de Letras. Ele reuniu, após muitos anos de pesquisa, toda a obra poética de Matheos de Lima, e ainda a sua fortuna crítica. Nascido em Alagoas, em 1894, e falecido no Recife, em 1978, o irmão de Jorge de Lima, Matheos de Lima viveu no Recife desde a juventude, exercendo a medicina e lá publicando os seus livros em edição fora do comércio. Uma temporada na Alemanha influiu consideravelmente em sua formação cultural. A edição de agora permitirá o conhecimento de um poeta de alta categoria e que, pela sua originalidade e dimensão estética, merece ser lido e estudado pela crítica universitária.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho, pelo adiantado da hora, pediu que a sua inscrição para a sessão de hoje ficasse para a reunião da próxima semana.
- O Acadêmico Celso Lafer lembrou os 180 anos da fundação dos cursos jurídicos das Faculdades de Direito de São Paulo, de Olinda e do Recife. O número de Acadêmicos oriundos dessas três instituições é muito significativo. Sugeriu que se pense numa forma pela qual a Academia se fará presente na comemoração dos 180 anos, seja no Recife ou em São Paulo. Uma das idéias é afixar, na entrada da Biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo, o nome de todos os Acadêmicos do passado e do presente, que cursaram a Faculdade. Encaminhou à Biblioteca Rodolfo Garcia dois tomos do *Fausto*, traduzidos pela Senhora Jenny Klabin Segall. Assinalou tratar-se de uma nova edição crítica muito bem feita que mereceu o aplauso de Augusto Meyer e Antonio Houaiss, pelo cuidado e esmero de dedicação a este empenho poético.
- O Presidente pediu, em nome da Academia, aos Acadêmicos Celso Lafer e Marco Maciel que ajustassem uma forma da Academia participar dos atos comemorativos dos 180 anos da fundação dos cursos jurídicos das Faculdades de Direito de São Paulo, de Olinda e Recife.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho registrou que publicou um livro que terá o prazer de oferecer um exemplar a cada Acadêmico. Ainda não o fez porque está aguardando a remessa dos livros por parte da editora.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe informou que recebeu da Editora TopBooks comunicação de que encontrou, num sebo em Copacabana, uma coleção de livros em inglês, de importantes autores brasileiros que poderiam ser adquiridos pela Biblioteca da Academia.
- O Presidente indicou o Diretor das Bibliotecas, Acadêmico Murilo Melo Filho, para ficar encarregado de administrar este assunto e depois trazê-lo à consideração do Plenário.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho ressaltou que já entrou em contato com o Sebo. São 160 livros de autores brasileiros editados em inglês e pediu autorização da Diretoria para serem adquiridos pela Biblioteca.
- A Diretoria aprovou a compra da coleção de livros para as Bibliotecas Lúcio de Mendonça e Rodolfo Garcia.
- O Presidente Marcos Vilaça submeteu à votação do Plenário a proposta apresentada pelo Acadêmico Arnaldo Niskier para a Medalha João Ribeiro.
- A Acadêmica Ana Maria Machado lembrou que o Acadêmico Arnaldo Niskier faria chegar aos Acadêmicos um Currículo do indicado, para que se possa avaliar em quem se está votando para a Medalha.
- O Presidente pediu que a Secretaria fizesse chegar à mão dos Acadêmicos o Currículo do indicado, para votação na próxima sessão. Encerrou a sessão.

MAGALDI, CRÍTICO E ALIADO DO TEATRO

*Artigo de Beth Néspoli e Mariangela Alves de Lima**

Nos 80 anos do intelectual, é hora de lembrar a sua vital e brilhante contribuição à arte, educação e jornalismo.

Em 1950, o teatro moderno brasileiro encerrava a etapa da primeira infância. Texto, espetáculo e modo de produção haviam-se atualizado e refinado como prática e estatuto teórico e, nas duas praças mais importantes do País, a arte do espetáculo estava se tornando tão respeitável quanto a literatura. Sete anos após a espetacular estréia de “Vestido de Noiva”, o *Diário Carioca* agrega à sua equipe de redatores, com a atribuição de fazer crítica teatral, um jovem advogado mineiro que até então se exercitara em revistas literárias. Para esse teatro renovado, que escapava tanto ao crítico literário quanto ao repórter da geral, era preciso outro instrumental. Muitos anos depois, na saudação acadêmica de praxe feita aos novos companheiros da Academia Brasileira de Letras, o poeta Lêdo Ivo encerrou com este bonito fecho retórico a súmula biográfica do novo colega: “Era a hora de escolher a vossa expressão literária. Mas essa já vos tinha escolhido”.

Mineiro de Belo Horizonte, nascido no dia 9 de maio de 1927, Sábado Magaldi completa hoje oito décadas de uma existência cuja paixão intelectual domi-

* Publicado no Jornal *O Estado de São Paulo*, do dia 9 de maio de 2007.

nante é o teatro. O advogado e depois procurador do setor público foi logo se aperfeiçoar no ofício imprevisto, fazendo um curso de Estética na Sorbonne. A formação em Direito não foi desprezada e permitiu-lhe converter-se, mais tarde, no astuto redator de moções em defesa da liberdade de expressão e da segurança dos artistas durante a ditadura, no aliado que, nas meias horas vagas, ajudava a formular minutas de propostas administrativas em benefício da arte e dos trabalhadores do teatro. Crítico sem complacência dos aspectos éticos e estéticos dos espetáculos, foi sempre um aliado incondicional da produção teatral como um todo. Mágoas com o crítico não impediram que os trabalhadores e artistas o consultassem e o elegessem, ainda que informalmente, como o seu representante nas horas difíceis. Na verdade, não há aspecto da vida institucional do teatro brasileiro, do ensino à legislação, que não tenha sido afetado, de um modo ou de outro, por intervenções diretas ou indiretas desse intelectual de vocação gramsciana que foi o primeiro secretário municipal de Cultura desta cidade.

Da prática jornalística que exerceu a partir de 1952 no jornal *O Estado de São Paulo*, e, desde 1966, no *Jornal da Tarde*, provém a maior parte do nosso conhecimento sobre o teatro dos anos 50, 60 e 80 do século passado. Ao aposentar-se da função de crítico de jornal, em 1988, deixou impresso nesse veículo fugaz que é o jornal o testemunho de alguns milhares de espetáculos. Alguns desses críticos estão sendo, depois de filtrados pelo autor, publicados sob a forma de livro. Há ainda entre as críticas, noticiário e ensaios, reflexões importantíssimas que o severo juízo crítico do autor, exercido em causa própria, considera de pouco interesse editorial. Quem pescar nos arquivos, ao acaso, uma coluna informativa, no entanto, verá que a divulgação do espetáculo, anunciada por esse redator de alto calibre, é mais do que uma declaração de boas intenções retransmitida pela coluna. Seções informativas do “diário” e do “Suplemento Cultural” de *O Estado de São Paulo*, escritas ao tempo em que Sábato Magaldi era titular, são densos resumos das plataformas estéticas dos artistas entrevistados. Ter acesso a todos os artigos é um sonho recorrente de quem se dedica a estudar o nosso teatro.

Artigos para jornal precisam trocar em miúdos conhecimentos específicos e é natural, na hora de reeditar, a predileção por livros que foram pensados como

tal. Os títulos publicados até hoje são fundamentais para a historiografia do teatro brasileiro, e pode-se dizer que um deles, *Panorama do Teatro Brasileiro* — publicado pela Difel em 1962 — é a viga-mestra onde se escora a relativa abundância editorial resultante do ensino universitário do teatro. Figura entre suas obras, entre outros, um maravilhoso volume em que podemos aprender muito sobre a evolução da arte de um modo geral, incluindo-se aí o teatro. Editado pela Perspectiva em 1989, o volume *O Texto no Teatro* reúne estudos dispostos em progressão cronológica de Ésquilo a Heiner Müller. Publicado originalmente no “Suplemento Cultural”, este conjunto de ensaios é uma prova de que a simplicidade de estilo necessária para introduzir leitores neófitos pode ser alcançada sem que o texto perca a acuidade crítica. Do mesmo modo, as introduções feitas às peças de Nelson Rodrigues, no volume organizado por ele e editado pela Nova Aguilar, mobilizam áreas do conhecimento que ultrapassam o foco monográfico. Leituras brilhantes do léxico, da sintaxe, das especificidades dramáticas de um dramaturgo singular, os estudos são também associações com a história social, com a história da arte, com a psicologia da criação.

Felicitamos o intelectual que é, ao mesmo tempo, homem de ação, o crítico arguto e inventivo e o erudito generoso, que trama ao acontecimento teatral a ciência de outros campos do saber. Resta louvar e dar parabéns ao professor estimado por atores, diretores, dramaturgos e teóricos que estudaram na Escola de Arte Dramática e na Escola de Comunicações e Artes da USP. É bem provável que seja igualmente estimado pelos alunos para quem lecionou em universidades francesas. Mas, sem dúvida, os alunos brasileiros exigiram muita paciência. Sábato Magaldi faz parte de um grupo de pioneiros reunido por Alfredo Mesquita para aprender, escrever, ensinar e propor a pedagogia do teatro e da crítica brasileiros. Na mochila escolar das suas primeiras turmas universitárias havia um único livro: *Panorama do Teatro Brasileiro*.

SESSÃO DO DIA 24 DE MAIO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivo Pitanguy, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao abrir a sessão, submeteu à aprovação do Plenário a Ata do dia 17 de maio, que foi aprovada. Deu notícias do Acadêmico Eduardo Portella, que já se encontra em casa, restabelecido. Festejou o lançamento da antologia poética *Além do Tempo*, do Acadêmico Ivan Junqueira, na Fundação Eugénio de Andrade, na cidade do Porto, em Portugal. Informou que o Acadêmico Napoleão Maia, da Academia Cearense de Letras, tomou posse como Ministro do Superior Tribunal de Justiça. Festejou o Acadêmico José Mindlin homenageado pela Universidade de Passo Fundo, com o título de Doutor *Honoris Causa*. Deu ciência aos Acadêmicos de que Machado de Assis foi homenageado com a aposição de seu re-

trato, na sede da CPLP, em Lisboa, por solicitação do Secretário Luiz Fonseca e diligência do Embaixador Lauro Moreira. Registrou que a Academia obteve recursos para recuperação dos filmes do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos, entre eles “O Rio de Machado de Assis”. A Comissão Machado de Assis já dispõe dessas películas, que estavam praticamente perdidas, para os festejos do próximo ano. Lembrou que, na semana que se inicia a 18 de junho, acontece em Londres, a Semana Comemorativa do Centenário de Machado de Assis, uma iniciativa da Embaixada do Brasil que tem, entre os conferencistas, o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet e o distinguido ensaísta John Gledson. Comunicou que será inaugurada em setembro a exposição “Polônia Carioca”, na Galeria Manuel Bandeira, que contará com a presença do Prefeito de Varsóvia. Em razão desta exposição, fez editar uma pequena palestra que proferiu na Universidade de Varsóvia sobre o fenômeno sócio-político brasileiro, para ser distribuída na ocasião. Comunicou que a Prefeitura de Caruaru, nos festejos dos cento e cinquenta anos da cidade, concedeu medalhas *post mortem* a Austregésilo de Athayde e a Álvaro Lins. Sobre a restauração da obra do Teatro R. Magalhães Júnior, deu ciência de que o novo palco já está sendo feito e de que já foram iniciadas as obras dos sanitários. Agradeceu ao Acadêmico Cícero Sandroni, que tem acompanhado diariamente a implantação do novo teatro.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho apresentou proposta para a concessão da Medalha João Ribeiro (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).
- O Presidente pediu à Secretaria Executiva que distribuísse a proposta da concessão da Medalha João Ribeiro aos Acadêmicos, para posterior deliberação do Plenário.
- O Acadêmico Antonio Olinto comunicou que assumiu a primeira Vice-Presidência da União Brasileira de Escritores, o que muito o alegrou porque ajudou a fundá-la, na época, com a Presidência do Acadêmico Peregrino Júnior e a Vice-Presidência do Acadêmico Josué Montello. Compareceu, na

Academia Brasileira de Cordel, à festa do poeta Chico Sales. Na ocasião, leu o poema “Vidinha de Castro Alves”, de Jorge de Lima. A Academia de Cordel tem como patrono Catullo da Paixão Cearense, que está com a estátua abandonada e poleiro de pombos. Solicitaram o seu apoio para que a mesma seja transferida para o Centro de Tradições Nordestinas, em São Cristóvão.

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho compartilhou com todos os Acadêmicos a alegria que teve ao assistir à pré-estréia do filme “O Quinze”, de Jurandir Oliveira, baseado na obra homônima de Rachel de Queiroz. Disse que o filme é bem feito, com boa técnica, som e imagem de qualidade, excelentes atores entre os quais o próprio Jurandir no papel de Chico Bento. Agradou-o particularmente a fidelidade do filme ao texto de Rachel de Queiroz e, sobretudo, ao espírito do livro. A seca é mostrada com todo o sofrimento humano e social que a acompanha, mas com sobriedade e sem derramamentos emocionais.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier acrescentou alguns esclarecimentos sobre o nome proposto por ele para a concessão da Medalha João Ribeiro.
- O Presidente colocou em votação a proposta do Acadêmico Arnaldo Niskier para a concessão da Medalha João Ribeiro ao Dr. Antonio Oliveira Santos, que foi aprovada.
- O Acadêmico Carlos Nejar parabenizou o Acadêmico Antonio Olinto pela Vice-Presidência da União Brasileira de Escritores. Sobre Catullo da Paixão Cearense, disse que no momento em que se tira a possibilidade de os pombos pousarem na estátua, está-se tirando a metade da glória de Catullo.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet lembrou anedota que Afonso Arinos de Melo Franco conta, no livro *Alma do Tempo*, a propósito de uma excursão que Catullo da Paixão Cearense fez a Minas Gerais, quando ficou hospedado numa fazenda e passou a noite inteira acordado, morrendo de medo de onça, e dizia: “em matéria de vida rural e vida simples, prefiro levar essa vida simples na cidade do que no campo”.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva lembrou que Catullo da Paixão Cearense teve o mais bonito enterro a que já assistiu. O féretro saiu do edifício de *A Noite*, acompanhado por uma multidão que enchia inteiramente a Avenida Rio Branco cantando “Luar do Sertão”.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha discorreu sobre a obra do Acadêmico José Murilo de Carvalho sobre Dom Pedro II. Disse ter lido o livro como quem lê um romance e lembrou que Dom Pedro II foi um dos seus ídolos na puberdade. Ressaltou que o Acadêmico José Murilo de Carvalho consegue, de maneira extremamente feliz, abordar os dois aspectos desta personalidade relevantíssima para a compreensão da nossa História: o Imperador e Pedro D’Alcântara. Sente-se que há uma espécie de tensão dialética entre ambos, uma vez que Pedro D’Alcântara era um homem de muitas paixões e realmente não sentia atração pelo poder como tal, pelo seu exercício, pela burocracia que o cerca, realmente ele era o homem da cultura, de leitura, um poliglota extraordinário e ainda havia a prevalência do aspecto humano. Discorreu sobre as viagens que empreendeu, sobre sua morte em Paris, aos 66 anos, e as homenagens que lhe foram prestadas naquele país. Nos Estados Unidos, as referências eram igualmente relevantes, como o reconhecimento do papel de verdadeiro estadista que desempenhou. Assinalou que o Acadêmico José Murilo de Carvalho, além de ser o grande historiador que é, teve uma formação profunda em Ciências Políticas e soube dosar a atuação de D. Pedro em nossa história. Registrou que, no momento por que passa o Brasil, com enormes dificuldades que são do conhecimento de todos, essa obra é absolutamente necessária e sinaliza este amor ao Brasil, que ele tinha, e por essa honestidade estrutural, que também encarnava. Acredita que é uma lição para o Brasil de hoje o grande Brasil do II Império do historiador José Murilo de Carvalho.
- O Presidente acrescentou que toda a Academia falou na voz do Acadêmico Tarcísio Padilha. O livro é muito oportuno neste momento brasileiro, onde estão confundindo democracia com estado policial, que contamina a consciência do povo. Confessou que levou para Portugal o livro do Acadê-

mico José Murilo de Carvalho, atendendo a um pedido de um historiador português, que estava ansioso para ler este livro. Viajou à Itália e na volta a Portugal quase foi condecorado pelo benefício que, com o livro, propiciou ao cientista político José Tavares Farinha. Cumprimentou o Acadêmico José Murilo de Carvalho, acrescentando que, ademais, é um livro muito bem escrito.

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho agradeceu ao presidente e acrescentou que, na dedicatória que lhe fez, disse lamentar profundamente não ter podido comprovar que Dom Pedro II fosse pernambucano.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho leu o Parecer da Comissão do Prêmio ABL de História e Ciências Sociais, que foi aprovado por unanimidade.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva, na ausência do Relator, leu o Parecer da Comissão do Prêmio Machado de Assis.
- O Presidente determinou à Secretaria Executiva a distribuição do Parecer para futura deliberação do Plenário. Convidou a todos os Acadêmicos para o “Seminário Brasil, brasis” sobre o tema “Vida com hora marcada – natureza desafiada”, coordenação do Acadêmico Ivo Pitanguy, expositor o Acadêmico Candido Mendes de Almeida e debatedores os Doutores Renato Kovach, Drauzio Varella, Paulo Niemeyer e Raul Cutait. Encerrou a sessão.

PROPOSTA DE MEDALHA JOÃO RIBEIRO

*Apresentação do Acadêmico Murilo Melo Filho**

O Parágrafo Único desse mesmo Art. 65 estabelece que “a proposta para atribuição dessa Medalha será feita por qualquer Acadêmico, justificadamente, e encaminhada à Diretoria, que a submeterá ao Plenário”.

É o que estou fazendo agora – Senhor Presidente – para que esta Academia conceda a Medalha “João Ribeiro” à Fundação Roberto Marinho, neste seu 30.º aniversário, por ser de justiça e em reconhecimento aos notáveis serviços que ela, há trinta anos, vem prestando e ainda prestará à Inteligência e à Cultura brasileiras.

Senhor Presidente.

Tomo a liberdade de propor a V. Ex.^a. que determine à Secretaria dos nossos trabalhos o envio a todos os Acadêmicos de uma cópia das informações que acabei de fornecer, para melhor orientação dos seus votos.

* Na sessão do dia 24 de maio de 2007.

SESSÃO DO DIA 31 DE MAIO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral, Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Mindlin, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Nelson Pereira dos Santos, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao abrir a sessão, submeteu à aprovação do Plenário a Ata do dia 24 de maio, que foi aprovada. Registrou com pesar o falecimento do filho do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, que será velado no Memorial do Carmo. Informou que a Academia já tomou providências para manifestar o pesar coletivo. Fez distribuir, para o conhecimento dos Acadêmicos, cópia da carta enviada pela Universidade de Oxford, onde se dá notícia do fim da cátedra e do encerramento do termo de passagem do Professor Leslie Bethell pelos dispositivos da organização da Universidade. Informou que a Academia vai se manifestar, através de carta, registrando o quanto foi importante o trabalho desenvolvido, que resultou na presença dos Acadêmicos Sergio Paulo Rouanet, José Murilo de Car-

valho e a Acadêmica Ana Maria Machado, em docência naquela Universidade. Entregou aos Acadêmicos foto do novo modelo do Teatro R. Magalhães Júnior, destacando pequenos detalhes que compõem esse projeto: a inclinação do piso, desencontro do espaldar das cadeiras, um corredor único com as laterais desobstruídas, iluminação e outras particularidades. Destacou a tranqüilidade de saber que o Secretário-Geral, Acadêmico Cícero Sandroni, acompanha o projeto regularmente com a presença da Arquiteta Janete Costa. Em referência às atuais agressões feitas à liberdade de imprensa, a que se assiste no nosso continente, indagou ao Plenário se não caberia à Academia uma manifestação sóbria, mas categórica, enviando mensagem a algumas autoridades e instituições. Acha que a Academia tem compromisso secular com a democracia, com a liberdade e se interessa pela plena capacidade de manifestação do pensamento dos escritores.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco está de acordo com o compromisso da liberdade de pensamento, da palavra e da imprensa, mas acha que a Academia deve se limitar ao que concerne ao País. Acredita que haverá, inevitavelmente, uma exploração de que a Academia está participando de certa corrente de opinião, que ataca alguns governos. Ponderou que essas agressões à liberdade de imprensa não são localizadas apenas nos continentes americanos e sul-americanos, têm um âmbito mais amplo.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe divergiu, no sentido de que, nas condições atuais do mundo e do Brasil, a solidariedade sul-americana é algo que não pode ser ignorada pelo Brasil. O Brasil não pode ficar de atalaia relativamente a atentados à liberdade de imprensa que sejam realizados em qualquer parte do mundo. Acha oportuno que a Academia se manifeste de maneira prudente o seu repúdio às agressões à liberdade de imprensa que estão sendo cometidas neste continente.
- O Acadêmico Lêdo Ivo sugeriu que a Academia se abstenha desta gestão. Já esteve na Venezuela três vezes, conhece o problema, que não se limita apenas a uma eventual agressão à liberdade de imprensa. Na verdade, o governo

não renovou uma licença de televisão, que pertence ao Estado da Venezuela. Tendo em vista que não se trata propriamente de agressão à liberdade, e sim do fim de um contrato entre o Estado e uma empresa de televisão, a Academia deve abster-se desse problema.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho está de acordo com uma manifestação discreta da Academia. Ressaltou que ultimamente na imprensa, no rádio e na televisão está em voga a proibição de um livro, que foi determinada por sentença oficial. O autor e o editor aceitaram este acordo e a sentença está recorrível; o Tribunal ainda vai julgar se a apreensão é válida ou não. Pediu que este assunto não fosse mencionado porque acha que seria uma atuação um pouco arriscada da Academia.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho concorda com o Acadêmico Alberto Venancio Filho porque, como biógrafo, se preocupa com a morte de toda biografia não autorizada neste país, não só é um problema para todo historiador, mas também para todo jornalista que escreve biografias. Na sua opinião, uma biografia autorizada é como uma autobiografia escrita por outro. Preocupa-se com essa tendência de se bloquear qualquer biografia que não seja autorizada, mas que diga coisas que são provadas, verdadeiras e que não agradam ao biografado.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva observou que viveu na Venezuela mais de seis anos como representante do Governo brasileiro numa época em que a Venezuela não tinha relações diplomáticas com o Brasil. O que está vendo hoje, na Venezuela, é a ressurreição de Pérez Gimenez, a ressurreição dos militares em toda a sua força, criando universidades militares, dando vantagens especiais a filhos de militares, fazendo uma verdadeira clivagem na vida nacional. É um assunto que o preocupa e o desgosta, mas acha que isso não seja assunto da Academia.
- O Acadêmico Lêdo Ivo propôs que esta manifestação da Academia a respeito da Venezuela e das agressões à liberdade de imprensa não figure na *Ata da Academia Brasileira de Letras*.

- O Presidente perguntou ao Plenário se a Academia deve ou não se manifestar a respeito do assunto.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva propôs que o Presidente divida a pergunta em duas: a Academia se manifestar sobre os perigos da agressão à liberdade de imprensa e à liberdade de escrever livros, que é um problema geral, depois, o aspecto particular da Venezuela.
- A Acadêmica Ana Maria Machado afirmou que uma manifestação genérica da Academia sobre a preocupação com a preservação das liberdades de expressão, cabe tanto para a Venezuela quanto para o problema do livro.
- O Acadêmico Lêdo Ivo ponderou que a manifestação da Academia deve ser pontual, localizada e não generalizada.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier considera, por prudência, que a Academia não deva se manifestar como Instituição. Cada Acadêmico é livre para manifestar sua opinião. Quem escreve nos jornais diz o que achar que deve. Propôs que a Academia encaminhasse para todos os Acadêmicos uma minuta de um texto, com o enriquecimento havido no debate, a respeito da liberdade de expressão de um modo geral.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet acrescentou que são posições que merecem reflexão e, de fato, a Academia deve se pronunciar genericamente a favor da liberdade de imprensa, que é a própria alma da Instituição, que não existiria num contexto caracterizado pela ausência dessa liberdade. Por outro lado, acha que uma mera reafirmação de princípio, da nossa simpatia pela liberdade de imprensa, seria chover no molhado, reiterar algo que já está na Constituição.
- O Acadêmico Cícero Sandroni acrescentou que o problema da agressão à liberdade de expressão é um assunto que merece muita discussão por não ser um privilégio de grupos, que hoje se conglomeram, e que estão dominando as comunicações no mundo. Quando a liberdade de expressão passa a ser

controlada e dirigida por uma força política ou econômica, a criação literária também está sendo atingida.

- O Acadêmico Carlos Heitor Cony disse que a sua experiência de sessenta anos como jornalista o faz crer que não existe a liberdade de imprensa e também de empresa, como acabou de dizer o Acadêmico Cícero Sandroni. Falou das diferenças entre liberdade de expressão e liberdade de opinião e deu um exemplo conhecido na Casa. Em relação à posição da Academia sobre a situação política e a liberdade de expressão, relatou um episódio pessoal, ocorrido com ele em 1964, quando foi processado pelo Ministro Costa e Silva por delito de opinião, pela Lei de Segurança Nacional, e o seu advogado pediu que arranjasse três pessoas que depusessem em seu favor, o que foi muito difícil. Encontrava-se nessa dificuldade quando o então presidente da Academia, Austregésilo de Athayde, lhe telefonou colocando-se à disposição para depor a seu favor e levou ainda o Acadêmico Alceu Amoroso Lima. Também o seu vizinho Carlos Drummond de Andrade se prontificou a depor. Quando o Juiz perguntou se Austregésilo de Athayde e Alceu Amoroso Lima estavam representando a Academia, ambos declararam que estavam ali como pessoas físicas, como intelectuais e não em nome da Instituição. Drummond foi mais radical e disse que falava por toda a intelectualidade mineira.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida disse que, somando a proposição do Acadêmico Arnaldo Niskier, do Acadêmico Cícero Sandroni e examinando o Art. I do Estatuto da Academia, no qual a obrigação institucional da Casa é apenas com a Cultura da Língua e da Literatura Nacional, destacou a importância de um documento mais denso na linha do proposto pelos confrades acima mencionados.
- O Presidente disse que a provocação que desejava fazer para uma medição da vontade do plenário já tinha obtido seu efeito e que iria encerrar essa discussão dando a palavra à Acadêmica Ana Maria Machado, atribuindo-lhe a responsabilidade, e a Diretoria considere conveniente voltar a tratar do assunto, ela possa oferecer uma minuta desta manifestação da Casa.

- A Academia Ana Maria Machado declinou da honra que lhe foi conferida pelo Presidente, por conflito de interesses, na medida em que tem um irmão que seria um destinatário desse documento; sendo assim, não poderia fazê-lo. Lembrou que essa discussão toda foi tão rica, que gostaria muito de que não fosse levado em conta o pedido do Acadêmico Lêdo Ivo para que não constasse de Ata, deve constar, porque o assunto mobilizou a todos.
- O Acadêmico Lêdo Ivo informou que o seu pedido para não constar de Ata era apenas pelo aspecto pontual.
- O Presidente comunicou ao plenário que a Academia está enviando, pelo seu serviço de jornalismo e pelo serviço de informação via Internet às Senhoras e aos Senhores Acadêmicos informações sobre notas na mídia, jornais e revistas e também, a veiculação via televisão, de notícias e imagens gravadas, bem como o noticiário *on line* de notas divulgadas nos principais jornais do país. Acrescentou que, independentemente dessas remessas feitas, a Academia continua a arquivar no seu Centro de Memória esses textos que são veiculados na imprensa. Tudo isso contribui para que a Academia tenha um acervo maior da memória da Casa. A seguir, festejou, com todos os presentes, o aniversário do Acadêmico Candido Mendes de Almeida que transcorre no próximo domingo, dia 3 de junho.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho lembrou que o Presidente o designou, juntamente com os Acadêmicos Tarcísio Padilha e Celso Lafer para fazer a revisão do Regimento Interno da Academia. Esta Comissão está hoje entregando o relatório para que seja distribuído aos Acadêmicos. Esclareceu que o relatório contém sugestões e a Comissão insiste nas observações críticas e adendos dos confrades, solicitando que dêem o seu parecer a fim de que a nova redação atenda aos interesses da Academia. Acentuou que a Comissão se esforçou para simplificar o Regimento da ABL, fazendo-o sintético e tudo o mais cabe ao presidente fixar em portarias, como fez em relação ao Centro de Informática. Discorreu sobre as pesquisas que fez nos Regimentos anteriores citando como exemplo o Art. 65 do Regimento Interno da ABL de 1910. Saliou a colaboração que receberam do Acadêmico Antonio Carlos Secchin e

da Acadêmica Ana Maria Machado. Finalmente, agradeceu e ressaltou a colaboração dos Acadêmicos Tarcísio Padilha e Celso Lafer, que trouxeram para a elaboração do texto, com a competência de que são dotados, valiosa contribuição para o melhor aproveitamento do Relatório. Solicitou ao Presidente que, ao determinar a distribuição do mesmo aos Acadêmicos, fizesse anexar o Regimento, para facilitar o estudo do assunto.

- O Presidente manifestou, em nome da Diretoria e de todos os acadêmicos, aos Acadêmicos Alberto Venancio Filho, Tarcísio Padilha e Celso Lafer o profundo agradecimento da Casa pela compreensão que tiveram da necessidade de simplificar o Regimento.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, por solicitação dos seus colegas da Comissão Municipal que estão preparando as comemorações do centenário da morte de Machado de Assis em 2008, apresentou à Academia o documento do Grupo de Trabalho Municipal para a celebração desse centenário, criado pelo decreto 25.558, de 25.5.2006, no âmbito da Secretaria Municipal das Culturas. Este Grupo de Trabalho tem dez membros entre os quais o próprio Secretário Municipal das Culturas, Ricardo Macieira, e cinco Acadêmicos: Eduardo Portella, Antonio Olinto, Antonio Carlos Secchin, Domício Proença Filho e ele próprio.
- O Presidente agradeceu a exposição feita pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, cumprimentando-o pela natureza do trabalho que vem realizando.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho discorreu sobre a inauguração, às 18 horas, na Biblioteca Rodolfo Garcia da Exposição “Palavras sem fronteiras”, em homenagem ao Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, cujo livro, com o mesmo título mostra que o trânsito de diferentes palavras por várias línguas significa uma prova indiscutível dos imperativos globais dos nossos dias, como verdadeiras pontes de identidade entre povos e nações, unindo fronteiras, valores, etnias e tradições. O Presidente determinou que o texto lido seja incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.

- O Presidente cumprimentou o Acadêmico Murilo Melo Filho pela dedicação com que tem tratado desse tema. Deu conhecimento ao plenário da boa notícia do Acadêmico Eduardo Portella, que já se encontra em Casa, em recuperação.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida leu o parecer da Comissão do Prêmio ABL de Ensaio, Crítica e História Literária.
- O Presidente submeteu ao plenário o parecer da Comissão deste prêmio, que foi aprovado por unanimidade.
- O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos apresentou o parecer da Comissão do Prêmio ABL de Cinema que, submetido ao plenário pelo Presidente, foi igualmente aprovado.
- O Presidente passou à escolha por votação secreta do Prêmio Machado de Assis. Deu início ao processo eleitoral convidando para escrutinadores os Acadêmicos Arnaldo Niskier e Murilo Melo Filho. Procedeu-se à votação que teve como resultado a escolha por 26 votos do escritor Roberto Cavalcante de Albuquerque. Completada a escolha de todos os prêmios, o Presidente proclamou que o Prêmio Machado de Assis – para conjunto de obra, de 2007 coube a Roberto Cavalcante de Albuquerque; o Prêmio ABL de Poesia foi dividido entre Alberto da Cunha Mello com o livro *O Cão dos Olhos Amarelos* e Adriano Espínola com *Praia Provisória*; o Prêmio ABL de Ficção, Romance, Teatro e Conto a Rubem Fonseca com *Ela e as Outras*; o Prêmio ABL de Ensaio, Crítica e História Literária a Francisco Weffort, com o livro *Formação do pensamento Político Brasileiro – Idéias e Personagens*; o Prêmio ABL de Literatura Infanto-Juvenil a Adélia Prado com o livro *Quando Eu Era Pequena*; o Prêmio ABL de Tradução a Barbara Heliodora pela tradução da obra de Shakespeare; o Prêmio ABL de História e Ciências Sociais a Laura de Mello e Souza com o livro *O Sol e a Sombra* e o Prêmio ABL de Cinema conferido aos filmes *Achados e Perdidos*, roteirista Paulo Halm e *Crime Delicado*, roteiristas Marçal Aquino, Beto Brant, Marco Ricca, Maurício Paroni de Castro e Luiz Francisco Carvalho Filho.

- O Presidente, a seguir, recordou que às 18 horas haverá a abertura da Exposição “Palavras sem Fronteiras”, homenagem a Sérgio Correia da Costa. Lembrou que a próxima quinta-feira é dia santificado, Corpus Christi, e a sessão será antecipada para o dia 6 de junho, quarta-feira. E encerrou a sessão.

EXPOSIÇÃO “PALAVRAS SEM FRONTEIRAS”

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente.

Senhora e Senhores Acadêmicos.

Logo depois desta nossa reunião, vamos inaugurar na Biblioteca Rodolfo Garcia, a Exposição “Palavras sem fronteiras”, em homenagem ao nosso saudoso Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, cujo livro, lançado no ano de 2000, com o mesmo título e já muito premiado, mostra que o trânsito de diferentes palavras por várias línguas significa uma prova indiscutível dos imperativos globais dos nossos dias, como verdadeiras pontes de identidade entre povos e nações, unindo fronteiras, valores, etnias e tradições.

Palavras Sem Fronteiras, de Sergio, reúne 3 mil expressões idiomáticas, com 16 mil exemplos de emprego dessas palavras, recolhidas em 15 países, em 8 línguas e num total de 46 idiomas, que, por si sós, já constituem um acervo imensamente rico, segundo Môrrice Druon, da Academia Francesa.

* Proferidas na sessão do dia 31 de maio de 2007.

Praticamente, essas palavras vêm emigrando para o mundo todo e acabam integrando uma espécie de “Vocabulário sem fronteiras”, que se amplia continuamente e que aproxima as culturas nacionais.

O que o Acadêmico Sergio Corrêa da Costa chama de “Palavras sem fronteiras” são precisamente aquelas palavras que, originadas de uma língua, e, depois, suas transgressoras, foram se insinuando em todas as demais e acabaram por se tornar de uso virtualmente universal.

Senhora e Senhores Acadêmicos.

Essa Exposição foi produzida especialmente para a nossa Biblioteca Rodolfo Garcia, por considerá-la um centro cultural atualizado e dotado de recursos tecnológicos e interativos de ponta, e de última geração.

O primeiro módulo da Exposição, montado no saguão de entrada da Biblioteca Rodolfo Garcia, foi concebido em homenagem ao Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, com uma grande foto sua e dados biográficos seus.

O segundo módulo contém a abordagem do tema, com uma programação de multimídia, que ocupa os nossos mais diferentes espaços, além do uso de projeções sincronizadas entre si, envolvendo o visitante em um ambiente holográfico, com fotografias em raios-*laser*, onde as palavras e seus significados em diversas linguagens literalmente migram pelo espaço, ocupando os pisos e as paredes.

Para entrar nesse ambiente, o visitante atravessa um cenário que representa a visão cartográfica do Planeta.

O terceiro módulo constará de uma galeria de vídeo-arte, instalada na sala de multimídia da Biblioteca, mostrando criações concebidas por 12 escritores jovens e artistas brasileiros atuais, especializados nessa modalidade de expressão e inspirados justamente em algumas dessas 3 mil palavras, como, por exemplo, *vitrine, natureza, oásis e história*.

A nossa Exposição “Palavras sem fronteiras” vai prosseguir na próxima segunda-feira, dia 4 de junho, às 11 horas da manhã, que serão 4 horas da tarde em Paris, quando realizaremos uma videoconferência, de uma hora de duração,

transmitida da nossa Sala, sob a presidência do Acadêmico Marcos Vilaça, com a presença de Acadêmicos brasileiros, aqui no Rio, e com a participação de Escritores Franceses, reunidos na UNESCO, em Paris.

Será esta uma grande oportunidade de nos aproximarmos do nosso modelo e da nossa Matriz parisiense, que é a Academia Francesa.

Sejam todos muito bem-vindos à inauguração, logo mais, desta Exposição “Palavras sem fronteiras” e a esta videoconferência, com as quais acredito que estamos prestando merecida homenagem a um nosso saudoso Acadêmico, o Embaixador Sergio Corrêa da Costa, com o carinho, a afeição, a admiração e a saudade que ele tanto nos merece, pelos inestimáveis serviços prestados à Diplomacia, à historiografia, às letras, à pesquisa, à lexicografia e ao vocabulário brasileiro.

SESSÃO DO DIA 6 DE JUNHO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, Secretário-Geral estiveram presentes os Acadêmicos: Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Evânildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- O Presidente em exercício, Acadêmico Cícero Sandroni, ao abrir a sessão, submeteu à aprovação do Plenário a Ata do dia 31 de maio que, após reparos feitos pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, foi aprovada. Entregou, para apreciação dos Acadêmicos, o Relatório sobre a reforma do Regimento da Academia Brasileira de Letras. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Antonio Carlos Secchin, que aniversaria no próximo dia 10 de junho.
- O Acadêmico Antônio Olinto comunicou que a Prefeitura do Rio de Janeiro, por seu intermédio, doou 100 livros para o programa *Criança Esperança*. Registrou com pesar o falecimento da poetisa Marly de Oliveira, viúva do Acadêmico João Cabral de Melo Neto e discorreu sobre o percurso da sua atividade poética.

- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Antonio Olinto a notícia da doação dos livros para o programa “Criança Esperança”.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva falou sobre a poetisa Marly de Oliveira. Disse conhecê-la desde a época em que ela chegou ao Rio de Janeiro com a obra *Cerco da Primavera*, que antecipava seus outros grandes livros, entre eles: *A Suave Pantera* e *Retrato*, que teve a honra de prefaciar. Livros feitos por uma poetisa serena e sensual, com versos marcados por uma espécie de entendimento permanente com o mundo e com as coisas que ela apalpava deliciada. Nos seus poemas elegíacos de desencanto amoroso, havia um permanente entendimento de alegria de viver. Foi uma poetisa autobiográfica, que extraía a seiva poética da sua realidade interior, da sua vivência e da sua história pessoal.
- O Acadêmico Carlos Nejar confirmou todas as expressões que foram ditas sobre Marly de Oliveira. Recordou a figura da poetisa e os seus livros *A Evocação a Orfeu*, *O Sangue nas Veias* e *A Suave Pantera*. Uma poeta capaz de meditar sobre o destino humano, que filosofava sem cair na filosofia, porque, afirmou, há um limite tênue entre a poesia e a filosofia, que só uma grande poetisa como Marly de Oliveira consegue transcender e tornar em expressão peregrina o sentimento e o pensamento humano.
- O Presidente agradeceu aos Acadêmicos Alberto da Costa e Silva e Carlos Nejar as palavras sobre Marly de Oliveira. Comunicou ao Plenário que foram tomadas as providências indispensáveis para assegurar assistência à família.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho relatou que, ao se dirigir ao Centro de Memória da Casa para uma pesquisa, deparou-se com um cartaz, na porta da Sala José de Alencar, onde se lia *Impact Day*. Destacou o fato porque a Academia defende a Língua Portuguesa. Sugeriu que a pessoa responsável pelo espaço faça contato antecipado com os interessados pela locação, para que tal não volte a ocorrer.

- A propósito do que foi dito pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, o Presidente declarou que desconhecia o ocorrido e irá tomar providências, assim que terminar a Sessão.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara agradeceu a comunhão dos Acadêmicos que estiveram em todos os atos dos últimos momentos do falecimento de seu filho, Evanildo Chauvet Bechara.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida distribuiu um opúsculo com o título *Bento XVI no Brasil – Secularização e Relevância da Igreja*. Observou que há um momento neste ano onde a dimensão intelectual do Papa começa a ser discutida em todo o mundo. O último livro de Joseph Ratzinger sobre Jesus de Nazaré está entrando numa enorme polêmica, entre vários grupos protestantes, inclusive com grupos judeus, quando disse: “A minha missão não é convencer, a minha missão é debater o que possa ser a conciliação entre a racionalidade e efetivamente à fé”. Acredita que haverá propostas interessantes do ponto de vista deste debate, e o Brasil vai ser bastante convocado. Em sua opinião, não tínhamos neste milênio um Papa que quisesse continuar a ser tratado como intelectual, e, nesse sentido, acha que uma convocação a esse debate e a essa preocupação interessa também à Casa de Machado de Assis.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida pelo livro e pela presteza com que apresentou o seu trabalho. O Papa Bento XVI acaba de sair do Brasil e já temos um livro analisando todos os temas abordados. Lembrou que, no primeiro Milênio, o Papa Silvestre I era um grande intelectual, quando, na época, ser um grande intelectual era muito perigoso. Lembrou uma lenda que Silvestre I espalhou que teria feito um pacto com o Diabo, assim, de alguma maneira, se protegeu de todos os perigos que um Papa, que passava pelo milênio, poderia sofrer.

- No capítulo das Efemérides, o Acadêmico Lêdo Ivo fez uma bela apresentação sobre a vida e a obra de José Lins do Rego. O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida registrou que ouviu um grande momento da evocação literária nas Efemérides da Academia Brasileira de Letras.
- O Acadêmico Carlos Nejar louvou o texto do Acadêmico Lêdo Ivo sobre José Lins do Rego.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho felicitou o brilhante perfil que o Acadêmico Lêdo Ivo traçou sobre José Lins do Rego e as palavras que disse a esse respeito. Lembrou que, no discurso de posse de José Lins do Rego, sucedendo a Ataulfo de Paiva, traçou uma apreciação quase cruel do antecessor. Austregésilo de Athayde, recebendo José Lins do Rego, lembrou que Ataulfo de Paiva foi fiel e dedicado companheiro da Casa. Finalizando, ressaltou a bela análise literária que Affonso Arinos de Mello Franco fez no seu discurso de posse, quando sucedeu a José Lins do Rego nesta Casa.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Lêdo Ivo pelo belo ensaio crítico sobre a obra do grande escritor que foi José Lins do Rego.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco louvou o admirável retrato que fez o Acadêmico Lêdo Ivo sobre José Lins do Rego. Lembrou José Lins do Rego, seu amigo de juventude.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu a lembrança do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco sobre José Lins do Rego. Prosseguindo, informou que o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco declinou da sua participação na Comissão do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes e, por indicação do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, será substituído pelo Acadêmico Murilo Melo Filho e encerrou a Sessão.

EVOCAÇÃO DE JOSÉ LINS DO REGO

*Estudo apresentado pelo Acadêmico Lêdo Ivo**

Nos anos finais de sua vida, de 1955 a 1957, José Lins do Rego ocupou nesta Academia a Cadeira 25, fundada por Franklin Dória, o Barão de Loreto. Sucedeu-o outro expoente de nossa cultura, Afonso Arinos de Melo Franco, sucedido em 1991 por Alberto Venancio Filho, que ora honra esta corporação com seu convívio ameno, mas enérgico e vigilante, e seus três saberes: o literário, o histórico e o jurídico.

Decerto foi a circunstância de ter sido José Lins do Rego uma das grandes amizades de minha vida que induziu o secretário-geral Cícero Sandroni a confiar-me a incumbência de evocá-lo agora, neste ano em que celebramos o cinquentenário de seu falecimento.

Peço permissão a Alberto Venancio Filho, ocupante da gloriosa Cadeira 25, para também falar em seu nome neste momento de saudade e evocação.

A grandiosa criação poética e romanesca de José Lins do Rego foi uma misteriosa e afortunada fusão de engenho e memória – do engenho de sua infância, descendente da rústica aristocracia rural do Nordeste forjada no mando e des-

* Apresentado no capítulo das Efemérides na sessão do dia 6 de junho de 2007.

mando seculares, e de uma memória que, convertida em linguagem e em experiência da imaginação, iniciada com uma obra-prima, *Menino do Engenho*, lhe permitiu construir um dos maiores monumentos de nossa literatura.

Este monumento é também um largo e desdobrado documento da vida social humana do Brasil e do seu e nosso Nordeste. Retratando tanto os senhores donos da terra como os párias dos eitos canavieiros, provoca em todos nós amor, indignação e piedade. O autor de *Fogo Morto* pertence à mais nobre de todas as linhagens literárias – à da literatura de indignação de Tolstoi e Dostoievski.

Há algo de russo nesse romancista da decadência, da perda e da infelicidade, nesse rapsodo dotado de uma visão trágica e desiludida da vida. E a sua grande arte se funda numa linguagem seminal – direi mesma espermática – capaz, como nenhuma outra, de reunir no mesmo contexto as cantigas de berço e da moenda, da cama sexual e das cozinhas que cheiravam como bosques, das mesas senhoriais e dos eitos, dos canaviais e das feiras. Um de seus recursos estilísticos habituais é a reiteração – a melopéia ou o longo lamento que rege esse universo de derrocada e marasmo.

Na sua formação intelectual figuram, em sítio de relevo, Balzac e Proust, Thomas Hardy e D.H. Lawrence. A sua técnica narrativa, sua maestria em organizar uma história, o mistério de uma composição unem, numa mesma voz pungente, os ceguinhos das feiras do Nordeste e as mais apuradas modulações do romance ocidental.

Nesse mundo que Jose Lins do Rego criou há uma fusão proustiana de imaginação e memória, de observação e recriação. Lembro-me de que, durante sua presença entre nós, a crítica escoteira costumava incluí-lo entre os chamados escritores instintivos, ignorando a sabedoria de um romancista e ensaísta que foi, decerto, um dos escritores mais cultos de nossa história, leitor incansável dos russos e dos espanhóis, dos ingleses e franceses, e possuidor de uma singular curiosidade intelectual que o conduzia até Valéry. E foi essa sabedoria que o aparelhou para retratar, em sua saga, o Nordeste do açúcar – esse Nordeste onde, como a paisagem é azul, em excesso se plantam canaviais até perto do mar.

É certo que, em sua criação romanesca, José Lins do Rego visitou varias paisagens, mas é no espaço geográfico açucareiro, nos engenhos, na topografia nativa que, ao mesmo tempo, une e separa os ricos e os pobres, os humilhadores e os humilhados, os ofensores e os ofendidos, que reside o seu gênio, a sua força, a sua energia e riqueza criadora. Não nos esqueçamos, porém, das outras paragens guardadas em sua ficção: o cenário praieiro e petrolífero de *Riacho Doce*, o Rio de Janeiro de *Eurídice*, o Cabo Frio salineiro em *Água Mãe*, o Recife convulso e palafítico de *O Moleque Ricardo*, o messianismo de *Pedra Bonita*, o bandoleirismo de *Os Cangaceiros*. Não tivesse José Lins do Rego criado o Ciclo da Cana-de-Açúcar, bastariam esses romances para assegurar-lhe uma posição privilegiada na história da ficção brasileira.

Mas é o Nordeste que avulta, como a proa de um navio, em sua obra: o Nordeste pletora, adiposa e derramadamente gordo como aqueles lentos e redondos pausados homens gordos do Nordeste, que passam a vida inteira bebendo vermute, jogando bilhar e subindo as escadas austeras dos mais preclaros bordéis de Maceió e do Recife; o Nordeste magro e canicular; o Nordeste que hoje produz uva, soja, melão e até vinho; o Nordeste úmido e até molhado pelas chuvas de caju e enchentes dos rios mansos tornados raivosos, ora doce como doce de coco, ora de uma amargura de cortar coração; arcaico com a sua língua arrastada e belíssima, regida pelo encanto das vogais intermináveis; voltado para os passados do passado ou contemplando a modernidade desumana das usinas que engolem as canas-de-açúcar e as almas, o sangue e a vida dos homens. Enfim, esse Nordeste, ao mesmo tempo festivo e funerário, e de tal modo entranhado na carne e no espírito dos seus escritores representativos que estes, longe dos seus sóis e de suas chuvas, de suas terras e de seus mares, se sentem meio exilados e meio estrangeiros, mesmo quando envergam um fardão acadêmico.

Desde o fim da Segunda Grande Guerra e a morte de José Lins do Rego, e mais de meio século transcorrido desde a publicação dessa obra-prima de romance agônico que é *Fogo Morto*, o Nordeste começou a mudar. Ou os Nordestezes começaram a mudar, como se a doença de São Guido atingisse o seu marasmo secular, a sua maneira de ser. A usina anunciada por José Lins do Rego passou a

engolir os engenhos — inclusive o Engenho Corredor, em que ele nasceu e ouviu as histórias da velha Totônia. A industrialização gulosa e desumana criou novas servidões e infelicidades. O êxodo rural inchou cidades, tornou mais claras e até escandalosas e impiedosas as separações sociais e econômicas, o mundo da riqueza tornada escudo, privilégio inarredável e espetáculo, e o mundo da exclusão, dos mocambos e favelas que hoje chegam a ser de negra matéria plástica. As orlas marítimas das capitais nordestinas, como o Recife e Maceió, Natal e João Pessoa, se norteamericanizaram, e os edifícios de arquitetura melancolicamente padronizada, com as suas janelas de vidro fumê e as umbrelas brancas das varandas dos hotéis turísticos, tentam plagiar Miami. Uma proliferação desabrida de templos evangélicos abalou e danificou a fidelidade multissecular do povo nordestino à religião católica — e as seitas proliferam, com a mesma velocidade das biroskas, dos camelôs e das farmácias emblematicamente arreganhadas para uma nação de doentes. Um emalhamento rodoviário que expansivo abriu novos e ilusórios horizontes para a fome e imobilismo, estimulando os êxodos. Surgiram estações rodoviárias e se converteram em aeroportos dos pobres — e milhões de nordestinos, de paus-de-arara, são vomitados anualmente nos novos nichos de desilusão e miséria que os esperam nomeadamente em São Paulo e no Rio de Janeiro. E, para que o Brasil reproduza um passado anterior à sua descoberta e colonização, as marchas dos sem-terra repetem as deambulações medievais.

É um universo ao mesmo tempo mágico e trágico. E mesmo os turistas do sul do país, levados pelas agências de viagens, miram com um olhar estrangeiro — um olhar guloso e pitoresco dos pratos típicos ou dos miúdos seres ultrajados — esse Nordeste que, tendo mudado, não mudou e é mudança e não-mudança.

Pátria da imaginação brasileira, o Nordeste se abre ao sonho e ao pesadelo. E este é o seu segredo. E o seu mistério. E a sua força. E o seu incitamento à criação poética e à reflexão sociológica.

José Lins do Rego era um homem que sabia contar histórias. E suas histórias haverão de existir enquanto existirem a nossa língua e a nossa pátria. E o tempo perdido dos engenhos de *Fogo Morto*, tornado linguagem e memória, será sempre, graças ao seu gênio literário, um tempo reencontrado.

SESSÃO DO DIA 14 DE JUNHO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, Secretário-Geral, estiveram presentes os Acadêmicos: Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Mindlin, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- O Presidente em exercício, Acadêmico Cícero Sandroni, deu início à sessão, com a homenagem ao jurista Nehemias Gueiros anteriormente proposta pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho e apoiada pelo Plenário. Transmitiu as desculpas do Presidente Marcos Vinícios Vilaça por não estar presente à homenagem por encontrar-se em Londres, participando da Semana Machado de Assis, promovida pela Embaixada do Brasil. Agradeceu a presença dos filhos do homenageado, Frederico Gueiros e José Alberto Gueiros, aos demais familiares e amigos. Passou a palavra ao Acadêmico Alberto Venancio Filho, designado orador da homenagem, que proferiu erudito discurso sobre a vida e a obra do eminente jurista. O Presidente determinou a inclusão das suas palavras nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.

- O Presidente congratulou-se com o Acadêmico Alberto Venancio Filho pela significativa e tão precisa notícia biográfica sobre o grande advogado e pensador.
- O Desembargador Frederico Gueiros agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho e à Academia a homenagem prestada a seu pai. Destacou que a solenidade sensibilizava a todos os integrantes da família Gueiros, não apenas por sua significação, mas também pelo reconhecimento de seu valor como grande operador do Direito, magnífico advogado, jurista e professor que foi, além de grande literato. Salientou que o talento, a inteligência e perspicácia de Nehemias Gueiros permitiram que, nos idos de 1940, produzisse importante tese apresentada à Faculdade de Direito do Recife, no concurso para Catedrático de Direito Civil. O Presidente determinou que o texto lido fosse incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Doutor José Alberto Gueiros acrescentou a gratidão da família à Academia e ao Acadêmico Alberto Venancio Filho. Disse esperar que a memória de seu pai, que transcendeu o círculo familiar e se transformou num personagem, continue viva por muito tempo.
- O Presidente Cícero Sandroni salientou que o Acadêmico Alberto Venancio Filho falou por toda a Academia. Suspendeu a sessão para as despedidas aos convidados e, a seguir, deu início à sessão ordinária, submetendo ao Plenário a Ata do dia 31 de junho. Depois das observações feitas pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, foi aprovada. Convidou a todos para o lançamento do livro *Pedro II*, do Acadêmico José Murilo de Carvalho, às 17h 30min e para a posse do Acadêmico Marco Maciel no PEN Clube, às 18h.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida falou sobre o livro *La Vida Eterna*, de Fernando Savater, um dos maiores especialistas em literatura espanhola. Salientou que a obra há duas semanas está batendo recordes de venda, no âmbito em evidência, dos livros de re-inquirição sobre o problema da vida, da morte, da espiritualidade e da crença. Salientou a sua alegria quando viu, no epílogo do livro, que é uma meditação na qual o autor se

confessa agnóstico, o poema do Acadêmico Lêdo Ivo: “Valsa Fúnebre de Hermengarda.”

- O Acadêmico Lêdo Ivo esclareceu que o poema foi escrito aos dezesseis anos de idade, no Recife, quando era estudante secundário do Instituto Carneiro Leão.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva observou que muitos poemas escritos aos dezesseis anos foram poemas definitivos na história da literatura. Lembrou que a “Valsa Fúnebre de Hermengarda”, do Acadêmico Lêdo Ivo, fora incluído no livro por ele organizado e publicado em 1960, em Lisboa, *Antologia da Poesia Brasileira*.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe teceu algumas considerações a respeito do livro recém-publicado do Acadêmico José Murilo de Carvalho sobre Dom Pedro II. Disse tratar-se de uma penetrante e muito bem documentada biografia, que se concentra na análise de sua personalidade e busca diferenciar sua conduta como imperador de seu comportamento individual, como Pedro de Alcântara. O Presidente determinou que o texto lido seja incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho agradeceu as palavras do Acadêmico Helio Jaguaribe e disse que, depois de ouvir as suas palavras, passou a entender melhor o seu livro.
- O Presidente Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Helio Jaguaribe que externou o pensamento de todos os Acadêmicos sobre o excelente livro do Acadêmico José Murilo de Carvalho. Disse ter orgulho de estar ao seu lado na Casa de Machado de Assis.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida ressaltou o excelente discurso histórico, no contar brasileiro, que é o livro *Pedro II*, do Acadêmico José Murilo de Carvalho.
- O Acadêmico Marco Maciel felicitou o Acadêmico José Murilo de Carvalho, historiador notável, pela obra que ofertou ao país e a todos os Acadê-

micos. Deu ciência à Casa de que prestou homenagem aos 80 anos do Acadêmico Ariano Suassuna, em Sessão no Senado Federal, com registro de sua obra e da importância que tem em restaurar valores eruditos da literatura regional.

- O Presidente pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Ariano Suassuna, que aniversaria no próximo dia 16 de junho.
- O Acadêmico Lêdo Ivo, ao encaminhar à Biblioteca da Academia o livro *O Tempo Além do Tempo – Antologia*, do Acadêmico Ivan Junqueira, publicado em Portugal, pela editora Quasi, fez ampla análise crítica da obra que deve chegar ao Brasil em breve. O Presidente determinou que o texto lido seja incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Ivan Junqueira disse ser o Acadêmico Cícero Sandroni testemunha do pedido que fez ao Acadêmico Lêdo Ivo para dar ao plenário uma breve notícia sobre o lançamento da sua antologia poética, em Portugal, e ele acabava de apresentar, a esse mesmo plenário, uma generosa página de crítica literária sobre os seus pobres versos. Declarou-se profundamente grato ao poeta maior desta Casa e comunicou que o livro estará, em breve, no Brasil e que será evidentemente autografado e enviado aos acadêmicos.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Lêdo Ivo pelo ensaio sobre a obra do Acadêmico Ivan Junqueira, não só sobre a sua antologia, mas também sobre outros livros como *Os Mortos* e *A Rainha Arcaica*, que considera um dos grandes momentos do poeta. Lembrou ao Acadêmico Ivan Junqueira que, nesta Casa, não há pequena nota e o Acadêmico Lêdo Ivo demonstrou isso quando produziu esta página, com grande inteligência, cultura, conhecimento da poesia, do ensaio e da crítica.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida lembrou com que força o Acadêmico Lêdo Ivo tecera, na última sessão, comentários sobre José Lins do Rego e agora ofertava essa esplêndida exegese sobre a obra do Acadêmico Ivan Junqueira. Salientou a frase de Paul Valéry: “O grande poeta é um grande tradutor”. Ressaltou o fato de ser o Acadêmico Ivan Junqueira tra-

dutor tanto de Baudelaire como de T.S Eliot. Considera que isto marca nesta Casa a internacionalização do verbo, com a força e a riqueza da voz do Acadêmico e poeta.

- O Presidente acrescentou que, a partir de então, o Acadêmico Ivan Junqueira lançado em Portugal, com grande sucesso de crítica, tornava-se um nome internacional. Prosseguindo, reiterou convite para o lançamento do livro *Pedro II*, do Acadêmico José Murilo de Carvalho, na Sala dos Fundadores no Petit Trianon, às 17h 30min.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho, inscrito para esta sessão, solicitou que sua fala ficasse para a próxima sessão, em virtude do adiantado da hora.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier falou sobre a tradição das efemérides, que vem sendo mantida até hoje e lembrou que, no dia 21 de junho de 1839, nascia no Rio de Janeiro Machado de Assis. No mesmo dia, em 1929, fora inaugurado o monumento a Machado de Assis, para o qual a Academia realizou uma subscrição popular. Lamentou muito não ter podido juntar-se à comitiva da Academia que esteve no Espaço Criança Esperança, no Morro do Cantagalo, para a doação de quinhentos livros de autores diversos. Declarou-se emocionado, ao ver na televisão, o momento em que os Acadêmicos foram recebidos por uma criança vestida de Machado de Assis que dizia: “Sejam bem vindos a esta Casa!”. Ligando as efemérides ao acontecimento desta semana, não pôde deixar de dar uma palavra de alegria pelo fato de que Machado de Assis é capaz de enternecer, não apenas uma criança, mas as várias crianças que habitam aquele morro.
- O Presidente disse não ter feito referência à visita de ontem aos Morros do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho, porque o Presidente Marcos Vinícios Vilaça estava tão entusiasmado que, provavelmente na próxima quinta-feira, fará um relato com detalhes. Agradeceu ao Acadêmico Arnaldo Niskier pela lembrança das efemérides e convidou-o para falar no dia 21, no capítulo das Efemérides, sobre Machado de Assis. Assegurou ainda a palavra ao Acadêmico Murilo Melo Filho. Agradeceu a todos e encerrou a sessão.

NEHEMIAS GUEIROS

*Palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho**

A Academia Brasileira de Letras está vinculada às letras jurídicas desde sua criação. O fundador Lúcio de Mendonça, além de renomado poeta e contista, era jurista de relevo e, quando da fundação desta Casa, ocupava o cargo de Ministro do Supremo Tribunal Federal. Foram também fundadores Clóvis Beviláqua, autor do anteprojeto do Código Civil de 1916, com numerosas obras de filosofia e pensamento social; Inglês de Souza, romancista de mérito, responsável pelo anteprojeto do Código Comercial e Rodrigo Octavio, que escreveu, entre outras, obras *Festas Nacionais*, livro de sucesso na época, especialista em direito internacional privado e mais tarde Ministro do Supremo Tribunal Federal.

Seriam numerosos os nomes a citar, limito-me a nossos contemporâneos, homens de boas letras, Miguel Reale, Oscar Dias Corrêa e Evandro Lins e Silva, recentemente falecidos, e felizmente ainda entre nós o nosso querido Evaristo de Moraes Filho. São vários os acadêmicos que ascenderam ao Supremo Tribunal Federal. Na expressão de João Neves da Fontoura, “quando os juízes não entraram para a Academia, foram os acadêmicos que entraram para o Tribunal”.

* Proferidas na sessão do dia 14 de junho de 2007.

Daí a razão desta homenagem a Nehemias Gueiros.

Nesse contexto, há um nome a destacar, o do jurista e acadêmico Levi Carneiro, que muitas afinidades têm com o homenageado de hoje, a começar pela feição pessoal: estatura alta, porte elegante, traje apurado, fisionomia grave temperada de um leve sorriso.

Nehemias Gueiros nasceu no Rio Grande do Norte, mas veio fazer os estudos de Direito na tradicional Faculdade de Direito do Recife, onde ainda ecoava a voz distante de Tobias Barreto e pertencem à Academia dois professores da Casa, os acadêmicos Marcos Vilaça e Marco Maciel. O corpo docente da Faculdade era constituído de professores eminentes, como Andrade Bezerra e Joaquim Amazonas. O ambiente em 1930 era de efervescência política, os estudantes aderindo ao movimento da Aliança Liberal. Um contemporâneo de escola, o grande jurista Miguel Seabra Fagundes comentou que colegas participavam da agitação política, mas Nehemias Gueiros se dedicava aos estudos de direito e à vida literária.

Participou do Movimento chamado Agitacionista, que publicou a revista *Agitação*, que tinha como redator chefe Otacílio Alecrim e como colaboradores, além de Nehemias, os futuros acadêmicos Álvaro Lins e Mauro Mota. Na revista escreveu vários artigos, inclusive o intitulado “A Igreja e o Estado no Brasil. Esboço de uma teoria do Estado leigo”.

Fez concurso para a docência da Faculdade, apresentando a tese “Da condição em face ao Código Civil Brasileiro”. E, em seguida, em 1942, escreveu tese para a cátedra de Direito Civil, na mesma Faculdade, “A Justiça Comutativa no Direito das Obrigações” que naquela época antecipava, no plano doutrinário, princípios posteriormente acolhidos.

As duas teses de concurso, a segunda escrita em oito dias, revelavam aspectos novos, sobretudo a segunda que transcendia aos meros temas jurídicos. Mas o aspecto mais relevante é que, jovem bacharel, tratava os temas com absoluta independência, discordando, fundadamente, de grandes juristas estrangeiros e brasileiros.

Ingressou no magistério, lecionou Direito Civil exercendo-o por dez anos, quando a intensa advocacia obrigou-o a cessar estas atividades.

Um aluno da época, Newton Sucupira, que se tornou grande filósofo da educação, testemunha que suas aulas eram excelentes, de extrema objetividade na análise do Código Civil, como os juristas franceses do século XIX, para os quais “*le droit civil est le Code*”. E ao mesmo tempo tratava da atuação do advogado diante da aplicação da norma jurídica. E, quando alguns alunos, mais voltados para a filosofia do Direito, tentavam atraí-lo para estes estudos, Nehemias Gueiros salientava a especificidade de seu ensino.

Participando, então, ativamente da vida pública, em 9 de agosto de 1944 a Faculdade de Direito do Recife, realizou, por iniciativa do Diretório Acadêmico, uma sessão congratulatória pela libertação de Roma e pela invasão da Europa e essa sessão converteu-se numa afirmação democrática do povo pernambucano, através de figuras representativas.

Nehemias Gueiros, professor da Faculdade, foi um dos oradores da cerimônia. Assim discursou:

“Aproxima-se o triunfo definitivo da democracia, com a extinção dos regimes que pregam, ostensiva ou disfarçadamente, as idéias totalitárias. O mundo que nasce da libertação de Roma é um mundo onde se respeita o direito de todos os povos escolherem a forma de governo sob o qual querem viver, e onde a soberania e a autodeterminação são asseguradas às nações que foram violentamente privadas desse direito”.

Durante a campanha para Presidente da República em 1945, o *Diário de Pernambuco* posicionou-se a favor da candidatura de Eduardo Gomes para Presidente. No dia 3 de maio, o estudante Demócrito de Souza Filho morreu atingido por um tiro quando discursava na sacada da sede do jornal. O jornal acusou a polícia e o governo responsáveis pela tragédia. Como consequência, foi suspensa a circulação e ocorreram várias prisões, entre elas a de Nehemias Gueiros. Com um mandado de segurança, os presos conseguiram a liberdade.

Cabe mencionar episódio relativo ao saudoso confrade Barbosa Lima Sobrinho, candidato em 1946 ao Governo de Pernambuco pelo Partido Social Democrático. Ao final, numerosas urnas foram contestadas e o resultado ficou indefinido. Barbosa Lima relatava que fez sozinho a defesa de seus direitos no Tribunal Superior Eleitoral; de tarde sustentava as razões no Tribunal e de manhã, em casa, preparava os arrazoados para o dia seguinte. O advogado do adversário, candidato da União Democrática Nacional, foi justamente Nehemias Gueiros e, ao final a vitória, por pequena margem, coube a Barbosa Lima Sobrinho.

Transferindo-se para o Rio, Nehemias Gueiros iria ter atuação destacada no Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, chegando à Presidência em 1956.

Assim como Levi Carneiro, o primeiro presidente da instituição em 1930 que organizou as seções estaduais num esforço enorme, dadas as precárias condições de comunicações na época, coube a Nehemias ser o responsável pelo projeto da Lei 4.215 de 1963, que depois de trinta e três anos reorganizava a instituição com o imperativo da evolução dos tempos. Há um depoimento curioso: a Comissão elaboradora do projeto se reunia em seu escritório e após o debate de cada tópico Nehemias, com a máquina de escrever ao lado, redigia o novo artigo que resultara do consenso de forma precisa.

Levi Carneiro assim se definiu certa vez:

“Advogado, simples advogado, sem aptidão para mais, eu me consolo de sentir-me destituído de aspirações maiores, amando a minha profissão, na sua beleza, na sua força, na sua humildade, nas suas aflições; no que comporta de abnegação, de lealdade, de desinteresse; no que exige de desassombro, de probidade e de vibratilidade; no que proporciona de independência, no que ensina de tolerância”.

E Nehemias Gueiros falaria no mesmo tom, de forma concisa:

“Integrado na profissão há mais de trinta anos, não sei de outro merecimento que tenha, senão o de haver sido um simples advogado. Sou advogado,

tão somente advogado, com a paixão e o entusiasmo da atividade e dos problemas profissionais. Acima de tudo, o amor à causa, o empenho, a diligência, a paixão”.

A falsa modéstia de ambos, luminares na profissão, não revelava as figuras de ensaístas, de oradores, de críticos literários e de homens com alto espírito público.

Na tribuna dos órgãos de classe, nas assembleias jurídicas, Nehemias Gueiros projetou-se como grande orador, grande na forma e grande nas idéias. E a leitura desses discursos conserva ainda a excelência dos pronunciamentos.

Da palavra escrita cabe mencionar a “Carta de um velho advogado”, dirigida aos colegas potiguares quando de sua eleição para Presidente da Federação Interamericana de Advogados. É um modelo de estilo, defendendo posição cultural e ética, aplicável a qualquer profissão.

Escreveu:

“Falei de bravura e falei de humildade, dois atributos indeclináveis ao êxito, cada um deles na sua dose ponderada. Pois atentai ... Não prospera a bravura sem continência, para não transformar-se em bravata, como não colhe a humildade sem brio, para não fazer do humilde o conformado. Em uma palavra, coragem sem arrogância, porfia sem contumácia. Mas também discrição sem complacência, modéstia sem servilismo, prudência mais do que audácia”.

E continua:

“E tudo pelo instrumento da boa linguagem, clara e precisa, liberta da preocupação da originalidade, que conduz ao precioso e ao cerebrino, quando não leva à excentricidade. Mas livre, também, do vício das frases feitas, e dos lugares comuns, pelo menos dos que não tragam uma síntese vocabular necessária. Pois há certos lugares comuns a cuja tirania não podemos resistir, pelo teor apodíctico ou pela mensagem conclusiva que contém, sobretudo quando precisamos de utilizar o proverbial ou o categórico como o caminho mais curto para a comunicação dialética”.

E mais adiante:

“Estilo é costume. E o mau estilo pode levar também ao mau costume das maneiras, deformando a personalidade. Daí ser fácil passar da contradita ao agravo, e do agravo à insolência. No destempero da linguagem, vai-se do epigrama a injúria, do senso de humor ao sarcasmo, da exortação ao improprio, ou da simples veemência à grosseria.

Ao estilo do verbo deve corresponder o estilo das maneiras, pois o estilo, mais do que a arrumação das palavras, é o vinco da personalidade”.

E revelando o homem de boa cultura humanística:

“É o culto da palavra que está em crise, é a retórica que entrou em decadência, é o estilo que desaparece, é a eloquência que se degrada, são as boas maneiras que entram em subversão. É a morte da cultura clássica, pretendendo lançar definitivamente em sarcófago as letras latinas, é a improvisação da rotina imposta pelo tumulto dos dias que correm”.

A atuação de Nehemias Gueiros se exerceu fora do âmbito da advocacia, com iniciativas de grande interesse público.

Assim, na I.^a Conferência Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil em 1964, tratou de tema do *lobby*, assunto que tratou com grande profundidade, matéria hoje de grande atualidade.

Com o cabedal de sua cultura dedicou três páginas à etimologia da palavra nos vários dicionários de enciclopédias norte-americanas, estudou o assunto na prática naquele país e tratou-o no âmbito do nosso país, sobre o qual há projeto no Congresso Nacional de autoria do nosso confrade Marco Maciel, propondo a regulamentação da matéria. Enquanto a regulamentação do “*lobby*” até então não ocorrera, faz recomendações de que o advogado limite a postulação junto aos legisladores e comissões técnicas e à contribuição na redação de textos sem o uso de outros elementos de persuasão senão os de comunicação dialética para tutela do interesse patrocinado.

E mais adiante: “É mister que o faça às claras, guardando as observâncias que regulam sua ação perante os tribunais e autoridades judiciárias, e evadindo com o maior cuidado o emprego de meios que não os que se dirigem à razão e à inteligência”.

Na mesma ocasião discutiu outro tema, o das Comissões Parlamentares de Inquérito, tema atualíssimo, com análise da experiência norte-americana, da legislação brasileira e mostrando os limites da ação parlamentar.

Nas conclusões:

“A Ordem dos Advogados do Brasil, através de Comissão de Prerrogativas, deve prestigiar a intervenção de advogados perante a Comissão Parlamentar de Inquérito e a observação das normas subsidiárias da lei específica, toda vez que tiverem causa o direito da lei”.

No capítulo da ensaística, Nehemias Gueiros publicou obra intitulada “O Estado e a Igreja. Esboço de uma teoria do Estado leigo”.

As relações entre o Estado e a Igreja devido ao padroado foram conflitantes no Império, culminando com a Questão Religiosa, “dois bispos na cadeia” na expressão saborosa do acadêmico José Murilo de Carvalho no excelente livro *Dom Pedro II. Na República*, a separação entre o Estado e a Igreja possibilitou um convívio harmonioso, mas a partir da década de vinte, a ação católica se acentuou no campo político, com a criação do Centro Dom Vital sob a liderança de Jackson de Figueiredo, sucedido por Alceu Amoroso Lima e tentativa de influenciar a Constituinte de 1934, e divergências surgiram no debate.

Foi nesse quadro polêmico que Nehemias Gueiros escreveu o livro. Era ele então quartanista; o mérito do ensaio justificou que a sua edição fosse feita pela própria Faculdade de Direito; e a sua leitura comprova hoje que a distinção foi bem merecida. O filho do pastor protestante contrariou pontos de vista sustentados no livro *Preparação à Sociologia* de Tristão de Athayde e com erudição e vigor dialético, reforçou sua argumentação com apoio em autores de peso, na sustentação do ponto de vista de que o Vaticano era apenas um “pretenso Estado” e a Santa Sé não era pessoa de Direito Internacional. E, em face da repercussão que o trabalho alcançou, manteve polêmicas com pensadores católicos que lhe for-

mularam críticas e objeções. E, ao divulgar a nova edição, teve a probidade de a ela incorporar as críticas recebidas e a resposta que lhes dera.

Assim escreveu:

“Todas as referências feitas, no correr deste trabalho à *Preparação à Sociologia* do Sr. Tristão de Athayde, prendem-se à primeira edição da obra. A segunda edição, que entrou a circular depois de publicada a primeira parte deste ensaio, está completamente corrigida, até em pontos que serviram de motivo à nossa crítica e fundamentalmente refundida”.

Cabe, agora, analisar o notável estudo de Nehemias Gueiros sobre Shakespeare. Eugênio Gomes, no livro *Shakespeare no Brasil*, dedica um capítulo aos sonetos de Shakespeare e tece considerações sobre a crítica dos sonetos, afirmando que “a interpretação dos sonetos é um processo ininterrupto, tendendo em nossos tempos, de maneira mais intensiva, para as imagens, metáforas e ambigüidades lingüísticas” e refere-se de que “os sonetos segundo a tese de Sidney Lee “antes como exercícios de arte convencional do que como revelações autobiográficas”.

Foi a esse tema que se dedicou Nehemias Gueiros, em trabalho que mereceu os maiores elogios do nosso confrade Antônio Houaiss.

O próprio Nehemias Gueiros confessou: “O inesgotável poeta do Renascimento inglês encheu a minha vida e preenche diariamente a minha física e algumas vezes, torturante, mas idolatrada solidão”.

O historiador e diplomata Evaldo Cabral de Mello, servindo na Delegação do Brasil junto à ONU, me relatou que Nehemias, membro da Comissão de Direito Comercial Internacional sediada em Nova York, terminadas as tarefas, o convocava para percorrer as livrarias e os sebos em busca de obras sobre Shakespeare, tendo formada uma importante biblioteca sobre o assunto, infelizmente dispersa.

As expressões do nosso confrade José Sarney sobre o estudo são significativas:

“Nehemias Gueiros era um estudioso e um erudito que fizera uma introdução admirável e jamais igualada – é mesmo expressão de propaganda – dos

sonetos de Shakespeare. Foi ela que enriquece a tradução de Ivo Barroso, que me fez considerar Nehemias um intelectual, um mestre da teoria da literatura disfarçado em jurisconsulto”.

Confirmadas pelo dizer de Dario de Almeida Magalhães:

“Nehemias Gueiros, não era, porém, apenas um jurista, um advogado, em circuito fechado que só estudasse e soubesse direito. O seu espírito era trepidante e inquieto, aberto a todos os horizontes da cultura e animado por uma curiosidade voraz. Era um pesquisador incansável; lia tudo pelo gosto de informar-se e de saber”.

Façamos referência à notável introdução de quarenta e sete páginas, “Mistério do Soneto Shakespeariano”, no volume “24 Sonetos traduzidos por Ivo Barroso”.

Nehemias inicia a análise do mistério:

“Quase não há meio-termo na crítica sobre o incrível Bardo de Stratford-on-Avon. Os estudiosos dividem-se nitidamente entre fanáticos adoradores e frenéticos iconoclastas. São raros os ascetas desengajados que tomam uma posição imparcial, cartesiana”.

Shakespeare, a partir do seu nome – escrito, em toda a genealogia, em mais de 80 formas diferentes, e o dele próprio em 29 – é um problema em seu discurso, em cada frase, em cada verso, na sua menor palavra, até no uso de uma sílaba, de uma vogal ou consoante. Tanto foi ele o artista do ofício de exprimir poesia, quase alquimista no estudo e na versão das paixões humanas, nos seus dramas, tragédias e comédias”.

E mostra como a compreensão do sonetista tem de estar situado em sua época:

“Estudar os sonetos de Shakespeare é compreender a idade elisabetiana no seu contexto, e dentro desse quadro a constituição da sociedade, a estrutura do poder, o puritanismo, a hipocrisia, o mito, a simbologia e a mágica da Corte. Era ela o pólo de atração e de condenação, esperança e medida de todas as aspirações”.

E mais adiante:

“Bem a propósito do soneto já começaram os novos lingüistas a falar da fusão da poesia do fundo com a poesia da forma, a composição isomórfica do significante e do significado, a que alude Jakobson, e de uma relação icônica que pode existir entre o que é dito e o que é feito, lembrando-nos Genimasca que o dizer do poeta é, antes de tudo, um fazer”.

Comenta que:

“Já rica e enriquecida a cada ano, a bibliografia que trata da problemática dos sonetos desdobra-se em quadros fascinantes. Embora os temas sejam quase sempre os mesmos, as doutrinas e interpretações ora se fortalecem, ora perdem o sentido, enquanto várias outras surgem. Livros e artigos sérios e sóbrios, outros cheios de artifícios de imaginação ou de exageros fanáticos, pró ou contra cada um dos temas da controvérsia, fazem do estudo dos sonetos de Shakespeare uma proeza tão encantadora quanto a de um astrônomo”.

A apresentação é uma orgia da erudição e se revela em cada parágrafo. A título exemplificativo menciono o episódio da “Dark Lady” “consagrada pela crítica sob essa denominação exaltadora, mas que nenhum poema tratou como Lady”. Para o poeta era “Dark Mistress” ou a “Black Beauty”. Para os que admitem a natureza autobiográfica dos sonetos e constituem uma parte considerável dos críticos, surgem então as diferentes conjecturas e opiniões.

Arrola dezessete hipóteses sobre a personagem e depois de uma análise exaustiva, conclui: “Como se vê a ‘Dark Lady’ continua a dama escondida, o fantasma hamletiano, a musa clássica, ou a mulher em carne e osso do poeta, mas incógnita e misteriosa”.

A Academia Brasileira de Letras homenageia hoje, no centenário de Nehemias Gueiros, um grande advogado, mas também excelente orador, homem de alto espírito público, renomado ensaísta e exímio crítico literário.

AGRADECIMENTOS

*Palavras do Desembargador Frederico Gueiros**

De surpresa, porém muito honrado com esta indicação feita agora para manifestar-me em nome da família de Nehemias Gueiros, nesta bela solenidade, tenho que agradecer muito a lembrança do centenário de seu nascimento e a homenagem que acabou de ser prestada pela Academia Brasileira de Letras, berço que abriga nossa cultura e, por isso mesmo, é instrumento de divulgação do nosso pluralismo cultural.

Esta solenidade de homenagem sensibiliza a todos nós, integrantes da família de Nehemias, não apenas por sua singela beleza, mas, também, pelo reconhecimento do seu valor como grande operador do Direito, magnífico advogado, jurista e professor que foi, além de grande literato e filósofo, como pudemos agora ver gizado no discurso do eminente Acadêmico Alberto Venancio Filho.

O agradecimento aqui se encerra, com todo o sentimento de gratidão da família. Antes, porém, faço questão de salientar que o talento, a inteligência e a perspicácia de Nehemias permitiram que, nos idos de 1940, produzisse tese apresentada à Faculdade de Direito do Recife, no concurso para catedrático de

* Proferidas na sessão do dia 14 de junho de 2007.

Direito Civil, “A Justiça Comutativa no Direito das Obrigações”, que, à época, já cuidava de aspectos relativos à inexecução das obrigações ainda não cogitadas, acerca da comutatividade nas relações dos indivíduos entre si.

Assim, não posso furtar-me a trazer à colação excerto de sua obra, no ponto em que salienta:

“Deixar a vítima da mudança imprevisível das circunstâncias, prisioneira da lei do contrato – que lhe trará a ruína em compensação do lucro usurário do credor beneficiado inesperadamente – só pela consideração de que a teórica estabilidade das relações jurídicas exige a manutenção do vínculo, é querer sobrepor a dureza da técnica à flexibilidade da prática da justiça, e é, por conseguinte, fazer do direito uma arma contra a própria justiça: *summum jus, summa injuria*.”

O direito precisa deixar de ser o simples produto abstrato da razão, para se tornar, na verdade, o resultado das exigências sociais, como norma de conduta.

Acima da chamada fé contratual, tuitiva de vantagens puramente individuais, deve estar a inspiração da equidade, que é o temperamento moral do Direito, traço de ligação entre a regra e o fato, entre o lícito e o justo, entre o jurídico e o honesto.”

Como se pode ver, já naquela época, num Brasil rural, onde apenas 40% da população era urbana, Nehemias Gueiros preocupou-se, prospectando de maneira fantástica as relações contratuais para os dias de hoje, lançando, a meu ver, nessa tese, um desafio, que reputo deva ser permanente: o tempero do egoísmo na teoria do direito das obrigações, para emprestar-lhe compreensão social e um sentido econômico indispensáveis à ordem jurídica, em que se não pode fugir ao predomínio do coletivo sobre o individual.

Mais uma vez, muito obrigado.

DOM PEDRO II

*Palavras do Acadêmico Helio Jaguaribe**

Estimados confrades

Estimaria tecer algumas breves considerações a respeito do livro recém-publicado por nosso confrade José Murilo de Carvalho, pela Companhia das Letras, sobre D. Pedro II. Trata-se de uma penetrante e muito bem documentada biografia de Pedro II, que se concentra na análise de sua personalidade e busca, exitosamente, diferenciar sua conduta como imperador de seu comportamento individual, como Pedro de Alcântara.

Iniciaria ressaltando a amplíssima bibliografia e a copiosa massa de documentos em que se alicerça o estudo, de que o A. nos dá notícia de páginas 260 a 268 de seu livro. Essa abrangente bibliografia inclui, por um lado, os mais relevantes estudos empreendidos, no Brasil e no exterior, sobre a época. Dela consta uma vasta lista de trabalhos sobre Pedro I, bem como sobre personagens com quem tanto o primeiro como o segundo imperador mantiveram relações significativas, destacando-se, naturalmente, a condessa de Barral e a ampla correspondência com ela mantida pelo biografado. Por outro lado, essa bibliografia inclui

* Proferidas na sessão do dia 14 de junho de 2007.

todos os mais relevantes precedentes estudos sobre Pedro II. Se for certo que nunca se pode dizer, de um trabalho desse gênero, que tenha esgotado o tema de que se ocupa, não é menos verdade que nenhum estudo posterior sobre Pedro II poderá ser empreendido sem a mais ampla referência no livro de José Murilo de Carvalho.

O estudo de José Murilo de Carvalho se concentra nos aspectos pessoais de Pedro II, e não na análise sócio-política do Segundo Reinado. Os principais eventos do período são, naturalmente, nele referidos, mas para os fins de delinear as circunstâncias e as condições no âmbito das quais se desenrolava a vida de Pedro II.

Que tipo de pessoa resulta desse estudo? Reduzindo a questão a seus principais aspectos diria, por um lado, que o trabalho confirma os mais característicos traços que geralmente se reconhece em Pedro II: o homem de bem, profundamente patriótico, extremamente zeloso no cumprimento de seus deveres públicos, intransigente defensor do interesse nacional, marcado pelo mais austero sentido de contenção de gastos, ao ponto de custear, com seus recursos pessoais, diversas despesas que decorriam do exercício de suas funções. É Pedro II como o príncipe perfeito.

Por outro lado, o trabalho de José Murilo revela um ser humano que se distancia muito da serena austeridade do príncipe, movido por grandes paixões e carregando, em sua personalidade, a contradição entre sua condição de monarca e suas aspirações pessoais, marcadamente privadas, que o levavam a desgostar de suas funções públicas e a desejar ser um cidadão comum, exercendo a profissão de professor.

Essa contradição entre Pedro II e Pedro de Alcântara constitui a linha central do estudo de José Murilo. Dela resultaram conseqüências extremamente importantes, de que o imperador não teve clara consciência. Essas conseqüências foram no sentido de minar a validade da monarquia e, em última análise, de efetivamente contribuir para a futura proclamação da República.

Pedro II era, ideologicamente, republicano. Do estudo de José Murilo não se infere que tenha deliberadamente encaminhado o país para se tornar uma re-

pública. O que ele evidencia é o fato de o imperador, por um lado, não haver tomado nenhuma providência para assegurar a continuidade da monarquia depois de sua morte. A princesa Isabel dele recebeu, em várias oportunidades, o encargo de exercer a regência, durante suas freqüentes viagens ao exterior. Mas Pedro II jamais se preocupou em prepará-la para a sucessão nem, bem assim, em tornar mais publicamente aceitável a pessoa do Conde D'Eu.

Por outro lado, Pedro II permitiu, senão indiretamente favoreceu, uma liberdade de imprensa que afetava, de forma extremamente maliciosa e perniciosa, a imagem do monarca e a própria monarquia. Em nenhuma outra monarquia constitucional da época se teria permitido essa contínua e insidiosa campanha difamatória da imprensa, para conter a qual a legislação vigente dispunha de todas as disposições necessárias. A República, embora resultando de um golpe militar, representativo de uma posição extremamente minoritária, reduzidos que, então, eram os republicanos a um pequeno grupo de paulistas, foi incentivada pelo próprio Pedro II. Houvesse ele desejado manter as instituições vigentes teria disposto, legítima e constitucionalmente, de todos os meios para tal requeridos. Sua total inércia, de certa forma deliberada, no sentido de entender que o Brasil tomasse livremente a iniciativa da República, foi o fator que decisivamente para ela contribuiu.

O penetrante estudo da personalidade de Pedro II, empreendido pelo Prof. José Murilo de Carvalho, revela certa mediocridade do biografado. Mediocridade, estrito sendo, por parte de um homem que aspirava a ter uma vida comum e não se ajustava ao papel de monarca. Grandes espíritos, revestidos do comando supremo, como Marco Aurélio, ao qual Pedro II foi comparado, converteram sua falta de deslumbramento com o exercício do poder numa profunda meditação sobre sua própria condição. Pedro II, diversamente, orientou seus interesses intelectuais num sentido meramente erudito, estudando sânscrito e hebraico, em vez de se aplicar em conhecimentos substantivos relativos à sociedade e à condição humana.

Desejaria, concluindo estas breves considerações, externar minha admiração por esse excelente estudo e transmitir a seu autor minhas calorosas felicitações.

O TEMPO ALÉM DO TEMPO,
DE IVAN JUNQUEIRA

*Palavras do Acadêmico Lêdo Ivo**

Senhor Presidente, Senhores Acadêmicos,
Senhoras Acadêmicas.

A publicação em Portugal, pela editora Quasi, de *O Tempo Além do Tempo*, antologia poética de Ivan Junqueira que ora encaminho à nossa Biblioteca, constitui, para todos nós, motivo de alegria, uma vez que permite à crítica e ao leitor daquele país o conhecimento de um dos nossos grandes poetas. E, por outro lado, representa uma oportunidade para que esta Casa reflita não só sobre a importância de sua obra poética como ainda sobre o problema da poesia.

A primeira impressão que se colhe na abordagem dessa seleta é a presença de uma inconfundível voz pessoal, o sentimento que tem o leitor de que está visitando um domínio poético regido pela arte de fazer versos e poemas, e saber fazê-los com admirável destreza.

* Proferidas na sessão do dia 14 de junho de 2007.

Haverá de surpreender a muitos leitores que o Modernismo brasileiro, após tanto rumor e tentativas e experiências estimuladas pela busca do chamado verso livre, e ostensiva negação ou mesmo ridicularização do nosso passado poético, não tenha deixado nenhuma marca visível nesse poeta de alta e nobre qualificação que é Ivan Junqueira. Mesmo a Geração de 45 e suas subsidiárias tipográficas se mostram ausentes de seu labor poético. Lendo este *O Tempo Além do Tempo*, consolida-se em nós a impressão de que este livro teria existido sem a estética deflagrada pela Semana de Arte Moderna.

A arte poética de Ivan Junqueira nos remete a outros territórios: o do Simbolismo e o do labor parnasiano, em suas molduras não apenas brasileiras, mas ocidentais. Num poema como o “Poética”, só comparável ao “A profissão de fé”, de Olavo Bilac, o poeta fala belamente de sua arte de fazer poemas: uma arte vigilante, baseada em cálculos e estratégias, conduzida por um ritmo que excele ao mesmo tempo pela musicalidade e obstinada abrangência de significado:

*A arte é pura matemática
como de Bach uma tocada
ou de Cézanne a pincelada
exasperada mas exata.*

Mas o próprio poeta adianta que:

*E mais que isso: uma abstrata
cosmologia de fantasmas
que de ti lentos se desgarram
em busca de uma forma clara.*

Escuridão e exasperação, geometria e cosmologia, clareza e obscuridade, o visível e o fantomático se fundem nessa poesia noturna, soturna e taciturna em que a voz anunciada, e que se quer lúcida e senhora de si mesma, provém das profundezas do espírito, dessa escura noite da alma sem a qual o poeta não tem acesso ao dia configurado em expressão poética.

Como todos os grandes poetas, Ivan Junqueira se distingue pela virtuosidade métrica e rimática, e capacidade de cinzelar o poema, tornando-o um artefato verbal. A sua maestria versificatória o leva a apoiar-se apenas numa unidade fonética. São numerosos, nesse poeta mais das rimas toantes do que das rimas consonantes, os poemas em que um *a*, um *i* ou um *u*, no fim de cada verso, assegura a este e ao poema a sua magia e musicalidade, produzindo ludicamente o enfeitamento verbal que é um dos resultados da expressão poética, e uma das razões da poesia.

Embora se proclame herdeiro de uma tradição poética iniciada com Luís de Camões e Sá de Miranda, e continuada em Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Dante Milano, Ivan Junqueira sabe que não existe no passado apenas uma única tradição. Elas são várias e ele, desde a sua aparição em 1964, soube beber gulosamente nessas inesgotáveis fontes criadoras. Ele sabe que a poesia brasileira votada à durabilidade e à permanência, como toda poesia ocidental, começa em Homero e Virgílio, Dante e Shakespeare, Camões e Quevedo, prolonga-se em Goethe e Leopardi, Baudelaire e Mallarmé, Rimbaud e Walt Whitman, e vive nos poetas do nosso tempo. Ele sabe, finalmente, que a grande tradição poética não é uma servidão ou engessamento, nem uma condenação ao epigonismo, mas a base das transgressões e das rupturas, o “*make it new*” pregado por Ezra Pound.

A condição de tradutor de Baudelaire, T. S. Eliot e Dylan Thomas lhe abriu um universo que não se esgota no mudo diálogo interlingüístico, mas o conduziu a distinções imprescindíveis e especialmente a confluências, transfluências e contágios que, enriquecendo-o pessoalmente, tornando mais densa a sua bagagem espiritual, enriquecem, através de sua obra, a própria poesia brasileira.

T. S. Eliot ensinou a Ivan Junqueira que poesia é a soma do talento individual com a tradição; e ainda lhe transmitiu o sentimento do tempo, desse tempo tribal, que remonta ao Santo Agostinho das *Confissões* que deve estar na mesa de cabeceira de todos os bons poetas.

Leio, na tradução de Ivan Junqueira, os versos de T. S. Eliot:

*O tempo presente e o tempo passado
Estão ambos talvez presentes no tempo futuro
E o tempo futuro contido no tempo passado.*

A poesia de Ivan Junqueira, juncada de eruditas referências culturais e filológicas, históricas e mitológicas, obedece a uma cronologia em que o tempo respira intemporalidade, e o fluir de hoje é o fluir de ontem e será o de amanhã.

O organizador e prefaciador da recolha, o ilustre professor Arnaldo Saraiva, chama a atenção para a circunstância de ser Ivan Junqueira um dos poetas em língua portuguesa mais obcecados pela idéia da morte. Em sua menção, ele se esquece de citar, em nossa poesia, o caso de Augusto dos Anjos, da mesma família espiritual.

A preocupação com a morte, a fugacidade da vida, as crepitações macabras, a vanidade de tudo, a desilusão e o desamparo permeiam a poesia de Ivan Junqueira. Constituem a base de seu pessimismo inextirpável, ocorrente mesmo quando festeja o amor e o corpo feminino.

Não esqueçamos que Ivan Junqueira, em 1964, aos 30 anos de idade, no verdor e vigor de sua juventude viçosa, estreou com um livro emblematicamente intitulado *Os Mortos*, a que se seguiu *A Rainha Arcaica*, em que celebra a defunta Inês de Castro.

Estuante de vida, ele já pensava na morte. E, estudante de medicina, não completou o curso que o aparelharia para melhor combatê-la.

No poema “O outro lado”, esplêndida e fúnebre melodia que é uma melopéia, o poeta interroga o além-túmulo. E a si mesmo ou a um outro pergunta:

*Diz-me: o que haverá do outro lado?
A eternidade? Deus? O Hades?
Uma luz cega e intolerável?
A salvação? Ou não há nada?*

A esse poeta reflexivo e intemporal que é Ivan Junqueira, a esse poeta temporal porque sujeito à morte que é Ivan Junqueira, a esse poeta de uma poesia so-

lene e descotidianizada, sem friso da origem geográfica, fechada à alegria e alçada a vertiginosas paragens metafísicas, a esse matemático da noite obscura da alma, pondero: a sua pergunta é sem resposta.

Os poetas são filólogos disfarçados, que passam a vida inteira concentrados na operação lingüística que é a poesia. E são também teólogos que não ousam dizer o seu nome e passam a vida inteira interrogando a existência ou inexistência de Deus.

Embora sejamos seres interrogantes, autores de uma pergunta irrespondível, devemos contentar-nos com o que há neste lado: o lado da vida, no qual se situa a poesia de Ivan Junqueira, com selo de sua durabilidade e a garantia antecipada de sua inserção numa tradição poética que ele engrandece com a sua obra e o seu exemplo.

SESSÃO DO DIA 21 DE JUNHO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Alfredo Bosi, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Celso Lafer, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Ivo Pitanguy, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao abrir a sessão, submeteu ao Plenário a Ata do dia 14 de junho, que foi aprovada. Recordou a data aniversária de Machado de Assis, no dia 21 de junho de 1839, ocorrida numa quinta-feira. Congratulou-se com a Casa pela presença do Acadêmico Alfredo Bosi, já recuperado dos problemas de saúde que o atingiram. Deu notícias ao Plenário do que significou para a Academia a Semana Machado de Assis, em Londres, e registrou a gratificante participação do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet. Assinalou que o seminário contou com a presença de eminentes professores brasileiros e ingleses que estão em Universidades do Reino Unido, da França e do Brasil. Referiu-se, em particular, aos professores David Treece, John Gledson, Nadia Kerecuk, Ana Clau-

dia Suriani, Stephen Watts e Helio Guimarães. Salientou o excelente nível das questões propostas pelos participantes aos conferencistas e acentuou que a Academia comparecera de modo expressivo ao Seminário sobre Machado de Assis. Informou que, em sua fala, destacou o registro crítico de Machado de Assis ao momento mais trepidante da História Brasileira, ao retratar os fatos da passagem da Monarquia para a República. Ressaltou o prestígio do Embaixador José Maurício Bustani e de todos os diplomatas brasileiros em Londres, em particular o Adido Cultura Alberto Fonseca, que trabalhou arduamente para que tudo tivesse o brilhantismo devido. Além das conferências, houve exposição de fotos de Machado de Assis em diversos momentos da sua vida, cedidas pelo Centro de Memória da ABL. Visitou a Biblioteca Britânica, dirigida pelo Sr. Aquiles Brynner, coordenador das coleções Latino-Americanas, que está apresentando exposição, nesta Semana Machado de Assis, das obras do autor. Registrou a presença da Embaixadora Vera Pedrosa nos atos em homenagem a Machado de Assis, o que deu mais significação à presença brasileira em Londres. Informou que visitara a Casa de Joaquim Nabuco, e deixara o registro da presença e da reverência da ABL ao escritor. Deu ciência ao Plenário de que foi procurado pelo Professor Thomas Anders, titular da Cadeira de Língua e Literatura Luso-Brasileira da Universidade de Oxford, para registrar o interesse em manter, pelos caminhos da Cátedra, o vínculo com a Academia e dizer de como ainda ecoam fortemente na Universidade as presenças dos Acadêmicos Sergio Paulo Rouanet, José Murilo de Carvalho e da Acadêmica Ana Maria Machado. O Presidente antecipou que, uma vez formalizada e detalhada essa pretensão, a Academia irá deliberar sobre o assunto, a partir de um estudo a ser feito pelos Acadêmicos Alberto da Costa e Silva, Sergio Paulo Rouanet, José Murilo de Carvalho e a Acadêmica Ana Maria Machado. Sobre as comemorações dos 110 anos da ABL, anunciou que estão confirmadas as presenças da Ministra da Cultura de Portugal, Professora Isabel Pires de Lima; do Presidente da Academia das Ciências de Lisboa, Professor Eduardo Arantes e o Dr. Rui Rasquilho, Presidente do Conselho do Mosteiro de Alcobaça, que virão em representação de

Portugal. Informou que a Academia providenciou medalhas e brindes comemorativos dos 110 anos da Casa e pediu aos Acadêmicos sugestões, de até quatro nomes, para distribuição das mesmas. Confirmou a data de 20 de julho, às 11h 30min, da Missa comemorativa dos 110 anos da Academia no Mosteiro de São Bento. Pediu que os Acadêmicos enviassem sugestões de nomes que julguem indispensáveis para serem convidados para a solenidade. Lembrou o jantar oferecido, dia 19 de julho, pelo Governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral Filho e, no dia 21, na residência da Senhora Lily Marinho. Reiterou que os Ciclos de Conferência deste ano comemoram os 110 anos da Casa. Deu ciência ao Plenário de que recebeu a visita do Senador Marcelo Crivella para tratar da posição da Academia contra a hipótese de se abrir um novo flanco de captação de recursos para as igrejas. O Senador fora procurado pelos Acadêmicos José Sarney e Marco Maciel, que lhe deram notícia das ponderações da Academia, que não via com olhos tolerantes um novo saque aos recursos da Lei Rouanet. Registrou que o Centro de Memória e Preservação de Arquivo de Oslo convidou, sem custos para a Academia, um representante do Centro de Memória da ABL para reunião de trabalho e troca de experiências. Lembrou que o Canal 66 da *Globosat* já começou a divulgar filmes da vida e obra dos Acadêmicos. Deu conhecimento de que a Academia já dispõe de novo equipamento com 6 *megabytes* para ampliação da potência da Internet, que proporcionará, também, mais agilidade ao sistema PROSOFT, que cuida da Folha de Pagamento e Contabilidade. Uma central nova da Telemar está sendo instalada na ABL para o aumento da capacidade da telefonia que passará de 100 para 200 ramais e de 30 linhas para 60. Informou que a Academia prestou solidariedade ao Acadêmico João Ubaldo Ribeiro, pelo falecimento de sua mãe e, para a Acadêmica Zélia Gattai Amado, que já melhora seu estado de saúde. Manifestou a inquietação da Academia com a greve na Cultura e informou que já procurou os Ministros envolvidos, porque a Academia está com quatro milhões e meio de reais em patrocínio, retidos na Comissão Nacional de Incentivo à Cultura, para serem liberados. Relatou como foi gratificante a visita ao Espaço Criança

Esperança e verificar um trabalho social eficaz e eficiente: lá encontrou uma biblioteca com vinte mil volumes que tem agora uma estante da Academia Brasileira de Letras com placa comemorativa, um serviço de informática para adultos e crianças, programas de biblioteconomia e de ação social, muito bem dirigidos. Agradeceu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho a doação que fez à Casa para o Arquivo do Acadêmico Carlos Chagas Filho de documentação referente ao Aniversário do Conselho Nacional de Pesquisa. Assinalou que há, nesse documento, um discurso do Acadêmico Carlos Chagas Filho sobre a Ciência no Brasil.

- O Presidente, em seguida, saudou o escritor José Paulo Cavalcante, presente à sessão de hoje, a convite do Acadêmico Alberto Venancio Filho. Anunciou que ele enriquecerá a cultura Luso-brasileira, este ano, com obra exaustiva sobre Fernando Pessoa, que certamente irá consagrá-lo. Discorreu sobre a importância desse trabalho, que tem sido acompanhado por intelectuais do Brasil e de Portugal. Acrescentou que a Academia gostaria de que este livro tivesse lançamento na nossa sede.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin celebrou, com um consistente estudo crítico, os vinte anos do falecimento de Carlos Drummond de Andrade, ocorrido em 17 de agosto de 1997, aos oitenta e quatro anos. O Presidente determinou que o texto lido fosse incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Antonio Carlos Secchin pela iniciativa da homenagem, à altura de sua competência.
- Comunicou que a Academia das Ciências de Lisboa escolhera o tema “Papel de D. João VI na união com Portugal e Brasil”, entre os que foram propostos pela ABL para a reunião conjunta das duas Academias, em outubro próximo. A delegação da Academia das Ciências de Lisboa será chefiada pelo Prof. Dr. António Braz Teixeira, Vice-Presidente da Casa e Presidente da Classe de Letras, que falará sobre o oratoriano Silvestre Pinheiro Ferreira e dela constarão os oradores, acadêmicos Luís Oliveira Ramos, que falará so-

bre a História Política, José Luís Cardoso, sobre o Visconde de Cairu, e Miguel Telles Antunes, sobre Intercâmbio Científico. Informou que o Presidente Eduardo Arantes estará presente à festa dos 110 anos da Academia Brasileira de Letras.

- O Acadêmico Ivo Pitanguy apresentou proposta de criação do Prêmio Luiz Viana Filho, para o melhor trabalho literário sobre sua obra, considerando que, em 28 de março de 2008, transcorrerá o centenário de nascimento do Acadêmico. O Presidente determinou que o texto lido seja incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*. Informou que a Diretoria dará à proposta a tramitação regimental e, em futuro próximo, espera que a Casa delibere sobre o assunto. A seguir, se penitenciou por omitir o registro mais importante dos 110 anos de existência da Academia: o livro comemorativo dessa data, que está sendo cuidado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho, associando-se ao que foi dito em sessão anterior pelos Acadêmicos Tarcísio Padilha, Helio Jaguaribe, Candido Mendes de Almeida e Cícero Sandroni, discorreu sobre o livro *Pedro II*, do Acadêmico José Murilo de Carvalho. O Presidente determinou que o texto lido fosse incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho, ao agradecer, disse que gostaria de ter mais xarás como Murilo Melo Filho.
- O Acadêmico Lêdo Ivo, a propósito do que disse o Presidente sobre a greve no Ministério da Cultura, que está afetando interesses culturais e materiais da Academia, declarou que o reparo do Presidente coincide com uma experiência que viveu na semana passada, quando foi procurado por um pesquisador mexicano, que veio ao Brasil para pesquisas sobre Ruben Dario e, encontrando fechadas as portas da Biblioteca Nacional e da Fundação Casa de Rui Barbosa, só lhe restou as da Academia. Lembrou que Ruben Dario esteve duas vezes no Brasil, em 1907, como Secretário da Delegação da Nicarágua à III Conferência Pan-americana, e, em 1912, a convite de uma revista, ocasião em que visitou a Academia Brasileira de Letras e foi recebido por

José Veríssimo. Conheceu Graça Aranha e Machado de Assis e sobre eles escreveu um ensaio e um soneto. O grande poeta hispano-americano, que revolucionou toda a poesia de língua espanhola do século XIX, ficou com marcas muito profundas em seu espírito sobre o Brasil. Graças à competência e ao devotamento do Acadêmico Murilo Melo Filho, que procedeu a um levantamento do que a Biblioteca Rodolfo Garcia tem de Ruben Dario. Declarou-se impressionado com o que foi encontrado: trinta volumes de algumas primeiras edições e livros preciosos, enquanto a Biblioteca Nacional conta apenas com quatro volumes. Assinalou que esse Tesouro honra a Academia e, ao mesmo tempo, mostra a projeção da Casa. Acrescentou, ainda, que a crise não se limita apenas à Cultura é ainda uma crise de educação. Quatorze reitorias no Brasil estão ocupadas por estudantes, que não respeitam as decisões judiciais. Observou que isso lhe foi mostrado quando leu o livro do Acadêmico Arnaldo Niskier *10 anos da LDB*, que lhe impressionou muito, porque é um retrato desolador da educação no Brasil. No prefácio, destacou que o Acadêmico Evanildo Bechara usou a palavra deprimente para definir essa situação. As faculdades depredadas, a falta de recursos, tanto materiais como para funções culturais e pedagógicas. Como acentuou o Acadêmico Arnaldo Niskier: um país que dedica apenas 3% à educação, e quase sempre não chegam ao seu destino. Declarou que não iria dar um resumo do livro do Acadêmico Arnaldo Niskier, porque os confrades já o leram e provavelmente tiveram uma impressão igual a sua. Com relação à Lei de Diretrizes e Bases, que durante dez anos foi inteiramente retalhada e desfigurada, afirmou que, nesse livro, foi muito bem focalizada desde a educação rural, a educação primária até a educação à distância. Considera uma obra muito importante, que merece a reflexão de todos e talvez ajude à Academia a tomar uma posição a respeito da presente crise no Brasil, dirigindo-se à Comissão de Educação na Câmara e no Senado, a poderes constituídos capazes de ouvi-la.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier agradeceu as palavras do Acadêmico Lêdo Ivo sobre o seu livro e disse que a situação é bem pior do que a que apresentara.

- O Acadêmico Helio Jaguaribe, com relação à greve dos servidores do setor cultural, mencionada pelo Presidente no início da sessão, acrescentou que a questão dessa greve é grave e complicada, porque o motivo é justo. Os grevistas reivindicam que seja dada execução ao projeto de formação de quadros dos seus respectivos membros, o que é pretensão absolutamente correta. Por outro lado, a greve é improcedente, porque está dirigida a uma autoridade que não tem nenhuma capacidade de dar cumprimento àquilo que se pede, porque não é por falha do Ministério da Cultura que não foram organizados os quadros, mas por oposição dos Ministérios do Planejamento e da Fazenda que, levando em conta a elevação do custo da manutenção dos serviços públicos, se recusam sistematicamente a tomar decisões. Afirmou ser esta uma situação absurda, em que uma greve justa tem um objetivo inseqüente e pode demorar indefinidamente, porque os grevistas continuam a receber seus salários. Se o Ministério da Cultura não tomar a decisão, decorrido um mês de greve, de cortar o ponto dos grevistas, a greve prosseguirá. Não acredita que seja muito promissora a atitude que parece adotar em relação à greve o Ministro da Cultura, Senhor Gilberto Gil. Sugeriu à Diretoria consultar um advogado a respeito da defesa dos interesses da Casa, que podem ser legitimamente argüidos em relação ao Presidente do Sindicato que está causando objetivamente à ABL um prejuízo sério, injusto e ilegal e deve ser advertido de que, se não der cumprimento àquela recomendação que permitirá a liberação dos R\$ 4.500.000,00 (Quatro milhões e quinhentos mil reais), mencionados pelo Presidente Marcos Vilaça, o Sindicato pode ser responsabilizado por perdas e danos.
- O Presidente agradeceu a sugestão e afirmou que a Diretoria trará uma posição na próxima sessão.
- O Acadêmico Carlos Nejar associou-se ao que foi dito pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin sobre Carlos Drummond de Andrade e ofereceu à Biblioteca Rodolfo Garcia a *Antologia Poética*, de Maria Valupi, capa de Gonçalo Ivo que saiu pela Editora Quasi, do Porto. Disse tratar-se da antologia de uma poeta que teve a oportunidade de conhecer pessoalmente, mas que

não era muito reconhecida em vida. A *Antologia Poética*, organizada e prefaciada pela poeta Ana Marques Gastão, foi agora apresentada por ela e Antonio Osório. Esta obra traz também as cartas inéditas trocadas entre Cecília Meireles e Maria Valupi. O lançamento ocorreu em Lisboa e no Porto, a 28 de maio e 4 de junho.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida saudou a iniciativa do Presidente Marcos Vinícios Vilaça em Londres, que representa enorme trabalho a partir da iniciativa do Embaixador e acredita que isso deva ser tomado em consideração junto ao agradecimento da Casa. Em função disso, relatou o que está ocorrendo do outro lado da Mancha, onde os festejos sobre Machado de Assis estão crescendo para o próximo ano. Falou da sua preocupação com relação às traduções francesas da obra de Machado de Assis. Comentou a tradução do *Memorial de Aires*, de Jean-Paul Bruyas, que acaba de sair pela Métailié, com o título *Le que les hommes appellent amour*.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho, a propósito do prazo da Comissão Revisora do Regimento, lembrou que, na portaria baixada pelo Presidente, a Comissão teria o prazo até 30 de maio para apresentar o seu relatório, o que foi cumprido, e o prazo para o recebimento das sugestões dos acadêmicos a esse relatório seria 30 de junho. Propôs ao Presidente adia-lo para 15 de julho.
- O Presidente submeteu ao plenário a proposta do Acadêmico Alberto Venancio Filho. A proposta foi aprovada, ficando transferida a data de 30 de junho para 15 de julho.
- O Acadêmico Lêdo Ivo observou que, na tradução francesa de Machado de Assis, está escrito: traduzido de *bresiliene*. Lembrou que não existe nenhuma língua chamada brasileiro ou brasileira. Mencionou a tradução de um dos seus livros, nos Estados Unidos, onde a editora colocou traduzido do Português do Brasil, de modo que a Academia poderia recomendar aos editores europeus e norte-americanos essa colocação, porque o Brasil é a maior nação em Língua Portuguesa do mundo.

- A Acadêmica Ana Maria Machado, sobre o mesmo assunto, acrescentou que os editores franceses costumam fazer isso desde os anos quarenta. O primeiro livro publicado assim foi a tradução de um livro do Acadêmico Jorge Amado.
- O Presidente, passando à Ordem do Dia, colocou em votação a Proposta da Medalha João Ribeiro à Fundação Roberto Marinho, apresentada na sessão do dia 24 de maio, pelo Acadêmico Murilo Melo Filho. O plenário aprovou, por unanimidade.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier, no capítulo das Efemérides sobre Machado de Assis, recordou pontualmente alguns fatos relativos a Machado de Assis e à Academia Brasileira de Letras. Declamou, ao final, o soneto “À Carolina”. O Presidente determinou que a fala do Acadêmico Arnaldo Niskier fosse transcrita nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva narrou um episódio ocorrido com ele e duas sobrinhas netas de Carolina Dias de Novaes. No encontro, previamente marcado com essas duas senhoras, elas perguntaram a razão da visita. O Embaixador indagou se elas, como sobrinhas netas de Carolina, não tinham cartas, retratos ou documentos da tia avó. E elas disseram que nada sabiam dessa tia, a única coisa é que se havia casado com um negro no Brasil.
- A Acadêmica Ana Maria Machado esclareceu que o poema musicado por Carlos Lyra, mencionado na fala do Acadêmico Arnaldo Niskier, é *Quando ela fala* e não *Quando ela passa*. É o primeiro poema do livro dos poemas e foi gravado recentemente pelo “Boca Livre”.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier agradeceu a correção e declarou que vai transmiti-la ao Carlos Lyra, para que faça a correção.
- O Presidente, sobre Machado de Assis, disse que a proposta que vem da Universidade de Oxford, para manutenção do programa conjunto com a Academia Brasileira de Letras, tem uma intimação ao Acadêmico Alfredo Bosi, autor mais citado no Seminário, para que ele vá a Oxford falar sobre Machado

de Assis, que é o desejo da Cátedra. Prosseguindo, recordou que haverá, a seguir, no Salão Nobre da Academia, o “Seminário Brasil, brasis”, com uma exposição do Acadêmico Celso Lafer. Informou que a Ministra Carmen Lucia Antunes Rocha, mesmo invocando todo o dispositivo do STF, não conseguiu viajar de Brasília para o Rio de Janeiro. Encerrou a sessão.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

*Palavras do Acadêmico Antonio Carlos Secchin**

Em 17 de agosto de 1987, aos 84 anos, morria, no Rio de Janeiro, Carlos Drummond de Andrade, poucos dias após o falecimento de sua filha única, Maria Julieta.

Estreou com *Alguma Poesia* (1930), livro que se enquadra na linha combativa do primeiro modernismo brasileiro, no espírito demolidor impulsionado pela Semana de Arte Moderna, de 1922: poesia vazada em versos livres, muitas vezes de teor satírico, recorrendo ao humor e à paródia para desestabilizar os padrões líricos convencionais. Este livro de estréia já continha alguns textos que se incluíam entre os mais famosos da obra de Drummond, a exemplo de “Poema de sete faces”, “No meio do caminho” e “Quadrilha”. Se entre as “sete faces” fala-se de um “mundo, mundo, vasto mundo”, o segundo poema do livro, intitulado “Infância”, remonta ao território restrito da fazenda mineira. Assim, as oscilações entre a atração do vasto mundo e o ensimesmamento na província já estão de alguma forma prenunciadas pela própria seqüência das poesias na obra de estréia. Depois do “Poema de sete faces”, surge um outro em que há o recolhimento não só para um espaço preservado, interiorano e interiorizado, mas também

* Proferidas na sessão do dia 21 de junho de 2007

para um tempo preservado, o tempo mítico da infância. Podemos, ao longo da trajetória de Drummond, acompanhar esses sucessivos movimentos de sístoles e diástoles, de retrações e expansões. Num determinado momento, vai predominar o cidadão com o sentimento do mundo e, logo após, toparemos um fazendeiro do ar, recolhendo-se em seus mais íntimos e tortuosos recessos.

Brejo das Almas (1934) persiste na trilha do livro anterior. A primeira grande transformação temática e formal do poeta ocorre com *Sentimento do Mundo* (1940), em que o ar irreverente das obras iniciais cede passo à voz sofrida, madura e solidária do poeta frente à massificação do homem e aos horrores da guerra. A vertente engajada de sua poesia se faz ainda mais nítida e contundente em *A Rosa do Povo* (1945), um canto de liberdade contra o fantasma nazista.

Importa assinalar, todavia, que o discurso social em Drummond nunca apagou de todo uma raiz tímida e individualista, que o poeta cultivaria até o fim de seus dias. Assim, após as fases ditas “modernista” e “social”, floresceu, a partir de 1951, com *Claro Enigma*, o que se denomina a fase “metafísica” do poeta, ocorrendo também, e não só na sua produção, mas na de muitos contemporâneos, um refluxo para a prática das formas fixas da poesia, tão ridicularizadas à época do Modernismo: decassílabos perfeitos, sonetos rimados...

Esse viés meditativo se abre, em Drummond, para ao menos duas direções: de um lado, indagações sobre a natureza do homem, e suas relações com o desejo, o amor, a velhice e a morte. De outro, um retorno à ancestralidade do poeta, na busca de alguma composição diante da decomposição da ordem familiar, como se lê em “A mesa”, cuja comovente tentativa de convocação da figura paterna redundou frustrada, conforme o epílogo que a seguir transcrevo: “Estais acima de nós,/ acima deste jantar/ para o qual vos convocamos/ por muito – enfim – vos querermos/ e, amando, nos iludirmos/ junto da mesa/ vazia”.

As tensões do sangue ocupam, num obsessivo apelo, o âmago da reflexão drummondiana, infletindo-lhe um particular timbre de dor e desalento, pois, para o poeta, a herança familiar não é aquilo que ele recebe, mas aquilo de que não consegue se livrar.

Também integra a mesma coletânea *Claro Enigma* o poema “A máquina do mundo”, que foi eleito o mais belo poema brasileiro do século XX, em consulta de importante jornal paulista a diversos e qualificados críticos e intelectuais.

Com *Boitempo* (1968), o poeta mergulha de vez nas sendas do memorialismo, numa tonalidade mais complacente, menos crispada, do que nas versões dos anos 50. Após a sua morte vieram a lume os poemas eróticos de *O Amor Natural*, que, em vida do autor, circularam em escassas cópias clandestinas, destinadas à leitura ávida de uns poucos amigos.

Louvado pela nossa melhor crítica literária, traduzida em uma dezena de idiomas, a obra de Drummond é considerada, ao lado da produção de Manuel Bandeira, como o ponto máximo da poesia brasileira da primeira metade do século XX. Ele foi também contista (*Contos de Aprendiz*, 1951) e cronista. Ainda se aguarda uma edição de suas obras completas, que reunirá, além de poemas esparsos, centenas de crônicas dispersas em periódicos.

Conforme assinala a propósito de outro escritor, pouco importa que, ao morrer, o velho poeta já há algum tempo houvesse dado o melhor de si. Frente à poesia, toda morte é prematura.

CRIAÇÃO DO PRÊMIO LUIZ VIANA FILHO

*Palavras do Acadêmico Ivo Pitanguy**

PARECER PRÊMIO LUIZ VIANA FILHO

Considerando a extraordinária figura de Luiz Viana Filho como escritor, político, historiador, educador e humanista.

Considerando que Luiz Viana Filho, professor de Direito Internacional, jamais abandonou o hábito da pesquisa histórica, apesar de sua intensa atividade legislativa e executiva, que sempre exerceu com a grandeza própria dos verdadeiros homens públicos.

Considerando que Luiz Viana Filho, identificando-se com Rui Barbosa, em seu ideal de liberdade e com as admiráveis personalidades de Nabuco e Rio Branco, reuniu-os, mais tarde, neste marco da historiografia brasileira, que é a obra sobre estes três grandes Estadistas. O grande biógrafo por certo considerou que se o homem é a sua História, a Pátria é feita por seus homens.

* Proferidas na sessão do dia 21 de junho de 2007

Considerando que Luiz Viana Filho incluiu, na sua galeria de homens públicos, a importante biografia de Castello Branco, mas sua multiplicidade de interesses o fez também nos revelar a vida de três grandes escritores – Machado de Assis, José de Alencar e Eça de Queirós. Trouxe-nos ainda, Anísio Teixeira, o notável educador que marcou nossa geração.

Considerando que Luiz Viana Filho, ao recriar seus personagens em sua força de vida, elegeu aqueles que sua sensibilidade instintivamente acolheu. Montaigne já dizia que a admiração é o fundamento de toda filosofia, “revela a alma despida de egoísmo. A alegria de encontrar na grandeza do outro, não parcelas da própria grandeza, mas da condição humana”.

Considerando por fim, que, em 28 de março de 2008, transcorrerá o centenário de nascimento de Luiz Viana Filho, proponho a criação do Prêmio Luiz Viana Filho para o melhor trabalho literário sobre sua obra.

PEDRO II, DE JOSÉ MURILO DE CARVALHO

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente Marcos Vilaça.
Senhora e Senhores Acadêmicos.

Peço-lhes paciência e permissão para fazer uma rápida tentativa de complementar as palavras ditas aqui pelos nobres Acadêmicos Tarcísio Padilha, Helio Jaguaribe, Candido Mendes e Cícero Sandroni sobre este livro, dedicado a “D. Pedro II”, do Acadêmico José Murilo de Carvalho, que li de um fôlego só, e de cujas páginas ressalta a figura de um governante preparado desde criança para suceder ao seu pai.

Pedro II foi um órfão do Imperador Pedro I, que abdicara do Trono e embarcara para Portugal, a fim de enfrentar Dom Miguel, o irmão usurpador.

Foi um órfão da Imperatriz Leopoldina, que morreu quando ele era um simples bebê.

E foi também um órfão do País, que o aclamou Imperador no Campo de Santana, quando ele ainda era uma criança.

* Proferidas na sessão do dia 21 de junho de 2007.

Foi educado numa disciplina espartana, com hora certa para acordar, tomar o café, almoçar, caminhar, jantar, rezar e dormir.

Nesta obra, o Acadêmico José Murilo de Carvalho conta toda a história desse Imperador, que, aliás, como ele mesmo diz, tinha o sangue real dos Habsburgos austríacos, transviado na mestiçagem dos trópicos brasileiros, assumindo o trono no Brasil com menos de 15 anos de idade e nele permanecendo durante quase meio século, durante o qual viu abolidos o tráfico e a escravidão, enfrentou a terrível seca de 1877 e consolidou a soberania e a unidade nacionais, com as vitórias militares contra a Argentina de Rosas, o Uruguai de Oribe e o Paraguai de Solano Lopez.

E enfrentou a Questão Religiosa, com a prisão de dois bispos: Dom Vital e Dom Macedo; as revoltas da Cabanagem, no Pará; da Balaiada, no Maranhão; da Praieira, em Pernambuco; da Sabinada, na Bahia; do Vintém, no Rio de Janeiro; dos Liberais, em São Paulo; e dos Farrroupilhas, no Rio Grande do Sul.

E que, como Poder Moderador, teve habilidade suficiente para imperar sobre a gangorra entre liberais e conservadores, dos gabinetes parlamentaristas, chefiados pelos Marqueses de Olinda, do Paraná e de Paranaguá; pelos Viscondes de Caravelas, Itaboraí, Sinimbu, Cotejipe e Rio Branco; e gabinetes chefiados também por Caxias, Zacarias, Souza Dantas, João Alfredo e Ouro Preto.

Durante quase cinco décadas, e das ambicionadas paixões políticas, ele manteve sempre um distanciamento, que não estimulava intimidades ou camaradagens.

Foi muito criticado pelo excesso de liberdade que garantia aos jornalistas, sustentando que se combate a imprensa com ela própria e com mais ninguém.

Era chamado nos jornais de “Pedro Banana”, de “Gênio de bagatelas”, e satirizado nas caricaturas de Bordalo Pinheiro e de Agostini como o “Rei Caju”, por causa do seu queixo proeminente e do seu porte avantajado, com quase 2 metros de altura, olhos azuis, barbas prematuramente brancas e longas.

Era um sedento de afeição, solitário e introvertido, que se escondia atrás do cetro e das pompas imperiais, abominando as solenidades, honrarias, etiquetas e ostentações.

Adorava doces, canja de galinha e falava fino, segundo ressaltou aqui o Acadêmico Candido Mendes.

Recebeu lições dos idiomas alemão, árabe, francês, grego, inglês, italiano, latim, tupi-guarani, hebraico, sânscrito e provençal, aulas de dança, esgrima, ópera e música.

Viveu para estudar e para ler.

Tudo lia e tudo anotava, durante as várias horas diárias e obrigatórias de leitura. Foi um escravo das letras e das ciências e um servo da lei e das suas obrigações.

Casaram-no muito cedo, quando ele tinha apenas 18 anos de idade. Sua noiva, descoberta em Viena, era uma austríaca, de nome Teresa Cristina. E pior do que isto: quase quatro anos mais velha do que ele, baixa de estatura, algo feia e que mancava de uma perna.

E ele desabafou com sua preceptora, Dona Mariana, protestando: “Enganaram-me, Dada-ma”.

É bem possível que, talvez por isto mesmo, a Corte de então tenha até se conformado diante da longa paixão mantida por Pedro II com a Condessa de Barral, uma mulher alta, bela e inteligente, por ele chamada de “meu grande amor” e da qual restou vasta e ardorosa correspondência.

Senhora e Senhores Acadêmicos.

Deste livro, ressaltam, sobretudo lições de poupança e de economia nos gastos públicos, como as que se seguem; hoje em dia, infelizmente, muito pouco imitadas:

Primeira lição. Apesar das várias propostas do Parlamento, o Imperador nunca aceitou aumento de salário;

Segunda. Em suas comitivas de viagem levava poucas pessoas e, numa excursão a Minas, pela primeira vez, levou um repórter, J. Tinoco, do *Jornal do Commercio*;

Terceira. Recusou uma verba de 2 mil contos de réis para ele e de 4 mil contos para a filha Isabel, enquanto Regente, pedindo que “respeitassem o desinteresse de ambos por dinheiro”;

Quarta lição. Reduziu ao mínimo as despesas do palácio, cortando empregos dos mordomos, dos camareiros e da Guarda Imperial.

Quinta. Autorizou o desconto de 25% do seu salário para ajudar no custeio da guerra contra o Paraguai.

Sexta. Aos comerciantes que queriam cotizar-se para erigir um monumento em sua homenagem, sugeriu que destinassem o dinheiro para a construção de escolas.

Sétima lição. Já no exílio, proscrito e enxotado do território nacional, como se fosse um bandido; diabético, pleurítico, sonolento e meio desmemoriado, hóspede do modesto Hotel Bedford de Paris e dormindo sobre um travesseiro recheado com areia levada do Brasil, Dom Pedro rejeitou a ajuda de 5 mil contos dados pelo remorso da República, preferindo fazer, para custear-lhe a doença, um empréstimo pessoal de dinheiro, que foi pago logo depois de sua morte.

Concluo dizendo, Senhor Presidente, serem estes alguns dos muitos exemplos das sóbrias honradez e dignidade – pontuais e mapeadoras deste livro – que nos deixam muitas saudades, em comparação com a perdulária orgia dos dias atuais – nevoentos e sombrios – com tantas propinas, corrupção e escândalos, revelados sucessivamente todas as semanas, e que nos encham de muita vergonha.

Assim, esta obra vem mesmo a calhar, é lançada neste momento assaz, oportuno e deixa-nos sobretudo, como aqui já disse o Acadêmico Cícero Sandroni, deixa-nos muito orgulhosos por termos entre nós o Acadêmico José Murilo de Carvalho, um correto e competente historiador sobre a vida de “D. Pedro II”, o inesquecível Rei, que traduziu o *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo, além de poemas

de Dante e de Lamartine, e um amigo de Gobineau, Wagner, Longfellow, Renan, Pasteur, Agassiz, Gra-ham Bell, Alexandre Herculano, Theodore Roosevelt, Joaquim Nabuco e Victor Hugo, que o saudou com as seguintes palavras:

– Sois um grande cidadão e um neto de Marco Aurélio.

Ele foi igualmente um republicano que, segundo José Murilo de Carvalho, até mesmo sem querer, nasceu Imperador.

Segundo Gladstone, foi um governante modelo do mundo.

E, segundo o *New York Times*, ele tornou o Brasil tão livre quanto uma Monarquia podia ser, tendo sido também “o mais ilustrado monarca do século”.

MACHADO DE ASSIS

*Estudo do Acadêmico Arnaldo Niskier**

Deve-se destacar em Machado de Assis não apenas os aspectos mais conhecidos das suas obras, especialmente os nove romances, em que abordou conflitos psicológicos antes mesmo da existência formal dos estudos da alma, mas preocupações com questões como o uso exagerado de línguas estrangeiras, o que permanece válido até hoje. No final do século XIX, era comum na sociedade fluminense o emprego de palavras francesas e italianas, o que incomodava o “Bruxo”, conforme demonstrou em diversas crônicas.

Outro aspecto menos divulgado foi o seu louvor permanente ao povo de Israel. Em prosa e verso, demonstrou enorme simpatia pela causa hebraica, sem que seus críticos tenham destacado essa faceta, que mereceu da pesquisadora Anita Novinsky um denso trabalho que tivemos a honra de prefaciar (Editora Expressão e Cultura).

Ainda sobre Machado, quando nos aproximamos das homenagens que serão prestadas à sua memória, pelo centenário de morte, em 2008, convém recordar um fato que vai lentamente caindo no esquecimento. No dia 21 de abril de

* Apresentado no capítulo das Efemérides na sessão do dia 21 de junho de 2007.

1998, presente um grande número de acadêmicos, a ABL reparou uma inacreditável injustiça ou mesmo um triste ato de discriminação.

Quando a musa Carolina morreu, foi enterrada pela família num jazigo, no Cemitério São João Batista. Machado homenageou o grande amor da sua vida com o célebre poema “À Carolina”, um dos mais belos da língua portuguesa. Depois que Machado fechou os olhos para sempre, a família européia da esposa recusou a colocação do seu corpo junto aos restos mortais da bem amada, sob a indefensável alegação de que “ele era mulato”.

Assim se passaram 90 anos. Sabedores do fato, procuramos os descendentes de Carolina, seus herdeiros. Por intermédio da amiga Maria Teresa Sombra, ela própria um dos familiares, chegamos à simpática figura de Dona Ruth, bisavó, que, ao ouvir a argumentação da ABL, assinou um termo de autorização para que se fizesse o traslado.

Separamos um espaço na entrada do mausoléu acadêmico e ali juntamos os dois enamorados, Machado e Carolina, dessa vez para sempre. O escultor Agostinelli fez um belíssimo trabalho em bronze, com dois pares de mãos entrelaçadas, de grande simbologia. Conseguimos gravar na lápide de mármore todo o poema à Carolina e uma chama votiva simbolizou o nosso eterno apreço.

No mencionado 21 de abril, dia de sol intenso, fez-se a comemoração da junção definitiva dos dois, em cerimônia especialmente organizada pela então diretoria da “Casa de Machado de Assis”. Houve muita emoção nos discursos, especialmente quando convidamos a cantora Kay, filha do compositor Carlos Lyra, para cantar o famoso poema “Quando ela fala” (*words, words, words*), numa inspiradíssima e original composição do seu pai, feita para a ocasião. Não foram poucos os que choraram de emoção. Nos 10 anos de vida do monumento, em 2008, certamente, o fato será recordado.

SESSÃO DO DIA 28 DE JUNHO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Alfredo Bosi, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao abrir a sessão, submeteu ao Plenário a Ata do dia 21 de junho, que foi aprovada.
- Por solicitação do Acadêmico Cícero Sandroni, o plenário saudou com uma salva de palmas o Presidente Marcos Vilaça por seu aniversário, no próximo sábado, dia 30 de junho.
- O Presidente convidou os Acadêmicos para festejar o aniversário da Acadêmica Zélia Gattai Amado. Prosseguindo, deu ciência à Casa de que fez gestões, junto ao Ministro Luiz Dulci e ao Ministro Gilberto Gil, a respeito dos problemas na área da cultura, que estão atingindo a Academia. Lembrou que, na semana anterior, havia mencionado que a ABL tinha recursos já au-

torizados pelos patrocinadores da ordem de R\$ 4.500.000,00; posteriormente, juntamente com o Secretário-Geral, verificou que se encontram retidos no Ministério da Cultura R\$ 6.500.000,00, de créditos para a Academia, proveniente de patrocínios culturais apoiados na Lei Rouanet. Citou exemplos: o patrocínio da Vale do Rio Doce para os prêmios literários, a renovação do patrocínio da Petrobras para a Biblioteca Rodolfo Garcia e o Teatro R. Magalhães Jr. Informou que manifestara ao Ministro Luiz Dulci, Ministro da Secretaria Geral da Presidência da República, a preocupação com a área cultural e frisou que estavam às vésperas do aniversário da Academia; assinalou que toda a programação cultural dos Jogos Pan Americanos está centrada nos Museus e estes estão fechados. Mostrou ainda que a programação junto à Polônia, prevista no projeto a “Polônia Carioca”, foi adiada, sem previsão de data. Passou, em seguida, a tratar do encontro da Academia Brasileira de Letras com a Academia das Ciências de Lisboa, que ocorrerá nos dias 29 e 30 de outubro. Informou que o Acadêmico Domício Proença é o responsável pela coordenação da participação da Academia Brasileira de Letras, que envolverá, entre outras questões, a definição de quem vai apresentar colaborações, sendo necessário que, até o final de julho, a ABL possa comunicar à Academia das Ciências de Lisboa os nomes dos acadêmicos e os temas de que tratarão. Deu notícia de que não houve, até o momento, quem se interessasse pela Livraria Acadêmica, que funciona no Palácio Austregésilo de Athayde. Declarou ter receio de que futuramente se diga que a Academia fechou sua livraria. Solicitou, a propósito, orientação do plenário. Informou que a edição bilíngüe Huidobro/Bandeira aguarda a definição da posição do detentor dos Direitos Autorais de Cecília Meirelles e de Manuel Bandeira. Acredita que as gestões que estão sendo feitas pela Diretoria, pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin e o prestígio da Academia consigam ultrapassar o impasse, com a brevidade necessária. Registrou o falecimento do geógrafo e grande intelectual nordestino Manuel Correia de Andrade. Destacou que a sua obra *A Terra e o Homem do Nordeste*, prefaciado por Caio Prado, foi um dos muitos livros da sua bibliografia que marcou época: um livro expressivo, que foi escolhido como um dos melhores do sé-

culo XX pela Câmara Brasileira do Livro. Manuel Correia de Andrade, acrescentou, foi professor na Sorbonne e em Pernambuco, teve um papel relevante como dirigente da Fundação Joaquim Nabuco. Comunicou que se dirigiu à família, à Fundação Joaquim Nabuco e à Academia Pernambucana de Letras manifestando o pesar da Casa.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva entregou ao Centro de Memória da Academia, em nome de Paulo da Costa Franco, três interessantíssimas cartas que Guimarães Rosa escreveu àquele seu amigo em 1957, 1958 e 1964. Disse que são cartas extremamente interessantes porque nelas Rosa refere-se especialmente às leituras alemãs e às leituras filosóficas de seu amigo. Leu o trecho de uma destas cartas. A seguir, lembrou que a missa de um mês do falecimento de Marly de Oliveira será no dia 30, às 18 horas, no Mosteiro Nossa Senhora dos Anjos, Capela das Irmãs Clarisses, na Rua Jequitibá, 41, Gávea.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho encaminhou à Biblioteca da Academia, em nome do autor, o livro *Sem Medo da Utopia*, do Acadêmico Evaristo de Moraes Filho. Acrescentou tratar-se de um documento autêntico, sincero e franco, de um homem que se dedicou a vida toda ao Direito, à Sociologia, às Ciências Sociais, às Ciências Políticas, à História, à Literatura e à Filosofia. No prefácio, destacou, o Prof. Arion Romita diz que o Acadêmico Evaristo de Moraes Filho seria capaz de falar e escrever sobre tudo, porque tinha uma cultura sólida e profunda. Chamou a atenção para um dos capítulos do livro intitulado “Da Cátedra à Academia”, onde mostra a importância que ele deu a sua eleição para esta Casa. Disse que, de certo modo, o Regime Militar foi muito favorável à Cultura, porque, se não fosse a aposentadoria, certamente Antonio Houaiss não teria feito a tradução de *Ulisses*, assim também como o Acadêmico Evaristo de Moraes Filho os belos livros que escreveu, inclusive *Sem Medo da Utopia*. Falou da sua presença na Academia e ressaltou o seu papel na Presidência do Acadêmico Josué Montello: refez o Regimento da Academia e teria todos os motivos para ser Presidente da Academia, mas é avesso a funções administrativas. No livro *Sem Medo da Utopia*, mostra seu

pensamento avançado para o futuro. Finalizando, fez votos de que tão logo seja possível, retorne ao convívio da Casa.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco prestou homenagem ao poeta Bruno Tolentino, recentemente falecido. Ressaltou sua personalidade rigorosamente imprevisível. Destacou que, na obra poética *As Horas de Catarina*, há momentos da leitura em que se tem a impressão de que Bruno Tolentino estava psicografando o espírito de uma freira em busca da santidade. Lembrou que o poeta recebeu o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes pelo livro *O Mundo como Idéia*. Salientou que Bruno Tolentino faleceu com a idade exata de sua personagem Catarina, aos 66 anos. Sobre a observação feita pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho, disse não concordar plenamente, porque entendia que a Ditadura Militar não foi benéfica para a cultura brasileira.
- O Acadêmico Ivan Junqueira endossou as palavras do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco sobre Bruno Tolentino e destacou a amizade e estima intelectual pelo poeta. Lembrou que, em 1965, quando estava se iniciando na crítica literária na revista *Cadernos Brasileiros*, a Acadêmica Nélida Piñon, que então dirigia a seção literária daquela publicação, pediu-lhe para fazer um balanço da poesia que se escrevia na época. Eram dez poetas, e só falara bem de um deles: Bruno Tolentino, que havia publicado o livro *Anulação e Outros Reparos*. Desde então, assinalou, Tolentino já ostentava um talento de verdadeiro prestidigitador, o domínio sobre o verso, a imagem e a metáfora. Poeta de uma enorme personalidade e que apresentava algo que eu não via nos poetas brasileiros daquele período: a tentativa de estruturar uma visão de mundo através da poesia que escrevia. Bruno Tolentino teve uma vida controversa, era um verdadeiro mitômano, acreditava em histórias fabulosas que teria vivido, o que não tem nada a ver com o talento de poeta que revelou. Na última década do século que se foi, publicou grandes obras, a começar por *Horas de Catarina*, que foi laureado com o Prêmio Jabuti, *Os Deuses de Hoje*, *A Balada do Cárcere*, que recebeu o Prêmio Cruz e Souza; *O Mundo como Idéia*, que conquistou o Prêmio José Ermírio de Moraes, e *A Imitação do Amanhecer*, que reúne mais de 500 sonetos nos quais tenta dar uma vi-

são definitiva daquilo que chamou de visão de mundo e que já foi incluído como finalista do Prêmio Jabuti. Era uma pessoa controversa, polêmica, mas acima de tudo, poeta.

- O Acadêmico Helio Jaguaribe fez um breve comentário a respeito da greve dos servidores da cultura, que continua inflingindo injustos prejuízos à Academia. Lembrou que, na sessão passada, se manifestara a respeito do prejuízo, que continuará assim, porque os servidores da cultura defendem uma causa justa, ao reivindicar o seu enquadramento e uma greve inoperante em relação ao Ministro da Cultura, que não tem nenhum poder para dar atendimento ao que pedem. Sugeriu que se contrate um advogado para intimar o Presidente do Sindicato a encontrar uma solução, sob pena de perdas e danos dos prejuízos que causam à Casa.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça informou que a Academia já está considerando a hipótese de um procedimento nesse sentido.
- O Acadêmico Candido Mendes reiterou as palavras do Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre o Acadêmico Evaristo de Moraes Filho. Discorreu sobre a importância do *Programa Brasil, brasis*. Assinalou em função do que foi informado pela Universidade de Oxford, a Cadeira de Estudos Brasileiros não pode mais dar continuidade à Cátedra Machado de Assis, como um programa autônomo daquela Universidade, diante da falta de patrocínio. Comunicou que, na última reunião do Foro de Reitores do Rio de Janeiro, as Universidades o autorizaram a informar à ABL que estão dispostas a se somar a esta Casa para dar todo suporte para a continuação autônoma da referida Cátedra. Isso foi feito com o Colégio de France, destacou. Sugeriu que, através da Academia Brasileira de Letras, seja possível voltar prontamente ao que estava sendo feito.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho comunicou que o destino do Centro de Estudos Brasileiros ainda não está completamente resolvido: a Universidade de Oxford está tentando levantar três milhões de dólares para sustentar o Centro. Com uma doação deste porte o Centro poderá continuar. Isto

ainda está em negociação. Sugeriu ao Embaixador Alberto da Costa e Silva, Presidente da Comissão, que fosse esperada a decisão final a respeito da manutenção ou não do Centro. Reconheceu que a informação do Acadêmico Candido Mendes de Almeida é muito promissora, porque independentemente da sua manutenção, poderiam continuar o programa da ABL. Acrescentou que, pessoalmente, teria o maior interesse, em algum momento, de regressar a Oxford e expôs os motivos.

- O Presidente acredita que a manifestação do Acadêmico Candido Mendes de Almeida é extremamente forte, valiosa e protetora das ambições da Academia. Comunicou que, na sua passagem por Londres, em entendimento com os professores de Oxford, estes sinalizaram que formularão uma proposta à Academia Brasileira de Letras, através da Cátedra de Língua e Literatura Luso-Brasileira e não mais pelo Centro de Estudos Brasileiros, que não teria condições. Tão logo receba esse documento, dará conhecimento ao plenário.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva considera prematuro reunir a Comissão antes de ter conhecimento do citado documento.
- O Acadêmico Antonio Olinto, associando-se ao que foi dito sobre Bruto Tolentino, recordou que, em 1970, era Adido Cultural em Londres quando lhe apareceu aquele jovem carregando papéis cheios de poesia e pediu-lhe para lê-las. Descobriu, nesse momento, que ali estava um grande poeta e fez o prefácio que lhe pedira. Estava ele com problemas econômicos e havia uma vaga de Leitor na Universidade de Essex; por intermédio do Embaixador Sergio Corrêa da Costa, conseguiu para ele essa vaga de leitor. Desde essa época, leu o que Bruno escrevera e, como já disseram os que o precederam, não havia poeta no Brasil que tivesse aquela força que vinha de dentro. Acrescentou que a sua poesia fará uma falta extraordinária. A seguir, comunicou que nesta data estivera, com o Embaixador Jerônimo Moscardo, no Itamarati para o lançamento de “Horizons Philosophiques”. Disse tratar-se de um seminário para discutir uma idéia do século XXI. Ressaltou que, dos quinze oradores que se apresentaram, o melhor discurso foi do Acadêmico Helio Jaguaribe. Cumprimentou-o e congratulou-se com a Casa.

- O Presidente esclareceu ao plenário, com relação ao Itamaraty, de que nenhuma resposta recebeu do Ministério das Relações Exteriores, a respeito do Passaporte Diplomático para os Acadêmicos. Por outro lado, comunicou que o Embaixador José Maurício Bustani telefonou-lhe dando contas do sucesso que foi a Semana Machado de Assis em Londres, acompanhada de perto pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet. Lembrou que essa Semana em Londres marcou o início das celebrações do centenário do falecimento de Machado de Assis. Observou, ainda, que, na Ata da sessão anterior, há um equívoco com relação à data do jantar oferecido por D. Lily Marinho aos Acadêmicos, comemorando os 110 anos da Academia, que será no dia 21, sábado. Lembrou aos Acadêmicos que, às 17h 30min, o multinstrumentista Antonio Nóbrega, grande pesquisador e conhecedor das raízes da música popular brasileira, se apresentará na Academia. A apresentação é um presente do artista à Casa. Dividiu com o plenário uma alegria sua, pelo fato de, na segunda-feira próxima, dia 2, completar 22 anos nesta Casa: já é o quinto mais antigo. Encerrou a sessão.

BOLETINS DE INFORMAÇÃO

ANO XLVII – N.º 01

Em 18 de janeiro de 2007

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTÔNIO CARLOS SECCHIN – No período entre 7 e 14 de fevereiro, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin dará palestras sobre a poesia brasileira, nas Universidades de Santa Bárbara e Los Angeles.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – Comemorou-se no dia 11 do corrente mês o aniversário natalício do Acadêmico Carlos Nejar, que ocupa a Cadeira n.º 4 do Quadro dos Membros Efetivos.

UNIVERSIDADE DE OXFORD – O Acadêmico José Murilo de Carvalho viajou para Oxford onde ocupará a posição de professor visitante da Cátedra Machado de Assis, nos termos do convênio firmado entre a ABL e a Universidade.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ALBERTO VENANCIO FILHO – Comemora-se no próximo dia 23 do corrente mês o aniversário natalício do Acadêmico Alberto Venancio Filho, que ocupa a Cadeira n.º 25 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLiar – O Acadêmico Moacyr Scliar regressou dos Estados Unidos, onde fez conferências na University Washington, Public Library (Chicago), Public Library (Seattle), Amherst College (Massachusetts), promo-

vidas pela Nextbook Foundation, entidade que promove eventos culturais. No começo do ano letivo, dará palestras sobre o tema “Humanidades e medicina” nas Universidades de Santa Maria, Londrina e Porto Alegre.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO JOÃO UBALDO RIBEIRO – Comemora-se no próximo dia 23 do corrente mês o aniversário natalício do Acadêmico João Ubaldo Ribeiro, que ocupa a Cadeira n.º 34 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – Comemora-se no próximo dia 25 do corrente mês o aniversário natalício do Acadêmico Domício Proença Filho, que ocupa a Cadeira n.º 28 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ARNALDO NISKIER – Na última sessão do ano passado, o Acadêmico Arnaldo Niskier lançou, na Sala dos Poetas Românticos, o livro *O Martírio de Branca Dias*. Deu 391 autógrafos durante quase 4 horas.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – Convidado pelo Governo Cubano, o Acadêmico Ivan Junqueira permanecerá em Havana e Cienfuegos, como membro do Júri do Prêmio Casa de las Américas, de 14 a 25 do mês corrente, em companhia do crítico João César de Castro Rocha e do romancista Luiz Ruffato, que indicarão um escritor brasileiro para o referido prêmio nas áreas da poesia, do ensaio ou da ficção.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI – O Acadêmico Cícero Sandroni participará, na qualidade de jornalista, da mesa-redonda “Barbosa Lima Sobrinho: precursor do estudo do jornalismo no Brasil”, dia 22 de janeiro, segunda-feira, às 17 horas, na Biblioteca Nacional.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO BECHARA – Saiu em dezembro, pela Editora Pontes, o ensaio “Filologia” que integra o I.º volume de *Discurso e Textualidade: Introdução às Ciências da Linguagem*, organizado por professores da UNICAMP.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO – Foi publicado pela Editora Topbooks, o livro *Mirante* do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco.

ANO XLVII – N.º 02

Em 25 de janeiro de 2007

REINÍCIO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA – A Academia Brasileira de Letras reinicia dia 1.º de março suas atividades para o ano de 2007.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara integrou, no final de dezembro, na UERJ, a Banca Examinadora que argüiu a tese de Doutorado da Professora Acácia Maria de Fátima Oliveira, intitulada “Estratégias e falhas na construção do sentido textual”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO – No dia 17 do corrente mês, o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco foi homenageado pelo PEN Clube do Brasil no encontro “Conversa com o Escritor”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO LÊDO IVO – Comemora-se no próximo dia 18 de fevereiro o aniversário natalício do Acadêmico Lêdo Ivo, que ocupa a Cadeira n.º 10 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO NELSON PEREIRA DOS SANTOS – No dia 22 de janeiro, no Festival de Santa Bárbara (EUA), foi exibido o filme “Brasília 18º” do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos. O Acadêmico foi homenageado no 10.º Festival Internacional de Cine de Punta del Leste como personalidade de destaque do cinema latino-americano.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCO MACIEL – Já retornou aos trabalhos do Congresso Nacional o Acadêmico e Senador Marco Maciel, recuperado inteiramente da leve cirurgia a que se submeteu no começo do ano, no Recife.

JORNAL DE LETRAS – O Acadêmico Alberto da Costa e Silva foi distinguido com página inteira do *Jornal de Letras*, de Lisboa. São referidas as ligações com Portugal e comentados vários dos livros de que é autor, inclusive com anúncio do segundo volume das suas memórias: *Invenção do Espelho*.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – No mês de fevereiro, a Acadêmica Nélida Piñon fará a conferência de abertura do Encontro de Escritores de Póvoa do

Varzim, em Portugal. Cerca de 60 escritores lusófonos participarão de mesas de debates e palestras nesse “Correntes d’ Escritas”. O tema da Acadêmica Nélida Piñon será “Memória secreta das mulheres”.

NOVO PISO – O saguão térreo do Centro Cultural da ABL recebeu piso antiderrapante, uma antiga reivindicação de Acadêmicos, servidores e visitantes.

CONGRATULAÇÃO – O Deputado Mauro Benevides, do Ceará, da tribuna da Câmara Federal congratulou-se pela posse do Acadêmico Marcos Vilaça, em seu novo mandato na Presidência da ABL.

A ACADEMIA BRASILEIRA E O TCU – Durante a posse do novo Ministro do TCU, Aroldo Cedraz, em 18 de janeiro, foram feitos discursos com referências elogiosas à Academia Brasileira e às suas atividades. Na ocasião, o Ministro Guilherme Palmeira registrou a seleção pela revista *Isto É* dos cem brasileiros que se destacaram em 2006, onde figura o nome do Presidente da ABL.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO OLINTO – O Acadêmico Antonio Olinto fará uma série de conferências na Universidade de Juiz de Fora a partir de março próximo. Assunto: “Machado de Assis e Guimarães Rosa”.

RAY-GÜDE MERTIN – Faleceu a 14 de janeiro, em seu país, Ray-Güde Mertin, co-responsável pela internacionalização de muitos escritores, inclusive de acadêmicos, como João Ubaldo Ribeiro e de sócios da ABL, como Agustina Bessa Luís e Mía Couto. Foi, segundo José Saramago, o maior representante da literatura latino-americana na Europa. Viveu no Brasil entre 1969 e 1971. Sua tese em Colônia foi sobre Ariano Suassuna. Publicou, entre outros, Moacyr Scliar. O Presidente Marcos Vilaça dirigiu-se a autoridades culturais da Alemanha e à família dele expressando os sentimentos da ABL.

ANO XLVII – N.º 03

Em 6 de fevereiro de 2007

REINÍCIO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA – A Academia Brasileira de Letras reínicia dia 1.º de março, suas atividades para o ano de 2007.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – Foram publicados pela Editora Record o discurso de posse do Acadêmico Domício Proença Filho e o de recepção do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. Saiu também, com o selo da Global, o volume dedicado ao Arcadismo, na coleção *Roteiro da Poesia Brasileira*, dirigida pela escritora Edla Van Steen.

ANTÔNIO ALÇADA BAPTISTA – O Sócio Correspondente da ABL, escritor Antônio Alçada Baptista, foi homenageado com a edição de livro comemorativo dos seus 80 anos, lançado esta semana, em Lisboa. Entre os ensaios e crônicas, há um breve texto do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.

POSSE DE CELSO LAFER – O Acadêmico Marco Maciel enviou cópias do Diário do Congresso em que registra a relevância da posse do Acadêmico Celso Lafer na ABL, em pronunciamento no Senado Federal.

PINACOTECA DE SÃO PAULO – O artista português, José Pedro Croft, realiza exposição retrospectiva de sua obra na Pinacoteca de São Paulo, em honra da memória do colecionador Marcantonio Vilaça. A imprensa paulista vem dando grande destaque à mostra.

NOITE DE UM DIA – *Noite de um Dia*, livro de poemas de Humberto França, com tradução feita pelo membro da Academia Argentina de Letras Horácio Castilho, sai no mês de maio em Buenos Aires. O prefácio é do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO SERGIO PAULO ROUANET – Comemora-se no próximo dia 23 de fevereiro o aniversário natalício do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, que ocupa a Cadeira n.º 13 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – Comemora-se no próximo dia 26 de fevereiro o aniversário natalício do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, que ocupa a Cadeira n.º 33 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI – Comemora-se no próximo dia 26 de fevereiro o aniversário natalício do Acadêmico Cícero Sandroni, que ocupa a Cadeira n.º 06 do Quadro dos Membros Efetivos.

AUDIÊNCIA MINISTERIAL – O Presidente Marcos Vinícios Vilaça esteve no Palácio do Planalto, recebido em audiência especial pelo Ministro Chefe da Secretaria da Presidência da República, Professor Luís Dulci. Trataram de temas do interesse da Academia Brasileira de Letras.

CONSELHO DE CULTURA – O Acadêmico Marcos Vilaça foi convidado pelo governo do Estado do Rio de Janeiro para integrar o Conselho de Cultura do Estado.

BARBOSA LIMA SOBRINHO – O SEBRAE acaba de criar o Prêmio Barbosa Lima Sobrinho / Prefeito Empreendedor. Será concedido anualmente ao administrador que se destaque, entre os prefeitos municipais, pela capacidade de empreendedor moderno.

UNE – A Bienal Cultural deste ano da União Nacional dos Estudantes escolheu por tema o título do livro do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, *Um Rio Chamado Atlântico*.

HOMENAGEM A CÂMARA CASCUDO – No último dia 31 de dezembro, transcorreu o 108.º aniversário de nascimento de Luís da Câmara Cascudo, que foi homenageado com uma sessão solene na Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A Academia Brasileira de Letras esteve representada pelo Acadêmico Murilo Melo Filho, que discursou na ocasião.

ANO XLVII – N.º 04

Em 15 de fevereiro de 2007

REINÍCIO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA – A Academia Brasileira de Letras reinicia dia 1.º de março suas atividades para o ano de 2007.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO SÁBATO MAGALDI – O acadêmico Sábato Magaldi participou, no dia 25 de janeiro, na Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, da banca examinadora do doutorado em Estudos Teatrais da candidata Deolinda Fonseca de Vilhena, orientada pelo professor Jean-Pierre Ryngaert, e tendo, ao lado, os professores Robert Abirached, Georges Banu e Emmanuel Wallon. A tese trata do Théâtre du Soleil, dirigido por Ariane Mnouchkine.

PERNAMBUCO – O Suplemento Cultural do *Diário Oficial do Estado de Pernambuco*, agora sob a direção dos escritores Flávio Chaves, Raimundo Carrero e Schneider Carpegiani, com diagramação nova e denominação nova – *PERNAMBUCO* – voltou a circular em fevereiro.

CONVÊNIO COM A PUC-RIO – A ABL e a PUC / RIO celebraram um convênio de cooperação. A direção da Universidade, com o Reitor Pe. Jesus Hortal à frente esteve na sede da ABL para assinatura do documento, a 8 de fevereiro. Cópia do texto está sendo distribuída aos Acadêmicos. Observe-se que se trata do primeiro ajuste de cooperação assinado entre a Academia e uma Universidade. Espera-se, para o início do segundo semestre, a finalização de acordo semelhante com a Universidade de Salamanca.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO EVANILDO BECHARA – Comemora-se, no próximo dia 26 de fevereiro, o aniversário natalício do Acadêmico Evanildo Bechara, que ocupa a Cadeira n.º 33 do Quadro dos Membros Efetivos.

HOMENAGEM – A Associação dos Ex-alunos da Faculdade de Direito da USP homenageará com uma placa os alunos do curso que se tornaram Acadêmicos. Até agora, foram, ao todo, 48. O último a ingressar na ABL foi o Acadêmico Celso Lafer, o primeiro foi o patrono da Cadeira 13, Francisco Otaviano, em 1841.

“TERMO DE DOAÇÃO” FIRMADO PELA ABL E FBN – A Academia Brasileira de Letras assinou, no dia 15 de fevereiro, o “Termo de Doação” de livros à Fundação Biblioteca Nacional, a fim de que os mesmos sejam repassados pelo Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas da Fundação Biblioteca Nacional, também por doação, às Bibliotecas Públicas Estaduais e Municipais do país.

ACADÊMICOS E O FREVO – Em sessão, no Recife, o Conselho Consultivo do IPHAN aprovou a inclusão do FREVO no livro de registros do Patrimônio Imaterial do Brasil. Na ocasião, o Conselheiro Marcos Vinícios Vilaça referiu-se a menções e estudos de alguns dos seus confrades sobre a música e a dança que caracteriza o carnaval dos pernambucanos. Comentou os livros *Vício da África*, de Alberto da Costa e Silva; *Dicionário de Brasileirismos*, de Rodolfo Garcia; *Moleque Ricardo*, de José Lins do Rego. Citou, declamando, poemas do saudoso acadêmico Manuel Bandeira e de dois outros grandes poetas da terra: Ascenso Ferreira e Carlos Pena Filho. Marcos Vilaça ainda lembrou que a criação do registro de Patrimônio Imaterial foi resultado de estudos do acadêmico Eduardo Portella, dele próprio e dos escritores Joaquim Falcão e José Paulo Cavalcanti Filho.

DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO SOBRE EVARISTO DE MORAES FILHO – No Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia (PPGSA), da UFRJ, foi defendida, no dia 9 de fevereiro, a dissertação “Uma Sociologia brasileira da ação coletiva: Oliveira Vianna e Evaristo de Moraes Filho”. De autoria de Antonio da Silveira Brasil Jr. e orientada pelos professores Gláucia Villas-Boas e André Botelho, a tese foi aprovada com nota máxima e recebeu indicação para publicação por parte da banca.

ANO XLVII – N.º 05

Em 1.º de março de 2007

REINÍCIO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA – A Academia Brasileira de Letras reinicia hoje, dia 1.º de março, suas atividades para o ano de 2007.

OS PRIMEIROS PRESIDENTES DA ABL – Terá início no dia 6 de março, às 17h 30min, a programação cultural deste ano, que versará sobre “Os primeiros Presidentes da ABL”, coordenado pelo Acadêmico Tarcísio Padilha. A conferência de abertura será proferida pela Acadêmica Néliida Piñon, sobre Machado de Assis. As demais conferências do mês se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

13/03 – Lêdo Ivo, sobre Rui Barbosa;

20/03 – Geraldo Holanda Cavalcanti, sobre Domício da Gama, e Evanildo Cavalcante Bechara, sobre Carlos de Laet;

27/03 – Alberto Venancio Filho, sobre Afrânio Peixoto.

HOMENAGEM A OSCAR NIEMEYER – Realiza-se no dia 8, às 17h 30min, no Salão Nobre do *Petit Trianon*, mesa-redonda comemorativa do centenário de Oscar Niemeyer.

ACADÊMICO LÊDO IVO, CONVIDADO DE HONRA – O Acadêmico Lêdo Ivo foi o convidado de honra do III Congresso Ibero-americano de Poesia, realizado no México, de 11 a 22 de fevereiro último. Cerca de 55 poetas representativos de 15 países latino-americanos e da Espanha participaram do evento, considerado um dos mais importantes daquele país. Simultaneamente a esse encontro, ocorreu uma Feira Internacional do Livro, na qual foi apresentada *Mia patria húmeda*, a mais recente antologia poética do Acadêmico Lêdo Ivo publicada no México. No dia 15, ele foi homenageado com um almoço comemorativo de seu aniversário natalício, promovido pelos organizadores e participantes do festival.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – De 6 a 14 de fevereiro, a Acadêmica Ana Maria Machado participou do 8.º Salão do Livro de Pontevedra, na Espanha, onde fez a conferência de encerramento, deu palestra para professores e lançou a edição espanhola de luxo de *Niña Bonita*. Em seguida, participou de uma mesa-redonda sobre literatura brasileira em Santiago de Compostela. Na semana seguinte, de 17 a 22 de fevereiro, como parte do Festival Minimondi em Parma, na Itália, a escritora cumpriu extenso roteiro de encontros com leitores em bibliotecas e escolas de toda a região da Emilia Romagna.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 14 de março, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin estará em Belo Horizonte, na UFMG, integrando a banca que vai examinar a tese “A poesia de João Cabral de Melo Neto e as artes espanholas”, de Helânia Cunha de Sousa Cardoso.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – Nos dias 30 e 31 de março, o acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara estará em Belo Horizonte proferindo palestra sobre M. Said Ali e sua contribuição para os estudos superiores de Língua Portuguesa.

REVISTA BRASILEIRA – Está marcada para o dia 22 de março a comemoração do n.º 50 da *Revista Brasileira*, com a presença do Acadêmico João de Scantimburgo, Diretor desta publicação.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO NELSON PEREIRA DOS SANTOS – O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos esteve na Itália participando, a convite da Università degli studi di Napoli L’Orientale, na Sardenha, do projeto: “Terra Gramsci: Sardenha – Sertão”, convidado a falar sobre Gramsci e Graciliano Ramos, com o professor de filosofia, Giorgio Baratta, da Università. Durante o mesmo período, realizou também como convidado, na terra natal do escritor, a Sardenha, um documentário com o cineasta italiano, Gianfranco Cabiddu, intitulado: “Gramsci Now”. Dentro do mesmo evento, o cineasta participou do programa “Nelson Pereira dos Santos – il padre del Cinema Novo brasiliano con il suo film *Vidas Secas*, in Terra Gramsci”, quando foram exibidas sessões do filme seguidas de debates sobre a obra do escritor Graciliano Ramos e a obra do escritor Gramsci, em Roma, nas cidades de Cagliari, Ghilarza e Gavoi, na Sardenha.

CHEDIAK – Na missa de 7.º dia, mandada rezar pela família de A. José Chediak, notável professor e filólogo, que prestou relevantes serviços à ABL, a Casa fez-se representar pelos Acadêmicos Evanildo Cavalcante Bechara, Domício Proença Filho e Arnaldo Niskier.

ANO XLVII – N.º 06

Em 8 de março de 2007

HOMENAGEM A OSCAR NIEMEYER – Realiza-se hoje, às 17h 30min, no Salão Nobre do *Petit Trianon*, homenagem comemorativa do centenário de Oscar Niemeyer.

OS PRIMEIROS PRESIDENTES DA ABL – Teve início no dia 6 de março, às 17h 30min, a programação cultural deste ano, que versa sobre “Os primeiros Presidentes da ABL”, coordenado pelo Acadêmico Tarcísio Padilha. A conferência de abertura foi proferida pela Acadêmica Nélide Piñon, sobre Machado de Assis. As demais conferências do mês se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

13/03 – Lêdo Ivo, sobre Rui Barbosa;

20/03 – Geraldo Holanda Cavalcanti, sobre Domício da Gama e Evanildo Cavalcante Bechara, sobre Carlos de Laet;

27/03 – Alberto Venancio Filho, sobre Afrânio Peixoto

REVISTA BRASILEIRA – Está marcada para o dia 22 de março a comemoração do n.º 50 da *Revista Brasileira* com a presença do Acadêmico João de Scantimburgo, Diretor desta publicação.

JOSUÉ MONTELLO: UM ANO DE FALECIMENTO – Será celebrada missa na Igreja da Ressurreição, em Copacabana (Rua Francisco Otaviano, 99), no dia 15 de março, às 9h 30min.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO CARLOS HEITOR CONY – Comemora-se, no próximo dia 14 de março, o aniversário natalício do Acadêmico Carlos Heitor Cony, que ocupa a Cadeira n.º 03 do Quadro dos Membros Efetivos.

EXPOSIÇÃO SOBRE A CHEGADA DA FAMÍLIA REAL NO BRASIL – Dando início às comemorações da chegada da Família Real no Brasil, em 2008, o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, acompanhado pelo Secretário das Culturas do Rio de Janeiro,

Ricardo Macieira e pelo Secretário do Patrimônio Histórico, André Zambelli, fará na sessão do dia 29 do corrente uma exposição sobre este importante acontecimento.

HOMENAGEM A JOSUÉ MONTELLO EM SÃO LUÍS – Em 15 de março, será celebrada missa pela passagem do primeiro aniversário de seu falecimento, a ser realizada na Casa de Cultura Josué Montello. Em seguida, haverá a inauguração de uma exposição sobre sua obra, quando será exposto seu fardão acadêmico, encerrando a homenagem com a realização de uma mesa-redonda sobre Josué Montello constituída por intelectuais maranhenses.

VIAGEM – A convite oficial, o Acadêmico Arnaldo Niskier viajará no dia 15 de março para o Japão e a China. Fará estudos, nesses países, sobre novos meios de comunicação social (TV Digital, etc).

PRÊMIO CAMÕES – O Acadêmico Domício Proença Filho foi indicado para compor o júri do Prêmio Camões – 2007.

JORACY CAMARGO – A família do Acadêmico Joracy Camargo, especialmente o neto João Carlos de Camargo Eboli, teve a gentileza de encaminhar à Academia Brasileira de Letras, para o Centro de Memória, originais de diversas peças do grande teatrólogo, entre as quais “Sindicato dos Mendigos”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA – No dia 12 de março, no Recife, o Acadêmico Alberto da Costa e Silva fará a palestra de abertura do encontro teuto-brasileiro de estudiosos da África, patrocinado pela Universidade Federal de Pernambuco e pelo Instituto Humboldt.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – De 22 a 27 de março, o Acadêmico Domício Proença Filho participará, a convite da Fundação Biblioteca Nacional, de atividades no Salão do Livro de Paris, onde estará também representando a Academia Brasileira de Letras. Na ocasião, participará de mesa-redonda sobre literatura brasileira e sua presença no exterior.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – O Acadêmico Ivan Junqueira já entregou à Editora Record o seu novo livro de poemas *O Outro Lado*, que deverá sair em julho deste ano.

ANO XLVII – N.º 07

Em 15 de março de 2007

OS PRIMEIROS PRESIDENTES DA ABL – Teve início no dia 6 de março, às 17h 30min, a programação cultural deste ano, que versa sobre “Os primeiros Presidentes da ABL”, coordenado pelo Acadêmico Tarcísio Padilha. A conferência de abertura foi proferida pela Acadêmica Nélide Piñon, sobre Machado de Assis. As demais conferências do mês se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

20/03 – Geraldo Holanda Cavalcanti, sobre Domício da Gama e Evanildo Cavalcante Bechara, sobre Carlos de Laet;

27/03 – Alberto Venancio Filho, sobre Afrânio Peixoto.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO PE. FERNANDO BASTOS DE ÁVILA – Comemora-se no próximo sábado, dia 17 de março, o aniversário natalício do Acadêmico Pe. Fernando Bastos de Ávila, que ocupa a Cadeira n.º 15 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – O Acadêmico Ivo Pitanguy participará como convidado especial do VIII Simpósio Internacional de Cirurgia Plástica, que será realizado em São Paulo de 16 a 18 de março. Na ocasião fará conferência sobre a evolução do *lifting* facial e fará parte de um painel sobre procedimentos ancilares do *lifting* facial. Foi convidado para inaugurar o auditório do Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro, no dia 20 de março, quando falará sobre aspectos psicossociais da cirurgia plástica.

REVISTA BRASILEIRA – Está marcada para o dia 22 de março a comemoração do n.º 50 da *Revista Brasileira* com a presença do Acadêmico João de Scantimburgo, Diretor desta publicação.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA – O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça foi nomeado, pelo Governador do Estado do Rio de Janeiro, membro do Conselho Estadual de Cultura.

EXPOSIÇÃO SOBRE A CHEGADA DA FAMÍLIA REAL NO BRASIL – Dando início às comemorações da chegada da Família Real no Brasil, em 2008, o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, acompanhado pelo Secretário das Culturas do Rio de Janeiro,

Ricardo Macieira, e pelo Secretário do Patrimônio Histórico, André Zambelli, fará na sessão do dia 5 de abril uma exposição sobre este importante acontecimento.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – De 22 a 27 de março, o Acadêmico Domício Proença Filho participará, a convite da Fundação Biblioteca Nacional, de atividades no Salão do Livro de Paris, onde estará também representando a Academia Brasileira de Letras. Na ocasião, participará de mesa-redonda sobre literatura brasileira e sua presença no exterior.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECHIN – No período entre 28 de abril e 8 de maio, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin dará três conferências na Europa, as duas primeiras na Universidade de Nápoles (sobre a poesia contemporânea e um depoimento sobre sua própria poesia) e outra na Universidade de Paris III, Sorbonne Nouvelle, tendo por tema “As paisagens do exílio no Romantismo brasileiro”.

NOVO LANÇAMENTO – No dia 19 de abril, quinta-feira, às 9 horas, na sede da FeComércio (Rua Marques de Abrantes), será lançado no Rio o livro *Educação, Estágio e Trabalho*. Serão oradores Paulo Nathanael, Arnaldo Niskier e Murilo Melo Filho. A distribuição será gratuita.

NOTÍCIA SOBRE O ACADÊMICO LÊDO IVO – Pela Editora Educam, está sendo lançado, esta semana, o livro *A Trajetória Poética de Lêdo Ivo – Transgressão e Modernidade*, de autoria de Assis Brasil. Trata-se, ao mesmo tempo, de um ensaio crítico e uma biografia. O autor foi distinguido em 2005 com o Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra.

80 ANOS DE ARIANO SUASSUNA – Os 80 anos do Acadêmico Ariano Suassuna serão festejados de diversas maneiras ao longo de 2007. A sua obra *A Pedra do Reino*, transformada em minissérie por Luiz Fernando Carvalho, estreia na TV Globo em junho, mês do seu aniversário.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – O Acadêmico Ivan Junqueira acaba de entregar à Editora Martins Fontes, de São Paulo, os originais de seu mais recente volume de ensaios, *Cinzas do Espólio*, que será publicado em setembro do corrente ano, durante a Bienal do Livro.

ANO XLVII – N.º 08

Em 22 de março de 2007

REVISTA BRASILEIRA – Realiza-se hoje, 22 de março, o lançamento do n.º 50 da *Revista Brasileira* com a presença do Acadêmico João de Scantimburgo, Diretor desta publicação.

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Sob a coordenação do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, terá início, na próxima quinta-feira, dia 29 de março, às 17h 30min, o seminário “Brasil, brasis” sobre “A Favelização – fenômeno das grandes cidades”.

OS PRIMEIROS PRESIDENTES DA ABL – Teve início no dia 6 de março, às 17h 30min, a programação cultural deste ano, que versa sobre “Os Primeiros Presidentes da ABL”, coordenado pelo Acadêmico Tarcísio Padilha. A conferência de abertura foi proferida pela Acadêmica Nélida Piñon, sobre Machado de Assis. A conferência de encerramento na próxima terça-feira, dia 27, no mesmo horário, estará a cargo do Acadêmico Alberto Venancio Filho, sobre Afrânio Peixoto.

LANÇAMENTO – A Acadêmica Ana Maria Machado lançou, ontem, dia 21, às 20 horas, na Livraria Travessa do Shopping Leblon, o seu livro de ensaios *Balaio*.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO MOACYR SCLiar – Comemora-se amanhã, dia 23 de março, o aniversário natalício do Acadêmico Moacyr Scliar, que ocupa a Cadeira n.º 31 do Quadro dos Membros Efetivos.

VISITANTES – A ABL recebeu, na semana passada, visita das seguintes personalidades: Armando Monteiro Neto, presidente da Confederação Nacional da Indústria; Antonio de Oliveira Santos, presidente da Confederação Nacional do Comércio; Ministro Walton Alencar Rodrigues, Presidente do Tribunal de Contas da União; ex-Ministro João Paulo dos Reis Velloso, Dom Roberto Lopes, abade do Mosteiro de São Bento, empresários Jair Coser, Bernardo Hess e Luiz Alqueres, presidente da Light. Os visitantes foram recebidos pelos acadêmicos Marcos Vinícios Vilaça, Nélida Piñon e Alberto da Costa e Silva.

NOTÍCIA SOBRE O ACADÊMICO LÊDO IVO – Pela Editora Educam, está sendo lançado, esta semana, o livro *A Trajetória Poética de Lêdo Ivo – Transgressão e Modernidade*, de autoria de Assis Brasil. Trata-se, ao mesmo tempo, de um ensaio crítico e uma biogra-

fia. O autor foi distinguido em 2005 com o Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 23 de março o acadêmico Ivo Pitanguy irá participar, a convite do Instituto de Psiquiatria da UFRJ, do VI Diálogo latino-americano entre homens e mulheres, abordando o tema: corpo e subjetividade.

EXPOSIÇÃO SOBRE A CHEGADA DA FAMÍLIA REAL NO BRASIL – Dando início às comemorações da chegada da Família Real no Brasil, em 2008, o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, acompanhado pelo Secretário das Culturas do Rio de Janeiro, Ricardo Macieira, e pelo Secretário do Patrimônio Histórico, André Zambelli, fará na sessão do dia 5 de abril uma exposição sobre este importante acontecimento.

PRÊMIO LIFE ACHIEVEMENT AWARD – A Acadêmica Ana Maria Machado foi agraciada com o Prêmio Life Achievement Award, para conjunto de obra, a ser dado na Flórida, em abril.

DISSERTAÇÃO SOBRE O ACADÊMICO LÊDO IVO – Com uma dissertação de mestrado intitulada “A questão taxinômica do poema dramático e sua aplicação na construtura *Calabar*, de Lêdo Ivo”, a escritora Leila Miccolis se tornou mestra em Teoria Literária pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A banca examinadora foi composta pelos professores doutores Luiz Edmundo Bouças Coutinho, Henrique Fortuna Cairus e Luiz Alberto Alves, que louvaram a dissertação pela sua originalidade, empenho de pesquisa e de investigação, e estilo literário.

ROSA E OS JUDEUS – A Associação Religiosa Israelita, por iniciativa do rabino Sérgio Margulies, resolveu prestar homenagem à memória do acadêmico Guimarães Rosa, no dia 16 de abril, às 19 horas, em Botafogo. O Acadêmico Arnaldo Niskier falará sobre “Rosa e os Judeus”.

PRESENÇA DA ABL NA AULA MAGNA DO PROF. CARLOS LOPES – A Academia Brasileira de Letras esteve representada pelo Acadêmico Murilo Melo Filho na Aula Magna do Prof. Carlos Lopes, sub-Secretário Geral das Nações Unidas, sobre a “África, entre o Brasil e a China”, proferida no Teatro João Theotônio, da Universidade Candido Mendes, tendo recebido na ocasião o título de Doutor *Honoris Causa* da UCAM.

ANO XLVII – N.º 09

Em 29 de março de 2007

APOSIÇÃO DO RETRATO DO ACADÊMICO BARBOSA LIMA SOBRINHO –

Realiza-se hoje, quinta-feira, dia 29 de março, às 15 horas, no Salão Nobre da Academia, a cerimônia de aposição do retrato do Acadêmico Barbosa Lima Sobrinho.

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Sob a coordenação do Acadêmico Marcos Vinícios

Vilaça, realiza-se hoje, dia 29 de março, às 17h 30min, no Salão Nobre da ABL, o Seminário “Brasil, brasis”, sobre “A Favelização – fenômeno das grandes cidades”.

SESSÃO ANTECIPADA – Cumprindo uma tradição da Academia, não haverá expediente na

próxima quinta-feira, dia 5 de abril, antecipando-se a sessão para a quarta-feira, dia 4 de abril.

110 ANOS DE LITERATURA BRASILEIRA I – Terá início, no dia 3 de abril, às 17h

30min, o ciclo “110 anos de literatura brasileira I”, coordenado pelo Acadêmico Domício Proença Filho. A conferência de abertura será proferida pela Prof. Marisa Lajolo, sobre “O romance e a construção do imaginário brasileiro”. As demais conferências do mês se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

10/04 – Tendências da poesia brasileira – Ivan Junqueira

17/04 – Tendência do conto brasileiro – Marco Lucchesi

24/04 – Percursos da crítica brasileira – Letícia Malard

LANÇAMENTO – O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco lança na terça-feira,

dia 3 de abril, às 18h 30min, na Sala dos Fundadores, no *Petit Trianon*, o seu livro *Mirante*.

EXPOSIÇÃO SOBRE A CHEGADA DA FAMÍLIA REAL NO BRASIL – Dando início

às comemorações da chegada da Família Real no Brasil, em 2008, o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, acompanhado pelo Secretário das Culturas do Rio de Janeiro, Ricardo Macieira, e pelo Secretário do Patrimônio Histórico, André Zambelli, fará na sessão do dia 5 de abril uma exposição sobre este importante acontecimento.

ROMANO PRODI – O Presidente Marcos Vilaça participou do almoço que a Federação

das Indústrias de São Paulo ofereceu, segunda-feira última, ao Presidente do Conselho de Ministro da Itália, Romano Prodi. Convidado do Presidente Paulo Skaf, sentou-se à mesa principal, quando lhe foi solicitado pelo “*premier*” explicar os objetivos da ABL.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO HELIO JAGUARIBE – O Acadêmico Helio Jaguaribe se ausentará do país no dia 5 de abril próximo, para dar cumprimento a um programa acadêmico que inclui um Seminário em Amman e uma conferência em Jerusalém, regressando no dia 1.º de maio.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO LÊDO IVO – A editora New Directions, de Nova York, acaba de publicar uma nova edição de *Snakes' nest*, a tradução em língua inglesa, por Kern Krapohl, do romance *Ninbo de Cobras*, do Acadêmico Lêdo Ivo. Também este mês a mesma editora lançou, pela primeira vez nos Estados Unidos, *The Maias (Os Maias)*, de Eça de Queirós, traduzido por Margaret Jull Costa.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – O Acadêmico Carlos Nejar ganhou mais uma biblioteca, inaugurada recentemente com seu nome no Hospital Tacchini, em Bento Gonçalves – RS. No dia 10 de abril, o poeta gaúcho receberá da Câmara dos Vereadores, de sua cidade natal, o título de Cidadão Emérito de Porto Alegre.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – Após participar em Curitiba do evento Paiol Literário, promovido pelo jornal *Rascunho* e pelo Teatro Paiol, a Acadêmica Ana Maria Machado lançou dia 21, na livraria Argumento do Leblon, uma coletânea de ensaios intitulada *Balaio*. Dia 27, a autora embarcou para a Inglaterra, onde fará a conferência de abertura do Encontro Internacional da Federação de Grupos de Livros Infantis.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO OLINTO – O Acadêmico Antonio Olinto foi eleito, por unanimidade, membro honorário da Academia Fortalezaense de Letras e deverá estar no Ceará no dia 23 de abril próximo para a posse e para uma conferência sobre “A poesia brasileira no começo do século XXI”.

ANO XLVII – N.º 10

Em 4 de abril de 2007

110 ANOS DE LITERATURA BRASILEIRA I– Teve início no dia 3 de abril, às 17h 30min, o ciclo “110 Anos de Literatura Brasileira I” coordenado pelo Acadêmico Domício Proença Filho. A conferência de abertura foi proferida pela Professora Marisa Lajolo. As demais conferências do mês se realizarão sempre no mesmo horário, conforme o quadro abaixo:

10/04 – Tendências da poesia brasileira – Ivan Junqueira

17/04 – Tendência do conto brasileiro – Marco Lucchesi

24/04 – Percursos da crítica brasileira – Letícia Malard

EXPOSIÇÃO SOBRE A CHEGADA DA FAMÍLIA REAL NO BRASIL – Dando início às comemorações da chegada da Família Real no Brasil, em 2008, o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, acompanhado pelo Secretário das Culturas do Rio de Janeiro, Ricardo Macieira, e pelo Secretário do Patrimônio Histórico, André Zambelli, fará na sessão do dia 12 de abril uma exposição sobre este importante acontecimento.

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE MARQUES REBELO – Realiza-se na quinta-feira, dia 12 de abril, mesa-redonda em homenagem a Marques Rebelo, comemorando o centenário do seu nascimento. Participarão o Acadêmico Alberto Venancio Filho, Antonio Fernando de Bulhões Carvalho, José Maria Dias da Cruz e Salim Miguel.

LANÇAMENTO – O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet lança na quinta-feira, dia 12 de abril, às 18h30min, no *Petit Trianon*, na ABL o seu livro *Riso e Melancolia – A forma sbandiana em Sterne, Diderot, Xavier de Maistre, Almeida Garrett e Machado de Assis*.

ABL DOA 7.000 LIVROS PARA A SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO RJ – O Presidente da ABL, Marcos Vilaça, e o Secretário de Educação do Estado do RJ, Nelson Maculan, assinaram na última sexta-feira, dia 30 de março, Termo de Doação de 7.000 livros das coleções Acadêmicas. Estiveram presentes pela ABL, além do Presidente da instituição, os acadêmicos Cícero Sandroni e Lêdo Ivo. Também compareceram à cerimônia de doação, representando o Estado do Rio de Janeiro, o Secretário de Cultura, Luiz Paulo Conde, e o Subsecretário de Educação, Godofredo de Oliveira Neto.

ABL DOA 1.000 LIVROS AO EXÉRCITO BRASILEIRO – O Presidente da ABL, Marcos Vinícios Vilaça, e o General Ivan Bastos, Diretor do Departamento de Ensino do Exército, assinaram no dia 2 de abril, na sede da ABL, Termo de Doação de 1.000 livros das coleções Acadêmicas. Estiveram presentes pela ABL, além do Presidente da instituição, os acadêmicos Cícero Sandroni e Evanildo Bechara. Pelo Exército compareceram o General Ivan Bastos (Diretor do Departamento de Ensino do Exército), o General João Tranquillo Beraldo (Diretor de Assuntos Culturais do Exército) e o General Eduardo Dias da Costa Villas Bôas (Comandante da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército).

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – O Acadêmico Ivan Junqueira será homenageado como tradutor de poetas durante o IV Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação, a ser realizado em São Paulo, de 14 a 17 de maio, sob os auspícios do Centro Universitário Ibero-Americano. Na ocasião, Ivan Junqueira pronunciará a conferência “A poesia é traduzível?”, na qual abordará aspectos de sua atividade como tradutor de poesia.

VISITANTES – A Academia Brasileira de Letras recebeu, na semana que passou, as visitas de Antônio Almeida Lima, Cônsul de Portugal, Nelson Maculan, Secretário de Educação do Estado do RJ, do subsecretário Godofredo de Oliveira Neto, de Luiz Paulo Conde, Secretário de Estado da Cultura do RJ, do presidente Ricardo Teixeira, da Confederação Brasileira de Futebol, do Reitor José Garrido, da UNISUAM (Centro Universitário Augusto Motta), do arquiteto Chicô Gouveia, da Conselheira Tereza Duere, do TCPE, Paulo Marinho, Diretor do Jornal do Brasil, Guilherme Laager, presidente da Varig, escritor Thiago Picchi e do empresário Rúbio Fernal. Os Acadêmicos Cícero Sandroni, Lêdo Ivo e Marcos Vinícios Vilaça receberam os visitantes.

ANO XLVII – N.º II

Em 12 de abril de 2007

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE MARQUES REBELO – Realiza-se hoje, 12 de abril, mesa-redonda em homenagem a Marques Rebelo, comemorando o centenário do seu nascimento. Participarão o Acadêmico Alberto Venancio Filho, Antonio Fernando de Bulhões Carvalho, José Maria Dias da Cruz e Salim Miguel.

EXPOSIÇÃO SOBRE A CHEGADA DA FAMÍLIA REAL NO BRASIL – Dando início às comemorações da chegada da Família Real no Brasil, em 2008, o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, acompanhado pelo Secretário das Culturas do Rio de Janeiro, Ricardo Macieira, e pelo Secretário do Patrimônio Histórico, André Zambelli, fará na sessão de hoje, 12 de abril, uma exposição sobre este importante acontecimento.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCO MACIEL – Tomou posse, ontem, como Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Acadêmico Marco Maciel. Foi recebido pelo Prof. Vamireh Chacon, também Sócio Correspondente daquele Instituto.

110 ANOS DE LITERATURA BRASILEIRA I – Teve início no dia 3 de abril, às 17h 30min, o ciclo “110 Anos de Literatura Brasileira I” coordenado pelo Acadêmico Domicio Proença Filho. A conferência de abertura foi proferida pela Professora Marisa Lajolo. As demais conferências do mês se realizarão sempre no mesmo horário e serão proferidas no dia 17 por Marco Lucchesi, sobre “Tendência do Conto Brasileiro”, e, no dia 24, por Letícia Malard, sobre “Percursos da Crítica Brasileira”.

LANÇAMENTO – O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet lança hoje, 12 de abril, às 18h 30min, no *Petit Trianon*, na ABL o seu livro *Riso e Melancolia – A Forma Sbandiana em Sterne, Diderot, Xavier de Maistre, Almeida Garrett e Machado de Assis*.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO TARCÍSIO PADILHA – Comemora-se, no próximo dia 17 do corrente mês o aniversário natalício do Acadêmico Tarcísio Padilha, que ocupa a Cadeira n.º 2 do Quadro dos Membros Efetivos.

80.º ANIVERSÁRIO DE ALÇADA BAPTISTA – Ainda repercutindo as comemorações do 80.º aniversário do sócio correspondente Antonio Alçada Baptista, a Assembléia Legislativa de Pernambuco incluiu nos seus anais o artigo do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, “Gente da gente”, publicado na imprensa do Recife. A proposição foi de autoria do deputado Augusto Coutinho.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CELSO LAFER – O Acadêmico Celso Lafer participará, nos dias 17 e 18 de abril, na Cidade do México, do Seminário “América Latina: integração ou fragmentação”, organizado pela Fundación Grupo Mayan, Foreign Affairs en Español e pelo Woodrow Wilson International Center for Scholars.

ROSA E OS JUDEUS – A Associação Religiosa Israelita, por iniciativa do rabino Sérgio Margulies, resolveu prestar homenagem à memória do acadêmico Guimarães Rosa, no dia 16 de abril, às 19 horas, em Botafogo. O Acadêmico Arnaldo Niskier falará sobre “Rosa e os Judeus”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLiar – O Acadêmico Moacyr Scliar recebeu uma homenagem original: vinte e sete destacados artistas plásticos gaúchos criaram obras baseadas em seus livros. As obras estão em exposição na galeria Garagem de Arte, em Porto Alegre.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO LÊDO IVO – A editora Global acaba de lançar uma nova edição de *Um Domingo Perdido*, livro de contos do Acadêmico Lêdo Ivo.

HOMENAGEM A ALÇADA BAPTISTA NA CÂMARA DOS DEPUTADOS – O Deputado Inocêncio de Oliveira, segundo vice-presidente da Câmara dos Deputados em discursos proferido naquela Casa, prestou homenagem a Alçada Baptista, pela passagem dos seus 80 anos.

APOSIÇÃO DO RETRATO DO ACADÊMICO FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA – Realiza-se no dia 26 de abril, às 15 horas, no Salão Nobre da Academia, a cerimônia de aposição do retrato do Acadêmico Francisco de Assis Barbosa. O orador da Solenidade será o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet.

ANO XLVII – N.º 12

Em 19 de abril de 2007

HOMENAGENS A MANUEL BANDEIRA – A Prefeitura do Rio de Janeiro e a Academia Brasileira de Letras inauguram hoje, dia 19 de abril, às 17 horas, estátua do poeta Manuel Bandeira na Praça do mesmo nome. Às 17h 30min, será inaugurada na Galeria Manuel Bandeira, mezanino do Palácio Austregésilo de Athayde, a exposição “Bandeira o tempo inteiro”.

CONDECORAÇÕES – O Ministro Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça foi promovido pelo Governador Aécio Neves na Ordem do Mérito Tiradentes, ao grau mais alto. As insígnias serão entregues a 21 deste mês num ato solene em Ouro Preto. A 25 de abril, data nacional da Itália, receberá no Consulado, no Rio, em ato público, a Ordem do Mérito da República Italiana no grau de “Grande Ufficiale”.

110 ANOS DE LITERATURA BRASILEIRA I – Teve início no dia 3 de abril, às 17h 30min, o ciclo *110 Anos de Literatura Brasileira I*, coordenado pelo Acadêmico Domício Proença Filho. A conferência de abertura foi proferida pela Professora Marisa Lajolo e a de encerramento será proferida na terça-feira, dia 24, por Letícia Malard sobre “Percurso da crítica brasileira”, no mesmo horário.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DA ACADÊMICA LYGIA FAGUNDES TELLES –
Comemora-se hoje, dia 19, o aniversário natalício da Acadêmica Lygia Fagundes Telles, que ocupa a Cadeira n.º 16 do Quadro dos Membros Efetivos.

APOSIÇÃO DO RETRATO DO ACADÊMICO FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA – Realiza-se no dia 26 de abril, às 15 horas, no Salão Nobre da Academia, a cerimônia de aposição do retrato do Acadêmico Francisco de Assis Barbosa. O orador da solenidade será o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO HELIO JAGUARIBE – Comemora-se, no próximo dia 23 de abril, o aniversário natalício do Acadêmico Helio Jaguaribe, que ocupa a Cadeira n.º II do Quadro dos Membros Efetivos.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO JOSÉ SARNEY – Comemora-se, no próximo dia 24 de abril, o aniversário natalício do Acadêmico José Sarney, que ocupa a Cadeira n.º II do Quadro dos Membros Efetivos.

SEMINÁRIO *BRASIL, BRASIS* – Sob a coordenação geral do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, realiza-se, na próxima quinta-feira, dia 26 de abril, às 17h 30min, o Seminário *Brasil, brasis*, sobre “Literatura e Televisão – do folhetim à novela”, sob a Coordenação da Acadêmica Nélide Piñon; Expositor: Acadêmico Ivan Junqueira; Palestrantes: Beatriz Segall, José Wilker e Marlyse Mayer.

BRASIL-JAPÃO – O Acadêmico Arnaldo Niskier voltou ao Rio de Janeiro, depois de uma visita de três semanas ao Japão. Colheu informações no Ministério da Educação sobre a realidade daquele país, que tem hoje 728 universidades, com 2 milhões de estudantes.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 12 de abril, o Acadêmico Ivo Pitanguy esteve em Goiânia participando da XX Jornada Centro Oeste de Cirurgia Plástica. Na conferência que abriu a Jornada, falou sobre “Filosofia e Experiência na Cirurgia do Rejuvenescimento Facial”. No mesmo dia à noite, foi homenageado pela Secretaria de Cultura do Estado de Goiás pela contribuição para a arte da Cirurgia Plástica. A cerimônia teve lugar no Centro Cultura Oscar Niemeyer.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO JOSÉ MURILO DE CARVALHO – O Acadêmico José Murilo de Carvalho participará em 20 de abril do simpósio “Citizenship, revolu-

tions and political violence in the formation of the Latin American republics”, a ser realizado na Universidade de Stanford, Estados Unidos.

ANO XLVII – N.º 13

Em 26 de abril de 2007

RETRATO DO ACADÊMICO FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA – Realiza-se hoje, dia 26 de abril, às 15 horas, no Salão Nobre da Academia, a cerimônia de aposição do retrato do Acadêmico Francisco de Assis Barbosa. O orador da Solenidade será o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet.

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Sob a coordenação geral do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, realiza-se hoje, dia 26 de abril, às 17h 30min, o Seminário *Brasil, brasis*, sobre “Literatura e Televisão – do folhetim à novela”: Coordenação da Acadêmica Nélida Piñon; Expositor: Acadêmico Ivan Junqueira; Palestrantes: Beatriz Segall, José Wilker e Marlyse Mayer.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ARNALDO NISKIER – Comemora-se na próxima segunda-feira, dia 30 do corrente mês, o aniversário natalício do Acadêmico Arnaldo Niskier, que ocupa a Cadeira n. 18 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – De 18 a 25 de abril, o Acadêmico Ivo Pitanguy esteve em Nova Iorque, participando do Aesthetic Meeting 2007 a convite da American Society for Aesthetic Plastic Surgery, que estará celebrando 40 anos de fundação. No dia 20, o Acadêmico Pitanguy fez parte do painel sobre “Practical Adjuncts to Your Facial Rejuvenation Practice” e, no dia 24, participou do painel “International Perspectives on Facial Rejuvenation – Transition from the 20th to the 21st Century”.

GUIMARÃES ROSA – No Dia do Holocausto, na Associação Religiosa Israelita, o Acadêmico Arnaldo Niskier falou sobre “Guimarães Rosa no jardim dos justos”, recordando a atuação do diplomata na concessão de vistos para os judeus que, em virtude da perseguição nazista, queriam vir para o Brasil. Foi ressaltado o seu espírito humanitário, além da coragem.

ACADÊMICO LÊDO IVO NA REPÚBLICA DOMINICANA – O Acadêmico Lêdo Ivo se encontra na República Dominicana, convidado para participar de dois eventos

culturais simultâneos que estão se realizando em Santo Domingo, com a presença de mais de trinta poetas latino-americanos e europeus: o Festival Internacional de Poesia e a Feira Internacional do Livro.

“SOLETRANDO” – Os nove semifinalistas do programa “Soletrando”, aos sábados na TV Globo, estiveram em visita à Academia Brasileira de Letras. Compareceu o animador Luciano Huck. Na ocasião, os jovens estudantes foram presenteados com livros escritos por acadêmicos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECHIN – No período entre 28 de abril e 8 de maio, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin dará três conferências na Europa, as duas primeiras na Universidade de Nápoles (sobre a poesia contemporânea e um depoimento sobre sua própria poesia) e outra na Universidade de Paris III, Sorbonne Nouvelle, tendo por tema “As paisagens do exílio no Romantismo brasileiro”.

VISITANTES – Estiveram em visita à Academia Brasileira de Letras, na primeira quinzena deste mês, os Generais Zenildo Lucena, Mauro Barroso, José Almino Alencar – Presidente da Casa Rui Barbosa; os jornalistas Gilberto Amaral, Sandra Moreyra, o compositor Lenine e o advogado Jorge Bloise. Foram recebidos pelos Acadêmicos Cícero Sandroni, Affonso Arinos de Mello Franco e Marcos Vinícios Vilaça.

GRANDE OFICIAL – Por Decreto presidencial de 28 de março de 2007, o Acadêmico Arnaldo Niskier foi promovido a Grande Oficial da Ordem do Mérito Militar.

ANO XLVII – N.º 14

Em 03 de maio de 2007

110 ANOS DE LITERATURA BRASILEIRA II – Terá início no dia 8 de maio, às 17h 30min, o ciclo “110 Anos de Literatura Brasileira II”, coordenado pelo Acadêmico Domício Proença Filho. A conferência de abertura será proferida por José Castello sobre “A crônica: um gênero brasileiro?”; no dia 15, a conferência estará a cargo da escritora Laura Sandroni sobre “A literatura infanto-juvenil no Brasil”; no dia 22, João Roberto Faria falará sobre “O teatro na cena cultural brasileira – 1897/1950”; e a conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 29 de maio, por Bárbara Heliódora sobre “O teatro na cena cultural brasileira – 1950/2007”, sempre no mesmo horário.

HOMENAGEM A ANTONIO CALLADO – Realiza-se na próxima quinta-feira, 10 de maio, mesa-redonda em homenagem ao Acadêmico Antonio Callado, comemorando os noventa anos do seu nascimento. Participarão os Acadêmicos Antonio Olinto, Cícero Sandroni e as Sras. Ana Arruda Callado e Vera Lúcia Follain de Figueiredo.

GRANDE MEDALHA DA INCONFIDÊNCIA – A 21 de abril corrente, Dia de Tiradentes, celebrado em Ouro Preto, os Acadêmicos Marcos Vinícios Vilaça, Affonso Arinos de Mello Franco, Candido Mendes de Almeida e Paulo Coelho foram agraciados pelo Governador de Minas Gerais, Aécio Neves, com a Grande Medalha da Inconfidência.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – Comemora-se hoje, dia 3 de maio, o aniversário natalício da Acadêmica Nélide Piñon, que ocupa a Cadeira n.º 30 do Quadro dos Membros Efetivos.

ACADÊMICO LÊDO IVO, VISITANTE ILUSTRE – Durante a sua estada na República Dominicana, como participante do I Festival Internacional de Poesia e da Feira Internacional do Livro, o Acadêmico Lêdo Ivo foi agraciado com o título de “Visitante ilustre da Cidade de Santo Domingo”. O título lhe foi entregue pela alcaidessa Alexandra Isquierdo, em solenidade realizada na Municipalidade da capital dominicana, no dia 26 de abril último. O Acadêmico Lêdo Ivo foi ainda distinguido com uma recepção oferecida pelo embaixador Ronaldo Dunlop, que representa o Brasil na República Dominicana.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ALBERTO VENANCIO FILHO – O Acadêmico Alberto Venancio Filho foi eleito Presidente da Fundação Darcy Ribeiro em substituição à Dra. Tatiana Memória. A Fundação Darcy Ribeiro detém todos os bens legados pelo saudoso confrade que inclui uma valiosa biblioteca e os direitos autorais.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – Encontra-se no prelo a oitava edição revista e atualizada do livro *A Linguagem Literária*, do Acadêmico Domício Proença Filho, publicação da Editora Ativa.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO SÁBATO MAGALDI – Comemora-se no próximo dia 9 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Sábato Magaldi, que ocupa a Cadeira n.º 24 do Quadro dos Membros Efetivos.

VISITANTES – A Academia Brasileira de Letras recebeu a 27 de abril a visita do Ministro Luiz Gallotti (Supremo Tribunal Federal), do Presidente do CO–Rio (Jogos Panamericanos) Carlos Nuzmann, do jornalista Luiz Erlanger (TV Globo), do embaixador Marco César Naslausky, do Sr. Luiz Paulo Oliveira Sampaio, Diretor do Teatro Municipal e do Advogado Álvaro Mendonça Filho. Os visitantes foram acolhidos pelos acadêmicos Marcos Vilaça, Cícero Sandroni e Nélide Piñon, além da Dra. Irene Moutinho.

PORTAL DA ABL – A Academia Brasileira de Letras recebeu cumprimentos do jornalista Luiz Erlanger, Diretor do Sistema Globo de Comunicação, pela excelência do seu Portal, na Internet.

ANO XLVII – N.º 15

Em 10 de maio de 2007

HOMENAGEM A ANTONIO CALLADO – Realiza-se hoje, 10 de maio, mesa-redonda em homenagem ao Acadêmico Antonio Callado, comemorando os noventa anos do seu nascimento. Participarão os Acadêmicos Antonio Olinto, Cícero Sandroni e as Sras. Ana Arruda Callado e Vera Lúcia Follain de Figueiredo.

110 ANOS DE LITERATURA BRASILEIRA II – Teve início no dia 8 de maio, às 17h 30min, o ciclo “110 Anos de Literatura Brasileira II”, coordenado pelo Acadêmico Domicio Proença Filho. A conferência de abertura foi proferida por José Castello sobre “A crônica: um gênero brasileiro?”; no dia 15 a conferência estará a cargo da escritora Laura Sandroni sobre “A literatura infanto-juvenil no Brasil”; no dia 22, João Roberto Faria falará sobre “O teatro na cena cultural brasileira – 1897/1950”; e a conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 29 de maio, por Barbara Heliodora sobre “O teatro na cena cultural brasileira – 1950/2007”, sempre no mesmo horário.

GRANDE-COLAR DO MÉRITO DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO – A Academia Brasileira de Letras recebe, no dia 16 de maio, às 11 horas, no Plenário do TCU o Grande-Colar do Mérito do Tribunal de Contas da União. O Acadêmico Cícero Sandroni, Secretário-Geral, representará a ABL nesse ato.

ACADÊMICO MARCOS VILAÇA EM PORTUGAL – O Presidente da Academia Brasileira de Letras, Marcos Vinícios Vilaça, e o Sócio Correspondente Eduardo Lourenço, autor do prefácio, foram homenageados no lançamento do livro *Portugal – Identidade e Diferença*, do escritor Guilherme d'Oliveira Martins. O ato teve lugar no salão nobre do Centro Nacional de Cultura, em Lisboa, presidido pela Ministra da Cultura, Sra. Isabel Pires de Lima.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Hoje, dia 10 de maio, o Acadêmico Ivo Pitanguy estará em Valencia, Espanha, na qualidade de Professor Convidado da Sociedade Espanhola de Cirurgia Plástica, Reparadora e Estética para dar um Curso sobre “Mamoplastia de Redução – Experiência e Filosofia”, durante o XLII Congresso Internacional desta Sociedade e, no dia 13, estará em Paris participando do 24th Congresso Internacional, a convite da Sociedade Francesa de Cirurgia Estética. Na ocasião, falará sobre “Experiência e Filosofia na Cirurgia do Contorno Corporal”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ANTONIO OLINTO – Comemora-se hoje, dia 10 de maio, o aniversário natalício do Acadêmico Antonio Olinto, que ocupa a Cadeira n.º 8 do Quadro dos Membros Efetivos.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ALBERTO DA COSTA E SILVA – Comemora-se no próximo dia 12 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, que ocupa a Cadeira n.º 9 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – O Acadêmico Ivan Junqueira estará em Portugal de 20 a 28 de maio para o lançamento de sua antologia poética *O Tempo Além do Tempo*, organizada e prefaciada pelo crítico e professor Arnaldo Saraiva para a Editora Quasi. Haverá duas noites de autógrafos: uma, a 24 de maio, na Fundação Eugénio de Andrade, no Porto, onde Ivan Junqueira será apresentado ao público por aquele grande intelectual português; e outra, no dia seguinte, no Palácio da Fronteira, em Lisboa, a convite de Dom Fernando Mascarenhas, Marquês de Fronteira e Alorna.

HOMENAGEM AO SÓCIO CORRESPONDENTE CLAUDE L. HULET – O Prof. Claude L. Hulet, Sócio Correspondente da ABL, foi homenageado por ocasião do III Symposium on Portuguese Traditions, realizado na Universidade da Califórnia, em Los Angeles.

ANO XLVII – N.º 16

Em 17 de maio de 2007

110 ANOS DE LITERATURA BRASILEIRA II – Teve início no dia 8 de maio, às 17h 30min, o ciclo “110 Anos de Literatura Brasileira II”, coordenado pelo Acadêmico Domicio Proença Filho. A conferência de abertura foi proferida por José Castello sobre “A crônica: um gênero brasileiro?”; no dia 15, a conferência esteve a cargo da escritora Laura Sandroni sobre “A literatura infanto-juvenil no Brasil”; no dia 22, João Roberto Faria falará sobre “O teatro na cena cultural brasileira – 1897/1950”; e a conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 29 de maio, por Bárbara Heliodora sobre “O teatro na cena cultural brasileira – 1950/2007”, sempre no mesmo horário.

GRANDE-COLAR DO MÉRITO DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO – A Academia Brasileira de Letras recebeu ontem, dia 16 de maio, às 11 horas, no Plenário do TCU, o Grande-Colar do Mérito do Tribunal de Contas da União. O Acadêmico Cícero Sandroni, Secretário-Geral, representou a ABL nesse ato e falou em nome de todos os agraciados.

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – No dia 24 de maio, quinta-feira, às 17h 30min, realiza-se o Seminário Brasil, Brasis, sobre “Vida com hora marcada: A natureza desafiada”. Coordenação geral: Marcos Vinícios Vilaça; Coordenação: Ivo Pitanguy, expositor Candido Mendes de Almeida e palestrantes Renato Kovach, Dráuzio Varella e Raul Cutait.

MÚSICA DE CÂMARA NA ABL – No próximo dia 25 de maio, sexta-feira, realiza-se, no Salão Nobre do *Petit Trianon*, o I.º Concerto da Série Música de Câmara na ABL. Ori Kam na viola e Ilant Rechtmann no piano, interpretam obras de Franz Schubert, Edward Elgar e Nicolo Paganini.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLiar – O Acadêmico Moacyr Scliar participou, nos dias 7 e 8 de maio, em Juiz de Fora e Barbacena, do Programa Grandes Escritores.

CONFERÊNCIA – No próximo dia 24 de maio, o Acadêmico Arnaldo Niskier irá a Brasília, para uma conferência sobre o Plano Nacional de Educação. Será no auditório do Memorial JK.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – Nos dias 24 e 25 de maio, o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, representando a Academia, fará palestras no I Encontro de Educação Lingüística, promovido pela PUC de São Paulo e Universidade Presbiteriana Mackenzie. No dia 31, fará palestra na Escola de Aero-náutica sobre “Ensino da Língua Portuguesa”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – O Acadêmico Ivan Junqueira estará em Portugal de 20 a 28 de maio para o lançamento de sua antologia poética *O Tempo Além do Tempo*, organizada e prefaciada pelo crítico e professor Arnaldo Saraiva para a Editora Quasi. Haverá duas noites de autógrafos: uma, a 24 de maio, na Fundação Eugénio de Andrade, no Porto, onde Ivan Junqueira será apresentado ao público por aquele grande intelectual português; e outra, no dia seguinte, no Palácio da Fronteira, em Lisboa, a convite de Dom Fernando Mascarenhas, marquês de Fronteira e Alorna.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – A Acadêmica Nélide Piñon é a protagonista da Semana do Autor da Casa da América de Madri, da qual também recebe homenagem.

A NOVA LDB – No próximo dia 30, a partir das 17 horas, o Acadêmico Arnaldo Niskier lançará o livro *10 Anos de LDB – Uma Visão Crítica*. Será no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na Av. Augusto Severo, 8 – 12.º andar.

RETRATO DO ACADÊMICO CARLOS CHAGAS FILHO – Realiza-se, no dia 31 de maio, às 15 horas, no Salão Nobre da Academia, a cerimônia de aposição do retrato do Acadêmico Carlos Chagas Filho. O orador da Solenidade será o Acadêmico Alberto da Costa e Silva.

ANO XLVII – N.º 17

Em 24 de maio de 2007

110 ANOS DE LITERATURA BRASILEIRA II – Teve início, no dia 8 de maio, às 17h 30min, o ciclo “110 Anos de Literatura Brasileira II”, coordenado pelo Acadêmico Domício Proença Filho. A conferência de abertura foi proferida por José Castello, com o título “A crônica: um gênero brasileiro?”; no dia 15, a conferência esteve a cargo da escritora Laura Sandroni sobre “A literatura infanto-juvenil no Brasil”; no dia 22, João Roberto Faria

falou sobre “O teatro na cena cultural brasileira – 1897/1950”; e a conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 29 de maio, por Bárbara Heliadora, com o título “O teatro na cena cultural brasileira – 1950/2007”, sempre no mesmo horário.

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Realiza-se hoje, dia 24 de maio, quinta-feira, às 17h 30min, o Seminário “Brasil, brasis”, sobre “Vida com hora marcada: A natureza desafiada”. Coordenação geral: Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça; Coordenação: Acadêmico Ivo Pitanguy, expositor Acadêmico Cândido Mendes de Almeida e palestrantes Renato Kovach, Dráuzio Varella, Paulo Niemeyer Filho e Raul Cutait.

MÚSICA DE CÂMARA NA ABL – Amanhã, dia 25 de maio, sexta-feira, realiza-se no Salão Nobre do *Petit Trianon*, o I.º Concerto da Série Música de Câmara na ABL. Ori Kam na viola e Ilant Rechtmann no piano, interpretam obras de Franz Schubert, Edward Elgar e Nicolo Paganini.

FORUM DE POESIA – Realizou-se na UFRJ, na Urca, dia 16 de maio, às 19 horas, um Fórum de Poesia em homenagem à Academia Brasileira de Letras na pessoa dos Acadêmicos Lêdo Ivo e Carlos Nejar.

COLAR DO SESQUICENTENÁRIO – Os acadêmicos Austregésilo de Athayde, Álvaro Lins (*post mortem*) e Marcos Vinícios Vilaça foram distinguidos pela Prefeitura de Caruaru (PE) por ocasião dos festejos comemorativos, domingo passado, dos 150 anos de fundação da cidade. Também foram homenageados *post mortem* os escritores João José e Elísio Ccondé, além do ceramista Vitalino.

A NOVA LDB – No próximo dia 30, a partir das 17 horas, o Acadêmico Arnaldo Niskier lançará o livro *10 Anos de LDB – Uma Visão Crítica*. Será no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na Av. Augusto Severo, 8 – 12.º andar.

LANÇAMENTO – O Acadêmico Carlos Nejar lança, no dia 30 de maio, às 16 horas, no Museu de Arte Moderna, o livro infanto-juvenil *Era um Vento muito Branco*.

RETRATO DO ACADÊMICO CARLOS CHAGAS FILHO – Realiza-se, no dia 31 de maio, às 15 horas, no Salão Nobre da Academia, a cerimônia de aposição do retrato do Acadêmico Carlos Chagas Filho. O orador da Solenidade será o Acadêmico Alberto da Costa e Silva.

PALAVRAS SEM FRONTEIRAS – Realiza-se no dia 31 de maio de 2007, às 18 horas, na Biblioteca Rodolfo Garcia, a programação multimídia com base na obra *Palavras sem Fronteiras*, de autoria do Embaixador e Acadêmico Sergio Corrêa da Costa.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – Dia 23 de maio, às 17h 30min, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin foi o homenageado do evento “Encontro com o escritor”, promovido pelo PEN Clube do Brasil. Sobre obra do acadêmico falou o escritor Cláudio Murilo.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado esteve em Campos, RJ, no dia 18 do corrente, para inaugurar uma sala de leitura com seu nome no setor de pediatria do Hospital Álvaro Alvim e para fazer uma palestra no IV Simpósio Intermunicipal de Educação do Norte Fluminense.

EXPOSIÇÃO – Inaugurou-se dia 22, às 18 horas, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, na Urca, a Exposição “Josué Montello, o operário da palavra”.

ANO XLVII – N.º 18

Em 31 de maio de 2007

SESSÃO ANTECIPADA – A sessão da próxima semana será na quarta-feira, dia 6 de junho, em virtude do feriado de Corpus Christi.

RETRATO DO ACADÊMICO CARLOS CHAGAS FILHO – Realiza-se hoje, dia 31 de maio, às 15 horas, no Salão Nobre da Academia, a cerimônia de aposição do retrato do Acadêmico Carlos Chagas Filho. O orador da Solenidade será o Acadêmico Alberto da Costa e Silva.

PALAVRAS SEM FRONTEIRAS – Realiza-se hoje, dia 31 de maio de 2007, às 18 horas, na Biblioteca Rodolfo Garcia, a programação multimídia com base na obra *Palavras Sem Fronteiras*, de autoria do Embaixador e Acadêmico Sergio Corrêa da Costa.

HOMENAGEM AO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA – A UNISUAM – Centro Universitário Augusto Motta, do Rio de Janeiro, fundada há 33 anos, concedeu seu primeiro título de Doutor *Honoris Causa* ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça,

considerando as contribuições que deu às Ciências Jurídicas e Sociais. A outorga oficial será em agosto, numa sessão da Congregação da Universidade.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO CANDIDO MENDES DE ALMEIDA – Comemora-se no próximo domingo, dia 3, o aniversário natalício do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, que ocupa a Cadeira n.º 35 do Quadro dos Membros Efetivos.

ESPAÇOS DA MÍDIA – Terá início no dia 5 de junho, às 17h 30min, o ciclo “Espaços da Mídia”, coordenado pelo Acadêmico Murilo Melo Filho. A conferência de abertura será proferida por Muniz Sodré sobre “A televisão: linguagem e imaginário”; no dia 12, a conferência estará a cargo de Ricardo Cravo Albin sobre “O rádio no Brasil”; no dia 19, o Acadêmico Cícero Sandroni falará sobre “O jornalismo brasileiro de 1897 à atualidade”; e a conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 26 de junho, por Isabel Lustosa, sobre “Humor, charge e caricatura contam a história do Brasil”, sempre no mesmo horário.

LOUVOR À ABL – O Ministro Augusto Nardes, terça-feira última, em sessão do Tribunal de Contas da União, aplaudiu a Academia Brasileira de Letras pela constância de atitudes em defesa da língua portuguesa, sobretudo pela presença dos seus membros em programa de televisão, considerando a força desse veículo de comunicação.

LANÇAMENTO – Realiza-se, no próximo dia 14 de junho, às 17h 30min, na Sala dos Fundadores no *Petit Trianon*, o lançamento do livro *D. Pedro II*, do Acadêmico José Murilo de Carvalho.

EXERCÍCIO PROFISSIONAL – O Acadêmico Arnaldo Niskier esteve em Porto Seguro (BA) para falar no Sofep 2007 sobre “Os órgãos de fiscalização e o exercício profissional”. Com ele, esteve o Ministro Bernardo Zymler, do Tribunal de Contas da União.

DOAÇÃO AO ARQUIVO DA ABL – O Sr. Luís Severiano Soares Rodrigues ofereceu ao Arquivo da Academia uma pasta contendo 58 correspondências entre o Acadêmico Sergio Corrêa da Costa e seu afilhado Antônio Corrêa do Lago, cobrindo o período que vai de 18 de junho de 1951 a 13 de fevereiro de 1953.

EMBAIXADOR – Na UniverCidade, por iniciativa do Prof. Bayard Boiteux, o Acadêmico Arnaldo Niskier recebeu o título de “Embaixador do Rio”, pelas iniciativas realizadas em favor da sua cidade.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – Dia 25 de maio, às 18h 30, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin participou do evento “Correio literário”, no Centro Cultural dos Correios. Na ocasião, analisou uma carta do poeta Mário Quintana.

ANO XLVII – N.º 19

Em 6 de junho de 2007

ESPAÇOS DA MÍDIA – Teve início no dia 5 de junho, às 17h 30min, o ciclo “Espaços da Mídia”, coordenado pelo Acadêmico Murilo Melo Filho. A conferência de abertura foi proferida por Muniz Sodré sobre “A televisão: linguagem e imaginário”; no dia 12, a conferência estará a cargo de Ricardo Cravo Albin sobre “O rádio no Brasil”; no dia 19, o Acadêmico Cícero Sandroni falará sobre “O jornalismo brasileiro de 1897 à atualidade”; e a conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 26 de junho, por Isabel Lustosa sobre “Humor, charge e caricatura contam a história do Brasil”, sempre no mesmo horário.

LANÇAMENTO – Realiza-se, no próximo dia 14 de junho, às 17h 30min, na Sala dos Fundadores no Petit Trianon, o lançamento do livro *D. Pedro II*, do Acadêmico José Murilo de Carvalho.

SEMANA MACHADO DE ASSIS EM LONDRES – A Embaixada do Brasil na Inglaterra dedica a semana de 18 a 21 de junho de 2007 a Machado de Assis, dentro das celebrações do centenário do falecimento do grande escritor brasileiro. O Presidente, Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, a convite do Embaixador, estará em Londres para a abertura desta semana, que termina no dia 21 de junho.

VISITANTES – No dia 25 de maio último, recepcionados pelos Acadêmicos Cícero Sandroni, Candido Mendes de Almeida e Marcos Vinícios Vilaça a Academia Brasileira de Letras recebeu a visita de Celso Frateschi (Presidente da Funarte), Flávio Campos e Guilherme de Paula (Diretores da Shell), Iriana Bottene, a desportista Hortência Marcari,

Lisbeth Rebollo (Diretora do Museu de Arte Contemporânea), Deputado Federal Albano Franco e Nilson Candido de Sousa (Administrador-Geral da ABL).

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – Comemora-se no próximo domingo, dia 10 de junho, o aniversário natalício do Acadêmico Antonio Carlos Secchin, que ocupa a Cadeira n.º 19 do Quadro dos Membros Efetivos

PRÊMIOS LITERÁRIOS DA ACADEMIA EM 2007 – A Academia entrega no próximo dia 20 de julho de 2007, por ocasião da comemoração dos 110 anos de sua fundação, o PRÊMIO MACHADO DE ASSIS, para conjunto de obra, ao escritor Roberto Cavalcanti de Albuquerque. O PRÊMIO ABL DE POESIA foi dividido entre Alberto da Cunha Mello, com o livro *O Cão dos Olhos Amarelos*, e Adriano Espínola, com *Praia Provisória*. O PRÊMIO ABL DE FICÇÃO, ROMANCE, TEATRO E CONTO foi para Rubem Fonseca, com *Ela e as Outras*; o PRÊMIO ABL DE ENSAIO, CRÍTICA E HISTÓRIA LITERÁRIA, para Francisco Weffort, com o livro *Formação do Pensamento Político Brasileiro – Idéias e Personagens*; o PRÊMIO ABL DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL, para Adélia Prado, com o livro *Quando Eu Era Pequena*; o PRÊMIO ABL DE TRADUÇÃO, para Barbara Heliodora, pela tradução da obra de Shakespeare; o PRÊMIO ABL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS, para Laura de Mello e Souza, com o livro *O Sol e a Sombra*; e o PRÊMIO ABL DE CINEMA foi conferido aos filmes “Achados e Perdidos”, roteirista Paulo Halm, e a “Crime Delicado”, roteiristas Marçal Aquino, Beto Brant, Marco Ricca, Maurício Paroni de Castro e Luiz Francisco Carvalho Filho.

CENTENÁRIO DE NEHEMIAS GUEIROS – Na sessão do dia 14 de junho o Acadêmico Alberto Venancio Filho falará sobre Nehemias Gueiros, comemorando o centenário do nascimento do grande jurista, professor universitário e grande conhecedor de Shakespeare.

EXPOSIÇÃO “A PEDRA DO REINO” – A partir do dia 11 de junho, segunda-feira, o público vai poder conhecer como foi o processo de criação da microscópio “A Pedra do Reino”, na exposição montada no Centro Cultural da Ação da Cidadania, no Rio de Janeiro, Rua Barão de Tefé 75. Ao entrar por um túnel sinuoso, os visitantes conhecerão a vida e a obra do escritor paraibano Ariano Suassuna, que completará 80 anos no dia 16 de junho.

ANO XLVII – N.º 20

Em 14 de junho de 2007

ESPAÇOS DA MÍDIA – Teve início no dia 5 de junho, às 17h 30min, o ciclo “Espaços da Mídia”, coordenado pelo Acadêmico Murilo Melo Filho. A conferência de abertura foi proferida por Muniz Sodré sobre “A televisão: linguagem e imaginário”; no dia 12, a conferência esteve a cargo de Ricardo Cravo Albin, com “O rádio no Brasil”; no dia 19, o Acadêmico Cícero Sandroni falará sobre “O jornalismo brasileiro de 1897 à atualidade”; e a conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 26 de junho, por Isabel Lustosa, com “Humor, charge e caricatura contam a história do Brasil”, sempre no mesmo horário.

LANÇAMENTO – Realiza-se, hoje, dia 14 de junho, às 17h 30min, na Sala dos Fundadores no *Petit Trianon*, o lançamento do livro *D. Pedro II*, do Acadêmico José Murilo de Carvalho.

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – No próximo dia 21 de junho, quinta-feira, às 17h 30min, realiza-se o Seminário “Brasil, brasis”, sobre “A Legislação Autoral – Os Direitos de Fazer Cultura”. Coordenação geral: Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça; Coordenação da mesa: Acadêmico Celso Lafer. Exposição de abertura: Carmen Lúcia Antunes Rocha e palestrantes José Graça-Aranha, José Paulo Cavalcanti Filho, Gustavo Martins de Almeida e Tércio Sampaio Ferraz Junior.

SEMANA MACHADO DE ASSIS EM LONDRES – A Embaixada do Brasil na Inglaterra dedica a semana de 18 a 22 de junho de 2007 a Machado de Assis, dentro das celebrações do centenário do falecimento do grande escritor brasileiro. O Presidente, Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, a convite do Embaixador, estará em Londres para a abertura desta semana.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ARIANO SUASSUNA – Comemora-se no próximo dia 16 de junho os oitenta anos do Acadêmico Ariano Suassuna, que ocupa a Cadeira n.º 32 do Quadro dos Membros Efetivos.

CENTENÁRIO DE NEHEMIAS GUEIROS – Na sessão de hoje o Acadêmico Alberto Venancio Filho falará sobre Nehemias Gueiros, comemorando o centenário do nascimento do grande jurista, professor universitário e grande conhecedor de Shakespeare.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – O Acadêmico Domício Proença Filho participou, como representante da ABL, da cerimônia de entrega dos Prêmios de Cultura Fundação Conrado Wessel, em São Paulo, no dia 5 do mês em curso. Esteve do dia 6 ao dia 8, em Teresina, a convite dos organizadores do 5º Salão do Livro do Piauí, ocasião em que proferiu conferência sobre “Leituras do texto literário”. Compareceu, no dia 11, à inauguração da exposição “A Pedra do Reino”, centrada na obra do Acadêmico Ariano Suassuna, montada no Centro Cultural da Ação da Cidadania, no Rio de Janeiro.

SENAC – No próximo dia 19, o Acadêmico Arnaldo Niskier lançará em São Paulo o seu último livro, *10 Anos de LDB – uma Visão Crítica*. Será na sede do SENAC/SP.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – O Acadêmico Ivan Junqueira esteve em Teresina de 8 a 10 de junho para participar do Salão do Livro e ali proferir a conferência “O lirismo elegíaco em H. Dobal”, como parte das homenagens relativas aos 80 anos deste poeta piauiense.

HOMENAGENS AO SAUDOSO ACADÊMICO OSCAR DIAS CORRÊA – O Supremo Tribunal Federal prestou uma homenagem póstuma ao Ministro e Acadêmico Oscar Dias Corrêa, no dia 31 de maio passado, na Sala de Sessões Plenárias desta Corte. Em Belo Horizonte, foi dado o nome do Ministro Oscar Dias Corrêa ao edifício que vai abrigar a sede III do Fórum Ministro Oscar Saraiva. Na ocasião, foi descerrada placa com o nome do homenageado.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 1.º de junho, o Acadêmico Ivo Pitanguy participou da 27.ª Jornada Paulista de Cirurgia Plástica. Na ocasião, participou de um Painel de Discussão de casos difíceis e fez uma conferência sobre “Face Lifting – o que perdurou” nos últimos 40 anos e quais as perspectivas.

ANO XLVII – N.º 21

Em 21 de junho de 2007

ESPAÇOS DA MÍDIA – Teve início no dia 5 de junho, às 17h 30min, o ciclo “Espaços da Mídia”, coordenado pelo Acadêmico Murilo Melo Filho. A conferência de abertura foi proferida por Muniz Sodré sobre “A televisão: linguagem e imaginário”; no dia 12, a

conferência esteve a cargo de Ricardo Cravo Albin sobre “O rádio no Brasil”; no dia 19, o Acadêmico Cícero Sandroni falou sobre “O jornalismo brasileiro de 1897 à atualidade”; e a conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 26 de junho, por Isabel Lustosa sobre “Humor, charge e caricatura contam a história do Brasil”, sempre no mesmo horário.

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Realiza-se hoje, dia 21 de junho, às 17h 30min, o Seminário “Brasil, brasis”, sobre “A Legislação Autoral – Os direitos de fazer cultura”. Coordenação geral: Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça; Coordenação da mesa: Acadêmico Celso Lafer. Exposição de abertura: Carmen Lúcia Antunes Rocha e palestrantes José Graça-Aranha, José Paulo Cavalcanti Filho, Gustavo Martins de Almeida e Tércio Sampaio Ferraz Junior.

EXPOSIÇÃO *A PEDRA DO REINO* – A partir do dia 11 de junho, o público pôde conhecer como foi o processo de criação da microssérie *A Pedra do Reino*, na exposição montada no Centro Cultural da Ação da Cidadania, no Rio de Janeiro, Rua Barão de Tefé 75. Ao entrar por um túnel sinuoso, os visitantes passam a conhecer a vida e a obra do escritor paraibano Ariano Suassuna, que completou 80 anos no dia 16 de junho.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Nos dias 14 e 15 de junho, o Acadêmico Ivo Pitanguy esteve em Brasília participando do I Fórum Nacional de Defesa do Especialista falando sobre “A história e o futuro da cirurgia plástica”. De 24 a 30 de junho, o Acadêmico Ivo Pitanguy estará em Berlim como convidado especial do International Congress of the International Confederation for Plastic, Reconstructive and Aesthetic Surgery. Na ocasião falará a Keynte Lecture sobre “The handling of the Famous Patient”.

HOMENAGEM AO ACADÊMICO ANTONIO OLINTO – Realizou-se no dia 16 de junho, sábado, às 20 horas, a Sessão Solene da Câmara Municipal de Ubá, que outorgou o Título de Personalidade Ubaense do Ano ao Acadêmico Antonio Olinto. Às 20h45min, foi lançado do seu livro *Ave Zora Ave Aurora*.

SENAC/SP – No último dia 19, a partir das 19 horas, o SENAC/SP promoveu conferência do Acadêmico Arnaldo Niskier sobre “Promessas na educação brasileira”. A seguir, lançou o livro *10 Anos de LDB – Uma Visão Crítica*.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVARISTO DE MORAES FILHO – O Acadêmico Evaristo de Moraes Filho lançou, no dia 19 de junho, na Procuradoria Regional do Trabalho da 1.^a Região, o livro *Sem Medo da Utopia*. Organizadoras: Regina L. de Moraes Morel, Ângela M. de Castro Gomes e Elina G. da Fonte Pessanha.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA ANA MARIA MACHADO – A Acadêmica Ana Maria Machado participou de uma mesa-redonda sobre “Literatura Infantil e a construção do imaginário”, no Salão do Livro de Belo Horizonte, no dia 16 de junho. Depois, teve uma sessão de encontro com leitores, seguida de autógrafos. A Acadêmica Ana Maria Machado está ministrando um ciclo de palestras, de 18/6 a 9/7, na Casa do Saber, no Rio, sobre as mulheres casadas no romance do século XIX, focalizando obras de Balzac, Flaubert, Tolstoi, José de Alencar, Eça de Queirós, Machado de Assis e Henry James, entre outros.

TURISMO E EDUCAÇÃO – O Acadêmico Arnaldo Niskier foi convidado pelo Sr. Oswaldo Trigueiros Filho, presidente do Conselho Nacional de Turismo, para proferir palestra com o tema “Turismo e Educação”. Será no Rio de Janeiro.

ANO XLVII – N.º 22

Em 28 de junho de 2007

APRESENTAÇÃO DO MULTIINSTRUMENTISTA ANTONIO NÓBREGA – Realiza-se hoje, às 17h 30min, no Salão Nobre da Academia Brasileira de Letras, a apresentação do multiinstrumentista, cantor e dançarino Antonio Nóbrega.

CICLO DE CONFERÊNCIAS – “1897, O ANO DA ABL” – Terá início no dia 3 de julho, às 17h 30min, o ciclo “1897, o ano da ABL”, coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva. A conferência de abertura será proferida por Evanildo Bechara sobre “A língua portuguesa e a ABL”; no dia 10, a conferência será sobre “1897 – Panorama da cultura no Brasil”; no dia 24, o Acadêmico Arnaldo Niskier falará sobre “A cultura brasileira na ABL”; e a conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 31 de julho, por Sergio Paulo Rouanet, sobre “1897 – Panorama da cultura”. Sempre no mesmo horário.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO – Comemora-se, no próximo sábado, dia 30 de junho, o aniversário natalício do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, que ocupa a Cadeira n.º 26 do Quatro dos Membros Efetivos.

MESA-REDONDA – 80 ANOS DO ACADÊMICO ARIANO SUASSUNA – Realiza-se no dia 12 de julho, às 17h 30min a mesa-redonda comemorativa dos 80 anos do Acadêmico Ariano Suassuna. Dela participarão os Acadêmicos Moacyr Scliar, Augusto Nunes, José Almino de Alencar e Carlos Newton Jr.

REGIMENTO INTERNO DA ABL – Foi adiado de 30 de junho para 15 de julho o prazo para apresentação de sugestões dos acadêmicos ao Relatório da Comissão Revisora do Regimento, que foi entregue no dia 30 de maio.

EXPOSIÇÃO ARIANO SUASSUNA – No dia 12 de julho, logo após a mesa-redonda será inaugurada a Exposição Ariano Suassuna, na Galeria Manuel Bandeira.

ILUMINISMO JUDAICO – O Acadêmico Arnaldo Niskier está concluindo as suas pesquisas sobre o iluminismo judaico, a partir do escritor Mendelssohn. O objetivo é lançar um livro, se possível ainda este ano.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – De 24 a 30 de junho o Acadêmico Ivo Pitanguy estará em Berlim como convidado especial do International Congress of the International Confederation for Plastic, Reconstructive and Aesthetic Surgery. Na ocasião fará a Keynte Lecture sobre The handling of the Famous Patient.

NISKIER NA BAHIA – No dia 27, o Acadêmico Arnaldo Niskier visitou Salvador, onde realizou conferência no Hotel Fiesta, a convite do CIEE da Bahia: O tema foi a atual situação da educação brasileira.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DA ACADÊMICA ZÉLIA GATTAI AMADO – Comemora-se segunda-feira, dia 2 de julho, o aniversário da Acadêmica Zélia Gattai Amado que ocupa a Cadeira n.º 23, do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 4 de julho, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin fará duas conferências na Universidade de São Leopoldo: a primeira sobre sua atividade de leitor e professor de poesia e a segunda sobre sua atividade de poeta.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara receberá no dia 6 de julho, o título de Sócio Benemérito da ASAUERJ.

